

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA**

**IDALZI STOCKMANS**

**MUROS OU PONTES?  
POLÍTICAS PÚBLICAS E ARTE NA PERIFERIA**

**CAXIAS DO SUL  
2022**

**IDALZI STOCKMANS**

**MUROS OU PONTES?**

**POLÍTICAS PÚBLICAS E ARTE NA PERIFERIA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura, pela Universidade de Caxias do Sul, linha de pesquisa Literatura e Processos Culturais.

Orientador: Dr. Douglas Ceccagno

**CAXIAS DO SUL**  
**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S865m Stockmans, Idalzi

Muros ou pontes? [recurso eletrônico] : políticas públicas e arte na periferia / Idalzi Stockmans. – 2022.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2022.

Orientação: Douglas Ceccagno.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Arte. 4. Periferias - Caxias do Sul (RS). I. Ceccagno, Douglas, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 316.7

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

# MUROS OU PONTES?

## POLÍTICAS PÚBLICAS E ARTE NA PERIFERIA

*Idalzi Stockmans*

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais

Caxias do Sul, 30 de maio de 2022.

Banca Examinadora:

Dr. Douglas Ceccagno  
Orientador  
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Alessandra Paula Rech  
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Carla Daniela Rabelo Rodrigues  
Universidade Federal do Pampa

Dr. Márcio Miranda Alves  
Universidade de Caxias do Sul

Este trabalho é dedicado a todos/as  
os/as jovens deste Brasil, ainda tão desigual e injusto,  
que têm na arte o seu lugar de (r)existir.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria chegado ao seu desfecho, sem o precioso apoio de tantas pessoas.

Agradeço ao meu pai e à minha mãe, que já não estão mais aqui, mas permanecem em mim.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Douglas Ceccagno, por toda a paciência e compreensão com que acolheu o meu regresso à vida académica e, também, pelo empenho e competência com que me orientou.

Agradeço aos professores e colegas do Mestrado em Letras e Cultura, muitos dos quais tenho agora como amigos para a vida. Em especial: Bruna Bembom, Diego Cardoso e Natália Barella.

Agradeço imensamente aos artistas que colaboraram com a pesquisa, aos participantes do projeto UNO-me e aos queridos amigos Andriago Martins e Valdir Negrão, pelas longas conversas, cheias de informações preciosas e afeto.

Agradeço o apoio amoroso das minhas sobrinhas Fabiele Stockmans De Nardi e Fabíola Stockmans De Nardi, da minha irmã Ilce Stockmans e do meu filho amado Artur Stockmans Teixeira, que não soltaram a minha mão.

Agradeço ao Sandro Martins e à Sara Fontana, meus amados companheiros de vida, de trabalho, de cena, de projetos e aventuras pelo mundo, imprescindíveis para que eu conseguisse realizar este intento.

Agradeço ao Darlan Gebing e à Vitória Madalena, pelo suporte oferecido em tantos momentos.

Agradeço à Maria Luiza Cardinale Baptista, pelo apoio imprescindível na reta final do trabalho.

Agradeço às queridas Carolina Varta, Aline Zilli, Tadiane Tronca, Sigrid Nora e Cecília Pozza, pelas informações atenciosamente cedidas para esta pesquisa.

Agradeço à Universidade de Caxias do Sul e ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura.

*“... o Estado não cria cultura, mas tem o dever de criar condições de cidadania para que todos possam se beneficiar” (Gilberto Gil, então Ministro da Cultura do Brasil, em entrevista para o Fórum Universal das Culturas, ocorrido entre 09 de maio e 26 de setembro de 2004, em Barcelona).*

## RESUMO

Esta dissertação é resultado de pesquisa envolvendo os temas periferia, arte e fomento, considerando movimentos e ações afirmativas atuais. Tem, como objetivo geral, verificar dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul - RS, aos mecanismos públicos de fomento à cultura. Neste sentido, o problema da pesquisa ficou assim definido: Quais as dificuldades e possibilidades dos agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul - RS, no sentido de acesso aos mecanismos públicos de fomento à cultura? A fundamentação teórica tem como base pensadores contemporâneos, como Ermínia Maricato (2013), Augusto Boal (2009), Paulo Freire (1987-2000), Boaventura Santos (2018), Denise Carreira (2018), entre outros, entrelaçando ideias de arte, políticas públicas e periferia urbana. Em termos metodológicos, o trabalho associa revisão bibliográfica; análise de documentos; múltiplas aproximações investigativas com os sujeitos da pesquisa, em interações de oficinas, espetáculos, reuniões; planejamento e publicação de edital Uno-me, coordenação das interações decorrentes deste edital; produção e veiculação de depoimentos, relatos biográficos dos agentes culturais nascidos e residentes na periferia urbana de Caxias do Sul; e entrevistas. A partir da realização do edital Uno-me, foram contemplados 14 artistas. Para responder ao nosso problema, construímos um histórico de investimentos em mecanismos de fomento à cultura, por parte do poder público de Caxias do Sul, desde a criação da Secretaria Municipal da Cultura, em 1997, até 2020, e analisamos outros documentos públicos vinculados à cultura da cidade. Concluimos a partir desta investigação que ações afirmativas referentes à cultura, por parte do poder público, aplicadas às periferias urbanas são urgentes e imprescindíveis, para promover a equidade social, mas devem ser construídas a partir da escuta das demandas dos sujeitos, habitantes de cada território.

Palavras-chave: Cultura, Políticas Culturais, Arte, Periferia Urbana, Caxias do Sul.

## ABSTRACT

This dissertation is the result of research involving the themes periphery, art and fomentation, considering current movements and affirmative actions. It has as general objective to verify the difficulties and possibilities of access for artists and cultural agents living in the urban periphery of Caxias do Sul – RS to the public mechanisms of cultural fomentation. In this way, the research problem was defined as: What are the difficulties and possibilities for artists and cultural agents living in the urban periphery of Caxias do Sul, in the sense of access to the public mechanisms of cultural fomentation? The theoretical foundation has as base contemporary thinkers, such as Ermínia Maricato (2013), Augusto Boal (2009), Paulo Freire (1987-2000), Boaventura Santos (2018), Denise Carreira (2018), amongst others, interlinking the ideas of art, public policies, and urban periphery. In methodological terms, this work associates bibliographical revision; document analysis; multiple investigative approximations with the research subjects, in workshop interactions, spectacles, meetings; planning and publication of the Uno-me edict, coordination of the interactions resulting from this edict; production and vehiculation of depositions, biographical accounts of the cultural agents that were born and reside in the urban periphery of Caxias do Sul; and interviews. Through the realization of the Uno-me edict, 14 artists were contemplated. To answer our problem, we have built a history of investment on cultural fomentation mechanisms, on the part of public power of Caxias do Sul, since the creation of the Municipal Culture Secretariat, in 1997, until 2020 and we have analysed other public documents linked to the city's culture. We conclude through this investigation that affirmative actions referring to culture, on part of public power, applied to the urban periphery are urgent and imperative, to promote social equity, but must be built through the listening to the subjects demands, inhabitants of each territory.

Keywords: Culture, Cultural Policies, Art, Urban Periphery, Caxias do Sul

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Projeto Culturais em 1998 .....	23
--	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Valores e projetos aprovados na LIC – Lei Municipal .....	32
Figura 2 - Fundoprocultura/Financiarte .....	32
Figura 3 - Cartaz de divulgação do I Encontro .....	36
Figura 4 - Card de chamada para a venda do Uno .....	49
Figura 5 - Matéria do Jornal Pioneiro (23 de agosto de 2020) .....	50
Figura 6 – Matéria do Jornal Pioneiro (26 de agosto de 2020) .....	51
Figura 7 – Matéria do Jornal Pioneiro (14 de setembro de 2020) .....	52
Figura 8 – Matéria do Jornal Pioneiro 24/09/2020 .....	53
Figura 9 – Capa do Almanaque do Jornal Pioneiro (03 de outubro de 2020) .....	54

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Aproximações e Ações Investigativas .....	96
Quadro 2 - Artistas contemplados no Edital Uno-me .....	101
Quadro 3: Entrevistas .....	121
Quadro 4: Editais .....	125
Quadro 5: Artistas e o Fomento .....	139

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>13</b>
<b>2 INCENTIVO À CULTURA EM CAXIAS DO SUL .....</b>	<b>20</b>
2.1. HISTÓRICO DE INVESTIMENTOS PÚBLICOS EM CULTURA .....	20
2.1.1 Lei Municipal de Incentivo à Cultura .....	22
2.1.2 Fundoprocultura .....	25
2.1.3 Prêmio Anual de Incentivo à Montagem Teatral .....	28
2.1.4 Companhia Municipal de Dança .....	29
2.1.5 Escola Preparatória de Dança .....	30
2.1.6 Orquestra Municipal de Sopros de Caxias do Sul .....	30
2.1.7 Coral Municipal de Caxias do Sul .....	31
2.2 LEI ALDIR BLANC: EXERCÍCIO DE DEMOCRATIZAÇÃO .....	44
2.3. CONHECENDO O EDITAL UNO-ME .....	48
<b>3 ENTRELAÇAMENTOS DA ARTE, PERIFERIA E FOMENTOS .....</b>	<b>58</b>
3.1 ARTE, IDENTIDADE E DECOLONIZAÇÃO .....	60
3.2 PERIFERIA URBANA – TERRITÓRIO E IDENTIDADE .....	79
3.3 PAPEL DOS MECANISMOS DE FOMENTO .....	88
<b>4 VOZES DA PESQUISA E APRENDIZADOS COM A PERIFERIA .....</b>	<b>98</b>
4.1 TRILHAS METODOLÓGICAS .....	99
4.2 PERFIL DOS ARTISTAS .....	110
4.3 OS ARTISTAS E O FOMENTO À CULTURA .....	130
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>161</b>
<b>APÊNDICE A - MATRIZ 1 – ALINHAMENTO E COERÊNCIA DA NARRATIVA DA PESQUISA .....</b>	<b>169</b>
<b>APÊNDICE B - MATRIZ 2 - COERÊNCIA E DETALHAMENTO RELAÇÃO OBJETIVOS E CAPÍTULOS .....</b>	<b>171</b>
<b>APÊNDICE C - MATRIZ 3 - COMPOSIÇÃO TEÓRICO-BIBLIOGRÁFICA DA PESQUISA .....</b>	<b>173</b>
<b>APÊNDICE D - MATRIZ 4 – COERÊNCIA OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA E CAPÍTULOS .....</b>	<b>176</b>

<b>APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....</b>	<b>181</b>
<b>ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....</b>	<b>186</b>
<b>ANEXO B – ESCOLA POPULAR DE ARTES ITINERANTE - BAIRRO BELO HORIZONTE.....</b>	<b>191</b>
<b>ANEXO C – SECO E CONVIDADOS - EVENTO NA TEM GENTE TEATRANDO</b>	<b>192</b>
<b>ANEXO D – BATALHA DO COMPLEXO ZONA NORTE – JURADA .....</b>	<b>193</b>
<b>ANEXO E – FÓRUM MUNICIPAL DO HIP HOP 2021 .....</b>	<b>194</b>
<b>ANEXO F – MEMÓRIA DO TORTO MEMÓRIA DO CORPO .....</b>	<b>195</b>
<b>ANEXO G – OS DESBRAVADORES - FÓRUM SOCIAL MUNDIAL.....</b>	<b>196</b>
<b>ANEXO H – DIREÇÃO DO ESPETÁCULO DOS FAVELÉCOS .....</b>	<b>198</b>
<b>ANEXO I – TEM GENTE TEATRANDO NOS BAIRROS DE CAXIAS 2019 – 2022</b>	<b>199</b>
<b>ANEXO J – PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICAS CULTURAIS.....</b>	<b>202</b>
<b>ANEXO K – PARTICIPAÇÃO NA COMISSÃO MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA .....</b>	<b>204</b>
<b>ANEXO L – PARTICIPAÇÃO NA CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE CULTURA - PALESTRA COM JORGE MELGUIZO.....</b>	<b>205</b>
<b>ANEXO M – CONTRATAÇÃO DE ARTISTAS COLABORADORES PARA MINISTRAR OFICINAS NA ESCOLA POPULAR DE ARTES .....</b>	<b>206</b>
<b>ANEXO N – DEIXA FLUIR - ENTREVISTA POR MAURÍCIO ABEL NA CASA FLUÊNCIA HIP HOP .....</b>	<b>207</b>
<b>ANEXO O - ANIVERSÁRIO DO SLAM POETIZA NA TEM GENTE TEATRANDO.....</b>	<b>208</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desejo de realizar esta pesquisa surge das experiências com a oferta de atividades culturais para a periferia, ao longo de 30 anos de atuação, na direção da companhia *Tem Gente Teatrando*<sup>1</sup>, no município de Caxias do Sul. Esta oferta caracteriza-se por projetos sistemáticos de circulação de espetáculos, oficinas, criação de textos e peças, com e para a população de bairros periféricos, bem como pela criação de oportunidades para que esta mesma população ocupe espaços públicos e privados com atividades artísticas. O entendimento de que este seria o caminho mais curto para a construção de uma sociedade mais justa sempre foi a motivação para estas ações. Com o fortalecimento de movimentos identitários e do protagonismo das periferias, no entanto, fica evidente a necessidade de validação, atualização e adequação destas práticas para o cenário resultante desse processo. Novos olhares surgem em relação ao papel de cada um, na promoção da equidade de oportunidades de acesso à educação e aos bens culturais. A voz deste trabalho é de uma mulher branca, classe média/baixa, moradora do centro urbano de Caxias do Sul, que traz a preocupação de estar alinhada a esses novos olhares e suas reflexões sobre o papel de cada sujeito nesta construção. Carreira (2018, p. 128) oferece uma leitura pertinente sobre o assunto:

A necessidade de maior engajamento de pessoas brancas e das instituições comprometidas com a promoção, defesa e garantia dos direitos humanos na luta antirracista, abordando alguns dos obstáculos, desafios e possibilidades envolvidos nessa conflituosa construção, em especial, no que se refere à reflexão crítica e ao processo de desconstrução da branquitude como lugar de manutenção de privilégios materiais, subjetivos e simbólicos na sociedade e base de sustentação do racismo (CARREIRA, 2018, p. 128).

A primeira versão desta proposta tinha como objetivo investigar a relação entre a oferta de atividades culturais realizadas no Bairro Belo Horizonte, no período entre 2009 e 2019, e os índices de violência aferidos nesta região, no mesmo período, com foco no público jovem (faixa etária de 12 a 16 anos), por meio de entrevistas com os moradores do bairro, tendo como suporte dados oficiais colhidos junto ao Departamento de Fomento da Secretaria Municipal da Cultura e ao Portal da Transparência do Rio Grande do Sul. Esta ideia foi repensada em função da falta de registros, mas serviu de alicerce para a atual proposta. E

---

<sup>1</sup> Empresa independente, de arte e cultura, fundada em 1984, em Caxias do Sul, por Zica Stockmans, que compreende: a escola de teatro com formação profissional para atrizes e atores; a companhia de teatro; a sede com espaço para programação de espetáculos; e uma produtora própria para gerir seus projetos ([temgenteteatrando.com.br](http://temgenteteatrando.com.br)).

mais, reforçou a importância de pesquisas sobre projetos e investimentos de ordem pública e privada, na área da arte e da cultura, pois, em visitas ao Departamento de Fomento da Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul, constatou-se não existir um sistema digital com projetos cadastrados. Tais projetos estão armazenados em arquivos acomodados em armários, na sala do Departamento de Fomento. Encontraram-se 140 caixas, contendo, em média, nove projetos cada, armazenados a partir de 2013. Não se conseguiu localizar arquivos de anos anteriores.

No Departamento de Arte e Cultura Popular da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul, a situação dos registros digitais é semelhante: apenas alguns projetos recentes (de 2017 em diante) estão cadastrados, e os documentos físicos constam como arquivo morto, guardados em mais de um prédio público. Entendeu-se, assim, que a tarefa de os consultar demandaria tempo maior que o total dedicado a este projeto.

No Portal de Transparência do Estado (RIO GRANDE DO SUL, 2020), também havia lacunas importantes nos dados mais antigos.

A dificuldade de acesso à informação não foi o único fator a fazer com que o rumo do trabalho mudasse. A pandemia<sup>2</sup> contribuiu para que ações emergenciais promovessem a comunicação, a aproximação e o diálogo entre artistas de diversas vertentes, processo acompanhado de perto, por ocupar a cadeira de vice-presidenta do Conselho Municipal de Política Cultural de Caxias do Sul, durante o ano de 2020. Assim, ocorreu com a Lei Aldir Blanc e, em seguida, com o edital *Uno-me*, que se tornou o delimitador deste trabalho.

A Lei Aldir Blanc recebeu este nome em homenagem ao compositor e escritor, que morreu em maio de 2020, vítima do novo coronavírus. O projeto foi proposto pela deputada Benedita da Silva (PT), para dar suporte aos profissionais e espaços da área das artes, que foram os primeiros a suspender e estão entre os últimos a retomar suas atividades profissionais. Eis que a Lei Aldir Blanc colocou o setor artístico-cultural do País em estado de conferência: fóruns, debates e discussões em todas as instâncias passaram a fazer parte da rotina dos artistas, técnicos, produtores e Poder Público. Através destes fóruns sistemáticos virtuais, que iniciaram em agosto de 2020, logo após a aprovação da Lei, os trabalhadores da

---

<sup>2</sup> Crise mundial da saúde causada pela infecção por COVID-19, se estende até hoje.

cultura<sup>3</sup> entenderam que a primeira ação necessária seria o mapeamento nacional de toda a categoria, exigido no § 1º do art. 7º da Lei Aldir Blanc<sup>4</sup>.

A tarefa de informar sobre o cadastramento enfatizou uma realidade: os muros simbólicos que separam os trabalhadores da arte da periferia urbana dos mecanismos de fomento começam pela comunicação. *Cards* em redes sociais, *releases* para a imprensa, postagens em grupos do aplicativo *WhatsApp* referentes ao assunto, divulgação de fóruns virtuais resultaram em 400 cadastros em Caxias do Sul. Este número é pouco significativo para o município, cuja população corresponde a 517.451 habitantes, segundo estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020). Supõe-se que as ações de comunicação entre a Secretaria de Cultura, o Conselho Municipal de Políticas Culturais e a comunidade artística foram insuficientes, uma vez que a informação não chegou à periferia urbana.

É neste cenário que o Edital *Uno-me*, uma iniciativa privada, foi criado com o objetivo contribuir com a cadeia produtiva, chamar a atenção para questões como o que é considerado arte, por quem e para quem é feita e também sobre a valorização dos trabalhadores da arte e da economia da cultura local. A invisibilidade e a exclusão dos produtores culturais periféricos, o desmonte e o acesso dificultado aos mecanismos de fomento também entraram nesse debate. Lançado em 22 de agosto de 2020, o Edital propunha a venda de um automóvel Fiat Uno, ano 1995 (modelo 1996), propriedade da Companhia Tem Gente Teatrando, desde 2011, por R\$ 5.000,00 (cinco mil reais). Essa verba seria usada para premiar com R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) cada um de 20 produtos artísticos autorais, de artistas nascidos e moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, maiores de 18 anos, envolvidos em projetos socioculturais.

Em 3 de setembro, o carro foi vendido por R\$ 4.200,00 (quatro mil e duzentos reais) e, em 5 de setembro, foram abertas as inscrições para o Edital. A premiação foi entregue antes

---

<sup>3</sup> Art. 4º Compreendem-se como trabalhador e trabalhadora da cultura as pessoas que participam de cadeia produtiva dos segmentos artísticos e culturais descritos no art. 8º desta Lei, incluídos artistas, contadores de histórias, produtores, técnicos, curadores, oficineiros e professores de escolas de arte e capoeira (BRASIL, 2020).

<sup>4</sup> § 1º Farão jus ao benefício referido caput deste artigo os espaços culturais e artísticos, microempresas e pequenas empresas culturais, organizações culturais comunitárias, cooperativas e instituições culturais com atividades interrompidas, que devem comprovar sua inscrição e a respectiva homologação em, pelo menos, um dos seguintes cadastros: I - Cadastros Estaduais de Cultura; II - Cadastros Municipais de Cultura; III - Cadastro Distrital de Cultura; IV - Cadastro Nacional de Pontos e Pontões de Cultura; V - Cadastros Estaduais de Pontos e Pontões de Cultura; VI - Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (Sniic); VII - Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (Sicab); VIII - outros cadastros referentes a atividades culturais existentes na unidade da Federação, bem como projetos culturais apoiados nos termos da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, nos 24 (vinte e quatro) meses imediatamente anteriores à data de publicação desta Lei (BRASIL, 2020).

da data prevista: em 24 de setembro, os artistas compareceram na sede da Companhia Tem Gente Teatrando, em pequenos grupos, mantendo distância segura, usando máscaras e higienizando as mãos com álcool gel 70%<sup>5</sup>, para receber seus envelopes e deixar gravado um depoimento sobre a sua relação com a arte. Em função do valor da venda ter sido menor do que o inicialmente previsto, foram contemplados 18 artistas (para complemento da verba, o Edital contou com duas doações de pessoas físicas no valor de R\$ 150,00<sup>6</sup>). Os depoimentos colhidos e as imagens dos produtos artísticos resultaram em vídeos individuais para divulgação dos artistas nas redes sociais, durante o mês de outubro de 2020.

Em função desta sequência de fatos, a proposta de pesquisa foi readequada. Ao invés de ficar restrita ao bairro Belo Horizonte, estendemos aos bairros das quatro zonas periféricas da cidade, através dos sujeitos contemplados no Edital Uno-me, mas manteve-se fiel ao tema inicial e ao seu principal objetivo: verificar dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais, moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, aos mecanismos públicos de fomento à cultura. Nesse sentido, foram traçados os seguintes objetivos:

Objetivo geral: verificar dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais, moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, aos mecanismos públicos de fomento à cultura

Objetivos específicos:

- Construir um histórico de investimentos em mecanismos de fomento à cultura, por parte do poder público de Caxias do Sul, desde a criação da Secretaria Municipal da Cultura, em 1997, até 2020;

- Discutir os termos arte, periferia urbana e fomento;

- Analisar as possibilidades e as dificuldades de acesso aos mecanismos de fomento público de cultura em Caxias do Sul, com base em entrevistas aos agentes culturais moradores da periferia urbana do município;

O trabalho mescla a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, com diversos procedimentos de investigação, aplicados a partir do resultado do Edital Uno-me. A sequência de atividades investigativas foi a seguinte: no momento da premiação dos 18 contemplados no edital, foram tomados depoimentos, os quais serviram de subsídio para a formulação de perguntas para entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com os artistas da periferia urbana de Caxias do sul.

---

<sup>5</sup> Na época, havia um protocolo padrão de higiene, recomendado pelas autoridades sanitárias, para evitar a propagação da COVID-19.

<sup>6</sup> As doações foram feitas por Zica Stockmans e Rejane Demori.

Com a análise do resultado das entrevistas, pretendemos investigar a forma como os sujeitos compreendem arte e espaço periférico e como se relacionam com os mecanismos públicos de fomento à cultura. Uma vez percorrido este trajeto, foi possível investigar o acesso aos investimentos públicos pelos artistas moradores da periferia urbana de Caxias do Sul. A coleta de dados quantitativos sobre investimentos públicos em cultura serviu para dar suporte à pesquisa qualitativa.

Para além dos resultados obtidos, esta pesquisa deve contribuir para a construção assertiva de novos projetos sociais e artístico-culturais e pode vir a beneficiar, diretamente, o poder público, a iniciativa privada, professores, educadores sociais, comunidades e escolas da periferia urbana, artistas e, indiretamente, a cidade como um todo. Pode, ainda, servir de referência para estudos mais aprofundados da realidade de Caxias do Sul e de outras cidades do País, visto que traz a teoria entrelaçada à prática, ao longo de toda a sua construção. O seu desenvolvimento se alicerçou no exercício da escuta, observação e interação constante com os sujeitos (agentes culturais periféricos) e suas experiências pessoais e artísticas.

Outro aspecto relevante deste estudo é a análise do histórico de investimentos públicos em cultura (de 1997 a 2020) e o acesso aos recursos, por parte dos sujeitos em questão, incluindo o acesso aos espaços e bens culturais públicos e sua relação com o protagonismo, sustentabilidade e profissionalização de artistas considerados periféricos.

O resultado deste trabalho poderá servir, dessa forma, para o debate sobre o papel do poder público, da iniciativa privada e dos trabalhadores da arte nos processos de transformação social, resistência, fomento da autonomia e autogestão de projetos culturais das/nas comunidades periféricas. Este debate pode acontecer junto a espaços de construção de pensamento, como o Conselho Municipal de Política Cultural, a Comissão Municipal de Incentivo à Cultura (COMIC), a União das Associações de Bairros de Caxias do Sul (UAB) e aos coletivos artísticos da cidade de Caxias do Sul.

Considerando a amplitude de significados que os termos arte e periferia trazem, é preciso ampará-los solidamente em teóricos que elucidem o recorte aqui proposto. Por isso, este estudo foi apoiado por escritos de pensadores contemporâneos como Ermínia Maricato (2013), Augusto Boal (2009), Paulo Freire (1987-2000), Boaventura Santos (2018), Denise Carreira (2018), entre outros, entrelaçando ideias de cultura, políticas públicas e protagonismo. Este suporte teórico contribuiu para o aprendizado de novas formas de pensar e propor ações sociais, que comecem pela escuta e resultem mais horizontais. Conforme Freire (1987, p. 30),

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, ação cultural para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor, este é que se serve desta dependência para criar mais dependência. (FREIRE, 1987, p. 30)

Vale ressaltar, aqui, a importância de entender que lugar é este, pois a ideia de periferia, como está sendo considerada nesta dissertação, ultrapassa a localização geográfica. Maricato (2013) ajuda-nos a delinear um pensamento mais amplo em torno do termo, que será abordado, mais detidamente, ao longo do trabalho:

Historicamente, as populações menos favorecidas ocupam as periferias das cidades, onde o direito à cidade é negligenciado, pois falta, na maior parte das vezes, infraestrutura e urbanização [...] a população trabalhadora não consegue entrar na cidade formal. Ela está na periferia, é caracterizada por pessoas excluídas que, ao mesmo tempo, produzem pelas próprias mãos a sua cidade, muitas vezes ilegal, sem transporte público, sem os equipamentos e serviços sociais essenciais. Esta população não cabe na cidade, ela não tem direito a uma cidade urbanizada e qualificada (MARICATO, 2013).

Em Boal (2009), encontramos suporte teórico e propostas metodológicas socioeducativas complementares a Freire, que nos fazem flexibilizar o olhar hegemônico sobre estéticas plurais. Segundo Boal:

[...] temos que repudiar a ideia de que existe uma só estética, soberana, à qual estamos submetidos — tal atitude seria nossa rendição ao pensamento único, à ditadura da palavra — e que, como sabemos, é ambígua. O pensamento sensível, que produz arte e cultura, é essencial para a libertação dos oprimidos, amplia e aprofunda sua capacidade de conhecer. Só com cidadãos que, por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem), se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la, só assim surgirá, um dia, uma real democracia (BOAL, 2009, p. 16)

Estas inter-relações estão presentes ao longo dos três capítulos de desenvolvimento da pesquisa. Em Incentivo à Cultura em Caxias do Sul, trata-se do histórico de investimentos públicos desde 1997 (ano da criação da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul), através de informações da Lei Orçamentária Anual (LOA). A abordagem é importante, para que se tenha um panorama das oscilações mais significativas em investimentos na área, em cada administração municipal, relacionando com a criação, manutenção ou extinção de mecanismos de fomento em cada período. Para tanto, este capítulo conta com a descrição dos principais fomentos, como Lei Municipal de Incentivo à Cultura (LIC), Funprocultura (atual Financiarte) e Prêmio Anual de Incentivo à Montagem Teatral. Em seguida, é dada especial atenção à Lei Aldir Blanc, com sua descrição, processo de criação e aplicação de seus Editais

Emergenciais em Caxias do Sul. Na sequência, os dados relativos ao edital Uno-me apresenta a sua importância, no sentido de que, através deste edital, passou-se a ter a possibilidade de selecionar os artistas entrevistados. Desse modo, a partir dos relatos dos agentes culturais, foi possível compreender como os sujeitos se relacionam com estes editais. Foi importante, também, a abordagem das questões pertinentes à comunicação da Lei Aldir Blanc, junto à periferia.

Em *Entrelaçamentos da Arte, Periferia e Fomentos*, é apresentada a abordagem teórico-conceitual, com o amparo teórico de Pesavento, Boal, Freire, Santos. O capítulo *Vozes da Pesquisa e Aprendizados com a Periferia* traça o perfil dos agentes culturais. Isso é feito, através da análise de respostas sobre questões relativas a histórias de vida familiar e profissional; experiência escolar; trabalhos artísticos; projetos socioculturais de que tenham participado como alunos, educadores ou proponentes; e as suas formas de sustento econômico. Esse capítulo também conta como foi o processo de realização das entrevistas e analisa as relações entre periferia, arte e fomento, na fala dos agentes.

Uma vez percorrido o trajeto aqui descrito, foi possível o entrelaçamento de informações e reflexões, o que criou condições para tecer algumas considerações finais.

## 2 INCENTIVO À CULTURA EM CAXIAS DO SUL

O primeiro capítulo deste trabalho propõe um breve histórico sobre a trajetória da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul (SMC), desde sua criação até 2020, considerando a criação das ações de fomento públicos no desenvolvimento da arte e da cultura da cidade de Caxias do Sul. A abordagem, aqui, possibilita que, no decorrer do trabalho, sejam estabelecidas relações entre as políticas públicas de fomento à cultura e o acesso da população periférica aos eventos, aos financiamentos e às comissões de Cultura. Estas informações permitirão também que se pondere sobre o impacto da democratização (ou ausência de) deste acesso nas comunidades periféricas.

O assunto está dividido em três subcapítulos. O primeiro traz detalhes sobre a criação da Secretaria Municipal de Cultura e os quatro pilares que estruturaram seus primeiros anos de caminhada: a Preservação da Memória e Patrimônio Cultural, a Democratização e Descentralização da Cultura, o Fomento e o Financiamento à Cultura e os Grupos Permanentes da Secretaria Municipal da Cultura. O segundo subcapítulo trata da Lei Aldir Blanc e sua contribuição para a democratização e descentração da Cultura. O terceiro e último subcapítulo aborda o Edital Uno-me, responsável pela seleção dos artistas e textos, sujeitos e objetos desta pesquisa.

### 2.1. HISTÓRICO DE INVESTIMENTOS PÚBLICOS EM CULTURA

Este subcapítulo traz um breve histórico das ações e investimentos públicos em cultura, desde 1997, ano da criação da Secretaria Municipal da Cultura, pautado pelos quatro pilares que estruturaram seus primeiros anos de caminhada: i) a Preservação da Memória e Patrimônio Cultural; ii) a Democratização e Descentralização da Cultura; iii) o Fomento e Financiamento à Cultura; e iv) os Grupos Permanentes da Secretaria Municipal da Cultura. Destes, o segundo é que terá maior ênfase, visto que é o responsável pelo surgimento dos mecanismos de fomento, como a Lei de Incentivo à Cultura, o Fundoprocultura e o Prêmio Montagem. Aqui, são mencionadas algumas das palavras do então Prefeito Pepe Vargas, relacionadas aos preceitos acima citados:

O acesso à produção e ao consumo de bens culturais deve ser direito dos cidadãos e cidadãs tanto quanto o acesso à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho e tantos outros direitos consagrados como fundamentais à vida digna. A exclusão não se dá apenas pela falta de acesso às políticas sociais mais conhecidas e legitimadas socialmente. Na ausência de uma política cultural pública, os que não podem pagar

para produzir ou consumir bens culturais são vítimas de uma exclusão tão perversa como se lhes faltasse o pão para viver (VARGAS, 2004).

Caxias do Sul, mesmo sendo a segunda cidade mais desenvolvida do estado do Rio Grande do Sul, de acordo com o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE), demorou até 1998 para transformar o Departamento Municipal de Arte e Cultura, pertencente à Secretaria Municipal de Educação Cultura, Desporto e Lazer, em Secretaria Municipal da Cultura. Até então, nunca teve como prioridade, em seu orçamento, a aplicação de incentivo financeiro público sistemático aos artistas e produtores locais, apesar da demanda proveniente da classe artística, bem como da comunidade caxiense, que apontava, com frequência, a baixa oferta de atividades culturais.

A primeira proposta de criação da Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul surgiu no programa de governo da campanha da Frente Popular, em 1996 (Anexo A), promessa cumprida durante o primeiro ano de governo. O Departamento Municipal de Arte e Cultura foi transformado em Secretaria Municipal da Cultura, pela Lei nº 4.773, de 15 de dezembro de 1997. Uma equipe coordenada por Tadiane Tronca, que viria a ocupar o cargo de primeira Secretária de Cultura de Caxias do Sul, trabalhou durante o ano de 1997 para estruturar e aprovar a nova Secretaria, que ganharia autonomia como a primeira Secretaria da região, direcionada ao fomento da cultura: um grande marco para o desenvolvimento artístico-cultural da região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul.

No primeiro período, o seu papel seria o de estruturar e promover ações e eventos, mobilizando a classe artística, através de contratações, cursos, mas, logo, seria necessário o investimento de verbas destinadas ao fomento, criação e circulação da produção artística, proporcionando maior autonomia a artistas e produtores locais. O valor do orçamento do primeiro ano, contudo, foi rapidamente absorvido pelas demandas administrativas, dificultando a realização de ações que envolvessem diretamente os artistas caxienses.

Portanto, concomitantemente à estruturação da Secretaria da Cultura, foram planejadas ações que fomentassem a produção e disseminação cultural. A primeira destas ações foi, em 1997, a regulamentação da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (Lei nº 4.592), proposta em 18 de dezembro de 1996, no final do mandato do ex-prefeito Mário Vanin (PDS). Sobre o orçamento de 1997, o destinado à cultura pela gestão de Vanin foi de 0,94% do orçamento geral. A partir de 1998, houve um aumento significativo dos recursos orçamentários: o primeiro orçamento destinado à Secretaria Municipal de Cultura foi de 1,46%, e foi assim consecutivamente: 1,47% em 1999; houve uma baixa em 2000: 1,39%; depois 1,49% em 2001; 1,90% em 2002; 2,068% em 2003; e baixou para 1,52% em 2004. Em valores

absolutos, de 1997 a 2004, o orçamento praticamente quintuplicou. Segundo o então prefeito, Pepe Vargas, da Frente Popular, este investimento fazia parte do seu plano de governo:

Um governo comprometido com a construção da cidadania, não opta entre a cultura ou outra área de atuação quando há poucos recursos, mas divide o bolo tributário de maneira que a cultura seja valorizada como elemento de sobrevivência do ser humano, como prova a história da humanidade (VARGAS, 2004).

A abordagem de Vargas remete à ideia de transversalidade da cultura (atividades artístico-culturais) aos demais segmentos da sociedade, pois pressupõe que uma sociedade em que a população tem acesso a bens culturais é uma sociedade mais saudável e mais segura. A seguir, há um apanhado sobre as principais ações da Secretaria Municipal da Cultura, nos seus primeiros anos de existência, com o intuito de impulsionar a vida artística e cultural da cidade. O relato inicia pelos financiamentos.

### **2.1.1 Lei Municipal de Incentivo à Cultura**

Através da aplicação da Lei nº 4.592, a sociedade civil passou a ter acesso direto a recursos financeiros provenientes dos impostos ISSQN e IPTU. Artistas e produtores começaram a inscrever seus projetos na Secretaria Municipal de Cultura, para serem avaliados pela Comissão Municipal de Incentivo à Cultura (COMIC), formada, majoritariamente, por instituições ligadas à arte e à cultura, e também por representantes do Poder Público Municipal. Uma vez aprovado, o projeto estava apto a fazer a captação de recursos junto às empresas de Caxias do Sul. Ainda segundo o documento legal, as empresas apoiadoras dos projetos poderiam repassar até 20% do seu imposto devido. Deste total, 90% seriam abatidos no imposto, ficando 10% como investimento direto da apoiadora.

A aplicação desta Lei foi importante para movimentar a economia criativa da cidade, beneficiando artistas e empresas, e promovendo o desenvolvimento cultural e econômico da cidade como um todo. Mesmo assim, há um ponto importante a ser considerado: de certa forma, a criação e a produção artística passariam a ser direcionadas pelos interesses das empresas apoiadoras e de seus departamentos de *marketing*, que vislumbrariam uma oportunidade de se servir desta produção para fins comerciais. Uma parcela significativa da criação artística ficaria refém desse olhar mercadológico, comprometendo o fazer artístico genuíno, a pesquisa de novas linguagens, por exemplo, e a arte considerada marginal. Nesse

sentido, trabalhos de pesquisa de novas linguagens viriam a ter maior dificuldade de conseguir apoio cultural junto às empresas.

Entre os anos de 1998 e 2004, 165 projetos, distribuídos entre os segmentos previamente estipulados (artes visuais; cinema e vídeo; dança; folclore; literatura; música; teatro; memória e patrimônio e “outros”), foram contemplados através desse sistema. A LIC Municipal, desde a sua implantação até nossos dias, sempre foi um importante mecanismo de fomento.

Trouxemos a lista dos primeiros projetos protocolados na Lei Municipal de Incentivo à Cultura Vale ressaltar, contudo, que, mesmo aprovados, não significa que tenham captado a verba para a sua execução.

Tabela 1 - Projeto Culturais em 1998

<b>PROJETOS CULTURAIS</b>				
<b>PROJETO</b>	<b>VALOR</b>	<b>EMPREENDEDOR</b>	<b>ÁREA</b>	<b>SITUAÇÃO</b>
<b>1ª Querência da Poesia Gaúcha</b>	R\$12.000,01	Querência da Poesia Xucra	Literatura	Aprovado
<b>3º Bandoneon in concert</b>	R\$3.040,01	Universidade de Caxias do Sul	Música	Aprovado
<b>3º Festival Sesc de Teatro Comunitário de Cx do Sul</b>	R\$23.287,47	Serviço Social do Comércio	Teatro	Aprovado
<b>A Arte de Daniel Lima</b>	R\$6.450,03	Daniel de Lima da Silva	Música	Aprovado
<b>A Cultura Gaúcha Através da Dança e da Música</b>	R\$11.309,99	Solano Borges de Oliveira	Dança	Aprovado
<b>Alzira Power</b>	R\$12.799,89	Israel Delfino Cabral da Silva	Teatro	Aprovado
<b>Apoio à Música Folclórica Italiana</b>	R\$18.000,00	Domenica Favero Casarotto	Música	Aprovado
<b>Aprendiz de Feiticeiro</b>	R\$17.290,00	José Valter de Oliveira	Teatro	Aprovado
<b>Arte e Cultura na Pipa</b>	R\$21.267,92	Genoveva Parmeggiani Finkler	Artes Visuais	Aprovado
<b>Atividades Complementares-Escolinha de Artes</b>	R\$9.927,24	Prefeitura Municipal de Caxias do Sul	Artes Visuais	Aprovado
<b>A Última Flor Amarela</b>	R\$7.650,00	Gisela Sachetto da Silva	Teatro	Aprovado
<b>Comentários ao Mural Aldo Locatelli</b>	-	Maneco Livraria e Editora	Artes Visuais	Arquivado
<b>Companhia Municipal de Dança de Caxias do Sul</b>	R\$79.851,42	Prefeitura Municipal de Caxias do Sul	Dança	Aprovado
<b>Coral do Círculo Operário Caxiense</b>	R\$15.990,37	Círculo Operário Caxiense	Música	Aprovado
<b>Coral Voces de Hispanoamerica</b>	R\$8.250,19	Instituto Hispano Americano	Música	Aprovado
<b>De La Del Mar</b>	R\$34.984,04	Soc. Cultural Miseri	Teatro	Aprovado

Coloni				
<b>Dialogando pela Cidade</b>	R\$18.150,04	Viviane Pasqual	Música	Aprovado
<b>Divulgando a Cultura através da Dança</b>	R\$14.294,24	CTG Rancho Velho	Dança e Folclore	Aprovado
<b>Eco Dei Monti - 10 anos</b>	R\$26.663,54	Sociedade Cultural Eco Dei Monti	Música	Aprovado
<b>Em Busca do Mundo Mágico de Oz</b>	R\$20.206,85	Volnei Cunha Canônica	Teatro	Aprovado
<b>Encanto de Natal- Presépios</b>	R\$19.222,05	Maria Neiva Toss	Música	Aprovado
<b>Espetáculo Infantil "O Espantalho"</b>	R\$19.990,88	Justina Inês Andrighetti	Teatro	Aprovado
<b>Gentencena</b>	R\$ 66.671,51	Associação Caxiense de Teatro	Teatro	Aprovado
<b>Integração Comunitária através da Dança</b>	R\$13.804,64	CTG Sangue Crioulo	Dança	Aprovado
<b>Introdução ao Teatro para Escolas Municipais</b>	R\$10.126,74	Idalzi Stockmans	Teatro	Aprovado
<b>Kaleidoscópio- o Teatro de Caxias para o Estado</b>	R\$17.000,00	Universidade de Caxias do Sul	Teatro	Aprovado
<b>Livro de Poemas de Paulo Tedesco Pinto</b>	-	Paulo Tedesco Pinto	Literatura	Arquivado
<b>Masterpieces</b>	R\$5.976,42	Marcos Vinicius de Ross	Música	Aprovado
<b>Mostra de Arte Utilitária Simone Spiandorello</b>	R\$3.500,00	Paulo Tedesco Pinto	Artes Visuais	Aprovado
<b>Música ao Entardecer</b>	-	Anna Maria Venzon	Música	Arquivado
<b>Musicalização Infantil com Instrumentos Musicais</b>	R\$42.730,51	Sociedade de Cultura Musical de Caxias do Sul	Música	Aprovado
<b>Natal em Caxias do Sul - VIII Edição</b>	R\$31.696,12	Sociedade de Cultura Musical	Música	Aprovado
<b>NAVI ano 10 - Gravura</b>	R\$8.021,34	Nucleo de Artes Visuais	Artes Visuais	Aprovado
<b>Oficina de Teatro-Arte Educação</b>	-	Renata Ferreira da Silva	Teatro	Arquivado
<b>Os inimigos não mandam flores</b>	R\$16.241,54	Idalzi Stockmans	Teatro	Aprovado
<b>Parque de Eventos da Serra</b>	R\$67.339,98	Ademir Onzi	Folclore	Aprovado
<b>Pesquisa e Formação de Escola Mirim</b>	R\$4.591,01	Escola de Samba Império da Zona Norte	Folclore	Aprovado
<b>Projeto Artístico Cultural- Os Campeiros</b>	R\$18.799,96	Abrão Produções e Representações Artísticas Ltda	Música	Aprovado
<b>Projeto da Periferia</b>	-	Rogério Paturi Navarro	Música, Dança, Teatro, Artes	Não Aprovado

			Visuais		
<b>Rapunzel Corpinho de Mel</b>	R\$20.068,91	Aline Leticia Rech	Teatro	Aprovado	
<b>Redenção do Ser Humano</b>	-	Luis Eduardo Martins de Souza	Literatura	Não Aprovado	
<b>Refletindo a Importância de "O Quatrilho"</b>	-	Luis Carlos Festl	-	Arquivado	
<b>Semana Farroupilha</b>	R\$20.086,99	Prefeitura Municipal de Caxias do Sul	Folclore	Aprovado	
<b>Teatro como Instrumento Educacional</b>	R\$3.568,78	Idalzi Stockmans	Teatro	Aprovado	
<b>Uma Noite Romântica</b>	-	Terezinha Maria Cipriani Ponzi	Música	Não Aprovado	
<b>Videoteca Histórica do Tradicionalismo na Região</b>	R\$23.749,99	Lidia dos Santos Frizzo	Cinema e Vídeo	Aprovado	
<b>XII Semana de Letras, Literatura, História e Sociedade</b>	R\$7.139,92	Universidade de Caxias do Sul	Literatura	Aprovado	
<b>XIV Feira do Livro de Caxias do Sul</b>	R\$16.500,08	Prefeitura Municipal de Caxias do Sul	Literatura	Aprovado	

Fonte: Caxias do Sul (2021).

A LIC cumpriu e cumpre importante papel na história da cultura de Caxias do Sul, mas para maior democratização do acesso, no entanto, estava claro, desde o início, que seria preciso ir além. Segundo a Secretária da Cultura da época:

Com o amadurecimento deste processo de incentivo a projetos artísticos/ culturais, então uma novidade na cidade, o governo percebeu que precisava ir além. Era necessário criar mecanismos que pudessem ser ainda mais democráticos e inclusivos, uma vez que, à espera de um patrocínio, o contemplado fica refém das leis do mercado que, muitas vezes, avaliam benefícios financeiros em detrimento do benefício cultural (TRONCA, 2004).

Partindo deste princípio, a equipe da então Secretaria Municipal de Cultura passou a pesquisar, elaborar e implantar o novo mecanismo de fomento em 2003, que foi chamado Fundoprocultura.

### 2.1.2 Fundoprocultura

O Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Caxias do Sul (FUNDOPRO CULTURA), através da Lei nº 5.928/02, financiava 100% valor dos projetos selecionados, prevendo contrapartidas de retorno de interesse público. Assim, o governo

municipal foi além do modelo de mecenato, que mantém o poder de decisão de quais projetos devem receber recursos públicos ou não, e liberou produtores e artistas que optarem pelo Fundo, da penosa etapa de captação dos recursos junto às empresas.

Uma Comissão de Avaliação e Seleção do FUNDOPROCULTURA (CASF) foi montada em 2003 para fazer a análise das propostas apresentadas, com base em critérios pré-estabelecidos e divulgados anualmente. Esta comissão foi formada por membros representantes dos segmentos artístico-culturais (artes visuais, cinema e vídeo, dança, folclore, literatura, música e teatro), eleitos pelos seus pares, mais uma representação do Poder Executivo. Apresentamos, aqui, a lista de aprovados pelo primeiro Edital do Fundoprocultura (2003).

#### ARTES VISUAIS

Século XX: A Tradição do Novo - Curso de Arte Contemporânea Associação Artístico Cultural Agosto 17 R\$ 13.518,51  
 O Dialeto da Angústia - Maira Ana Paludo Nardi R\$ 14.509,50  
 Gravando Caxias - Margarete Beatriz Zanchin R\$ 10.225,35  
 Conversas Ilustradas - Núcleo de Artes Visuais R\$ 10.601,00  
 Fotografia Pinhole - Neusa Maria Machado Zini R\$ 6.527,39

#### CINEMA/VÍDEO

Vídeo Digital Curta-Metragem “O Sapateiro”- Jorge de Jesus R\$ 11.531,17  
 Velhos Heróis Lembranças do Monte Castelo - Lissandro Stallivieri R\$ 13.802,25  
 Certa Noite Vazia - - Mario Finard R\$ 9.980,90  
 A Porta - Roger Luiz da Cunha Bundt R\$ 12.966,62

#### DANÇA

Pesquisa e Criação de Dança Contemporânea para Adolescentes da Rede Pública de Ensino - Carlos Alberto Paniz Garbin R\$ 13.747,02  
 Pesquisa e Produção de Vídeo-Dança - Caroline Zini R\$ 14.980,73  
 Intervenções - Júlio C.C. Mellos R\$ 8.225,00

#### FOLCLORE

Gravação de CD Grupo Tchê de Bombacha - Arnaldo Velho da Silva R\$ 11.700,00  
 CD do Grupo de Capoeira Liberdade - Grupo de Capoeira R\$ 7.508,42  
 CD - Sem Fronteiras - João Darlan Bettanin -Xiruzinho R\$ 15.000,00  
 Literatura - Trovas S/ Trevas Luiz Damo R\$ 6.727,67  
 Dança - Capricho Italiano - Margô Teresinha Dalla Rosa Brusa R\$ 13.297,65

#### LITERATURA

Noite e Música na Poesia de Carlos Drummond de Andrade - Eduardo Dall'alba R\$ 15.000,00  
 Cuca Fresca e Memória de Gari - José de Oliveira Luiz R\$ 9.485,91  
 Revista Invertebrado - José Guilherme Marcon R\$ 12.661,15  
 Apenas Uma Formiga - Marlova Helena dos Santos Spagnol R\$ 12.677,99

#### MÚSICA

Instrumental para Todos – CD - Fábio de Mattos Alves R\$ 12.623,00  
 Masterpieces 2 – CD - Marcos Vinícius De Ross R\$ 11.776,16  
 Cabaret Hitec – CD - Moisés Pereira Boldo R\$ 11.513,55  
 Asas – CD - Samuel Pereira Sodré R\$ 10.640,28  
 Quando a Noite Cai – CD - Terezinha Aparecida Santos Oliveira R\$ 14.092,15

Arrebaldeação – CD - Vinícius Carvalho Todeschini R\$ 11.851,85

#### TEATRO

Quase Amores - Candice Valduga de Alencastro Guimarães R\$ 12.016,43

Iepe Kaleidoscópio Para Além do Riso - Elaine Maria Braghirolli R\$ 13.633,74

Aprendiz de Clown - Idalzi Stokmans R\$ 12.695,00

Alice no País das Maravilhas - Priscila Weber R\$ 14.938,60

Zé Vagão da Roda Fina e Sua Mãe Leopoldina - Renato Luiz dos Santos R\$ 6.883,60 (CAXIAS DO SUL, 2003, p. 146)

Estas listas são relevantes pelo valor histórico, mas também poderão servir de referência para relações constantes nos próximos capítulos, sobre acesso e inclusão.

Alinhada com os propósitos de democratização e pluralização, a Coordenadora do Setor de Fomento e Financiamento, da primeira equipe da Secretaria Municipal da Cultura, Beatriz Saretta, avalia os resultados dos dois primeiros anos de aplicação do novo mecanismo de fomento. Saretta informa:

A criação do Fundoprocultura possibilitou que os artistas, pouco conhecidos, ou iniciando sua vida artística, tivessem a chance de mostrar seus trabalhos e realizar seus projetos, uma vez que recebem 100% do valor necessário para tal, diretamente dos cofres públicos, sem depender da intermediação e dos interesses da iniciativa privada (SARETTA, 2004, p. 145).

Em função de existirem grupos permanentes de dança e música, apoiados pela Secretaria Municipal da Cultura, foi criado um prêmio específico de incentivo ao teatro, para suprir esta lacuna. Este novo fomento instituído pela Secretaria Municipal da Cultura foi o Prêmio Anual de Incentivo à Montagem Teatral (Lei nº 5928/2002).

### **2.1.3 Prêmio Anual de Incentivo à Montagem Teatral**

O Prêmio previa o financiamento integral para a execução de peças de teatro, nas categorias infantil, infanto-juvenil e adulto, através de concurso público. Uma comissão, formada por representantes da imprensa, da Associação Caxiense de Teatro, do Instituto Estadual de Artes Cênicas, do Núcleo Caxias da Associação Gaúcha de Teatro de Bonecos e da Secretaria Municipal da Cultura/Unidade de Teatro, foi responsável pela avaliação dos trabalhos inscritos. Espetáculos como “Tenía Fuego en Las Manos”, “Jardim Superficial”, “El Maschio”, “Valsa nº 6”, “Folia Mascarada” e “A Cigarra e a Formiga” foram viabilizados pelo Prêmio. Em 2003 e 2004, as seis peças contempladas levaram inúmeros espectadores para o teatro, com entrada franca ou a preços populares.

Todos os projetos financiados pela LIC (Lei de Incentivo à Cultura) Municipal, pelo Fundoprocultura e pelo Prêmio de Incentivo à Montagem Teatral preveem retorno de

interesse público, através de apresentação ou de doação do produto artístico à comunidade caxiense, de forma gratuita ou a preços bastante acessíveis. A adesão imediata a essas formas de fomento demonstrou que o potencial criativo de Caxias do Sul estava necessitando da mediação do poder público para ser evidenciado.

Como citados anteriormente, além dos financiamentos e prêmios, a Secretaria mantinha, também, grupos permanentes para garantir determinada produção e circulação artística. Abaixo, algumas informações sobre os Grupos Permanentes da Secretaria Municipal da Cultura de 1997 a 2004.

#### **2.1.4 Companhia Municipal de Dança:**

Com as palavras da diretora artística da Cia Municipal de Dança de Caxias do Sul, nos anos de 1997 a 2004, Sigrid Nora, é possível compreender a finalidade da criação e testemunhar os resultados do trabalho da Companhia Municipal de Dança de Caxias do Sul, neste período.

A Cia Municipal de Dança nasceu com a finalidade de resgatar e cultivar, através da dança, as manifestações artístico-culturais como forma de expressão; de desenvolver e divulgar a cultura e a capacidade artística do povo caxiense; de gerar oportunidades, através de espetáculos e mostras, de educar, entreter e desenvolver o gosto e a apreciação pela dança; de promover e divulgar o Município de Caxias do Sul, nacional e internacionalmente; de possibilitar intercâmbios e tornar-se instrumento e fonte de pesquisa; de gerar conhecimento (NORA, 2004, p. 159).

Espelhando-se em outras companhias do País, foi criada, em julho de 1997, através da Lei nº 4.677, a Cia Municipal de Dança de Caxias do Sul, a única companhia oficial do Rio Grande do Sul, vinculada à Secretaria Municipal da Cultura. A Cia Municipal de Dança estreou em 12 de março de 1998, no Teatro Municipal da Casa da Cultura de Caxias do Sul, com o espetáculo “1, 2, 3... UNO-DUO”, um programa composto por coreografias de Thomas Plischke, Ney Moraes, Sigrid Nora, Cláudia Palma, Eva Schul e Jair Moraes. A Companhia buscou processos criativos com base na investigação e experimentação. Mesmo jovem, comparada às mais renomadas companhias oficiais do País, a Cia Municipal de Dança de Caxias do Sul tem uma trajetória significativa, com apresentações nas principais cidades brasileiras, nos mais reconhecidos eventos nacionais e internacionais de dança contemporânea. Como exemplos, podem ser citados: Uni Modern Dance Festival, em 1998 Alemanha; Festival de Danza Nueva, em 2000 – Peru; Festival Internacional de Dança, nos anos de 2000 e 2002 – Minas Gerais; Panorama Rio-Arte, em 2000 – Rio de Janeiro;

Condança, em 2001 – Rio Grande do Sul; Mostra de Dança de Florianópolis, nos anos de 2001, 2002, 2003 e 2004 – Santa Catarina; Porto Alegre Em Cena, em 2003 – Rio Grande do Sul; Mostra Profissional de Dança de Joinville, em 2003 – Santa Catarina; SESC – Fora do Eixo – São Paulo – 2004; 1,2 na Dança – Minas Gerais – 2004.

### **2.1.5 Escola Preparatória de Dança**

Em 1998 a Companhia passou a oferecer conhecimento sistematizado, também para aqueles que ainda não eram bailarinos profissionais. Para tanto, implantou e manteve a Escola Preparatória de Dança (EPD), com 70 vagas anuais para crianças e adolescentes devidamente matriculados na rede pública do Ensino Fundamental, sem condições financeiras de custear uma escola convencional. A EPD, um projeto genuinamente caxiense, serviu de modelo para a implantação de outros projetos semelhantes nesta área, entre eles a Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira, em Araraquara (SP), criada pela prefeitura desta cidade, em 2002. A grade curricular desenvolvida pela EPD contemplou um conteúdo programático determinado através de dezesseis disciplinas: Iniciação à dança, Musicalização, Iniciação Musical, Ritmos Brasileiros, Ballet Clássico, Dança Contemporânea, Capoeira, Danças Tradicionais Gaúchas, História da Dança, Noções de Composição Coreográfica, Improvisação e criação, Noções Básicas de Teatro, Fundamentos de Anatomia, Design Cênico, Danças de Salão e Estágio de Convivência com o elenco da Companhia Municipal de Dança, além de duas oficinas: Maquiagem/Indumentária e Cenografia/Iluminação, totalizando uma carga horária de 2.700 horas-aula, distribuídas em seis anos e meio de estudos.

### **2.1.6 Orquestra Municipal de Sopros de Caxias do Sul**

Criada em 1997, pela Prefeitura de Caxias do Sul, através da Secretaria Municipal da Cultura, a Orquestra Municipal de Sopros (OMS) objetivava ampliar, qualificar e incorporar novos conceitos de organização e de sensibilidade, ao trabalho que já existia na Banda Municipal. Sob a regência e direção artística do maestro Fernando Berti Rodrigues, o grupo constituído para a Orquestra de Sopros, totalizando 45 músicos, tinha uma instrumentação básica de banda sinfônica, estando os naipes das madeiras, metais e percussão representados na sua integridade. A Orquestra desenvolveu um trabalho de pesquisa para a formação de seu repertório, mesclando obras de caráter erudito e popular, clássico e contemporâneo,

promovendo uma maior aproximação com o público. Interessante o que diz Rodrigues, em 2004:

A Orquestra Municipal de Sopros de Caxias do Sul tem conquistado um público cada vez maior e fiel, tornando-se, em pouco tempo, num objeto de centralização dos acontecimentos culturais, agindo em todos os setores da comunidade e contribuindo de forma essencial para o enaltecimento artístico de nossa cidade (RODRIGUES, 2004, p. 166).

A Orquestra Municipal de Sopros atuou em projetos didáticos, em eventos como a Festa da Uva, em encontros como o Via Cultura. Além disso, propôs também o projeto Concertos Didáticos, que ocorria mensalmente, sempre na segunda quarta-feira de cada mês, no Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho. Aberto ao público, com parceria da iniciativa privada, fornecia transporte gratuito para os estudantes da rede municipal. Em maio de 1999 e junho de 2000, na sede social do Recreio da Juventude, o Encontro de Orquestras reuniu as principais formações do gênero, em uma mesma noite. Nos anos de 2000 e 2001, promoveu os Concertos Populares, com a presença da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), lotando o salão principal do Recreio Guarany.

Entre outros eventos importantes da sua trajetória, em junho de 2002, a Orquestra prestou uma homenagem a um dos maiores compositores da atualidade no Brasil, Edmundo Villani Côrtes, quando foi realizado um concerto somente com obras de sua autoria, com a participação do próprio compositor, ao piano.

### **2.1.7 Coral Municipal de Caxias do Sul**

O Coral Municipal de Caxias do Sul substituiu o antigo Madrigal Municipal, que fora criado em 1975 e tinha como regente Alcides Verza. Entre os anos de 1997 e 2004, o Coral esteve sob a coordenação artística de três regentes, Renato Filippini, Anita Bergmann Campagnollo e Cibele Ermínia Tedesco, que o levaram a participar de eventos nacionais e internacionais. Composto por 18 membros adultos de ambos os sexos, o Coral Municipal é dividido em quatro vozes: sopranos, contraltos, tenores e baixos.

De acordo com a premissa da Administração Popular, de levar todas as formas de manifestação artística, ao conhecimento do maior público possível, o Coral Municipal passou a exercer uma função didática. Uma vez por mês, através do Projeto Cara Coral, os alunos de Educação de Jovens e Adultos das Escolas Municipais – EJA – tinham a oportunidade não apenas de conhecer os integrantes do Coro e um pouco da técnica vocal, mas também de apreciar um repertório de qualidade. Além disso, de acordo com o princípio de

“descentralização”, as apresentações do Coral Municipal ocorreram em diversos locais do município, na intenção de aproximar o canto coral de um maior número de pessoas. Nestes oito anos, os regentes e componentes do Coral, com o apoio de outros profissionais, montaram três espetáculos através do Projeto “Cantarolando”: Quadros, em 1998; Anônimo Brasileiro, em 2002; e Gota d’água, em 2004. De 2001 a 2004, através do Projeto “Coro de Cá na Banda de Lá”, seis apresentações, em diversas cidades gaúchas e em Minas Gerais, estiveram preenchendo a agenda do Coral.

Hoje, entende-se que o papel de uma Secretaria de Cultura não é a promoção de eventos, mas a instrumentalização e fomento da produção e circulação de bens culturais, propostos pela população; porém, no seu início, era importante que o hábito de consumir arte fosse impulsionado, por eventos qualificados e sistemáticos. Eis a lista dos principais eventos sistemáticos, promovidos pela Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul, de 1997 a 2004: Revitalização do Carnaval, Brique e Feira do Livro, bem como a criação do Via Cultura, Canta Park, Canta Gaudério, Viola Sertaneja, Arte Local, Tapete Mágico, Cidade em Revista, Dança de Rua, Festival de Música de Caxias, Canta Caxias, Temporada popular de Arte, Mostra de teatro estudantil, Semana do teatro de bonecos, Festival Internacional de Teatro de Bonecos, Caxias do Sul em Cena, Dia Internacional do Teatro, Caxias em Cena e Gente em Cena.

Para finalizar este subcapítulo, apresentaremos uma descrição das principais alterações sofridas até 2020, pelos financiamentos, eventos e grupos permanentes propostos pela Secretaria Municipal da Cultura, tendo como referência os seus oito primeiros anos de atuação. Iniciaremos pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura: este mecanismo se manteve ativo ao longo dos anos, sendo até os dias de hoje uma das formas mais estáveis de fomento à cultura. Na Figura 1, abaixo, podemos ter uma ideia de investimentos e número de projetos, nos seus doze primeiros anos de existência:

Figura 1 - Valores e projetos aprovados na LIC – Lei Municipal

VALORES E PROJETOS APROVADOS NA LIC - LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA (RENUNCIA FISCAL) NOS DE 1998 A 2010			
Ano	Projetos Protocolados	Projetos Aprovados	Total Valor Aprovado
1998	49	41	781.024,60
1999	62	47	855.833,54
2000	43	35	741.169,57
2001	69	56	1.412.517,31
2002	67	58	1.856.538,80
2003	43	24	755.166,55
2004	25	18	529.502,77
2005	33	20	716.234,23
2006	31	19	587.860,88
2007	39	32	1.244.189,48
2008	49	36	1.239.707,61
2009	42	34	1.441.731,14
2010	32	21	881.449,28
<b>Total</b>	<b>584</b>	<b>441</b>	<b>13.042.925,76</b>

Fonte: PMCS/SMC/Setor de Financiamento e Fomento à Cultura/LIC Municipal

Fonte: PMCS/SMC/Setor de Financiamento e Fomento à Cultura/LIC Municipal.

O Fundoprocultura passou a chamar-se Financiarte em 2005, no governo do então Prefeito José Ivo Sartori (MDB). Este mecanismo não manteve a mesma estabilidade de investimento que a LIC, sendo, inclusive, ameaçado de extinção, entre os anos de 2017 e 2019, durante o período de governo do prefeito Daniel Guerra (PRB). A Figura 2 serve como amostragem destas variações de investimento, culminando com a queda para R\$ 105.000,00 (cento e cinco mil reais) em 2017, valor que se manteve até 2020.

Figura 2 - Fundoprocultura/Financiarte

FUNDOPROCULTURA / FINANCIARTE (VALORES POR PROJETOS APROVADOS ANO A ANO POR SEGMENTO)									
Segmento	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
Artes visuais	55.381,75	34.891,81	42.949,83	67.368,26	98.286,02	44.183,44	55.945,94	28.840,98	427.848,03
Cinema e video	48.280,94	46.336,88	102.668,52	113.925,11	91.427,51	176.318,89	93.967,52	37.490,20	710.415,57
Dança	36.952,75	42.954,62	56.755,63	17.923,57	65.118,96	40.956,02	53.644,11	84.967,16	399.272,82
Folclore	54.233,74	23.452,34	76.963,73	67.098,51	73.081,25	38.611,00	29.825,57	,00	363.266,14
Literatura	49.825,05	84.900,88	63.608,48	91.260,88	114.776,96	134.602,86	62.051,00	91.420,15	692.446,26
Música	72.496,99	93.024,99	223.684,02	316.216,20	316.816,92	390.074,59	515.787,40	257.945,77	2.186.046,88
Teatro	60.167,37	98.678,38	47.889,28	17.966,51	56.351,67	73.742,55	81.937,59	20.980,00	457.713,35
<b>Total aprovado R\$</b>	<b>377.338,59</b>	<b>424.239,90</b>	<b>614.519,49</b>	<b>691.759,04</b>	<b>815.859,29</b>	<b>898.489,35</b>	<b>893.159,13</b>	<b>521.644,26</b>	<b>5.237.009,05</b>

Fonte: Plano Municipal de Cultura de Caxias do Sul (2010).

Falando ainda do período compreendido entre 2017 e 2019, mais especificamente no ano de 2017, a administração do prefeito Guerra foi responsável pela extinção do Prêmio Anual de Incentivo à Montagem Teatral e pela retirada da verba para as Escolas de Samba; conseqüentemente, para os desfiles do Carnaval de Rua. O fato de maior relevância deste período, no entanto, foi a real ameaça de extinção da própria Secretaria Municipal da Cultura. Este processo foi interrompido, quando Daniel Guerra foi afastado da Administração Municipal, através de um processo de *impeachment*. Considerando a pluralidade das manifestações culturais de Caxias do Sul e, para ouvir todas estas vozes, surgiu o Orçamento Participativo (OP) e, a partir dele, o OP Temático, o Congresso da Cidade, os Encontros de Cultura, a Primeira Conferência Municipal de Cultura e o Conselho Municipal de Cultura.

O Orçamento Participativo surgiu em 1989, em Porto Alegre, quando Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores (PT), ocupou o cargo de prefeito. Este sistema propõe uma forma genuinamente democrática de decidir o destino dos recursos públicos, dividindo a cidade em regiões e, através do voto direto e aberto de seus moradores, eleger as demandas prioritárias, para as quais os recursos orçamentários serão destinados. O Orçamento Participativo iniciou em Caxias do Sul no ano de 1997, quando a Frente Popular ocupou a Prefeitura. Segundo o gestor responsável pela sua implantação em Caxias do Sul, Pepe Vargas,

O O.P. foi um processo de amadurecimento democrático reconhecido no mundo todo, a população teve a oportunidade de, durante oito anos, erguer seus braços em busca das alternativas que pudessem trazer transformações positivas em suas vidas (VARGAS, 2020, informação verbal).

A parte deste processo que interessa é a que diz respeito à criação e à manutenção de espaços de fomento à cultura, sejam eles referentes aos bens culturais materiais ou imateriais. Os Centros Comunitários são um forte exemplo destes espaços, que, normalmente, construídos sobre áreas públicas, servem de ponto de referência afetiva, religiosa, educativa, artística e política para as comunidades em seu entorno. O Centro Comunitário é um importante espaço físico que acolhe as mais diversas manifestações coletivas, como oficinas, almoços e jantares para celebrar e arrecadar fundos; festas envolvendo crianças, jovens e adultos; apresentações artísticas; discussões sobre a organização social e comunitária.

No OP, foram aprovadas construções, ampliações e reformas em diversos centros comunitários, mas também foi proposto, através da Comissão de Áreas Públicas, um novo formato para os convênios a serem assinados com os presidentes das Associações de Moradores dos Bairros (AMOBs), visando à conservação, manutenção, zelo e administração

das referidas áreas públicas. Diferentemente de outros equipamentos públicos, a responsabilidade maior sobre a utilização e a conservação dos centros ficaria a cargo da própria comunidade. Por isso, o convênio previa obrigações para Prefeitura e AMOBs, com a criação dos Conselhos Gestores formados por entidades e/ou grupos que utilizavam os espaços, tendo este Conselho a responsabilidade de discutir critérios de manutenção e utilização dos equipamentos. Adiante, trataremos os Centros Comunitários, para falar dos Pontos de Cultura.

Ainda sobre o Orçamento Participativo, em 2003, passou a vigorar um sistema de discussão do planejamento da cidade através de linhas temáticas. Os temas para o debate foram organizados da seguinte forma: Inclusão para o desenvolvimento social; Cultura, Esporte e Lazer; Desenvolvimento urbano e Desenvolvimento econômico, dando início às Plenárias Temáticas. Para a melhor organização dos recursos disponíveis, a Temática Cultura, Esporte e Lazer foi dividida em dois blocos: da Cultura e do Esporte e Lazer. O bloco da Cultura, por sua vez, foi subdividido em três temas, cada qual com seus programas. O primeiro tema foi a Formação, Criação, Circulação e Acesso aos Bens Culturais, e apresentou quatro Programas: Programa de Formação, Programa de Democratização Cultural, Programa de Capacitação e Programa de Eventos. O segundo tema, Memória e Patrimônio Histórico-Cultural, tinha como Programas: a Preservação do Patrimônio Cultural e a Educação Patrimonial. Já o terceiro tema era o Financiamento à Cultura, que contava com o Programa de Financiamento/Fomento à Cultura/ Valorização Local.

Ainda falando sobre construção coletiva de prioridades, no ano de 2003, Caxias teve o 1º Congresso da Cidade, o 1º Congresso das Crianças e o 1º Congresso da Juventude, através dos quais as diretrizes para “a cidade que queremos” foram apontadas por milhares de pessoas que participaram das discussões, ocorridas de 27 a 30 de novembro. As determinações do Congresso serviram para embasar as resoluções da 1ª Conferência Municipal de Cultura, um importante evento em que homens e mulheres assinalaram o que deveria permanecer, sugeriram novas propostas e, acima de tudo, tiveram um espaço de fala e puderam participar das decisões junto ao poder público.

Nos anos de 2002 a 2004, artistas, professores, estudantes, agentes culturais e público em geral tiveram a oportunidade de ouvir e discutir os mais variados temas que envolvem a cultura e o fazer cultural. O 1º Encontro Municipal de Cultura ocorreu em agosto de 2002, com o tema “Identidade, Informação, Mercado, Arte – as Relações Culturais na Contemporaneidade”. Em 2003, o 2º Encontro ocorreu com o tema “Transversalidade, Liberdade, Sustentabilidade e Participação”. “Espaço e Corpo – A cidade como cultura” foi o

tema escolhido para o 3º Encontro, em 2004. Este último encontro culminou com a 1ª Conferência Municipal de Cultura de Caxias do Sul, oficializada pela Lei nº 6.278, de 17 de setembro de 2004, mesma Lei que criou o Conselho Municipal da Cultura. Estes dois instrumentos servem, ou deveriam servir, até hoje, como norteadores das ações da Secretaria Municipal da Cultura junto com a sociedade civil.

As plenárias foram realizadas nos dias 16, 17, 18 e 30 de novembro de 2004, no Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho. Nelas, foram eleitas as pessoas representantes dos diferentes segmentos culturais, encerrando um ciclo iniciado em 1997. Este processo, certamente, mudou Caxias do Sul, colocando-a entre as cidades que muito investiram em arte e cultura, dentre todas as cidades do País.

Voltemos na linha do tempo, pois paralelos a estes, estavam sendo executados outros projetos alinhados com o princípio da descentralização (democratização). A seguir, alguns dos mais significativos.

As Oficinas de Formação Profissional e Cidadania, direcionadas a grupos de jovens da periferia urbana, procuraram desenvolver discussões a partir dos temas “Identidade, território e cidadania”; “Estado de direito e participação popular” e “Qualidade de vida: saúde, trabalho, gênero, drogas, raça, etnia, meio ambiente, arte e cultura” As Oficinas de Formação objetivaram a formação do pensamento crítico dos jovens, através de atividades que incentivaram a expressão de opiniões, através da palavra, da música, da dança, de murais. Neste quadro, foi realizado o “1º Encontro da Família Hip Hop”, com oficinas, debates e

Figura 3 - Cartaz de divulgação do I Encontro *shows*.

Figura 3 - Cartaz de divulgação do I Encontro



Fonte: Acervo Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul (2001).

Outra oficina de formação foi a de Criação e Técnica de Execução de Alegoria, Fantasias e Figurinos Escolas de Samba e Grupos Carnavalescos caxienses ganhavam as ruas da cidade, no período de carnaval, para valorizar esta manifestação, que, neste caso, era genuinamente popular. As oficinas de carnaval eram gratuitas, tendo sido oferecidas de acordo com as necessidades apontadas pelos carnavalescos de cada escola. Quando a administração Popular assumiu o governo da cidade, o carnaval estava em fase de extinção. As escolas e os blocos carnavalescos se encontravam em situação de precariedade, com apenas duas escolas e um bloco de carnaval, pouco estruturados. A reorganização desta manifestação popular ocorreu através de vários encontros da Secretaria Municipal de Turismo (SEMTUR) e da Secretaria Municipal da Cultura com as comunidades interessadas, fazendo surgir uma nova fase do carnaval caxiense. As decisões de prioridades foram tomadas

coletivamente. O investimento financeiro para toda a estrutura do carnaval ocorreu de forma gradual, chegando a atingir um total de R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) anuais. Nos anos que se seguiram, aproximadamente 40.000 pessoas, anualmente, prestigiaram as apresentações, que chegaram a dez Escolas e três Blocos, com três estágios de participação: Grupo de Acesso, Segundo Grupo e Primeiro Grupo.

Um dos principais programas desenvolvidos pelo Setor da Descentralização foi o “Via Cultura”, objetivando proporcionar acesso para a população em geral, incentivar a organização de grupos culturais das próprias comunidades e valorizar as produções já existentes; favorecer a criação de um circuito alternativo de criação e divulgação, despertando o gosto pelo fazer artístico. Na programação dos eventos, deu-se prioridade aos talentos das comunidades. Uma das primeiras edições do Via Cultura aconteceu no Bairro Fátima, quando, além das produções locais, a comunidade pôde conferir exposição de poemas; a minibiblioteca, com leitura e contação de histórias; o projeto “Museu vai ao bairro - memórias de Dona Pina”; o Coro Municipal; o teatro de rua; e o projeto “A tela de todos”, com sessões de filmes curtas-metragens gaúchos. As edições seguiram ao longo dos anos, com centenas de atividades.

Entre apresentações dos mais diversos gêneros e grupos artísticos, a presença da Cia Municipal de Dança, do Coral Municipal, da Orquestra Municipal de Sopros e do seu Quinteto e Quarteto de Sopros foram importantes para a troca e ampliação de referências artísticas. O dinamismo e o ecletismo do Via Cultura movimentaram os bairros e os distritos, estabelecendo um novo mapa da circulação dos bens culturais em Caxias do Sul. Foram mais de 100 edições, cuja organização envolveu os clubes de mães, delegados do OP, Associação de Moradores, subprefeituras, escolas, comunidades religiosas, grupos culturais, enfim, a comunidade como um todo. Nos últimos dois anos da Administração Popular, o Via Cultura também esteve associado a outro projeto ainda mais amplo: o “Caxias em Dia”, que reuniu quase todas as Secretarias Municipais em trabalhos para a comunidade, ao mesmo tempo em que ocorriam manifestações artísticas locais.

O Encontro de Dança de Rua, Canta Park, Canta Gaudério, Encontro da Viola Sertaneja Raízes, Estação Primavera foram eventos organizados pela Secretaria Municipal da Cultura, com o apoio das Associações de Bairros e dos próprios moradores. Neles, a troca de experiências artísticas e a relação democrática com o poder político foram evidentes: a Prefeitura viabilizou a infraestrutura, mas o show ficou por conta dos novos e velhos talentos. Nos oito anos da Administração Popular, foram realizadas seis edições do Encontro de Dança de Rua, que reuniram uma média de 20 grupos em cada uma, atingindo um público de,

aproximadamente, 10.000 espectadores. Ocorreram três edições do Canta Gaudério, em parceria com a 25ª Região Tradicionalista, contando com a presença aproximada de 20.000 pessoas. Também aconteceram três Encontros da Viola Sertaneja Raízes, estes com o apoio do Clube da Viola.

Ocorreram 10 edições do Canta Park, de 1997 até 2004, reunindo aproximadamente 80.000 pessoas. A primeira edição reuniu diversos grupos do rock caxienses no Parque Getúlio Vargas. Pelo sucesso do evento, as edições seguintes ocorreram no Parque Centenário, mais conhecido como Pavilhões da Festa da Uva.

O teatro também teve papel importante nas ações de fomento e democratização do acesso. Um exemplo é a Mostra de Teatro Estudantil, realizada desde 1997, em parceria com o SESI e o SESC. Seu objetivo era incentivar o teatro nas escolas da rede municipal, estadual e particular de educação, contribuindo com formação de público apreciador do teatro. O evento também buscou ampliar o conhecimento da comunidade escolar sobre Teatro Educação que, por ser um ótimo instrumento de aprendizagem, foi debatido em seminários e *workshops* que ocorrem durante a Mostra.

O teatro de bonecos foi impulsionado pela SMC que, juntamente com a Associação Gaúcha de Teatro de Bonecos, realizou as Semanas do Teatro de Bonecos e o 12º Festival Internacional de Teatro de Bonecos, realizado em Caxias do Sul, ano de 2002. Este Festival contou com a infraestrutura dos realizadores e com o financiamento da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, trazendo mais de 40 espetáculos nacionais e internacionais para nossos palcos, praças e Centros Comunitários. Além de proporcionar bons espetáculos, o Festival Internacional de Bonecos fortaleceu o setor. Na 6ª edição, com o financiamento das Leis Federal e Municipal de Incentivo à Cultura e com patrocínios diretos, o evento consolidou-se como um dos mais importantes festivais do Rio Grande do Sul.

Outro Projeto de grande relevância foi o GentEncena. Teve início em 1997, através de convênio entre a Prefeitura Municipal e a Associação Caxiense de Teatro (ACAT). Aplicado em seis bairros (Fátima, Reolon, Kaiser, Santa Fé, Serrano e Galópolis), previa a contratação de professores e aporte financeiro para montagens. Esta iniciativa pretendia despertar novas habilidades nos alunos e valorizar os profissionais locais, responsáveis pela condução dos grupos. Outros eventos tiveram a colaboração direta da Secretaria Municipal da Cultura. Dentre os principais, estão o Escurinho do Cinema, a Mercoarte, a Semana da Consciência Negra, a Semana Farroupilha, a Parada do Orgulho Gay, a Festa Junina do Brique, o Dia Internacional da Mulher, a Festa da Criança, o Caxias do Sol e o Dia do Trabalhador.

Quando José Ivo Sartori, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) assume a prefeitura de Caxias do Sul, em 2005, é criado o Departamento de Arte e Cultura Popular. Este departamento tem o importante papel na promoção de ações voltadas à valorização da diversidade cultural, por meio de Programas Permanentes, com ações de reconhecimento, capacitação, produção e circulação da arte. Responsável pela criação do Departamento e tendo assumido a sua direção, Elvino de Oliveira Santos valeu-se da experiência no governo anterior para manter vivos alguns dos programas já existentes, como o Brique de Caxias do Sul. Além disso, criou outros programas da mesma importância, garantindo que investimentos e acesso continuassem a fazer parte da vida dos moradores dos bairros de Caxias do Sul.

Em 15 de abril de 2010, a Secretaria Municipal da Cultura lançou a Agenda do Departamento de Arte e Cultura Popular, na Casa das Oficinas, no Largo da Estação Férrea (Rua Augusto Pestana, bairro São Pelegrino). Assim, divulgou a programação para 2010. Para o Diretor do Departamento de Arte e Cultura Popular, Elvino de Oliveira Santos, em informação verbal, durante conversa ocorrida no dia 11 de março de 2021, por chamada de vídeo no *Google Meet*:

O Departamento de Arte e Cultura Popular foi uma conquista importante, porque era a primeira vez que a gente ia ter uma verba específica. A gente fazia acontecer. Fazíamos caminhadas nos bairros pra conversar com as pessoas e saber o que acontecia por lá, conhecer quem fazia arte. A arte que tem alcançado a comunidade porque possibilita a socialização e comunicação de uma forma diferente das mídias de massa. A identidade dessa comunidade está sendo retratada, por meio dos muros e paredes coloridas... (SANTOS, 2021 CONVERSA)

Os principais Programas Permanentes do Departamento de Arte e Cultura Popular foram: o Festival *RockParque*, shows de *rock* e de *reggae*; Hip Hop Caxias, com ações de *graffiti*, *MC*, *DJ* e *B. Boy*; Caravana Mirim e Mateada Comunitária, com interpretação, músicas, versos e trovas de artistas locais; FEMC com shows sertanejos; Brique com exposição de artesanato; O Bairro Faz, com o programa de oficinas de: Hip Hop, Música Gospel, Flauta, Dança Gaúcha, Dança Cigana, Dança do Ventre, Teatro, Hold e Técnica, Tear e Artesanato. Esses programas foram desenvolvidos sempre com o objetivo de valorizar e divulgar artistas caxienses, estimular a criação e fomentar a circulação da diversidade artística local.

Outro momento de grande importância para os bairros foi o convênio entre a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, na Administração de José Ivo Sartori (PMDB), e o Ministério da Cultura, no mandato do Ministro Gilberto Gil (PT). O convênio foi fechado em

20 de junho de 2011 e consistia na criação de uma rede composta por 10 Pontos de Cultura. O processo de inscrição, avaliação e seleção dos Pontos foi feito no decorrer do ano de 2010, por meio de dois editais públicos. “É um investimento de 1,8 milhão de reais, sendo R\$ 1,2 milhão do Ministério da Cultura e R\$ 600 mil do município”, destacou o então Secretário da Cultura, Antonio Feldmann (2020).

Cada Ponto oferecia à comunidade uma sala multiuso destinada a apresentações cênicas, música, vídeo/cinema e palestras, para público de cerca de 100 pessoas. As diretrizes dos Pontos de Cultura de Caxias do Sul eram pautadas pela democratização do acesso à cultura, pela valorização das manifestações culturais locais, formação de agentes de cultura para a promoção da autonomia e continuidade de cada Ponto de Cultura.

Listados abaixo estão os dez Pontos que fizeram parte do convênio, bem como suas principais atividades:

1 - Capoeira Cultura que Une (Santos Dumont) - Oficinas de capoeira, maculelê, danças afro-brasileiras e capacitação de oficinairos e monitores para essas atividades. Teatro e contação de histórias afro-brasileiras.

2 - Casa das Etnias (Panazzolo) - Preservação e cultivo das culturas das etnias formadoras da sociedade de Caxias do Sul, por meio do teatro, dança, música, canto, artesanato, gastronomia e aulas de línguas da imigração.

3 - Comunitário Zona Sul (Bom Pastor II) - Oficinas de artesanato, dança, teatro, capoeira, música e exibição de filmes para as comunidades da Zona Sul.

4 - Costurando Sonhos (Forqueta) - Fortalecimento e preservação da cultura regional, por meio de oficinas de artesanato, música, teatro e formação de guias de turismo da comunidade.

5 - História nas Mãos (3ª légua) - Oficinas de educação ambiental e sustentabilidade, seminários, palestras, dança, teatro em dialeto Vêneto, coral italiano e aulas de música.

6 - Música para Todos (Belo Horizonte) - Cursos de aperfeiçoamento de conhecimentos musicais, estúdio de gravação semiprofissional, oficinas de produção de áudio e técnica musical.

7 - Núcleo Audiovisual Teatro Moinho da Estação (São Pelegrino) - Cursos de formação em audiovisual, com o objetivo de aproximar os alunos do universo da imagem, através de experiências práticas e discussões teóricas, atendendo aos Pontos de Cultura de Caxias do Sul e comunidade.

8 - Teia Cultural (Kayser) - Cursos de formação de Agentes de Cultura, atendendo aos Pontos de Cultura e à comunidade, que resultou na formação da Rede de Agentes de Cultura; realização de oficinas e apresentações de teatro, dança, música, exibição de filmes, mostras fotográficas e encontros de literatura.

9 - UAB Cultural (Panazzolo) - Oficinas de circo, dança, cinema e vídeo e ação Griô (valorização dos mestres dos saberes populares, através da preservação e registro de suas histórias). Formação de núcleo de Hip-Hop, desenho e grafite.

10 - Vila Seca em Cultura (Vila Seca) - Desenvolvimento de atividades de resgate das raízes culturais, através das oficinas de artesanato local, música, dança e culinária típica. Promoção de atividades de incentivo ao turismo e educação ambiental.

A maioria dos Pontos de Cultura estava sediada nos Centros Comunitários, já mencionados neste capítulo, e contou com o apoio do convênio durante três anos, recebendo R\$ 60.000,00 por ano, para o seu autogerenciamento. Após a retirada do apoio do poder público, apenas quatro Pontos seguiram: a Casa das Etnias, a UAB, o NAVI e o Costurando Sonhos.

Em janeiro de 2013, teve início a administração de Alceu Barbosa Velho, do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Neste período, apenas parte dos programas foram mantidos. O Financiarte teve um investimento de quase dois milhões no último ano. A Feira do Livro, no entanto, foi retirada da Praça Dante Alighieri, no coração da cidade, onde todos e todas tinham acesso, e transferida para a Praça do Trem, localizada próxima ao Shopping Bourbon, no bairro São Pelegrino. Nessa gestão, o programa Gentencena deixou de existir.

Quando Daniel Guerra, do Partido Republicano Brasileiro (PRB) assumiu a Prefeitura de Caxias do Sul, em janeiro de 2017, houve um corte no que dizia respeito às manifestações artísticas e culturais, por exemplo, do Carnaval Popular e das Escolas de Samba, enquanto o carnaval de blocos foi restrito a espaços cercados e predeterminados pelo Poder Público. Da mesma forma, a Parada Livre, que organizava desfiles no centro da cidade, foi transferida para um estacionamento fechado. A principal festa da região, A Festa da Uva, foi adiada, e assistimos ao fim do Prêmio Anual de Incentivo à Montagem Teatral. O Financiarte sofreu um corte muito significativo passando o orçamento anual de R\$ 2 milhões para R\$ 105 mil. Guerra também tomou os terrenos onde estavam construídos os Centros Comunitários, mandou derrubar o Centro Comunitário do Bairro Desvio Rizzo e nada construiu no lugar. O abandono do Poder Público, desde então, faz com que a Casa Brasil (no bairro São Caetano), por exemplo, esteja até hoje sem condições de uso (sem rede elétrica, telhado danificado),

mesmo sendo um lugar amplo, com salas adequadas para as aulas e refeitório, localizada ao lado de um parque com quadra de esportes.

Flávio Cassina, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), assumiu a prefeitura de 9 de janeiro de 2020 a 1º de janeiro de 2021 para cumprir o final do mandato de Daniel Guerra, depois de seu afastamento por *impeachment*. Cassina manteve todas as restrições do governo Guerra, acrescentando o adiamento do pagamento do Financiarte 2020.

Mesmo estando fora do recorte deste trabalho, é importante registrar uma ação que muito impactará negativamente o acesso da periferia aos bens e espaços de cultura, ocorrido no início do mandato do Prefeito Adiló Didomenico, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB):

Houve, em 2021, a restrição do passe livre, segundo a Câmara de Caxias (2021), para apenas três dias do ano, todavia, desde 1998, sempre no último domingo de cada mês, a passagem era gratuita no transporte urbano, objetivando garantir o direito de ir e vir e promovendo o acesso de todos a os espaços e as atividades culturais gratuitas. Se houver oferta de shows, apresentações de toda a ordem em praça pública ou parques centrais, poucos moradores da periferia urbana poderão acessar, devido ao valor da passagem do transporte urbano (Quatro reais e setenta e cinco centavos em 03/06/2021). No texto a seguir, a matéria sobre o projeto de Lei que reduz de doze para três dias por ano o direito ao passe livre<sup>7</sup>, pela jornalista da Câmara de Vereadores, Vania Espeiorin:

Projeto de lei 5/2021, que trata do assunto, recebeu o voto da maioria do plenário, a qual decidiu não mais permitir que a iniciativa aconteça no último domingo de cada mês, como ocorre hoje.

O passe livre no transporte coletivo urbano de Caxias do Sul poderá ficar restrito a três edições por ano, caso o prefeito Adiló Didomenico/PSDB sancionar o projeto de lei 5/2021. De autoria do próprio poder Executivo, a proposta contou com o voto da maioria do plenário (18x4).

Em sessão extraordinária desta quinta-feira (21/01), 18 vereadores se colocaram contrários à continuidade do benefício durante o último domingo de cada mês, como ocorre hoje. Apenas as bancadas do PT e do PCdoB demonstraram querer a permanência desse quantitativo. Os vereadores das duas siglas se colocaram contrários à proposição do Executivo, que reduz a gratuidade da passagem para três dias apenas no ano, concedida a isenção a critério do poder público, preferencialmente em datas comemorativas ou em datas em que haja interesse público (ESPEIORIN, 2021)

Podemos, assim, observar um decréscimo gradativo na oferta de ações voltadas à facilitação de acesso à população periférica aos mecanismos de fomento que apoiem e

---

<sup>7</sup> Lei do Passe Livre: Sob nº 5025, de 23 de dezembro de 1998, estabelece a isenção do pagamento de tarifa do transporte coletivo urbano do município (passe livre), no último domingo de cada mês do ano, para todos os usuários de transporte coletivo urbano de Caxias do Sul. Disponível em: [camaracaxias.rs.gov.br](http://camaracaxias.rs.gov.br).

incentivem a sua própria produção, bem como aos bens culturais materiais e imateriais, por parte do poder público. Ao longo deste trabalho traremos outros olhares sobre esta política de empobrecimento e elitização de saberes, através de autores já citados nas Considerações Iniciais, sem esquecer de ouvir o que dizem os artistas, escritores e agentes culturais, colaboradores desta pesquisa.

## 2.2 LEI ALDIR BLANC: EXERCÍCIO DE DEMOCRATIZAÇÃO

Neste capítulo, damos sequência ao histórico de fomentos públicos, mas já direcionando para o edital emergencial mais importante, no que tange ao quesito democratização no país, e único advindo do poder público em Caxias do Sul desde o início da pandemia: a Lei Aldir Blanc. Mesmo com toda a dificuldade de comunicação, inclusão digital e outras questões que este trabalho trará ao longo de seu desenvolvimento, a publicação dessa lei foi a ação que despertou o desejo de participação e acesso à informação, por parte da população que antes desconhecia estas possibilidades. Provavelmente depois dessa lei, essas pessoas passem a integrar o rol de participantes de outros mecanismos de fomento público, por consequência dos processos de aprendizado e solidariedade desencadeados. Ainda neste subcapítulo, descreveremos alguns desses processos.

Antes de prosseguir, no entanto, é importante alinhar minimamente a ideia associada à expressão: “descentralização da cultura” – que não seja o centro o detentor do acesso a espaços de cultura, físicos e simbólicos, tomando para si a “curadoria” de quem pode e quem não pode participar, circular, opinar, decidir sobre a construção do espectro cultural da cidade. Portanto, priorizaremos o termo “democratização da cultura”, ou melhor, democratização do acesso aos bens culturais, sejam eles materiais ou imateriais. Isso é importante, pois, se, de forma simplista, entendermos que levando à periferia o que o centro entende por cultura pode acabar sendo manutenção à colonização cultural, subestimando os saberes e fazeres de outros grupos sociais que não o nosso.

Partindo da premissa de que o acesso à produção e ao consumo de manifestações artístico-culturais é um direito de todos, na mesma medida que o acesso ao saneamento básico, transporte, educação e saúde, podemos pensar que o poder público deveria investir, de forma equitativa, neste setor. Podemos, além disso, pensar sobre a sua transversalidade e ir além. Se uma sociedade que produz arte se expressa e sociabiliza através dela, questiona, transgride, se reconhece e reconstrói sua identidade movida por ela, essa mesma, a sociedade, pode ter mais chances de ser saudável, segura, proativa na busca de soluções. Desse modo,

seria interessante que o olhar de toda a sociedade se voltasse para o setor criativo, como uma das importantes soluções de médio e longo prazo, para os recorrentes problemas estruturais que assolam a maioria da população do País, como, por exemplo, a desigualdade de acesso à educação, à saúde e ao saneamento básico. O que Antônio Cândido diz sobre literatura serve de referência e ampara o nosso pensamento sobre a nossa humanidade e o acesso e fruição das manifestações artísticas em toda a sua diversidade. Ele afirma que, mais do que uma necessidade, a literatura é um dos direitos humanos.

Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e por tanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (CANDIDO, 2004, p. 186).

Portanto, aprofundar o debate sobre a democratização destes acessos é urgente. Houve um tempo em que, na melhor das intenções, usávamos termos como “transmitir”, “levar a arte para onde não há”, entre outras expressões equivocadas. Ocorre, contudo, que as manifestações artísticas são inerentes ao ser humano. O que precisamos é ampliar a visão para além do que nos foi hegemonicamente dado como conceito, universalizante e colonizador, de arte. Podemos trazer para este microuniverso, nesse sentido, o pensamento que Santos (2018) traz sobre o Norte e o Sul global, posto que a atmosfera subjetiva que define centro e bairro, preto e branco, pobre e rico, vai além da geografia, etnia e poder aquisitivo; ainda é regida pela suposta superioridade do colonizador. Vejamos a seguir o que nos diz Santos:

Por que é que o Norte global não pode aprender com estas experiências do mundo? Porque um preconceito colonial, que persiste mesmo depois do fim da era dos impérios, impede o Norte de aprender com o Sul. Segundo a perspectiva preconceituosa que, de modo geral, permanece em vigor no Norte global, não é possível que o Sul global tenha algo a ensinar (SANTOS, 2018, p. 101).

Sobre aprendermos e assimilarmos conhecimentos e práticas artísticas plurais, horizontais e não hierarquizadas, tanto por parte do colonizador como do colonizado, Santos (2018, p. 102) vê, nesta quebra de paradigma, a própria revolução libertadora. “Para começar, deveríamos usar o termo conhecimento sempre no plural, ou seja, referir-nos a conhecimentos. Enfatizar a pluralidade do conhecimento é, por si só, uma transgressão”.

Dito isto, voltemos à Lei Aldir Blanc que, além de objetivar a inclusão das diversidades artísticas, foi significativa em termos de abrangência e investimento, cobrindo todo o território nacional. De acordo com a pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), juntamente com a Secretaria Estadual da Cultura de São Paulo (SEC-SP) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), em 2020, a economia criativa no Brasil foi responsável por 2,64% do Produto Interno Bruto (PIB) e por 4,9 milhões de postos de trabalho, em 300 mil empresas e instituições, em todo o Brasil. Com a chegada da pandemia do novo coronavírus, estas atividades foram interrompidas. De grandes empresas de produção ao pequeno artesão do interior do País, todos tiveram a sua renda proveniente da produção artística impactada. Pensando em ações práticas, que pudessem atenuar os danos econômicos causados pela paralisação forçada, mas necessária, afinal a melhor forma de evitar a propagação do vírus é através do distanciamento físico, as deputadas federais Benedita da Silva (PT), como proponente, e Jandira Feghali (PCdoB), como redatora, propuseram a criação de uma Lei Emergencial, específica para o setor cultural do País. Depois de longos debates, foi aprovada a Lei nº 14.017/2020, batizada com o nome de Aldir Blanc, em homenagem ao poeta e compositor carioca homônimo, vítima da COVID-19, que faleceu em maio de 2020.

A lei emergencial foi aprovada no dia 29 de junho e regulamentada pelo presidente através do Decreto nº 10.468, no dia 17 de agosto, quase dois meses depois, mesmo sendo emergencial. Feito isso, nos quatro meses seguintes, três bilhões de reais, provenientes do orçamento da União, foram distribuídos em todos os 5.570 municípios do território brasileiro. Não há lado bom em uma pandemia, mas o mínimo que podemos fazer é otimizar as experiências que surgem a partir dela. E eis que a Lei Aldir Blanc colocou o setor artístico-cultural do País em estado de efervescência: fóruns, debates e conferências em todas as instâncias passaram a fazer parte da rotina dos artistas, técnicos, produtores e Poder Público, pois seria necessário e urgente criar estratégias para que a verba chegasse aos trabalhadores do setor cultural.

A primeira ação necessária foi o mapeamento de toda a categoria, através de um levantamento feito em cada município. A tarefa de informar sobre o cadastramento enfatizou uma realidade que já é conhecida: a dificuldade de comunicar aos trabalhadores da arte da periferia urbana sobre a nova Lei começa pela precariedade dos aparelhos celulares e do sinal de *internet* e se estende pela burocracia e terminologia técnica inacessível, usada pelos multiplicadores. *Cards* para as redes sociais, *releases* para a imprensa, postagens em todos os grupos de *WhatsApp* referentes ao assunto, divulgação de fóruns virtuais resultaram em 400

cadastros, número pouco significativo para Caxias do Sul, cidade com mais de meio milhão de habitantes. O fato demonstra que as tentativas de comunicação da Secretaria Municipal de Cultura, do Conselho Municipal de Políticas Culturais e da comunidade artística foram insuficientes, pois não chegaram aos artistas e demais trabalhadores do setor de eventos, moradores de bairros periféricos.

Aqui, entra o importante papel de movimentos organizados, como o Slam Poetiza, movimento Hip Hop e outros coletivos organizados, que podem servir como elo entre as suas comunidades e as políticas culturais públicas. Então, no papel de vice-presidenta do Conselho Municipal de Política Cultural, na ocasião, contatei algumas lideranças do Slam e outras vozes da periferia, com a finalidade de informar sobre o cadastro de artistas, necessário para organização da Lei Aldir Blanc. Às 16h30min do dia 29 de julho de 2020, foi criado um grupo no aplicativo *WhatsApp*, com oito destas lideranças, para que adicionassem outros membros de seus coletivos, criando um canal direto de comunicação sobre a nova Lei. Às 20h30min do mesmo dia, o grupo (denominado Trabalhadores da Arte) contava com 63 membros.

Depois de poucos dias, o grupo passou a contar com 80 membros e serviu de canal para a troca informações sobre o tema. Na sequência, o número de artistas cadastrados subiu para 680 pessoas. A partir deste mapeamento, no período de março de 2020 a abril de 2021, vários editais foram lançados dentro da Lei Aldir Blanc. Todos contribuíram com a circulação de verba entre os trabalhadores da arte, nem sempre da forma ideal, nem sempre atingindo os que mais precisavam, mas houve uma força conjunta para que estes editais chegassem nas mãos de mais artistas e produtores periféricos do que normalmente acontece. Foram eles: o Edital Criação e Formação - Diversidade das Culturas, uma parceria entre a Sedac e a Fundação Marcopolo, entidade selecionada na Chamada Pública nº 12/2020, que tem como objetivo a seleção de projetos de pesquisa, criação, formação ou qualificação na área da Cultura; o Prêmio Trajetórias Culturais - Mestra Sirley Amaro, uma parceria entre a Sedac e o Instituto Trocando Ideia, entidade selecionada na Chamada Pública nº 11/2020. Trata-se de um prêmio de reconhecimento do Estado e da sociedade civil para os fazedores de cultura, que transformam vidas por meio da arte, nas diferentes comunidades. Prêmio de R\$ 8 mil para cada trajetória cultural selecionada.

Além disso, houve o edital Ações Culturais das Comunidades, uma parceria da Sedac com Associação de Desenvolvimento Social do Norte do RS (ADSNRS); Central Única das Favelas (CUFA), de Frederico Westphalen; e CUFA-RS, entidades selecionadas na Chamada Pública nº 13/2020. O edital tinha como proposta promover a estruturação e a qualificação de

iniciativas realizadas por coletivos culturais de base comunitária e premiar agentes culturais que tivessem atuação de, no mínimo, dois anos, nas 63 comunidades dos 23 municípios gaúchos que integram o RS Seguro – Programa Transversal e Estruturante de Segurança Pública (RIO GRANDE DO SUL, 2020).

O edital Aquisição de Bens e Materiais teve por objeto a seleção de projetos culturais de pessoas jurídicas de direito privado, com ou sem fins lucrativos, com o objetivo de viabilizar a aquisição de bens, equipamentos e/ou materiais. Por fim, o edital Produções Culturais e Artísticas orientou a seleção de projetos culturais de pessoas jurídicas de direito privado, com ou sem fins lucrativos, com o objetivo de fomentar produções culturais e artísticas, dos mais variados segmentos, que possibilitassem o acesso e a fruição da arte e da cultura pela sociedade rio-grandense, movimentando a economia, gerando trabalho e renda, e estimulando o consumo cultural.

### 2.3. CONHECENDO O EDITAL UNO-ME

Neste subcapítulo é imprescindível falarmos sobre o Edital Uno-me, que, mesmo sendo uma proposta da iniciativa privada, com área de abrangência e investimento restritos, foi utilizada como recorte desta pesquisa, tendo contribuído para a definição dos sujeitos participantes. Começamos pelo contexto em que surgiu a proposta: artistas, produtores e demais trabalhadores da arte paralisados pela pandemia, aguardando os encaminhamentos para a liberação da verba da Lei Aldir Blanc, pelo poder público municipal, com muitos encontros e reuniões de representantes da classe artística com o poder público e Conselho Municipal de Política Cultural, solicitando ações emergenciais em prol dos artistas que estavam sem trabalho e sem obter nenhuma resposta positiva e, por vezes, sem nenhuma resposta. Engajada neste movimento de cobrança de ações emergenciais, a Companhia Tem Gente Teatrando tomou uma iniciativa para solidarizar-se com os colegas, mas também para provocar o debate sobre como a burocracia se sobreponha à necessidade de auxílio, durante a calamidade pública que se estabeleceu. Em setembro de 2020, foi lançado o Edital Uno-me. Haja vista a relevância do Edital Uno-me para a presente pesquisa, transcrevemos o seu conteúdo na íntegra:

Devido à pandemia do coronavírus, a circulação de produtos culturais foi duramente afetada no Brasil. Em Caxias do Sul não foi diferente. Desde março de 2020, diversos artistas e agentes culturais da periferia urbana viram chegar a estagnação de seus trabalhos formais e a impossibilidade de fazer circular suas artes. Pensando em

contribuir para a retomada do ciclo cultural, surge o Edital Uno-me, proposto pela Tem Gente Teatrando, de Caxias do Sul.

Com a venda de um carro Fiat Uno 1995/1996, a Tem Gente Teatrando levantou a verba de R\$5.000,00, podendo dar sequência às próximas etapas desta iniciativa. São elas:

- 1- Inscrição de produtos culturais de artistas que atuem também como agentes culturais na periferia urbana caxiense;
- 2- Seleção de 20 produtos culturais que serão contemplados com o valor de R\$250,00 cada;
- 3- Entrega dos prêmios para os artistas contemplados;
- 3- Divulgação dos artistas e produtos culturais selecionados nas redes sociais da Tem Gente Teatrando.

Sobre a inscrição:

A inscrição se dará por meio do seguinte formulário online: <https://forms.gle/CoUiJyQi7fEA3fa39>. Para acessar, basta logar com um email do Google (gmail). O candidato deve responder a todas as questões e ao final, acrescentar algum material sobre o produto cultural inscrito. Pode ser um arquivo de vídeo, foto, áudio ou texto.

Exemplos: Áudio da música inscrita; vídeo com trecho da peça de teatro; foto de um graffiti; documento com a poesia redigida, etc.

O prazo para inscrições se encerra no dia 16 de setembro, às 00h.

Requisitos para participar:

- Morar na periferia urbana de Caxias do Sul;
- Ser artista e também agente cultural na periferia urbana. (Pessoas que, além de produzir a sua arte, participem de alguma ação ou projeto cultural ou social nas comunidades periféricas);
- Ser maior de 18 anos;
- Os trabalhos inscritos devem ser 100% autorais;

Sobre a seleção:

A seleção dos produtos e artistas será feita por três membros da equipe da Tem Gente Teatrando a partir do dia 17 de setembro. Assim que a seleção for feita, os contemplados serão contatados. Os contemplados deverão receber o prêmio pessoalmente na sede da Tem Gente Teatrando, com horário marcado e munido de máscara, respeitando o distanciamento físico, ocasião em que será gravado o depoimento do artista, para divulgação posterior.

Divulgação:

Para contribuir com a visibilidade dos artistas, a Tem Gente Teatrando postará, a partir da metade de outubro, em suas páginas do Facebook e Instagram, pequenos vídeos sobre os trabalhos e artistas selecionados.

Cronograma:

- De 05 a 16 de setembro: Inscrição de produtos culturais de artistas-agentes culturais da periferia urbana caxiense;
- De 17 a 25 de setembro: Seleção de 20 produtos culturais.
- Até três dias após a seleção, os 20 artistas serão contemplados com o valor de R\$250,00 cada;
- A partir do dia 14 de outubro: Divulgação dos artistas e seus produtos culturais selecionados nas redes sociais da Tem Gente Teatrando.

A divulgação do edital começou pela postagem do *card* abaixo (FIGURA 4), no grupo de *WhatsApp* Trabalhadores da Arte, já descrito neste subcapítulo. Em seguida, foi lançado nas redes sociais, pelos canais da Tem Gente Teatrando. Logo, chamou a atenção da imprensa local, principalmente a página de cultura do Jornal Pioneiro e o programa Café com Cultura da Tua Rádio, que convidaram alguns dos artistas contemplados, para entrevistas, e

potencializaram a divulgação da ação. As peças de divulgação do edital ilustram a ação e demonstram a importância do edital, para a construção desta história.

Figura 4 - Card de chamada para a venda do Uno

**EDITAL UNO-ME!**

Una-se aos artistas da periferia urbana de Caxias do Sul!  
É só você dizer:  
"EU ME UNO A VOCÊS  
comprando o Uninho (95/96), que tá meio caco, mas  
anda que é uma beleza!"

Daí a Tem Gente Teatrando pega todo o dinheiro da  
venda e usa pra comprar arte dos artistas  
independentes. Um poema, uma música, uma pintura,  
uma escultura, bonecos...

Compra o Uno aí, vai. A causa é boa! A causa é urgente!  
Com cinco mil, leva o Uno e salva a cena.

Fala lá na página da Tem Gente Teatrando ou me acha no face,  
insta (Zica Stockmans)!

**Tem Gente Teatrando | Espaço Cultural**  
Primeira etapa - Vender o UNO! Divulguem!  
Segunda etapa - Selecionar os trabalhos.  
Terceira etapa - Pagar os artistas.  
Pronto!

22 DE AGO. DE 2020

tem  
gente  
teatrando  
Desde 1989

Fonte: Página da Tem Gente Teatrando no *Facebook* (2020).

Na sequência das ações, aconteceu o engajamento do Jornal Pioneiro na divulgação do edital e seus desdobramentos, iniciando com a chamada para a venda do carro, presente na Figura 5: Card 22 de agosto de 2020.

Figura 5 - Matéria do Jornal Pioneiro (23 de agosto de 2020)

**3por4**  SILIANE VIEIRA  
siliane.vieira@pioneer.com.br

ZICA STOCKMANS, DIVULGAÇÃO



## um Uno a serviço da cultura

O pessoal da escola Tem Gente Teatrando, de Caxias, está encabeçando uma campanha cultural um pouco diferente. Eles resolveram colocar um carro à venda para arrecadar verba posteriormente revertida para profissionais que atuam na periferia da cidade. A ideia surgiu depois que a atriz e diretora Zica Stockmans se envolveu com lideranças artísticas da cidade que trabalham com a população periférica. Por meio desse contato ela entendeu que precisava fazer algo para contribuir.

– Percebi que existe um ciclo muito importante, no qual eu já acreditava, mas agora entendi como ele, de fato, salva. É o ciclo

dos jovens da periferia que tiveram referências culturais na infância e conseguiram desenvolver sua própria arte, e hoje reproduzem essa missão dentro de suas comunidades. Esses projetos, que salvam um monte de crianças do mundo da violência e do tráfico, estão ameaçados por conta da situação imposta pela pandemia – argumenta Zica.

Foi assim que o Uno entrou na história. O veículo ano 1995 (modelo 1996) tem uma longa trajetória de serviço à arte, já que é “pau para toda obra” na Tem Gente Teatrando desde 2011. Agora, o carro vai ganhar uma função ainda mais nobre. Ele está à venda pelo preço de R\$ 5 mil, verba que será inteiramente

investida em artistas ou iniciativas culturais da periferia.

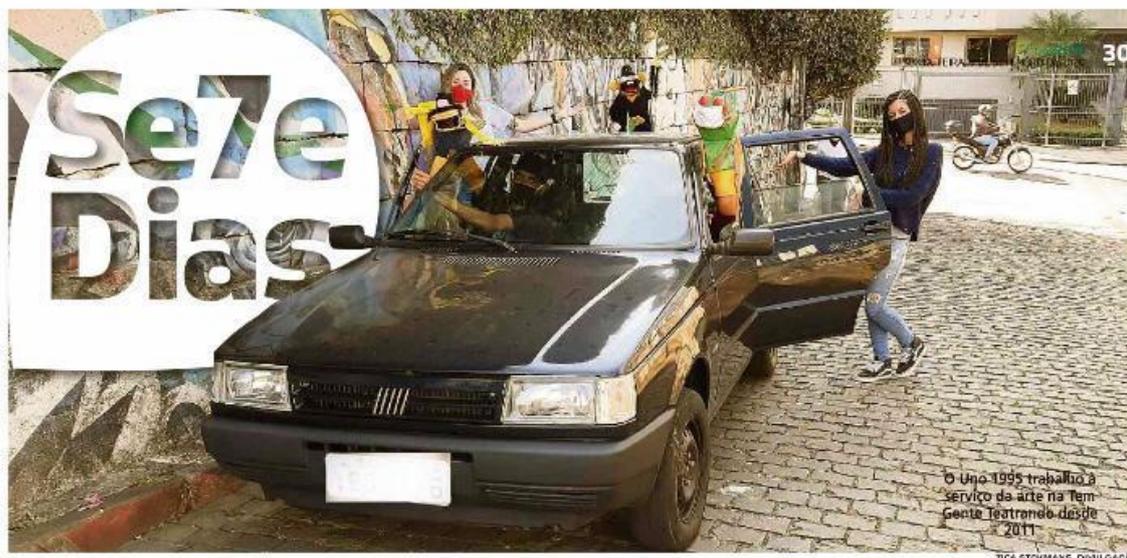
– A ideia é investir esse dinheiro nos artistas para que esse ciclo da arte que salva se retroalimente – explica Zica.

Desta forma, a primeira etapa do projeto, batizado de Unome, é vender o carro. Depois, haverá seleção de trabalhos (Zica participa de um grupo com pelo menos 80 artistas/lideranças culturais das periferias de Caxias) e o pagamento desses profissionais. Zica planeja que a venda do Uno poderá garantir pelo menos 25 iniciativas artísticas. Quem se interessar em conferir o potencial do Uninho e de quebra alimentar a arte que salva, pode buscar contato pelas redes da @temgenteteatrando.

Fonte: Jornal Pioneiro (2020).

Logo após a venda do veículo, iniciou-se a divulgação, convidando os artistas a inscreverem-se no edital. A Figura 6 mostra a Notícia do Jornal Pioneiro.

Figura 6 – Matéria do Jornal Pioneiro (26 de agosto de 2020)



**CULTURA** Carro que por anos serviu escola de teatro foi vendido para ajudar classe artística. Interessados podem se inscrever

## A última missão de um Uno

ANDREI ANDRADE  
andreiandrade@temgente.com

A iniciativa inusitada e criativa do pessoal da Tem Gente Teatrando deu certo e agora quem irá se beneficiar são os artistas caxienses que se dedicam a levar arte e cultura para as periferias. O carro Fiat Uno 1995 (modelo 1996), colocado à venda por R\$ 5 mil foi negociado nesta semana, e o valor será utilizado para auxiliar 20 iniciativas artísticas, que já podem se cadastrar para concorrer ao benefício de R\$ 250.

Intitulado UNO-me, o edital está disponível online. Interessados têm até o próximo dia

16 para preencher a ficha de inscrição, prestando atenção aos pré-requisitos. O principal é comprovar sua atuação junto às comunidades periféricas de Caxias, seja produzindo arte ou participando de projetos culturais e sociais. Outra exigência é que o trabalho inscrito – seja música, teatro, poesia, desenho, dança ou graffiti – seja 100% autoral e esteja em fase de montagem ou execução.

Ao comentar a iniciativa para a coluna 3por4 na semana passada, a diretora da TGT, Zica Stockmans, chamou a atenção para o fato de muitas iniciativas de relevância nas periferias, que muitas vezes são decisivas para

desviar crianças e adolescentes do caminho do tráfico e da violência, correm o risco de deixar de existir por conta da crise provocada pela pandemia. Com a venda do carro, que por mais de uma década serviu à escola de teatro, a intenção é não apenas contribuir com o dinheiro, mas também chamar a atenção para a situação.

– O edital tem vários ciclos significativos. O primeiro deles é a gente mostrar que cada um pode contribuir, mesmo que de forma singela, para amenizar essa situação, principalmente a iniciativa privada. Outro elo é o fato de sermos uma empresa artística, que também está sendo

### SERVIÇO

- **O quê:** Inscrições Edital: UNO-me.
- **Quando:** de 4 a 16 de setembro de 2020.
- **Onde se inscrever:** <https://forms.gle/VYCT0qGDmwf0kBg7>.
- **Mais informações:** <https://bit.ly/editalunome> ou pelo (54) 9 9169-7586.

muito afetada, mas temos essa simbologia de dar a mão ao nosso igual, dentro da possibilidade que nos é permitida. A outra coisa é uma crença que nos move, como TGT, que é o fato de esses ciclos serem muito significativos, que os próprios pro-

tagonistas da periferia reproduzem e retroalimentam a própria comunidade. O UNO-me é um singelo edital para chamar a atenção de que isso é possível, de que é preciso investir ali. E, mesmo que de forma subliminar, chamar o artista da periferia para o debate e mostrar que eles têm direito aos fomentos para retroalimentar financeiramente os seus projetos através de uma LJC, por exemplo – disse Zica.

Os premiados serão escolhidos no dia 17 de setembro e o valor será entregue três dias depois. Todos os trabalhos contemplados serão divulgados nas redes sociais da Tem Gente Teatrando (@temgenteteatrando).

Fonte: Jornal Pioneiro (2020).

Apesar da ampla divulgação, demorou para que as vagas abertas pelo edital fossem preenchidas, o que nos fez pensar exatamente sobre o que este trabalho trata hoje: quais os canais de comunicação mais adequados para diminuir a distância entre os artistas da periferia urbana e os mecanismos de fomento? Ainda não havíamos percebido, mas o Uno-me serviria de amostra para as questões que estavam sendo levantadas em relação à comunicação da Lei Aldir Blanc com a periferia. A Figura 7 abaixo é um exemplo de *card*, utilizado para convidar os interessados a fazerem a inscrição no edital Uno-me.

Figura 7 – Matéria do Jornal Pioneiro (14 de setembro de 2020)



Você é artista e agente cultural da periferia urbana de Caxias do Sul? Então inscreva sua arte! Serão 20 trabalhos premiados com o valor de R\$250,00 cada!



Link do formulário:

<https://forms.gle/VYCTqqGDrnwEqkBg7>



Fonte: Página da Tem Gente Teatrando no Facebook (2020).

Quando encerrou o prazo para as inscrições, constatou-se um fato interessante: as 18 vagas disponíveis foram preenchidas por 18 inscritos, poupando os organizadores da difícil tarefa de eliminar candidatos. Em 24 de setembro de 2020, o jornal Pioneiro divulgou o resultado.

Figura 8 – Matéria do Jornal Pioneiro 24/09/2020

**3por4**



SILIANE VIEIRA

siliane.vieira@pioneer.com.br

Pioneiro 19  
QUINTA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 2020

## 18 contemplados

Iniciativa cheia de boas intenções organizada pelo pessoal da Companhia Tem Gente Teatrando, o edital Uno-me vendeu um carro e disponibilizou o valor arrecadado para produtos culturais da periferia urbana caxiense. Os 18 artistas/projetos contemplados – em linguagens como teatro, música, literatura e dança – já foram escolhidos. Cada um deles receberá R\$ 250 em encontro marcado para a tarde de hoje, na sede da escola. A lista completa está em [pioneer.com](http://pioneer.com).

A ação da Tem Gente Teatrando é um belo exemplo de força proveniente da união do setor. Exemplo ainda de entrega e desprendimento, pois é idealizada por quem também sente na pele as dificuldades econômicas impostas pela pandemia. Uma iniciativa



SARA FORTUNA, ORGANIZADORA

simples que certamente fará a diferença para os artistas contemplados, contribuindo para manter vivos projetos essenciais em suas áreas

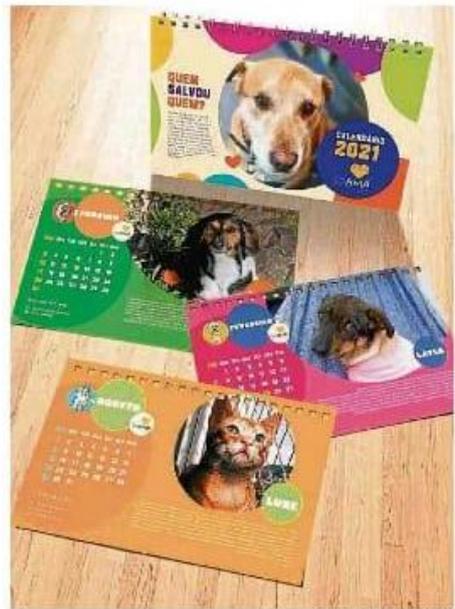
de atuação. Um viva à Zica Stockmans (foto), à galera da Tem Gente Teatrando e aos demais envolvidos na iniciativa!

## peludos na folhinha

Histórias de amor, solidariedade e troca, além de cliques de 13 peludos fotos recebem o calendário 2021 da Soama. As fotos e as histórias de adoção foram enviadas pelo público. Um exemplo é o Paçoca – esse viradão amarelo no topo da foto abaixo – que foi encontrado abandonado em um terreno baldio num dia de frio e chuva. Hoje, Paçoca é o “príncipe” da família de Sibelli Simon.

Os calendários já estão à

venda em Caxias nas lojas Tido em Grãos, na Personal Info, na Agropet Giordani, na Agropecuária Caxiense e na Tido em Rações. Também é possível encomendar pelo e-mail [soamasite@yahoo.com.br](mailto:soamasite@yahoo.com.br) ou [www.soama.org.br](http://www.soama.org.br). Cada um custa R\$ 10 e a renda obtida com as vendas será empregada nas ações preventivas da Soama, principalmente na campanha de castração gratuita de animais.



REPRODUÇÃO DIVULGAÇÃO

## veterano

Aos 89 anos, o veterano cineasta Ruy Guerra participou ontem do debate virtual sobre o filme *Aos Paços*, concorrente na mostra de longas brasileiros no Festival de Cinema de Gramado. A obra, filmada em preto e branco numa linguagem noir, é provavelmente a mais experimental entre as concorrentes. Com mais de 30 filmes em sua trajetória, Ruy falou sobre as dificuldades em escrever o roteiro:

– Durante seis meses, os personagens nunca me disseram nada. Eles nunca falavam comigo. Eu esperava seis meses e eles nunca me disseram p\* nenhuma – brincou.

## Ordovás Sunset

Mesmo ainda focado nas alternativas online por conta da pandemia, aos poucos o calendário de eventos da Secretaria da Cultura começa a apontar alguma retomada das atividades presenciais para os próximos meses em Caxias. Prova disso é o retorno do Ordovás Sunset, que prevê apresentações no Centro de Cultura Ordovás. Serão 15 shows, previstos para ocorrerem de dezembro de 2020 a março de 2021. A secretaria pondera que seguirá a recomendação das autoridades sanitárias quanto

à realização de eventos e que, em caso de impossibilidade de ações presenciais, a iniciativa poderá ser suspensa ou transferida.

As inscrições para artistas interessados em se apresentar no Ordovás Sunset estão abertas até o dia 16 de outubro, por meio do e-mail [centrocultura@caxias.rs.gov.br](mailto:centrocultura@caxias.rs.gov.br). A convocatória completa e a ficha de inscrição estão disponíveis em [caxias.rs.gov.br/servicos/cultura/centro-de-cultura-ordovas](http://caxias.rs.gov.br/servicos/cultura/). Os selecionados ganharão cachê artístico de R\$ 500.

# Programa-se

### Novelas

Os resumos são emitidos pelas emissoras e podem sofrer alterações dependendo da edição dos capítulos.

**MALHAÇÃO - RBS TV, 17h55min**  
Nestor e Dália partem de volta para Santos. Lita e Dêco discutem sobre as condições com Tonico. K1 sugere que K2 se apresente de Kyla para apagar suas desconfianças em relação a Lita.

**FLOR DO CARIBE - RBS TV, 18h35min**  
Aberto surge com Estor ao perceber que foi ela quem tirou a prisão de seus clientes. Cristal aceita em Cassiano e Duque a se esconderem até sua partida para o Brasil. Duque e Cassiano se distanciam como dançarinas para escapar dos capangas de Dom Rafael.

**TOTALMENTE DEMAIS - RBS TV, 19h35min**  
Dina pede a Carlinhos que não conte a ninguém que está de volta. Cassiano a desco-

bre que a mãe de Fabiano está grávida.

**CHIQUITITAS - SBT, 20h50min**  
José Ricardo e Junior chegam ao orfanato para a visita entre Carol, Ernestina e Cintia. Chico também voltará.

**JESUS - Record, 21h30min**  
Acelo pede desculpa pela grosseria de Barnabás. Abel se apresenta à Gabriela. João fica emocionado. Betadã, Aníquet, sobre sem Herodide e Salomé.

**A FORÇA DO QUERER - RBS TV, 21h35min**  
Ivana pede para mimar Sofia. Aurora discute com Rubinho. Bibi é assaltado no ônibus e acaba sofrendo um acidente. Cado Illegim Silveira em uma mesa de pôquer. Bibi não encontra Ruy no local marcado e decide ir atrás dele em Belém.

### TV Aberta

**8 RBS TV**  
04:00 Terra sem lei;  
06:00 Um dia de Grande;  
08:30 Um dia de Grande;  
10:00 Encontro com Filipe;  
10:50 Encontro com Filipe;  
12:55 O Dia da Manhã;  
13:25 Jornal Pico;  
15:00 Jornal; Brasil e o Mundo;  
16:40 Jornal da Manhã;  
18:25 Um dia de Grande;  
19:40 TV Notícias;  
19:40 Transmissão Brasil;  
20:30 Jornal Nacional;  
21:40 A Hora do Brasil;  
22:50 Hoje;  
24:25 No Brasil; Brasil e o Mundo;  
01:25 Jornal da Manhã;  
02:55 Jornal da Manhã;  
03:50 Jornal da Manhã;

**4 TV PAMPA**  
07:00 R\$ no Fogo;  
08:30 Pôde mas o S&K; Det;  
08:50 Múltiplos Casos; Det;

11:30 Proibidos e Indagados;  
12:00 Jornal da Manhã;  
16:15 Ugo; M&A;  
16:45 Proibidos e Indagados;  
17:45 Raul; Det; M&A;  
18:55 Jornal da Manhã;  
19:15 Jornal da Manhã;  
20:30 Jornal da Manhã;  
21:00 TV Fênix;  
22:45 Jornal da Manhã;  
23:00 Jornal da Manhã;

**5 SBT**  
06:00 Primeiro Trabalho;  
10:30 Um dia de Grande;  
11:00 Um dia de Grande;  
11:30 Um dia de Grande;  
12:00 Um dia de Grande;  
13:00 Um dia de Grande;  
13:30 Um dia de Grande;  
14:00 Um dia de Grande;  
14:30 Um dia de Grande;  
15:00 Um dia de Grande;  
15:30 Um dia de Grande;  
16:00 Um dia de Grande;  
16:30 Um dia de Grande;  
17:00 Um dia de Grande;  
17:30 Um dia de Grande;  
18:00 Um dia de Grande;  
18:30 Um dia de Grande;  
19:00 Um dia de Grande;  
19:30 Um dia de Grande;  
20:00 Um dia de Grande;  
20:30 Um dia de Grande;  
21:00 Um dia de Grande;  
21:30 Um dia de Grande;  
22:00 Um dia de Grande;  
22:30 Um dia de Grande;  
23:00 Um dia de Grande;  
23:30 Um dia de Grande;

18:00 Jornal da Manhã;  
18:30 Jornal da Manhã;  
19:00 Jornal da Manhã;  
19:30 Jornal da Manhã;  
20:00 Jornal da Manhã;  
20:30 Jornal da Manhã;  
21:00 Jornal da Manhã;  
21:30 Jornal da Manhã;  
22:00 Jornal da Manhã;  
22:30 Jornal da Manhã;  
23:00 Jornal da Manhã;  
23:30 Jornal da Manhã;

A notícia seguinte ocupa a capa do Almanaque e mais algumas páginas, dedicadas a contar um pouco da história da vida e da arte de cada contemplado, conforme Figura 9. Traremos dessas histórias no capítulo 5.

Figura 9 – Capa do Almanaque do Jornal Pioneiro (03 de outubro de 2020)



Fonte: Jornal Pioneiro (03 de outubro de 2020).

A idealização do edital Uno-me foi motivada pelo senso de solidariedade, mas também pela indignação frente ao descaso do Poder Público com os trabalhadores da arte. Contribuir, mas também chamar a atenção para o fato de que não era necessário muito investimento, mas que havia urgência na chegada deste auxílio às mãos de quem estava sem poder trabalhar, foram os seus principais objetivos. E estes objetivos foram cumpridos com a ajuda da imprensa local, na contramão do que é o padrão de informação. Segundo Maricato,

Uma intensa campanha publicitária leva uma ficção à população: o que se faz em território restrito e limitado ganha foros de universal. Os investimentos na periferia não contam para a dinâmica do poder político, como os próprios excluídos não contam para o mercado. E o que é mais trágico, a priorização das políticas sociais frequentemente não conta para os próprios excluídos cujas referências são a centralidade hegemônica (MARICATO, 2000, p. 166)

A ideia que Maricato traz sobre a ação da publicidade sobre a população e o pouco ou nenhum valor dado aos excluídos, pelo mercado, corresponde à realidade vivida no País. Temos indícios, contudo, de que a experiência do edital Uno-me, com relação à imprensa local, foi de outra ordem. Houve uma espécie de engajamento, potencializando a ação e dando visibilidade aos artistas. Esta solidariedade também apareceu em outras ocasiões, como em manifestações referentes à luta para que houvesse alguma ação de socorro aos trabalhadores da arte, por parte do poder público. Esta reivindicação se estendeu durante todo o ano de 2020 e parte de 2021, quando os primeiros recursos da Lei Aldir Blanc começaram a chegar aos artistas.

O edital Uno-me foi além dos seus objetivos iniciais, pois ainda estão acontecendo desdobramentos advindos desta ação. Alguns exemplos são a participação nos eventos artísticos e solidários promovidos pelos Favelecos – Teatro de Bonecos, participação na Batalha do Complexo (de que participei como jurada) e no Edital Ações nas Comunidades – CUFA (de que também participei como jurada), Garagem solidária, Oficina de artesanato e outros, dos quais trataremos no capítulo quatro. Esta pesquisa é outro desdobramento do edital Uno-me, assim como os projetos práticos que estão sendo construídos a partir dela. O que pudemos perceber, até aqui, é que a periferia tem grande potencial criativo e produção artística, mas muita carência de recursos financeiros para qualificar tecnicamente e fazer circular sua produção. Por isso, é tão importante que se investigue as relações entre estes artistas e o acesso às políticas culturais públicas, e quanto este investimento pode impactar outros setores da sociedade, como a segurança, a saúde e a educação, tópicos que serão discutidos nos capítulos seguintes.

### **3 ENTRELAÇAMENTOS DA ARTE, PERIFERIA E FOMENTOS**

Este trabalho diz respeito ao acesso aos fomentos públicos à cultura, por parte dos artistas moradores da periferia urbana de Caxias do Sul. Por isso, arte, periferia e fomento formam aqui, uma tríade que se entrelaça de tal forma que, apesar do esforço de colocar cada um destes elementos em um subcapítulo distinto, é inevitável que dialoguem entre si, respeitando a transversalidade dos temas. Neste terceiro capítulo, vamos abordar conceitos basilares do presente trabalho, contando com o embasamento teórico para relacionar com questões que atravessam estes conceitos, como decolonialidade, racismo, identitarismo e territorialidade. O primeiro subcapítulo falará da arte, arte pela arte, a arte a serviço de uma causa, a arte urgente (ligada à fome e ao medo) e uma breve distinção entre os termos arte e cultura e outros debates que contribuirão para contextualizar a arte a que este trabalho se refere. O segundo subcapítulo será dedicado às questões sobre o território conhecido como periferia urbana, entendendo minimamente que lugar é este, além do conceito de localização geográfica. Atentar para a complexidade da urbe, para além dos estigmas sociais pré estabelecidos, é nossa preocupação constante ao longo de toda a pesquisa. E para nos mantermos sob esta luz, alinhamos com pensamentos como este que nos traz Pesavento (2001, p. 14):

A cidade que se estrutura e se constrói não o faz somente pela materialidade de suas construções e pela execução de seus serviços públicos, intervindo nos espaços. Há um processo concomitante de construção de personagens, com estereotipia fixada por imagens e palavras que lhe dão sentido preciso. Os chamados indesejáveis, perigosos, turbulentos, marginais podem ser rechaçados e combatidos como inimigos internos, ou pelo contrário, podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre eles se silencia e se nega presença.

Entendemos que o papel do poder público é fundamental para o rompimento do ciclo de pobreza e equidade social, mas também temos consciência do lugar de onde falamos sobre este espaço e pessoas. Sujeitos brancos, acadêmicos, moradores de um suposto centro, racistas em desconstrução, como nós, têm também seu papel na luta contra o racismo estrutural e a decorrente desigualdade social. Porém ainda temos um longo caminho nesta desconstrução de estereótipos de pessoas perigosas, indesejáveis ou invisíveis, como diz Pesavento, inculcadas em nós através da história colonialista.

Na sequência, o terceiro subcapítulo discorrerá sobre políticas públicas e fomento a cultura, retomando os conceitos dos subcapítulos anteriores, cujo entrelaçamento dá sentido a

este estudo. Ilustraremos esta discussão com o caso de Medellín, na experiência de Jorge Melguizo e outros autores.

Entrelaçando os capítulos acima citados, faremos referência à decolonização do conhecimento, no sentido de valorização da pluralidade de saberes em contrapartida ao conhecimento eurocêntrico. Não se trata de contrapor os saberes canônicos, mas de evidenciar o fato de que as fronteiras de percepção, entendimento e ação de cada saber são reconhecidas no momento em que houver comparação entre os diversos saberes.

Boaventura de Sousa Santos coloca de forma muito elucidativa este pensamento:

O mundo da sociologia e das ciências sociais é hoje, em geral, mais intercultural, e certamente muito mais diverso. Penso que ganhamos com essa diversidade, não abandonando de modo nenhum o conhecimento dos autores canônicos, pois não é isso o que está em causa. Defendo a contextualização dos autores num enquadramento muito mais amplo para que possamos ficar mais conscientes de realidades que identificamos nas sociedades contemporâneas, mas que não conseguimos explicar. Não compreendemos estas realidades à luz dos nossos conceitos e teorias; quiçá se mudarmos de teoria ou de conceito sejamos capazes de as compreender. (SANTOS, 2018, p. 142)

Segundo ele, partindo dessa comparação, deverá ocorrer um ecologismo dos saberes como uma opção de teoria do conhecimento e da política, que levará à associação entre o saber científico (hegemônico) e os demais saberes, tais como, os dos afrodescendentes, dos indígenas dos camponeses entre outros, transmutando-se em experiências transformadoras que direcionam à elaboração de um projeto político pedagógico democrático em que os múltiplos conhecimentos e a ciência participem de modo igualitário. Dito isto, afirmamos a necessidade de decolonizar os saberes, posto que isto promoverá avanços significativos na conquista de direitos sociais, e o diálogo com outros campos de conhecimento. E mais que isto, estarmos cientes de que todos os nossos posicionamentos ou ausência deles, querendo ou não, são em favor de uns e contra outros, nos coloca a responsabilidade de buscarmos conhecer a história sob vários pontos de vista para podermos fazer escolhas do nosso lugar. Em *Pedagogia da Indignação*, Paulo Freire nos diz:

[...] O que não é possível é estar no mundo, com o mundo e os outros, indiferentes a uma certa compreensão de porque fazemos o que fazemos, a favor de que e de quem fazemos, de contra que e contra quem fazemos o que fazemos. O que não é possível é estar no mundo, com o mundo e com os outros, sem estar tocados por uma certa compreensão de nossa própria presença no mundo. Vale dizer, sem uma certa inteligência da História e de nosso papel nela (FREIRE, 2000, p. 125).

Compactuamos com a ideia de Freire, sobre conhecer o nosso papel no mundo e através do exercício constante e coletivo de busca, troca, escuta, fala, ação, decisão, valorização, transgressão, rupturas, sonhos e constante exercício de atenção para a desconstrução de termos, ideias e ações que tenham chegado a nós por força do hábito e normatização da cultura hegemônica e que não correspondem aos nossos ideais.

Uma vez atentos a estes marcadores, nos transformamos em agentes de transformação das relações de soberania e dominação dos incentivos públicos ao fomento cultural, em defesa dos grupos, aos quais, os meios oficiais de produção da cultura são inacessíveis. Outro ponto importante em direção a transformação sócio cultural é promover a aproximação da pesquisa acadêmica às práticas e saberes populares, como uma via de mão dupla, para a hibridização e flexibilização das visões de mundo e do conhecimento, bem como para construir soluções práticas e cabíveis à questões urgentes como a fome, a crise da educação e infraestrutura básica que assola grande parte da população do país. Este trabalho alinha com esta visão, recortando para os fomentos públicos, se valendo do aporte teórico de Boal, Freire, Santos, entre outros autores. Este e os próximos capítulos estarão comprometidos com o exercício da escuta, o registro das vozes e a análise dos depoimentos dos agentes culturais sobre o seu acesso aos editais de fomento.

### 3.1 ARTE, IDENTIDADE E DECOLONIZAÇÃO

A arte de um povo faz parte de sua cultura, mas a cultura de um povo não se restringe a sua arte. Significa mais. Segundo Bosi (1992, p. 319), o termo cultura refere-se ao “[...]conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social” e não deve estar atrelado a um conceito restrito, que se refere à cultura apenas como a produção escrita nas instituições de ensino e pesquisa superiores. A arte, portanto, está incluída como um desses modos de “ser, viver, pensar e falar”. Edward B. Tylor (1911, p. 498) definiu cultura como "todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Este conceito, mesmo genérico, dá conta de grande parte do que se entende por cultura na modernidade, mas o viés evolucionista de Tylor, não é consenso. Geertz Clifford (2008, p. 4) tem um modo peculiar de chamar esta linha de tentativa de conceituar cultura:

[...] pantanal conceptual para o qual pode conduzir a espécie de teorização pot-au-feu tyloriana sobre cultura é evidente naquela que ainda é uma das melhores introduções gerais à antropologia, o *Mirror for Man*, de Clyde Kluckhohn. Em cerca de vinte e sete páginas do seu capítulo sobre o conceito, Kluckhohn conseguiu definir a cultura como: (1) "o modo de vida global de um povo"; (2) "o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo"; (3) "uma forma de pensar, sentir e acreditar"; (4) "uma abstração do comportamento"; (5) "uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente"; (6) "um celeiro de aprendizagem em comum"; (7) "um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes"; (8) "comportamento aprendido"; (9) "um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento"; (10) "um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens"; (11) "um precipitado da história", e voltando-se, talvez em desespero, para as comparações, como um mapa, como uma peneira e como uma matriz.

Clifford também tem um ponto de vista sobre o discurso sobre a arte, que descreve um pouco como nos sentimos diante do desafio deste subcapítulo. Ele diz, em seu ensaio “A Arte Como Sistema Cultural”, que, ao nos depararmos com uma obra de arte, sentimos que estamos diante de algo importante e tentamos expressar, em palavras, o nosso sentimento, mas as palavras soam vazias e falsas ao falar de arte. “É quando não somos capazes de falar, devemos ficar em silêncio” (CLIFFORD, 2008, p. 34). O autor afirma que é esta mesma ausência de palavras, para descrever uma obra de arte, faz com que seja tão importante discutir sobre ela. Mesmo imbuídos deste sentimento, vamos nos aventurar, tecendo algumas discussões acerca da arte e, por este caminho, construir um recorte sobre o que analisamos neste trabalho. É imprescindível que se faça isto antes de avançarmos, para que se estabeleçam algumas convenções, pois vamos nos debruçar sobre depoimentos de artistas e, conseqüentemente, de sua arte e visão de mundo. Neste sentido, antes que recaia algum julgamento de valor ou tentativa de classificação, a partir de critérios canônicos, é bom trazermos à luz diferentes olhares para a diversidade dessas produções. Não se trata de perseguirmos um conceito de arte, mas de entendermos as relações de quem detém o poder sobre a definição e classificação do que é e do que deixa de ser arte, e quais os interesses mantenedores desse poder.

Para que não nos percamos, na vastidão de construções e desconstruções de teorias sobre o assunto, tracemos um caminho que inicia no debate sobre a sua função ou ausência dela, até chegarmos na arte que nasce e matura neste território específico: a periferia urbana de Caxias do Sul. Neste caminho de reconhecimento, passaremos por ideias de decolonização e pluralidade, sem negar a importância dos cânones. Inclusive, é a eles, pensadores pertinentes a este debate que já atravessa séculos, que recorreremos, para falar sobre a relatividade dos conceitos de arte.

Podemos usar o exemplo da dissidência de dois grandes filósofos sobre o assunto: Platão, para quem beleza existe em si mesma, independente do julgamento humano, e as obras de arte, que imitam a natureza, afastam o homem da real beleza; e Aristóteles, que pensa a arte como criação humana. Para o pensador, isto ocorre de tal modo que o belo não pode ser desligado do homem, pois é fabricado por ele e pode completar a natureza. Estas discussões atravessaram séculos e nos deixaram a herança da grande valorização de obras realistas, em detrimento de outras formas de expressão, pensamento reproduzido por alguns até os dias de hoje. Vale dizer, contudo, que a arte não é estática. Graças às suas transformações históricas, artistas e pensadores ressignificam constantemente o seu conceito. Sociólogos, historiadores e antropólogos têm utilizado esses conhecimentos, para entender as diferentes sociedades e culturas e, em contrapartida, nos ajudam a compreender como chegamos ao presente momento da arte e quais mudanças ocorreram ou precisam ser promovidas, no que se refere ao reconhecimento da diversidade e à inclusão de linguagens, tidas como populares no rol das artes. Vale destacar que os estudos avançam; porém, o próprio pensamento de análise é sujeito à cultura a qual pertence. Isto significa reconhecer que há uma tendência à linearização crescente, no processo de transformações e de estudo evolução da arte, ou seja, que a parcela da nossa arte que tem sido reconhecida como a arte é a produzida pelo do conquistador/colonizador contemporâneo, que é tida como superior. Lembramos, aqui, que o termo “artesanato” é cunhado pelos europeus para se referirem às artes populares, consideradas inferiores ao pensamento das ‘belas artes’ europeias.

Não temos a intenção, com este trabalho, de questionar o grande valor de grandes mestres, como Michelangelo, por exemplo, da mesma forma que não questionamos a genialidade da obra de Picasso, a arte conceitual de Amilcar de Castro ou a “Artist’s Shit” (Merda de Artista - 1961) de Piero Manzoni. Precisamos considerar, no entanto, que a história da arte nacional, por vezes, tem como base o pensamento europeu, desconsiderando o fato de que, antes de o país ser colonizado, já era povoado por uma civilização, com sua própria história, cultura e arte. Além disso, o povo escravizado, trazido para o Brasil por estes mesmos colonizadores, também trouxe consigo sua arte e cultura. Estas culturas e suas manifestações artísticas foram subjugadas pelos brancos recém-chegados, como demonstração de poder e controle, sobre os povos originários e sobre os que vieram depois e foram escravizados. Esta influência culminou quando, no início do século dezenove, a corte portuguesa se instalou no país e elegeu o neoclassicismo como arte oficial, sobrepondo-se ou destituindo outras manifestações artísticas, com a criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

Desde o século XIX, a Independência já provocava manifestações artísticas de cunho nacionalista, mas foi no início do século XX que se deu um dos mais importantes movimentos de ruptura: a Semana de Arte Moderna de 22. Aconteceu em São Paulo e teve como principais agentes: Anita Malfatti, Vila Lobos e Vicente do Rêgo. Tarsila do Amaral não esteve presente na Semana de Arte de 22, pois estava em Paris, porém fez parte do movimento modernista brasileiro e, posteriormente, do movimento antropofágico. O movimento propôs uma mudança estética radical, rompendo com a arte acadêmica da época, abrindo espaço para novas escolas, como o dadaísmo, o cubismo e o surrealismo. Este movimento é conhecido como o início do Modernismo Brasileiro, mesmo que se reconheça a forte influência do pensamento europeu. Classificamos como Pré-Modernismo, o período que antecede a Semana de 22, onde já existia uma necessidade de reconhecer o real Brasil (DAMBRÓS, conversa em 04 de set. de 2021).

Vale ressaltar que a arte moderna e suas respectivas manifestações tiveram seu surgimento na Europa, em finais do século XIX e perduraram até meados do século XX, quando cessou a Segunda Grande guerra. O modernismo desencadeou várias correntes artísticas, que se configuram em demonstrações inovadoras da arte, sendo a principal causa das grandes transformações nos modos de expressão e também de compreensão da arte. A Pop Art, por exemplo, foi um movimento americano pós-moderno, que influenciou o Brasil, trabalhava com a ideia da reprodução de produtos de consumo, como uma crítica ao capitalismo e a cultura de massa, propagados pelos Estados Unidos como imposição cultural e econômica. Ela se contrapõe ao movimento do expressionismo abstrato de Jackson Pollock que trazia uma carga emocional muito forte no pós-guerra. (DAMBRÓS, conversa em 22 de abr. de 2022).

Voltando ao modernismo, surgiram vários grupos no Brasil, em concordância com este movimento. É o caso do Pau-Brasil, fundado por Oswald de Andrade, que propunha um olhar do brasileiro para o Brasil, apesar das influências europeias; o Verde Amarelismo, formado por Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, em 1926, que surgiu para contrapor o movimento Pau Brasil, defendia os elementos nacionais sem qualquer influência europeia e deu origem à Escola da Anta; o Antropófago, uma parceria Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Raul Bopp, foi um manifesto que surgiu em 1928, como nova resposta às duas correntes (Verde Amarelismo e Escola da Anta), pregando a aceitação da cultura estrangeira, mas sem copiar e imitar. Esta cultura deveria ser absorvida pela brasileira, que colocaria na arte a representação da realidade do Brasil e do elemento popular, valorizando as riquezas nacionais. As ideias, por vezes antagônicas, tinham um

propósito comum: questionar a arte posta como dominante, propor o experimentalismo e novos processos criativos, gerando novas estéticas nacionais.

As guerras levaram à produção artística para a urgência de novos caminhos que dessem vazão à pressão e ao cultivo da morte. Nestes períodos de medo e de incertezas de futuro, que recaem sobre o coletivo, à arte cabe uma função de sobrevivência, de ser o espaço de respiro e resgate da sanidade. Não podemos deixar de relacionar esta fala ao período pandêmico e político que estamos atravessando, sobretudo no Brasil, onde somado à pandemia, vivemos um momento político de negação à ciência, às artes e aos direitos humanos. A arte tem aberto espaços de ‘respiros de vida’, para que se resista à travessia.

Portanto, o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, produziu marcas profundas em várias áreas e, também, na arte. Os desafios econômicos no novo cenário geopolítico, pós-grandes guerras, direcionaram o mundo para a busca desenfreada de novos mercados, com os Estados Unidos buscando manter a liderança na Guerra Fria e a conquista de consumidores para seus produtos. Isso desencadeou processos que levaram à globalização, ao surgimento de novas mídias e tecnologias e, conseqüentemente, à ampliação da cultura de massa.

A arte passou por mais um significativo processo de mudança: artistas e pensadores da arte começaram a valorizar mais os processos criativos e menos o objeto como produto artístico, considerando que a ideia transforma mais que a imagem que resulta dela. Não se pode afirmar que esse processo tenha sido o fim do Modernismo. Consideramos que está mais para uma transmutação, um prolongamento de uns e a transgressão de outros aspectos do pensamento modernista. Temos, de fato, uma maturação do moderno, para o que passamos a chamar de contemporâneo, pós-moderno ou modernidade tardia. Destacamos, nesse sentido, a emergência de vanguardas, numa lógica de explosão expressiva, que direcionou para a multiplicidade, pluralidade, em contraponto à tendência de padronização homogeneizante da lógica industrial capitalística do pós-guerra. A segunda Guerra Mundial causou a mudança do eixo cultural hegemônico da Europa para os Estados Unidos. Ou seja, artistas pensadores e filósofos, fugindo da guerra, refugiaram-se nos EUA. A ideia de um novo mundo, ainda presente, longe do velho que trazia a guerra, fez com que o *American Way of Life* fosse o estilo predominante nas artes e no pensamento cultural.

Antes de seguir, vamos propor uma breve reflexão sobre o fato de que estas vanguardas, das quais acabamos de falar, surgiram na história das artes, em períodos marcados por guerras e crises na saúde pública (movimentos como o expressionismo e o dadaísmo surgem no período da gripe espanhola, antes e durante a Primeira Guerra Mundial). Não poderia ser diferente, supondo que a arte é uma manifestação do ser humano e sua

relação com o mundo em processos de agenciamento de vida, e a guerra é justamente o contrário. A pressão da guerra obriga o acionamento de exercícios de sobrevivência, buscando ‘avançar apesar de’, ‘*avant garde*’ (substantivo feminino, do francês que significa estar na frente, à dianteira de um movimento), ou seja, vanguarda. Assim, também neste sentido, podemos considerar que o subúrbio das cidades brasileiras vive em estado de guerra constante, não só em função da fome e da falta de saneamento básico, mas pela frequente troca de tiros e mortes de jovens, tanto pela mão das facções criminosas, quanto pela ação da polícia, atingindo números que mais parecem estatísticas de guerra<sup>8</sup>. Diante disso, surge a pergunta: a música do gueto, a literatura das ruas, o muro grafitado, este grito por visibilidade, por equidade social, a transgressão da linguagem formal, a estética da periferia, não seria o desabrochar de uma nova vanguarda, ‘*avant-garde*’, forjada pelo estreitamento das possibilidades, pela sobrevivência, pelo medo, fome e raiva, sentimentos inerentes à guerra?

Cabe aqui, abriremos parênteses para a teoria da expressão de Robin George Collingwood, filósofo britânico, defende a ideia de que o artista não tem controle sobre o que sua arte produzirá em si mesmo e no outro. Ele utiliza o termo *ampliação da consciência emocional*, como efeito provável da arte no artista e no espectador. Nas palavras dele:

O artista deve ser um profeta, não no sentido de prever coisas que virão, mas no sentido de que ele conta à sua audiência, sob o risco de desagradá-la, os segredos de seus próprios corações. A razão pela qual ela precisa dele é que nenhuma comunidade conhece o seu próprio coração; e por falhar em conhecê-lo, uma comunidade engana-se a si mesma sobre uma matéria em relação a qual a ignorância significa morte... A arte é a medicina comunitária para a pior doença da mente, que é a corrupção da consciência (COLLINGWOOD, 2008, p. 336).

Podemos relacionar o pensamento de Collingwood, sobre a arte como medicina comunitária, para a restauração da consciência, com a arte das ruas a que fizemos referência,

---

<sup>8</sup> Os dados falam por si. Segundo informações do IPEA, foram 43.892 mortes violentas em 2020, destas, aproximadamente 75% eram negros. Segundo IPEA. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/213/atlas-da-violencia-2021-principais-resultados>. Acesso em: 05 de jan de 2022. Em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. Em outras palavras, no último ano, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras. Da mesma forma, as mulheres negras representaram 66,0% do total de mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 4,1, em comparação a taxa de 2,5 para mulheres não negras. G1.GLOBO. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2021/02/12/brasil-tem-aumento-de-5percent-nos-assassinatos-em-2020-ano-marcado-pela-pandemia-do-novo-coronavirus-alta-e-puxada-pela-regiao-nordeste.ghtml>. Acesso em: 22 de abr. de 2022.

no sentido de trazer o espectador à consciência de si: uma arte que expressa o que o coletivo ainda não reconhece como seu ('avançar apesar de').

Retomando a reflexão sobre as transformações da arte, temos o período em que estudiosos europeus defendiam a valorização da arte pela forma, utilizando os conhecidos critérios de validação da obra: harmonia, equilíbrio, ritmo e unidade. Este período da valorização da forma corresponde ao academicismo europeu do século XIX, representado, em sua magnitude, pelos salões de arte franceses. Estes seguem até os dias de hoje, mas perdem sua capacidade de validação artística no início do século XX, devido à insistência impressionista e pós-impressionista. Napoleão III, querendo evitar novas revoluções em Paris, reformou a cidade e abriu espaço para que artistas rejeitados pelo salão parisiense pudessem expor, criando chamado salão dos refutados.

Chega a vez da arte abstrata, nesta nossa reflexão. Aqui é o espectador que dá significado à obra, a partir da sua experiência estética, não importando o seu contexto ou pretense conteúdo. Wassily Kandinsky (1866-1944) foi o primeiro artista a criar arte abstrata, como a conhecemos. Ele tentou destruir a forma e, ao mesmo tempo, conectar as manifestações artísticas, criando cores que possuem sons e imaginando gestos que possuem cores. Suas obras são estudos pictóricos dessa conectividade. Isso significou uma quebra de limites entre as manifestações artísticas. Em pleno século XX, George Dickie (1926 - 2020) passou a defender a ideia de que o conceito de arte cabe às instituições às quais ela é vinculada. Esta tentativa de classificação por autoridade também não contava com critérios definidos e acabou por provocar importantes questionamentos em torno do próprio conceito de fronteiras da arte, pelos artistas.

Aqui precisamos citar Duchamp (1887-1968) e sua icônica obra "a Fonte" – um mictório invertido, assinado e datado, apresentado, em 1917, ao Salão dos Artistas Independentes de Nova Iorque, imediatamente rejeitada pelos integrantes da comissão. Vale ressaltar que esse salão havia sido criado justamente para que qualquer artista, mediante o pagamento de dois dólares, pudesse apresentar suas obras, sem medo das rígidas regras acadêmicas. Apesar disso, nem mesmo eles puderam aceitar a obra de Duchamp - assinada com o pseudônimo de R-mutt. A obra nunca foi exposta em público e acredita-se que tenha sido destruída. Sua ideia viveu por conta de uma fotografia tirada dela. Hoje existem 15 cópias dela em museus europeus. (GOMPERTZ, 2012). Até hoje "A Fonte" é literalmente fonte de questionamentos em torno do que é arte, quem valida e quais os critérios, ou ainda: se é possível fazer esta distinção. Duchamp desafiou os padrões hegemônicos da arte de sua

época e abriu caminho para a arte conceitual. Estas rupturas acabam por redesenhar a história e desconstruir os conceitos estabelecidos.

De acordo com o filósofo estadunidense Morris Weitz (2007), não é possível definir arte, por conta do amplo espectro de manifestações artísticas existentes. Do clássico ao digital, da ópera ao teatro invisível, como seria possível definir algo que é tão diverso quanto é diverso o ser humano? Nas palavras de Weitz: “o próprio caráter expansivo e aventureiro da arte, as suas mutações e criações inovadoras, sempre presentes, tornam logicamente impossível assegurar qualquer conjunto de propriedades definidoras”. (WEITZ, 2007, p. 71)

O filósofo contemporâneo Weitz (2007) defende um conceito aberto de arte, para evitar o esgotamento teórico e olhares unilaterais em detrimento da pluralidade. Este pensamento é bastante coerente com a proposta desta pesquisa, uma vez que estamos questionando a curadoria hegemônica de matriz europeia, que acaba por excluir toda e qualquer forma de arte que não corresponda aos seus critérios institucionais. Exemplificando: poesia marginal e batalha de rima não são conhecidas pela maioria da população das cidades. Há discriminação, a começar pela estética, pelos artistas e pelas obras, por parte da chamada população do centro (sendo centro urbano, centro de ideias e de regras sociais). Essa discriminação se estende pela variação linguística, conteúdo de sua arte. Vale ressaltar, ainda, que atualmente acontece uma espécie de ‘*gourmetização*’ destes movimentos, pela mídia, mas é comum que as Batalhas da Estação e outras manifestações, que acontecem na área mais central de Caxias do Sul, como a Estação Férrea e a Praça do Trem, sejam dispersadas pela polícia. Essa ‘*gourmetização*’ é um reflexo do esgotamento do capitalismo em relação ao clássico. Vemos isso no resgate de artistas mulheres nos últimos dez anos. São coisas “novas” para o olhar desatento e faminto por consumir “artes novas”.

Depois desta incursão pelo moderno e contemporâneo<sup>9</sup>, pelo olhar de pensadores europeus e estadunidenses, devemos voltar a falar da arte nacional, buscando exercitar a decolonização do pensamento, de que faremos na sequência desta seção. A começar por uma breve passagem pela história da arte brasileira (pré-colonial). Este trecho elaborado pela equipe de curadoria de conteúdo do Portal Educação, sobre o assunto, é interessante, por ser sucinto e ilustrativo:

As formas artísticas mais antigas foram encontradas no Piauí, são pinturas rupestres e têm cerca de 15.000 anos. Pesquisas confirmam vários registros de formas de arte na pré-

---

<sup>9</sup> Em tempo: arte contemporânea é desenvolvida depois de 1945, também caracterizada pela valorização do pensamento sobre a técnica, embora cada década tenha trazido suas questões históricas, como o resgate do figurativo no pós 11 de setembro.

história brasileira. Na Paraíba foram encontradas pinturas com 11.000 anos. Em Minas Gerais, existem registros de arte rupestre que se destacam pelos seus raros desenhos em formas geométricas, datados entre 2.000 e 10.000 anos atrás. Utilizava-se também ossos, argila, pedra e chifres para a produção de objetos utilitários e cerimoniais, demonstrando uma preocupação com a estética. Já a arte indígena se destaca principalmente na região amazônica onde fabricavam objetos de enfeite e de cerâmica, se destacando os vasos antropomorfos e zoomorfos, e as estatuetas de terracota. Vale apontar também a produção de cerâmica da costa maranhense e do litoral baiano. Outras formas de arte indígena foram e ainda são: a pintura corporal, a arte plumária e os trançados. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2022)

Sobre os capítulos da história que vêm em seguida, já começamos a falar anteriormente, mas vamos lembrar: a chegada dos portugueses, a escravidão, o apagamento histórico, cultural e artístico dos povos originários e dos estrangeiros sequestrados e escravizados, o acultramento dos mesmos pelos colonizadores europeus, a chegada da corte portuguesa e, com ela, o ensino acadêmico da arte neoclassicista para sacramentar a ideia de superioridade do conhecimento hegemônico.

Feita a retomada do assunto, vale observar que, mesmo os movimentos de ruptura que vieram na sequência, e que foram citados anteriormente - como a Semana de 22 - não foram exatamente movimentos populares, pois sofreram forte influência das vanguardas (incluindo a origem do termo: do francês '*avant-garde*') europeias e foram financiados pela burguesia e protagonizadas por artistas pertencentes a classes privilegiadas, que podiam viajar e estudar no exterior.

Voltando à suposição de que atualmente pode estar emergindo das periferias urbanas brasileiras um significativo movimento transgressor, que coloque em cheque o sistema vigente de valoração da arte, é provável que esse movimento também tenha sua origem em movimentos importados, como a cultura *Hip Hop*, oriunda da periferia de Nova York; os *Poetry Slams*, surgidos em Chicago, Estados Unidos. A diferença é que, mesmo estrangeiros, são originários de territórios que comungam de características comuns: a periferia urbana. Este movimento, que já mostra seu potencial de resistência, resgate histórico e reconhecimento identitário, também não seria genuinamente brasileiro, mas pertenceria a outro tipo de nação, a favela global. Se este potencial vai evoluir para um movimento artístico significativo, só os futuros capítulos da história dirão. Em contraponto, vale lembrar que o samba é um produto inteiramente nacional, patrimônio imaterial, que surge das rodas de batuque religiosas dos escravos. Importante ressaltar que, em sua origem, era totalmente periférico, marginalizado e muitas vezes considerado ilegal.

Abordamos a mutabilidade dos conceitos e ficou claro que a classificação de arte que serve para um grupo, não necessariamente serve para outro. A arte será lida com interpretações diferentes, de acordo com a cultura e o tempo que a observar. Vale ressaltar o trabalho do Masp, que tem trazido exposições com temáticas diversas ao longo dos anos, propondo outras histórias da arte que não a europeia colonial. Eles entendem que existem “histórias da arte” diversas, a partir dos diferentes olhares e culturas.

Agora podemos passar para as questões em torno da função e utilidade da arte, que não são menos diversas. Faremos este trajeto, sem perder de vista a ideia de que a arte e o que se fala, escreve, teoriza sobre ela são coisas distintas. Assim como existe distinção em relação ao que sentimos, interpretamos ou transformamos a partir da arte e também dos seus efeitos sobre a vida e a visão de mundo, de quem a produz ou consome. Dito isso, vêm as perguntas: a arte a que nos referimos aqui tem utilidade? Tem função?

Para iniciar, trazemos esta fala de Diaz (2022)

*“A arte não tem utilidade; possui, no entanto, clara função: inserção estética e qualificação dos sentidos (ou seja, nossa capacidade sensorial). Ela flexibiliza, esgarça o tecido de nossas gramáticas e padrões normativos, a fim de nos aproximarmos um pouco mais de um Real incomunicável. Utilidade tem um porta-copos, uma tampa de caneta. Arte tem função; e esta é uma função social”.*

Concordamos com Diaz, quando diz que a arte promove o esgarçamento de fronteiras da normatividade e, para além da função estética, está estreitamente relacionada aos sentimentos e vivências de indivíduos que, por sua vez, refletem as realidades em que estão inseridos. Portanto, faz-se necessário considerar a sua importância no estudo das transformações que caracterizam história e cultura de dada sociedade, convertendo-se em reflexo da cultura traduzida e questionada pelo artista e sua obra. Também não podemos ignorar seu conteúdo ideológico e político, uma vez que a arte nos conduz à reflexão sobre a realidade ao seu entorno.

Ao longo desta pesquisa, identificamos a presença desta função junto aos artistas e lideranças das comunidades periféricas, através de suas histórias de vida, onde a arte promoveu transformações e emergiu a recorrente afirmação “a arte salva”. Em muitas das conversas informais, testemunhamos a presença desta e de outras afirmações similares e até poéticas, que reforçam essa função com efeitos sociais, políticos e de fortalecimento identitário. Como exemplo, pode ser mencionada a frase de Patrick Duarte, rapper caxiense:

*“a arte é água que apaga o fogo da violência”* (CONVERSA em 12 julho de 2020), ou do Mano Natu rapper caxiense:

*“a arte é como o ar que eu respiro, cara... é como meu coração batendo. Eu acho que se parar de bater, meu corpo não tem significado nenhum... quando eu digo arte, eu não falo hip hop eu falo do contexto geral que abrange todos os patamares, a arte na vida do ser humano...” Mano Natu (CONVERSA em 11 de maio de 2020).*

Portanto, para darmos sequência ao que este trabalho propõe, será necessário nos aproximarmos de teóricos alinhados a esse olhar, como, por exemplo, o brasileiro Augusto Boal (1931-2009), reconhecido dramaturgo da América Latina, que sempre defendeu o teatro como instrumento de transformação política e social. O Teatro do Oprimido, com seus desdobramentos - Teatro Político, Teatro Imagem, Teatro Jornal, Teatro Invisível – transformou-o em uma referência mundial. Contrapondo a todas as ideias canônicas sobre arte, Boal atribuiu, além de uma função, uma forma carregada de significados e, porque não dizer, de concretude. Para ele, o teatro é uma arma. Uma arma muito eficiente:

[...] temos que repudiar a ideia de que existe uma só estética, soberana, à qual estamos submetidos — tal atitude seria nossa rendição ao pensamento único, à ditadura da palavra — e que, como sabemos, é ambígua. O pensamento sensível, que produz arte e cultura, é essencial para a libertação dos oprimidos, amplia e aprofunda sua capacidade de conhecer. Só com cidadãos que, por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem), se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la, só assim surgirá, um dia, uma real democracia (BOAL, 2009, p. 16).

Múltiplas vozes, ao longo da pesquisa, fazem coro a Boal. Aqui um comentário, de um dos artistas colaboradores:

*“A arte na perifa sussurra. Já o crack grita no ouvido da mulecada. Tenho fé nas crianças, mais não tenho fé que vou conseguir ajudar...” Patrick Duarte (CONVERSA em 23 março de 2022).*

Boal, por sua vez, tomou como inspiração para seu trabalho Bertold Brecht (1898-1956), um dos maiores dramaturgos do século XX, que defendia que a única arte que interessa é aquela que tem compromisso político e aponta para os males da sociedade. Ele fazia o que hoje chamamos de arte engajada e criou obras-primas, como a Ópera dos Três Vinténs e Mãe Coragem. Estas obras se mantêm atuais e sua crítica social e política (infelizmente) ainda representa jogos de poder e injustiças sociais contemporâneas. Portanto, consideramos as contribuições de Boal e Brecht como relevantes para nosso trabalho, pois a atuação de ambos,

embora em tempos e espaços diversos, teve como objetivo primordial o de elucidar e atuar sobre as problemáticas questões políticas e sociais.

Há que ressaltar que o legado de ambos, comprometidos e envolvidos em seus respectivos contextos históricos, representa faróis de conhecimento para a arte da atualidade, pois provoca debate sobre as reais causas das crises econômicas, sociais e políticas. E se à arte cabe essa função transformadora, que efeito teria um maior investimento, direcionado a sua produção e circulação nesses espaços de precariedade econômica? A arte operaria efeitos de cura dos problemas de segurança, saúde e educação, no território periférico? Influenciaria no cenário do tráfico de drogas e guerra de facções criminosas, por exemplo? Lembramos que o tráfico, por vezes, a é única alternativa responsável por prover o sustento de parte desta população, bem como por promover grande parte de sua aniquilação.

Esta transversalidade será detalhada na última seção deste capítulo. Por ora, seguiremos relacionando outros aspectos da arte ‘periférica’, como, por exemplo, a estética. Mesmo o conceito de arte tendo passado por constantes modificações ao longo da história, em função de variáveis da sua origem, desde o período histórico, a localização geográfica e os fatores culturais, a civilização ocidental ainda se encontra muito pautada por classificações herméticas, como arte alta e baixa; arte maior e menor; o belo (hegemônico) em oposição aos movimentos contemporâneos de pluralização do conhecimento e diversidade das manifestações artísticas.

As reflexões aqui nos põem de volta diante da pergunta: quem define ou classifica o que é e o que deixa de ser arte? E quais os interesses mantenedores desta curadoria? Conforme já foi dito, trataremos esta discussão, atentos ao persistente conceito do belo hegemônico, herança estética da colonização do patriarcado branco europeu. Podemos fazer uma relação entre a classificação e a hierarquia, com as falas de Tomaz Tadeu da Silva:

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. [...] Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2014, p. 81).

Quando Silva diz que identidade e a diferença não são inocentes, podemos entender que hierarquizar e atribuir valores diferentes a determinados grupos são formas de defender e manter privilégios. Para contribuir com esta construção, a informação a seguir se faz necessária: os artistas que colaboram com este trabalho, em sua maioria, constituem um grupo

étnico específico (negros), que habita um território específico (favela). Veremos, no próximo subcapítulo, que estes fatos nada têm de coincidência, que vários fatores estruturaram a segregação para a margem da urbe e que agora estes artistas (da periferia, da margem, da rua, da quebrada, da laje...) carregam uma designação de espaço e uma série de outras características, para que possam ser classificados a partir do padrão hegemônico (branco). Vamos retomar este assunto no capítulo quatro, pois o trabalho se propõe a investigar os fatores que determinam a aproximação ou o afastamento dos mecanismos de fomento, por parte dos sujeitos da pesquisa, e esses tópicos parecem ser determinantes para o debate. Agora vamos abrir parênteses para contextualizar o que entendemos por brancos (branquitude) e negros (negritude) neste trabalho, pois fica evidente que esta questão atravessa o debate sobre arte, acesso e território. Faremos através das palavras de Grada Kilomba:

Branco não é uma cor. Branco é uma definição política que representa históricos privilégios sociais e políticos de certo grupo que tem acessos às estruturas dominantes e instituições da sociedade. Branquitude representa a realidade e história de certo grupo. Quando nós falamos sobre o que significa ser branco, então falamos sobre políticas e absolutamente não sobre biologia. Assim como Negro corresponde a uma identidade política que se refere à historicidade das relações políticas e sociais, não à biologia (GRADA KILOMBA, 2021).

No contexto em que Kilomba diz que Branco é uma definição política, entendemos que ela não está fechando sua afirmação, em duas categorias biológicas absolutas, onde todos os brancos são privilegiados e todos os pretos não o são. Nossa interpretação desta fala se refere às relações políticas e sociais, que, ao longo da história, construíram o que Sílvio Almeida nomeou, em seu livro homônimo, de Racismo Estrutural. E podemos aprofundar um pouco mais este olhar, acrescentando a hierarquização destas identidades políticas e culturais, mais alguns fatores que poderão atuar sobre a democratização na distribuição das verbas de editais de fomento à cultura. Por exemplo, Tomaz Tadeu da Silva (2014) faz uma reflexão sobre reconhecimento identitário, questionando a relação entre biologia e hierarquização:

Embora aparentemente baseadas em argumentos biológicos, as tentativas de fixação da identidade que apelam para a natureza não são menos culturais. Basear a inferiorização das mulheres ou de certos grupos "raciais" ou étnicos nalguma suposta característica natural ou biológica não é simplesmente um erro "científico", mas a demonstração da imposição de uma eloquente grade cultural sobre uma natureza que, em si mesma, é - culturalmente falando - silenciosa. As chamadas interpretações biológicas são, antes de serem biológicas, interpretações, isto é, elas não são mais do que a imposição de uma matriz de significação sobre uma matéria que, sem elas, não tem qualquer significado... Todos os essencialismos nascem do movimento de fixação que caracteriza o processo de produção da identidade e da diferença. (SILVA, 2014, p. 86)

Com esta ideia, Silva reforça a necessidade de nos mantermos atentos neste caminho, para não reproduzirmos “interpretações” que são imposições culturais não científicas (e às vezes científicas, como o racismo científico do século XIX). Seguindo, abordemos essas armadilhas de fortalecimento de estereótipos, além das questões étnicas; tratemos um pouco sobre o patriarcado. Para resumir, podemos utilizar a mesma linha de pensamento anterior: é menos uma generalização dos sujeitos hétero normativos, e mais uma definição política, que confere poder de decisão e suposta superioridade aos homens brancos, cuja orientação de gênero é binária. Eleitos como “normais” e “biologicamente superiores” servem de parâmetro para que todas as outras identidades sejam classificadas como inferiores ou anormais. Teresa Lauretis (1994) faz sua crítica à limitação do conceito de “diferenças sexuais”, alertando para as armadilhas de se universalizar e generalizar. Ela afirma: “a primeira limitação do conceito de “diferença(s) sexual(ais)”, portanto, é que ele confina o pensamento crítico feminista ao arcabouço conceitual de uma oposição universal do sexo (a mulher como diferença do homem, com ambos universalizados)” (LAURETIS, 1994, p. 207).

Portanto, estamos pautando a discussão nessa definição política de poder conferido a essa identidade arbitrariamente eleita, mais do que sobre as questões de gênero e seus desdobramentos.

Voltando a Silva (2000, p. 83): “Normalizar significa eleger arbitrariamente uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas”. E, tentando responder como esta normatividade singular se mantém no poder, usamos a inusitada resposta de Silva: pelo medo. Medo do colonizador perder sua referência de superioridade em relação ao outro, inferior segundo o seu parâmetro. Medo de que o seu privilégio se estenda ao seu outro, obrigando a se deparar com a flexibilidade do que ele reconhece como identidade fixa e ameaçando o “seu” status quo. Nas palavras de Silva (2000, p. 84): A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido ... a diferença é parte ativa da formação da identidade.

Embarcamos nesta linha de raciocínio, na tentativa de construir algumas respostas sobre quem decide o que é arte, e que artistas podem acessar recursos públicos para sua produção e sobrevivência, e nos vemos inevitavelmente entrelaçando fios sobre hegemonia, hierarquia, identidade e, por fim, decolonialismo. Sobre este último, nos interessa a decolonização do conhecimento e, por consequência, da produção artística do país. Vamos tecer algumas ideias básicas, para alinhar este exercício de decolonização do conhecimento a que nos referimos. E, para sermos coerentes com esta proposta, contamos com uma pensadora

contemporânea, mulher, brasileira. Luciana Ballestrin (2012), em poucas palavras, faz a discriminação de qual aspecto estamos abordando aqui:

Depreende-se do termo "pós-colonialismo" basicamente dois entendimentos. O primeiro diz respeito ao tempo histórico posterior aos processos de descolonização do chamado "terceiro mundo", a partir da metade do século XX [...] A outra utilização do termo se refere a um conjunto de contribuições teóricas oriundas principalmente dos estudos literários e culturais, que, a partir dos anos 1980, ganharam evidência em algumas universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra. (BALLESTRIN, 2012, p. 2).

É esta segunda definição que consideramos relevante para este trabalho: o descentramento das narrativas, o deslocamento da figura do protagonista, a voz do leão e não a do caçador, contando a história sob outro prisma.

Ballestrin (2012, p. 7) lembra-nos, em outras palavras, de que nem toda a opressão é resultado do colonialismo, mas todo o colonialismo resulta em opressão: "veja-se a história do patriarcado e da escravidão, ainda que possam ser reforçadas ou ser indiretamente reproduzidas por ele. Em suma, ainda que não haja colonialismo sem exploração ou opressão, o inverso nem sempre é verdadeiro". Ballestrin (2012), nos seus estudos, aponta os dois movimentos mais importantes da desconstrução epistemológica colonialista. Primeiro, o Grupo de Estudos Subalternos, na década de 1970, cujo principal projeto era "analisar criticamente não só a historiografia colonial da Índia feita por ocidentais europeus, mas também a historiografia eurocêntrica nacionalista indiana" (BALLESTRIN 2012, p. 15). Este grupo tornou-se conhecido fora da Índia através do artigo "Pode o subalterno falar?" de Gayatri Chakrabarty Spivak, que trata por subalterno todo o sujeito cuja voz não pode ser ouvida. O artigo faz uma crítica a intelectualidade que pretende falar em seu nome (do subalterno) e ao fato de que "nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno, sem que esse ato seja imbricado no discurso hegemônico" (SANDRA ALMEIDA, 2010, IN BALLESTRIN, 2012).

Neste momento, motivados pela frase de Almeida (2010) fazemos também a nossa reflexão, como pesquisadores: porque nós, brancos estamos propondo este estudo? E a resposta que nos move a concluir esta tarefa é a de que temos um papel (e um dever) nesta luta pela equidade social, mas estamos impregnados de ideias racistas, machistas e colonialistas herdadas; portanto, é provável que, por mais atentos que estejamos, nos escapem reproduções do discurso hegemônico que criticamos. Apesar disso, entendemos que estudar é um modo de nos descontaminarmos, redirecionar nosso ponto de vista, buscando novas referências teóricas; é a forma que acreditamos ser a mais eficaz na desconstrução da nossa

“branquitude”, no sentido político do termo e, desta forma, poderemos somar na luta pela equidade. Inspiramo-nos em estudos como os de Augusto Boal (que trouxemos nesta seção), como um artista e intelectual branco, que dedicou sua vida e obra a propor um teatro de resistência e de engajamento, na luta contra a opressão de toda a ordem, com o Teatro Político e o Teatro do Oprimido, por exemplo.

Dito isso, traremos um pouco sobre o segundo grupo de estudos decoloniais, o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos, que surgiu na década de 1990, nos Estados Unidos, composto por um grupo de intelectuais latino-americanos e americanistas que lá. Foi inspirado no Grupo Sul-Asiático dos Estudos Subalternos. Sua declaração de fundação foi publicada em 1993 na revista *Boundary*. Em 1998, o documento foi traduzido para o espanhol como “Manifiesto inaugural Del Grupo Latino-americano de Estudios Subalternos”. A América Latina foi assim inserida no debate pós-colonial.

Nos anos 2000, ocorreram sete reuniões do grupo que dialogou com os seguintes nomes: Javier Sanjines, Catherine Walsh, Nelson Maldonado-Torres, Jose David Saldívar, Lewis Gordon, Margarita Cervantes de Salazar, Libia Gueso e Marcelo Fernandez Osco, Boaventura de Sousa Santos e outros.

Destes, vamos focar em Boaventura Santos, cujas ideias já trouxemos para esta dissertação, para dar sequência a reflexões decoloniais.

Existem diferentes termos, vários conceitos para nomear este mundo geopolítico do Sul. Mas há um terceiro conceito de Sul, que é aquele que mais utilizo no meu trabalho, que é o Sul como metáfora da construção e validação do conhecimento a partir da perspectiva dos que são vítimas da dominação, exploração e injustiças causadas pelo capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. E é por isso, a partir de uma perspectiva não de vítimas, mas de resistências a estas três grandes formas de dominação moderna - algumas delas com raízes muito antigas, mas que foram reconfiguradas pelo capitalismo, como é o caso do patriarcado -, que esta metáfora representa a busca de uma alternativa que possa efetivamente ajudar-nos a alcançar a libertação dos povos. (SANTOS, 2018, p. 113).

Há que se considerar o fato de este trabalho estar sendo feito no, sobre e para o sul do Brasil. Trata-se de uma região com peculiaridades significativas, no que diz respeito a esse debate, que aparece de várias formas neste espaço geográfico. Entre as peculiaridades e conexão com a discussão proposta por Boaventura Santos, aparece, inclusive, em forma de movimentos separatistas, que defendem a separação do Estado do Rio Grande do Sul do resto do País. A ideia é de parte da população que se considera mais europeia do que brasileira. Temos, neste sentido, a expressão de grupos que se alinham ao ‘norte’, conforme o pensamento de Boaventura, e que, por isso, propõe o separatismo do Sul do Brasil. Isso é

relevante para o trabalho, porque expressa o quanto o Sul, na discussão de decolonização, não é geográfico. De certa forma, ilustra o contexto, pois os sujeitos entrevistados não integram essa parcela da população; ao contrário, eles são a outra parte. São “o outro” de quem fala Tomaz Tadeu (2014). São os “*outsiders*” ditos por Norbert Elias (2000), discriminados, excluídos, não pertencentes e não merecedores de circular e de coexistir no mesmo espaço urbano ou usufruir da mesma infraestrutura e saneamento básico do que o “centro” da urbe.

Para que a justiça social seja efetivada, seria importante o engajamento desta população<sup>1011</sup> que considera mérito o que é privilégio naturalizado, bem como o trabalho conjunto de todos os movimentos de luta, pela equidade dos direitos humanos. Entendemos que este engajamento passe também pela construção de um pensamento acadêmico plural, com espaço para a diversidade de saberes e conectado com as diferentes realidades socioculturais dos territórios e de sujeitos que compõem a urbe. Somos nós, na maioria acadêmicos, que pensamos e aplicamos políticas públicas, formulamos editais, compomos as comissões e conselhos que regulam quem acessa ou deixa de acessar as verbas em Caxias do Sul. Portanto, os movimentos contra hegemônicos e decolonizadores são tão importantes e devem acontecer nos micros espaços das cidades, andando na contramão da fragmentação e enfraquecimento dos movimentos populares de luta por justiça social, que perpassa a justiça cognitiva, para construir um outro tipo de epistemologia. Boaventura (2018, p.108), parte da ideia de que, “se não houver justiça entre os conhecimentos produzidos no mundo, não é possível haver justiça social.”

Com este pensamento de Boaventura, finalizamos esta seção, deixando convencionado que este trabalho fará referência aos sujeitos, com o termo artistas, e os seus trabalhos serão aqui referidos pelo termo arte, sem distinção. As classificações que, porventura, acompanharem estes termos (arte e artista) são autodeclaradas ou tem o intuito de contextualizar condições geográficas ou simbólicas pertinentes ao debate. Portanto, termos

---

<sup>10</sup> Em 2019, os negros representaram 77% das vítimas de homicídios no Brasil, com uma taxa de 29,2 por 100 mil habitantes. Entre os não negros, a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que o risco de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior ao de uma pessoa não negra. AGENCIABRASIL **Risco de negro ser assassinado e 26 vezes superior**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-08/risco-de-negro-ser-assassinado-e-26-vezes-superior>. Acesso em: 05 de mar. de 2022

<sup>11</sup> No Brasil, **a polícia também mata mais a população preta. Em 2019, o braço armado do Estado fez 5.804 vítimas. Do total, 75% (ou 4.533) eram negros**. Entre as vítimas de violência letal aqui no país, 74,4% são negras. **A cada 23 minutos morre uma pessoa negra. São 23.100 jovens negros mortos por ano, cerca de 63 por dia**. A chance de um jovem negro ser morto é 2,5 vezes maior do que a de um jovem branco. SISMMAC.ORG. **Além dos muros da escola**. A cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil. Disponível em: <https://sismmac.org.br/noticias/10/alem-dos-muros-da-escola/8938/a-cada-23-minutos-morre-um-jovem-negro-no-brasil>. Acesso em: 05 de mar. de 2022.

como arte marginal, artista periférico e similares não terão a função de hierarquizar ou afirmar qualquer julgamento de valor.

### 3.2 PERIFERIA URBANA – TERRITÓRIO E IDENTIDADE

Neste terceiro capítulo, na primeira sessão, falamos sobre arte e decolonização, agora é a vez de relacionar este tema ao território referido neste trabalho, uma vez que o objeto deste estudo é o acesso dos artistas e agentes culturais moradores deste território específico, aos mecanismos públicos de fomento à cultura. Portanto, dedicaremos esta sessão a discutir conceitos e terminologias adequadas a este trabalho, no que se refere ao lugar sobre o qual falamos. Os termos ‘periferia urbana’, ‘quebrada’, ‘favela’, ‘gueto’, ‘comunidade’ e ‘bairro’ são carregados de opiniões controversas, todos considerados pejorativos ou marcadores identitários, dependendo do ponto de vista. Vamos nos contentar, por hora, a dedicar parte desta seção, ao assunto.

No início desta pesquisa, nomear corretamente o território era uma preocupação. Então, fomos buscar amparo em Ermínia Maricato (2000) e elegemos o termo ‘periferia’ urbana. Nas diversas conversas com os artistas, nossos colaboradores, no entanto, ouvimos repetidamente os termos ‘favela’ e ‘quebrada’, como demarcadores identitários e afetivos (“somos favela”, “fulano mora perto da favela, se considera favela, mas não vive a favela como nós”, “aqui na quebrada a gente sabe o que é solidariedade...”). Estes termos também apareceram em nomes de importantes projetos desenvolvidos para e pela periferia, como o “Colorindo a Quebrada” (grafiti), “Favelecos” (teatro de bonecos), Arte na Quebrada: Nosso Palco é a Favela (dança) e outros. Em várias oportunidades perguntamos sobre o que os artistas pensavam sobre estes termos, e a resposta mais comum é que não importava tanto a palavra, mas como e por quem era dita. Então, amparados por essa nova referência, nos sentimos autorizados a usar uns e outros, ‘periferia urbana’, ‘quebrada’, ‘favela’, ‘gueto’, ‘comunidade’ ou ‘bairro’, quando entendermos como mais adequados, nunca como pejorativos ou correspondendo a algum julgamento de valor, mas como o conjunto de fatores positivos (como o fortalecimento identitário e cultural) e negativos (como preconceito, exclusão e abandono) que constituem este espaço. E para discutir as principais características constitutivas e conceitos de território que se alinhem a esta pesquisa, vamos nos valer de autores e autoras como Tomaz Tadeu da Silva (2014), Tiaraju Pablo D’Andrea (2021), Milton Santos (2005) e Adailza Sposati (2013).

Vamos começar a tecer o texto com a frase que D’Andrea (2021, p. 5) traz, em 40 Ideias de Periferia, que serve para sintetizar o entrelaçamento de alguns tópicos deste debate: “A periferia sempre foi o território-Outro do pensamento hegemônico”. Em sua sucinta afirmação, Tiaraju Pablo D’Andrea coloca território, identidade e colonização (hegemonia),

exatamente na ordem que nos interessa, para desdobrar os olhares para a periferia urbana. Sobre território, Milton Santos expande o conceito, levando-nos a entender que só ganha sentido quando preenchido pelas vivências, trajetos e trajetórias dos seus habitantes, portanto em constante mutabilidade. Nas palavras dele: “É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica.” (SANTOS, 2005, p 138)

Milton Santos traz a amplitude do termo território, com um conceito que ultrapassa as fronteiras geográficas, sendo um espaço simbólico que se define na inter-relação entre espaço e habitantes. Segundo ele, o território é construído a partir do ser humano que o habita, e este ser humano, por sua vez, sofre influência do território em sua construção. Quanto mais os sujeitos tomam conhecimento do seu papel no espaço em que habitam e da relação deste espaço com o mundo e com a história, no entanto, mais contribuem para a construção da identidade coletiva deste território e da transformação da sua história.

Ainda em Santos, vemos a relação de território e espaço: ambos passam a existir a partir do uso, função e forma do lugar, e acabam por exercer importante papel nos processos de construção social do mundo, atenuando ou acentuando desigualdades socioespaciais.

O espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente [...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. (SANTOS, 2004, p. 153)

Quando fala do espaço, Santos traz a justaposição do passado e do presente, na constante construção das relações sociais. Esta proposição serve para consolidar uma das ideias deste trabalho: estender um olhar crítico sobre estas desigualdades, contribuindo para se pensar caminhos para a equidade e para o resgate histórico. Na apresentação do autor, feita por Maria Adélia Aparecida de Souza, em *O Retorno do Território*, que reconhecemos a síntese da aproximação das ideias de Santos com o nosso trabalho.

Para Milton Santos o território usado se constitui em uma categoria essencial para a elaboração sobre o futuro. O uso do território se dá pela dinâmica dos lugares. O lugar é proposto por ele como sendo o espaço do acontecer solidário. Estas solidariedades definem usos e geram valores de múltiplas naturezas: culturais, antropológicos, econômicos, sociais, financeiros, para citar alguns. Mas as solidariedades pressupõem coexistências, logo pressupõem o espaço geográfico. (SOUZA, 2005, p. 12)

Também reconhecemos na periferia urbana de Caxias do Sul (território desta pesquisa) este aspecto do solidário de que Santos fala, inclusive como constitutivo da identidade dos sujeitos e que aparece constantemente nas suas falas, como “por amor aos nossos”, “nós por nós”, “é nós, família”. Outro ponto de convergência acontece quando Santos (2005, p. 5) diz: estas solidariedades definem usos e geram valores de múltiplas naturezas. Com esta ideia, Santos nos remete aos “códigos de ética” que precisamos acessar em cada território, para podermos transitar e atuar.

Por enquanto, vamos abrir espaço para um olhar “de dentro” sobre a ideia de solidariedade, trazendo novamente Tiaraju Pablo D’Andrea (2021) para o debate. Ele aponta este lugar, este espaço do acontecer solidário como tábua de salvação para a sobrevivência da periferia, diante da calamidade pública (pandemia) e da omissão do Estado, no que diz respeito a garantir renda mínima, itens dos protocolos de segurança e isolamento social. E, quem sabe, a longo prazo, como fortalecimento na luta por direitos. D’Andrea evocando a memória afetiva da solidariedade:

Sem nenhuma assistência estatal decente, as periferias combateram a disseminação do coronavírus por meio de uma prática tão antiga quanto fundamental para a sobrevivência dos mais pobres: a solidariedade. Solidariedade, herança indígena, de cuidado compartilhado de crianças. Solidariedade, herança africana da partilha do alimento em roda. Solidariedade da classe trabalhadora, do Fundo de greve e da Mão Amiga. Solidariedade feminina, da troca de saberes e da ajuda mútua. Esse legado foi reativado por meio de uma memória afetiva que não há neoliberalismo que consiga apagar (D’ANDREA, 2021, p. 53).

Ao citar D’Andréa (2021), mais uma vez nos sentimos representados, tanto como autores deste trabalho, como proponentes do Edital Uno-me, descrito na seção 2.3 deste texto. Mesmo que não sejamos pertencentes ao território da periferia urbana de Caxias do Sul, no período pandêmico, fomos tomados pela solidariedade aos coabitantes de outro território: o dos “trabalhadores da arte”, ao qual pertencemos. É necessário dizer que a periferia encontra-se constantemente circunscrita à precariedade, à falta de assistência e de recursos, mas para nós, artistas da classe média (baixa), brancos, moradores do “centro urbano”, foi necessário viver a iminência de mergulharmos na mesma situação de precariedade, para empatizarmos com os colegas, artistas do território tido como “não central” e compreendermos a fragilidades das fronteiras que separam a situação socioeconômica de uns e de outros.

Então, a partir desta ideia que relativiza o *status quo*, faremos relação com a periferia urbana: no que se refere à precariedade, ser *território/favela* é uma situação e não uma condição. O estado de abandono, exclusão e pobreza não define a favela. Quando o Estado

assumir o seu papel de promotor de ações afirmativas, na área da educação, saúde, segurança e saneamento básico, o *território/favela* poderá ser definido pelo valor de sua cultura, ética e estética próprias. Portanto, não é o caso de transformar a periferia pela estética hegemônica, em um novo centro, porque ela já é um centro em si, o centro de si. Importa que sejam transformadas as condições de vida e não a identidade cultural da sua população. O que ela precisa é de políticas públicas alinhadas às necessidades do território, para desenvolver a sua autonomia financeira, através da educação geração de empregos com justa remuneração e incentivo aos empreendimentos dentro das comunidades, fortalecendo os laços identitários, bem como o sentimento de pertencimento. Vamos complementar esse raciocínio com Aldaiza Sposati (2013, p. 6):

A gestão dos serviços sociais, enquanto parte das relações de poder que ocorrem no território, em uma perspectiva democrática, não deveria operar sem a presença dos que ali vivem, pois, desse modo, estaria reproduzindo as relações de colonizadores, que, direcionados por interesses exógenos, não levam em conta as relações do lugar de vivência ou atuam de forma a travar a possibilidade de participação e influência nas decisões por parte dos moradores do lugar.

Esta perspectiva sobre território torna-se relevante, pois os artistas colaboradores são constituídos e constituintes deste território específico, que determina, inclusive, o recorte da pesquisa. Nós, comprometidos com os processos de escuta ativa de seus relatos, estamos atentos para não reproduzirmos relações de colonizadores, a que se refere Sposati (2013). Trabalhar a categoria território significa, ao mesmo tempo, reconhecer sua particularidade e suas possibilidades de conexão. Outra analogia pode ser realizada: a identidade de cada um é resultante de um processo relacional, pois a identificação da individualidade decorre da conexão com os outros. Assim, é pela realização de conexões que ocorre o reconhecimento da particularidade da identidade. Precisamos considerar, contudo, que estão implicadas relações de poder, hierarquia e opressão, nestes processos. A partir de Tomaz Tadeu da Silva (2014), aproximamos estes conceitos com a nossa pesquisa. Ele nos dá uma ponta dos fios da trama, para começarmos a desenlear como se dão as construções identitárias e a manutenção das fronteiras:

As identidades não são simplesmente definidas, elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas [...]. Podemos dizer que onde existe diferenciação, ou seja, identidade e diferença, aí está o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (estes pertencem, aqueles não) demarcar fronteiras (nós e eles) classificar (bons e maus;

puros e impuros; desenvolvidos e primitivos; racionais e irracionais) Normalizar nós somos normais, eles são anormais. (SILVA, 2014, p. 81)

Silva (2014) nos coloca em uma perspectiva fundamental, para compreendermos os fatores que podem influenciar no acesso (ou não) aos bens culturais e fomentos públicos, por parte dos artistas moradores da periferia urbana, pertencentes a nossa investigação. As pistas que ele oferece dizem respeito às marcas de poder: pertencimento, demarcação de fronteiras e classificações. O que conseguimos perceber, neste período de aproximação, é que os artistas com quem convivemos têm consciência dessas marcas de que fala o autor, e de que são considerados os maus, os impuros, anormais, conforme as dicotomias trazidas ao debate por Silva e também que habitam no território-Outro do pensamento hegemônico, dito por Tiaraju Pablo D'Andrea (2021). Por isso, respondem com o fortalecimento da fronteira, do grupo e da luta, para conquistar direitos, espaço e reconhecimento, na cidade que também lhes pertence. Enquanto isso, os 'bons', 'puros', 'desenvolvidos', ainda analisando a dicotomia trazida por Tomaz Tadeu Silva (2014), precisam apenas defender privilégios, considerados direitos herdados. Seguimos com Silva, para este entrelaçamento de ideias sobre território e identidade, relacionadas à periferia urbana:

A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. "Nós" e "eles" não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes "nós" e "eles" não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder. (SILVA, 2014, p. 82)

Em diálogo com a abordagem das teorias que sustentam este trabalho, vamos abrir um pequeno espaço para a voz dos moradores do território periférico de Caxias do Sul, pois é deles o ponto de vista *de dentro*, sobre o “nós” e o “eles”. Então, trazendo esta teoria para o cotidiano, há uma expressão muito comum, usada entre as pessoas moradoras da periferia urbana: é nós (‘é *nóis*’, como variação linguística). Para além de uma saudação, várias camadas de significado estão contidas no termo. Pressupõe-se um “nós” e um “eles” (e nós, enquanto pesquisadores, somos o “eles” do ponto de vista deles), e alguma diferenciação entre eles, indicadora de posição-de-sujeito, conforme Silva (2014). Na maioria das vezes significa: estamos do mesmo lado, estamos na mesma luta, temos as mesmas questões para dar conta. Quando a expressão é usada para alguém de fora da comunidade, está ali contido um elogio, um reconhecimento de que aquele sujeito comunga dos mesmos pontos de vista sobre as questões sociais; pode contribuir, de alguma forma, na luta pela igualdade; e pode circular

como membro daquela comunidade, mesmo que por aproximação, afinidade ou afeto. Isso ocorre, principalmente, no entanto, porque esse sujeito é identificado como uma presença que compactua das mesmas aspirações, na busca da equidade e dos direitos humanos: questões identitárias implícitas no ‘*é nós*’.

A presença destas demarcações identitárias, em relação ao território da periferia, é constante: brancos e pretos, ricos e pobres, centrais e periféricos, conhecimento acadêmico e conhecimento empírico. Também é constante o desequilíbrio histórico e estrutural nesta gangorra: o poder está com os primeiros citados de cada dupla. Que poder é este? Como ele se exerce? Como é possível verificar? Sobre poder, pode-se dizer que existem várias formas de exercê-lo, mas elas ocorrem sempre pelo viés da diferença. Como citamos acima, em Silva (2014), a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. O autor também problematiza essa diferenciação com as marcas da presença do poder com que guarda uma estreita relação e que já citamos nesta sessão. Traremos aqui, um exemplo para elucidar a discussão: Nego Drama, um dos artistas colaboradores do trabalho, nos disse, em uma conversa, que prefere ficar no carro esperando, enquanto sua esposa leva os filhos ao cinema do Shopping, a enfrentar os olhares de desconfiança que a sua presença causa, por “ter o estereótipo” de quem não é bem-vindo ali. A situação lhe causa tanta raiva e estresse, que está optando por evitá-la. Nesse relato, temos a presença de algumas marcas de poder, trazidas por Silva (2014): incluir/excluir, demarcar fronteiras (quais as ideias que constituem o *território shopping* e quem pode usufruir dele?) classificar (sujeitos constituídos pelo pensamento hegemônico tem ojeriza e medo de quem classificam como ‘maus’, ‘impuros’, ‘primitivos’ e ‘irracionais’, tendo a si como única referência de normalidade). Como o poder se estabeleceu neste exemplo? Ninguém disse ao Drama que ele não podia circular pelo shopping, mas o comportamento sistemático de rejeição, pelo olhar do outro, foi estabelecendo, aos poucos, o seu não pertencimento e enfraquecendo o seu desejo de enfrentamento desta realidade. Exemplo de um, história de muitos, sobre o poder de um grupo social sobre outro. Tanto que Sílvia Almeida (2018) trata do assunto sob o mesmo prisma, porém acrescentando a ideia de interesse na manutenção do *status quo* e da normatização de regras, pelo grupo dominante:

Assim, detêm o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto, a manutenção desse poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda sociedade regras, padrões de condutas e modos de racionalidade que tornem “normal” e “natural” o seu domínio. (Almeida, 2018, p.31)

Tanto Almeida (2018) quanto Silva (2014) se referem ao poder que decorre da constituição do território e da carga identitária de seus habitantes, em sobreposição ao conceito de fronteiras geográficas. Nesse sentido, queremos enfatizar mais um aspecto desta complexidade de relações, não só interterritoriais, mas também intraterritoriais. Faremos isso, novamente, a partir de um exemplo: durante uma caminhada por uma das comunidades da Zona Norte de Caxias do Sul, conversamos com um amigo, conhecido artista da nossa cidade, nascido e morador desta mesma região. Na ocasião, ele conta que, durante a execução de seu trabalho em um muro do Bairro, cumprimentou um passante com uma saudação muito comum: “*E aí mano!*”. Imediatamente foi repreendido pelo passante, com a seguinte instrução: “*Fica ligado! Eu não sou dos Mano. Eu sou dos Bala!*”, fazendo referência à facção a que pertence. Este fato, além de evidenciar uma configuração concêntrica de territorialidade, nos faz perceber a pressão social que sofre uma pessoa como este artista, que, tendo que lidar com preconceitos e estereótipos, por parte de outros grupos (hegemônicos), em relação a sua etnia, estética e produção artística, também precisa estar atento aos perigos representados por sujeitos ligados ao crime organizado e que coabitam o mesmo espaço geográfico, em uma espécie de sobreposição de território e, conseqüentemente, de poder .

No próximo capítulo, vamos relacionar este poder implícito (ou nem tanto) de um território sobre outro, de um grupo identitário sobre outro, com seu impacto na possibilidade ou dificuldade de usufruir de fomentos e bens culturais públicos, pelos artistas da periferia.

Fizemos um apanhado geral de aspectos constitutivos deste lugar, a periferia urbana, mesclando autores que entendemos como alinhados com a nossa percepção e, de certa forma, nos deixamos guiar pela expressão de Tiaraju (2021), que diz ser o território-Outro do pensamento hegemônico, a periferia urbana. Neste subcapítulo, confirmamos a relevância do entrelaçamento de assuntos como território, desconstrução do pensamento hegemônico e fortalecimento identitário, para compreendermos, minimamente, os fatores que influenciam o foco da pesquisa, que diz respeito à democratização do acesso a investimentos públicos em cultura.

Antes de finalizar este subcapítulo, faremos algumas considerações específicas sobre a periferia urbana de Caxias do Sul, mesclando informações da Secretaria Municipal de Habitação e nossas observações, nas vivências neste território. Observamos que nem mesmo para a maioria dos moradores, a divisão geográfica entre bairros e regiões, estava clara. Frequentemente, surgiam discussões do tipo: “*Aqui é Diamantino ou Presidente Vargas?*”. Foi preciso investigar, para entendermos que eram os dois, um contido no outro: Bairro Diamantino, na Região Administrativa Presidente Vargas. Considerando que temos oitenta e

quatro bairros, situados em quinze Regiões Administrativas é compreensível que causem confusão de nomenclatura. Com um número tão grande de comunidades, não é possível generalizar nenhuma característica, para se referir aos bairros da cidade.

Os bairros são muito diferentes uns dos outros, inclusive dentro de uma mesma região. Podemos usar, como exemplo, o Complexo Euzébio Beltrão de Queirós (Zona do Cemitério), um dos mais vulneráveis da cidade. Fica muito próximo à Região Central. Então, vamos deixar nossa impressão a respeito de mais dois exemplos, como forma de ilustrar estas diferenças. O Bairro Belo Horizonte é um dos que nos passa uma impressão agradável. As ruas por onde passamos são largas, calçadas, o Centro Comunitário é bem cuidado, frequentamos o mercadinho para comprar os lanches da Escola Popular de Artes. Os trajetos têm ares de cidade do interior, com crianças brincando na rua (num misto de liberdade e abandono). Andamos sempre de dia. O atual presidente do Bairro, o “seu Valdir Negrão”, conta, com mais tristeza, do que susto que viveu, em uma noite, que teve tiroteio logo mais abaixo. Nas palavras dele: *“Uns oitenta tiros, são jovens, são do tráfico... os corpos desaparecem”*. Temos aqui fatos que contrastam com os nomes das ruas do “Belo”: rua Das Bordadeiras, rua Dos Vidraceiros, rua Dos Jardineiros e outras profissões.

O terceiro exemplo o Monte Carmelo, nascido em forma de ocupação, continua até hoje sem calçamento, sem rede de iluminação pública, sendo que algumas ruas são tão estreitas a ponto de não passar o transporte público.

Com os exemplos acima, podemos perceber a multiplicidade de características de cada território que compõe a área urbana periférica de Caxias do Sul e, por isso mesmo, quando nos referimos a estes espaços como a periferia urbana, estamos considerando as peculiaridades de cada área e não uma massa homogênea que congloera habitações.

Caxias do Sul é um município fortemente marcado pela colonização italiana, com início em 1875, mas que, ao longo de seu desenvolvimento, atraiu um grande volume de pessoas de cidades menores e de zonas rurais, buscando empregos, sobretudo nas indústrias. Um dos fatores que acaba segregando parte específica da população para áreas periféricas é a estigmatização racial. De acordo com pesquisa Desigualdades Sociais por Cor ou Raça publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, as mulheres pretas continuam na base da desigualdade de renda no Brasil, recebendo em média, menos da metade dos salários dos homens brancos (44,4%), que ocupam o topo da escala de remuneração no país. Atrás deles, estão as mulheres brancas, que possuem rendimentos superiores, não apenas aos das mulheres pretas, como também aos dos homens pretos. (IBGE, 2019). Com estes dados, pode-se fazer uma relação de como se constituem estes territórios,

sobretudo ocupações, com precariedade de recursos, em função do desequilíbrio nas disputas por vagas no mercado de trabalho, em torno da área estruturada como urbana.

### 3.3 PAPEL DOS MECANISMOS DE FOMENTO

No primeiro capítulo deste trabalho, abordamos o histórico de mecanismos de fomento de Caxias do Sul, desde 1996 até 2020, e pudemos constatar a ausência de editais específicos para os territórios periféricos. Se, por um lado, podemos pensar que todos estão tendo tratamento igualitário; por outro, temos que considerar que as condições de cada território são muito diversas, como discutimos na seção anterior. Portanto, neste momento, não estamos propondo uma crítica aos atuais mecanismos de fomento, pois eles incentivam a produção e a circulação de arte e de cultura. Entendemos que, para cumprirem esta função, de forma lícita e eficaz, precisam de uma legislação, regras e critérios. O que está em discussão, aqui, é o acesso a esses mecanismos, pelos artistas da periferia urbana, ou, ainda, se esses mecanismos são a forma mais adequada de promover equidade social e cultural, através das políticas públicas.

Para iniciar este debate, elegemos a Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Caxias do Sul, para ser usada como exemplo. Descrevemos o trajeto, desde o acesso ao edital até o recebimento do valor para a execução de um projeto, sem entrar na etapa de prestação de contas (pois dobraria a extensão deste texto). Para tanto, vamos nos valer da nossa experiência, como produtores culturais que acessam os recursos da LIC desde a sua criação. Pretendemos utilizar esta descrição para referendar, no próximo subcapítulo, as possibilidades e dificuldades, descritas pelos artistas colaboradores, em relação a esse fomento. Vamos ao trajeto.

Se consultarmos, no site da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, o link da Secretaria Municipal da Cultura, não encontraremos uma aba que nos leve à Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Encontraremos o Plano Municipal de Cultura e outros textos, mas nada específico sobre a LIC. É preciso pesquisar no Google: LIC Caxias do Sul, por exemplo, para acessar o edital e demais informações sobre a Lei. Ali encontraremos os formulários para apresentação de projetos, que estão na aba chamada *arquivos* deste link (informação prévia). É preciso baixar o arquivo no computador e preencher com o projeto proposto, usando textos claros, detalhamento de etapas, referências estéticas, objetivos, e outras especificações. Logo, trata-se do que dominamos o vocabulário técnico específico. Depois, é hora de entregar duas cópias físicas do formulário, acompanhadas de cópias dos seguintes documentos: cópia da carteira de identidade, cópia do CPF, cópia do comprovante de residência, certidão negativa municipal, certidão negativa estadual, certidão negativa federal, currículo do proponente e currículo de todos os participantes relacionados à produção cultural, funções artísticas e equipe principal

do projeto. Em seguida, deve-se protocolar no setor de fomento da Secretaria Municipal da Cultura, no horário entre as 9h às 12h e das 13h30min às 17h dos dias úteis. Aguardar a análise documental e, se necessário, responder às diligências enviadas por e-mail, sanando deficiências ou dúvidas que o Departamento de Fomento possa ter apontado.

Na sequência dessa etapa, o projeto passa pela análise da Comissão Municipal de Incentivo à Cultura (COMIC), que também pode solicitar diligências, se julgar necessário. Em caso de aprovação, o projeto segue para a etapa de captação de recursos. É quando o proponente deve procurar uma empresa que queria apoiar o projeto, abatendo do IPTU ou do ISSQN, noventa por cento do valor do projeto. Para solicitar o apoio, é necessário agendar uma visita presencial ou protocolar o projeto no site da instituição. Se o projeto for selecionado para receber o aporte, é necessário imprimir, levar até a empresa para coletar as assinaturas e entregar, no Departamento de Fomento, o termo de compromisso que está no site da Secretaria. Se o apoio for parcelado, é necessário fazer esse procedimento mensalmente. O proponente precisa abrir uma conta bancária na Caixa Econômica Federal, exclusiva para o projeto. Deve estar ciente das normas de utilização da verba, para facilitar o processo de prestação de contas. Nós, produtores culturais privilegiados, habituados a esses trâmites, ainda os consideramos trabalhosos, mas temos recursos materiais e imateriais ao nosso dispor, para facilitar o processo, como computador, internet, impressora, carro, contatos e tempo disponível em horário comercial. Vamos deixar duas questões em aberto, mas voltaremos a elas: o que a cidade pensa para os artistas, produtores e agentes culturais que não têm estes recursos? A oferta de editais iguais para todos é democrática?

Por enquanto, vamos delinear o que é chamado de mecanismo de fomento público nesta pesquisa e, também, enumerar alguns dos impactos deste investimento, enfatizando os efeitos da transversalidade da arte, nas questões sociais, como saúde, segurança e educação na sociedade. Quando buscamos no dicionário o significado do termo fomento, encontramos algumas respostas interessantes. Destas, escolhemos algumas que respondem literalmente a nossa pergunta e outras que podem ser usadas metaforicamente para fazer referência ao assunto. Algumas delas em *Meus Dicionários*:

O termo fomento tem origem no latim, onde “*fomentum*” significa colocar combustível, aquecer, o que mantém fogo, o que aquece. Sendo assim, fomento corresponde à promoção das condições e meios necessários para o alcance de resultados.

Fomento é um substantivo masculino que significa o ato ou efeito de favorecer o progresso ou desenvolvimento de algo; estímulo, auxílio, impulso, incentivo, apoio.

A palavra fomento também é usada no sentido de promover alívio, aquilo que acalma, bálsamo, proteção (MEUSDICIONARIOS, 2016).

Estas definições trazem uma sequência de termos como colocar combustível, aquecer, estimular, auxiliar, impulsionar, incentivar, promover alívio, que nos aproximam da ideia de fomento que queremos abordar e que circunda em torno do que tomaremos como conceito principal:

No âmbito governamental, fomento refere-se a qualquer atividade administrativa que intervenha, no domínio econômico, para estimular condutas dos sujeitos privados, mediante a outorga de benefícios diferenciados e aplicação de recursos financeiros, com objetivo de promover o desenvolvimento econômico e social (JUSTEN FILHO, 2014, p. 715).

Queremos dar ênfase à parte expressa como “estimular condutas dos sujeitos privados”, ligando a expressão, “*por amor aos nossos*”, que ouvimos frequentemente ao longo da caminhada desta pesquisa. Esta expressão é sido usada, na maioria das vezes, por lideranças das comunidades, que atuam pelo bem das crianças e adolescentes, principalmente no que diz respeito a protegê-los e mantê-los longe do tráfico e de outras atividades ilícitas, preservando a sua integridade física, psíquica e moral.

Ao longo das aproximações, constatamos que os artistas colaboradores propõem ou participam de ações de apoio e atendimento a crianças e jovens das comunidades, na maioria das vezes em fins semana ou folgas do trabalho, de forma voluntária e sem espaço físico adequado. Esta é, contudo, uma forma frágil de contribuição social, vencida facilmente pelo cansaço e pela necessidade de autossustentação. Por tanto queremos deixar também um conceito complementar, do nosso ponto de vista: os fomentos públicos, além de editais, prêmios e leis de incentivo, devem oferecer espaços físicos e de aprendizagem, como os Centros Comunitários e os Pontos de Cultura – importantíssimos para a cadeia criativa (produtiva) e o acolhimento de crianças e jovens com tempo ocioso e, por isso, em vulnerabilidade social, alvos fáceis para o sistema de tráfico de drogas.

Estas ideias nos fazem lembrar de Tiaraju Pablo D’Andrea (2021), que, ao se referir à necessidade de aporte de verbas do Estado (sem intermediários), no sistema do “*nós por nós*” ou “*por amor aos nossos*”, de que já falamos, nas últimas seções deste trabalho:

A reconstrução do laço social é a única saída possível..., no entanto as redes de solidariedade não conseguem resolver tudo. Os recursos seguem concentrados nas mãos do Estado... Lutar por esse recurso que é produzido pela classe trabalhadora também deve fazer parte das estratégias do “*é nós por nós*”, entendida aqui como realizadas por nós mesmos, sem intermediários, mas não necessariamente somente

no território. Começa-se no território para então se pensar o mundo (D'ANDREA, 2021, p. 53).

D'Andréa (2021) sugere que, além da solidariedade, os sujeitos moradores da periferia urbana também foquem na reivindicação da aplicação de recursos públicos, como parte das estratégias de recuperação deste território onde habita a grande massa, classe trabalhadora do país. Lembramos que já foi falado, neste mesmo trabalho, que os recursos públicos, para a cultura, precisam ser aplicados conforme a necessidade dos espaços e dos sujeitos que neles habitam. Neste caso, reforçamos a ideia da escolha de prioridades na aplicação do orçamento público, com o que diz Ermínia Maricato (2013) sobre o tema: “A natureza e a localização dos investimentos, governamentais em primeiro plano e privados em segundo, regula quem e quantos terão o direito à cidade. Ela influi ainda nas características da segregação territorial e na qualidade de vida de cada bairro” (MARICATO, 2013, p. 182).

Estamos conectando o pensamento de D'Andrea (2021) com Maricato (2013), pois a intersecção dos dois contribui para elencarmos fatores que influenciam nas dificuldades e possibilidades de acesso, por parte dos agentes culturais, moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, aos mecanismos públicos de fomento à cultura. Enquanto D'Andréa (2021) nos diz da necessidade de lutar pelo recurso, Maricato (2013) aponta uma forma de participação popular, na decisão de prioridades para a sua distribuição. No primeiro capítulo, fizemos referência ao orçamento participativo e seu impacto positivo no investimento de verbas públicas em cultura. Agora, retomamos o assunto, através de Maricato, que aponta um possível caminho para o equilíbrio dessas forças de manutenção do cinturão de pobreza, que se formam em torno do centro das grandes cidades brasileiras e que, na verdade, são a cidade de fato. Conforme Maricato (2013, p. 182):

Daí a grande importância das experiências do Orçamento Participativo na definição dos investimentos urbanos. A Integração entre Plano de Ação e Orçamento Participativo pode constituir um motor de reversão na gestão das cidades no Brasil. O Orçamento Participativo não tem apenas a virtude de ampliar a cidadania por meio de um processo pedagógico, abrir caixas pretas, mudar o caráter do poder municipal, distribuir rendas, melhorias e oportunidades.

Esta proposta de Maricato (2013), no sentido de uma construção horizontal das políticas públicas, através do Orçamento Participativo ou outro mecanismo, além de ser uma ferramenta importante para a promoção da equidade social, parece ser um direito dos cidadãos, quando relacionamos à Constituição Federal. Vamos direcionar o assunto trazido por Maricato ao que diz respeito à nossa pesquisa (acesso à cultura) e relacioná-lo ao que

consta na Constituição. Ela garante o pleno exercício dos direitos culturais, conforme podemos ver no artigo 215:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. [Artigo 215 da Constituição Federal de 1988]. (BRASIL, 1988).

Desta forma, compreende-se que o Estado, em todas suas esferas, tem o dever de proteger e fomentar toda a diversidade de produção artística e cultural do território Nacional. Nesse sentido, cabe esclarecer que o fomento à cultura decorre das concessões de incentivos fiscais. O governo, por meio de leis criadas para tais finalidades, designa parte dos recursos de tributos arrecadados para projetos de diversos segmentos importantes, dentre eles, a cultura. Leis de incentivo à cultura, como Lei Rouanet, têm como positividade o estímulo à iniciativa privada e o fato de dar apoio ao setor cultural. A relevância da concessão de incentivos fiscais vai muito além dos benefícios financeiros. No segmento social fomentado, observa-se um crescimento, geração de empregos e renda, bem como profissionalização, o que leva ao desenvolvimento econômico de forma geral. É preciso lembrar o que foi dito no Capítulo 2 deste trabalho, sobre o poder de curadoria concedido aos patrocinadores, com este tipo de fomento, bem como o tratamento igualitário e não equitativo, a uma cultura tão diversa. Podemos constatar, ainda, no Capítulo 2, no histórico dos mecanismos públicos de fomento, a ausência de editais específicos para projetos advindos de territórios tidos como periféricos, que sirvam de ações afirmativas, na busca desta equidade social. Todos participam dos mesmos editais e disputam as mesmas verbas, pelo menos todos os que se sentem aptos a desvendar a terminologia específica e a burocracia exigida para concorrer.

Para ilustrar, citamos um exemplo da transformação que pode ser operada através da cultura e amparada pelos fomentos (com decisões horizontais): o caso da cidade de Medellín, na Colômbia. Jorge Melguizo foi secretário de Cultura Cidadã e secretário de Desenvolvimento Social da prefeitura de Medellín, entre 2005 e 2010. Interessante o que ele comenta:

*Durante as décadas de 90 e 2000, Medellín era conhecida como a cidade mais violenta do mundo. Graças ao trabalho desenvolvido, colocamos a cultura e a educação como principais*

*instrumentos no desenvolvimento social do município e Medellín conseguiu se transformar em um modelo de mudança urbana, social, educativa e cultural.*<sup>12</sup>

Em entrevista concedida à agência Sebrae de Notícias, Melguizo reportou-se às ações executadas, conforme segue:

*Além do convite para que os empresários atuantes na cidade participassem da iniciativa, os projetos sociais e culturais de Medellín procuraram envolver o máximo de cidadãos comuns possível. Envolvermos muita gente: organizações comunitárias, de igrejas, outras esferas de governos, empresários e nos juntamos em busca de respostas distintas para cada problema, decididos a transformar a cidade num laboratório social, urbano, educativo e cultural.*

Segundo ele, nos oito anos em que integrou a equipe da gestão municipal de Medellín, os investimentos em Educação aumentaram para 40% e os recursos para cultura saltaram de 0,3% para 5% do PIB municipal.

O problema da violência urbana também foi contornado, ao promover a inclusão social de favelas e bairros mais pobres, comumente atingidos por problemas graves, como a guerrilha e o narcotráfico, neste projeto de recuperação. A cidade investiu na construção de bibliotecas, parques botânicos e locais públicos de diversão integrados a estes bairros, fortalecendo a ideia de que os equipamentos públicos não eram do governo e sim da própria população. “O contrário da insegurança não é segurança, mas sim a convivência”, observou o colombiano que hoje coordena a Cátedra Medellín-Barcelona e é consultor internacional em diversos governos da América Latina, dentre eles da cidade de Buenos Aires (Argentina); do Ministério do Interior do Uruguai; e do governo do Panamá (AGENCIASEBRAE, 2014).

De acordo com Jorge Melguizo, desde 2004 até 2021, foram criados e gestados em torno de 60 novos equipamentos culturais, a maioria localizados nos bairros de menor índice de desenvolvimento humano, de maior demografia e de maiores violências históricas. Estas ações foram decisivas para o sucesso do projeto. Alguns desses foram: nove Parques Biblioteca; um Centro de Desenvolvimento Cultural de Moravia; vinte e uma Unidades de Vida Articulada; além de mudanças internas na Prefeitura, para construir novos modelos de gestão pública, baseados na transparência, na articulação setorial e territorial, na proximidade e no diálogo (troca de saberes) para a construção coletiva do valor simbólico da Cultura, das

---

<sup>12</sup> Jorge Melguizo, manifestação oral, durante a Conferência Municipal de Cultura de Caxias do Sul – 28 ago. 2021.

Culturas. Este pode ser, provavelmente, o melhor resultado cultural nos anos recentes em Medellín: conseguir que a cultura seja assumida como um direito, Direito Cultural, Direito à Cidade ou Cidadania Cultural.

Para entendermos de que ponto de vista referimo-nos aos Direitos Culturais, vamos deixar aqui, de forma sucinta, alguns preceitos constantes na Declaração de Friburgo de 7 de maio de 2007<sup>13</sup>.

E agora vamos relacionar estes Direitos Culturais ao território em que devem ser exercidos e a que nos referimos no subcapítulo anterior. O Direito a sentir-se parte da cidade, a viver dignamente no território, à convivência, ao governo do território e à igualdade de direitos, junto aos Direitos Culturais compõe a Cidadania Cultural. Em síntese, é o direito à cidade, ao território, é quando há participação política, liberdade e integridade, direito à justiça, à segurança pública, à convivência pacífica, à água e ao acesso a outros serviços públicos, ao transporte público, à moradia digna, ao trabalho e a um meio ambiente são e sustentável. Importante frisar que esse direito surge, quando se pensa e se constrói o território a partir da cultura.

O nosso interesse na experiência de Medellín está no fato de que também entendemos como interligados o território, a cultura (a arte, mais especificamente) e os fomentos públicos, assim como pensamos que esta junção, de forma assertiva, é parte importante da solução dos problemas sociais do país. Nesse sentido, acreditamos que o propósito deste trabalho - verificar dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais, moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, aos mecanismos públicos de fomento à cultura - pode vir a contribuir para alguma aproximação desses recursos aos territórios locais e aos seus habitantes. Para o poder público, cabe desafios maiores, como enfrentar a inequidade,

---

<sup>13</sup> Os Direitos Culturais:

Disponibilidade: Os bens e serviços culturais devem estar disponíveis para que todos possam desfrutar e se beneficiar dos mesmos, incluídas as instituições e os eventos (bibliotecas, museus, teatros, cinemas, campos de futebol, etc.), os espaços abertos compartilhados e os bens culturais intangíveis (idiomas, costumes, crenças, a história, a memória...).

Acessibilidade: O acesso à cultura consiste em quatro elementos fundamentais: a não discriminação, a acessibilidade física, a acessibilidade econômica e a acessibilidade da informação. Os Estados devem garantir que todas as pessoas tenham oportunidades concretas, eficazes e acessíveis para desfrutar da cultura sem discriminação.

Adaptabilidade: Os Estados devem adotar um enfoque flexível aos direitos culturais e respeitar a diversidade cultural dos indivíduos e das comunidades.

Idoneidade: A realização dos direitos culturais deve ser adequada ao contexto pertinente, com especial atenção por parte dos Estados aos valores culturais relacionados, entre outras coisas, com os alimentos e seu consumo, o uso da água, a provisão de serviços de saúde e educação, e o desenho e construção de moradias. GDDC. **Direitos Culturais: Declaração de Friburgo**. Disponível em: [gddc.pt](http://gddc.pt) <http://gddc.ministeriopublico.pt>. Acesso em: 20 de abr. de 2022.

reconhecer a diversidade territorial e a diversidade populacional e propor projetos que conversem com a realidade e necessidade de cada espaço.

Boaventura de Souza Santos (2108) ajuda-nos a refletir sobre a questão, sem minimizar o desafio que é promover esse equilíbrio:

Essa formulação - de que temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza -, e que me parece forte, é, no entanto, muito mais fácil de enunciar do que de aplicar (SANTOS, 2018, p. 116).

Vamos justapor esta ideia de Santos às propostas transformadoras de Melguizo, uma vez que aplicá-las exige comprometimento dos setores público e privado, com a diversidade de saberes, assim como convoca a transitar de forma equilibrada entre a igualdade e as diferenças. Somos uma sociedade que exclui o que não é capaz de entender; portanto, o desafio é imenso e é basicamente cultural: construir uma sociedade que escute, que interprete, que interpele e se deixe interpelar, que respeite a diversidade e que consiga ver, nessa diversidade, riqueza e não perigo permanente. De acordo com Melguizo:

*Não se trata de empreender o resgate de alguns valores. Trata-se, justamente, do contrário: de empreender, coletivamente, desde todos os cenários territoriais, a construção de alguns novos valores que permitam a gente se enfrentar com a nossa própria história, passada e recente, e sair vitoriosos. (poderia se dizer de outra forma: Trata-se, justamente, de empreender, coletivamente, desde todos os cenários territoriais, a construção de outra memória que permita a gente se enfrentar com a nossa própria história, passada e recente, e acabar vitoriosos).*

Esta construção de novos valores, a que se refere Melguizo, passa pela ideia de novas epistemologias defendida por Santos (2018), pois todo o conhecimento é concebido em uma determinada conjuntura, simultaneamente a uma prática social. Para um conhecimento transformador, é preciso que se entenda que todo conhecimento advindo de indivíduos e/ou grupos sociais concretos estará em antagonismo com outros indivíduos ou grupos, também detentores de conhecimentos.

Complementando a ideia anterior, é pertinente retornar, aqui, as falas de Santos:

Isso implica um conhecimento desde a vida e ótica dos vitimados pela exploração e exclusão que têm ocorrido pela colonização cultural, política e social, em outras palavras, deve-se construir uma epistemologia ou um conhecimento desde um Sul que fomente e promova a libertação dos povos oprimidos e excluídos. Libertação

que não pode deixar de ser também autotransformação; caso contrário, não se construirá uma epistemologia libertadora para os sempre vencidos da história. (SANTOS, 2018a, p. 112).

Quando Santos faz referência ao Norte e Sul global, entendemos também como metáfora para microterritórios colonizadores e colonizados, hegemônicos e subjugados, centrais e periféricos. O autor reforça a importância do enfrentamento dos colonizadores pelos colonizados. Portanto, o conhecimento inovador e alternativo traz, em si, a coragem para o enfrentamento, ao posicionar-se contra os interesses hegemônicos. Tais atitudes exigem princípios humanizadores para atos libertadores frente ao que desapropria a vida no nosso planeta. Também exige conhecimento, por parte dos oprimidos, que são exatamente a camada social a quem o ensino de qualidade e o acesso aos bens culturais é dificultado.

Voltamos ao papel do Estado na promoção de ações afirmativas nestes territórios. Vale salientar, contudo, que deve haver interesse nessa transformação por parte dos governos. Quando o pensamento neoliberal está no poder, corre-se o risco de se estabelecer uma política de combate à arte não hegemônica e às Ciências Humanas. Tomamos como exemplo a declaração do ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, quando ainda ocupava o cargo de ministro: *“Eu, como brasileiro quero ter mais médico, mais enfermeiro, mais engenheiro, dentista... Eu não quero mais sociólogo, mais antropólogo; eu não quero mais filósofo com o meu dinheiro”*. (GAZETADOPOVO, 2022). Ou ainda, a declaração do ex-secretário Nacional de Fomento e Incentivo da Secretaria Especial da Cultura, nomeado em setembro de 2020, o ex-policial militar André Porciúncula: *“O Presidente Bolsonaro fez muito bem ao vetar a Lei Paulo Gustavo<sup>14</sup>. Era dinheiro para a elite artística arrogante fazer propaganda política da esquerda*. (PORCIÚNCULA, 2022 *Twitter*).

Desta forma, as políticas e os projetos culturais que deveriam servir para a transformação da sociedade, para gerar a apreciação da própria vida e aprender a viver com os outros vão sendo desmontados por ideologias de extrema direita, que relacionam as artes, Ciências Humanas e direitos humanos a uma suposta ameaça “comunista”, completamente descontextualizada. Este tipo de discurso recorrente no atual Governo Federal vem na contramão do que temos trazido como propostas de transformação social, pelos autores que dão suporte teórico a esta pesquisa. Consideramos uma das principais tarefas, na área cultural, a geração de espaços para a participação popular, na chamada cultura política, exatamente

---

<sup>14</sup> O ministro referiu-se à Lei Paulo Gustavo, que prevê a liberação de R\$ 3,862 bilhões para a recuperação do setor cultural, depois da pandemia. O nome da Lei foi escolhido em homenagem ao ator Paulo Gustavo, que morreu em maio de 2021, em decorrência da pandemia de Covid-19. EM. **Lei Paulo Gustavo entenda o que é-a-proposta para incentivar a cultura**. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/03/16/interna\\_politica,1353169/lei-paulo-gustavo-entenda-o-que-e-a-proposta-para-incentivar-a-cultura.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/03/16/interna_politica,1353169/lei-paulo-gustavo-entenda-o-que-e-a-proposta-para-incentivar-a-cultura.shtml). Acesso em: 20 mar. 2022.

para evitar que a democracia, como diz Melguizo, seja uma cooptação clientelar e criminal ou se reduza a sair a votar, de tempos em tempos. Portanto, tarefa fundamental para a construção de democracias mais sólidas.

O caso de Medellín, relacionado às ideias de Boaventura Santos e Ermínia Maricato e D'Andréa nos deu um panorama da importância e da potência dos fomentos públicos em cultura, na transformação das condições de precariedade e violência, de territórios tidos como periféricos. Também compreendemos que os habitantes destes espaços precisam ter participação nas decisões de prioridades desses investimentos, para que se promova a equidade no acesso aos recursos públicos, respondendo parcialmente às questões que deixamos em aberto no início desta seção. Desta forma, encerramos o capítulo três deste trabalho, nos sentindo mais preparados para nos encaminhar para a análise e, depois, para as considerações finais a que nos propusemos, ao iniciar a presente pesquisa.

#### **4 VOZES DA PESQUISA E APRENDIZADOS COM A PERIFERIA**

Ao longo deste trabalho, fomos acumulando uma quantidade generosa de informações, acessamos novos conhecimentos e elaboramos alguns aprendizados que serão de grande valia para tantos aspectos da nossa vida, além do acadêmico. Um destes aprendizados foi o de que a elaboração de uma dissertação é um grande exercício de escuta e conciliação de vozes e entrelaçar de mãos que compartilham uma trilha desconhecida, que vai se revelando aos poucos. Por tanto, dedicaremos este capítulo a reger esta polifonia, começando pelas vozes dos pesquisadores, descrevendo o caminho que foi traçado, através da apresentação dos Aspectos Metodológicos que compreendem a descrição detalhada do processo de aplicação das entrevistas, desde a formulação até os critérios de análise, passando pelo agendamento, equipamento e método usado para registro.

No segundo subcapítulo, é a vez (e voz) dos artistas colaboradores se apresentarem através dos textos auto descritivos e das descrições de seus trabalhos, que utilizaram para a inscrição no edital Uno-me. Ainda nesta seção, traremos o perfil dos agentes, a partir dos dados colhidos nas entrevistas e do relato de informações obtidas em uma fase exploratória da pesquisa. Além de dados como idade, profissão, grau de escolaridade, foi possível conhecer um pouco destes agentes, a que movimentos pertencem, quais os trabalhos artísticos já desenvolvidos e com eles, a diversidade da produção artística da cidade.

Além das entrevistas, são apresentadas algumas anotações significativas, feitas ao longo da pesquisa, para que se possa tomar contato com parcerias e iniciativas paralelas que envolveram a pesquisadora e os artistas em questão, que se entrelaçaram a este estudo, produzindo conhecimento de campo, afetividade e desejo mútuo de contribuir. O pensador Paulo Freire descreve a prática educativa como “afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança, ou lamentavelmente, da permanência do hoje” (FREIRE, 2003, p43). Inspirados em Freire, permitimos que algumas destas parcerias se estendessem por longa data, em projetos artístico-educativos que foram e estão sendo construídos paralelamente a este estudo.

A terceira seção deve tecer reflexões sobre quais as dificuldades e possibilidades dos agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, no sentido de acesso aos mecanismos públicos de fomento à cultura, intercalando as vozes dos artistas, dos pesquisadores e dos autores presentes no trabalho, para que, em uníssono, tragam respostas à pergunta orientadora desta pesquisa.

#### 4.1 TRILHAS METODOLÓGICAS

Os aspectos metodológicos dizem respeito ao processo da pesquisa, seus desafios operacionais e os caminhos encontrados pelo pesquisador. Esses caminhos envolvem orientações epistemológicas, a visão de Ciência no que diz respeito ao modo de produzir conhecimento, e os procedimentos de pesquisa.

Nesse sentido, é importante destacar esses caminhos que não iniciaram no mesmo momento em que este trabalho começou. Começamos a nos aproximar e a conhecer o território periférico de que trata este trabalho desde o início da década de 1990, quando circulávamos por bairros que nasceram de ocupações, como Canyon, Cooesp e outros, fazendo um trabalho de conscientização sobre áreas de risco e legalização de moradias das ocupações. O espetáculo “Os Desbravadores” foi desenvolvido em parceria com a equipe da Secretaria de Habitação da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. O título do fazia referência às pessoas que cortaram o mato a facão e “paletaram” tábuas morro acima, para ocupar uma porção de terra e fazer morada onde hoje temos bairros periféricos Caxienses. Assim, fazíamos as apresentações em todos os espaços possíveis, desde as ruas sem calçamento, sobre cascalhos, ao lado de bueiros a céu aberto, ou dentro dos espaços de reuniões do orçamento participativo, nos bairros de Caxias do Sul, chegando a fazer sessões no Fórum Social Mundial, que teve Boaventura de Sousa Santos como um de seus idealizadores e que aconteceu em Porto Alegre, entre 25 e 30 de janeiro de 2001 e que contou com a participação de aproximadamente 20.000 pessoas de 117 diferentes países. Neste período, já considerávamos a função social e política da arte como possibilidade de transformação da realidade das comunidades periféricas. Havia, ali, já sinalizada, a inquietação com os ‘desbravadores’ do campo de produção em Arte, seus percalços e estratégias de superação. O título do espetáculo remete a uma reflexão sobre o quanto se tem que ser também desbravador no universo da produção da Arte.

Desde lá até hoje, várias outras ações afirmativas se deram, sempre com ênfase na contribuição sociocultural voltada para o território periférico. Fomos, então, nos constituindo pesquisadores ao longo do trajeto do presente trabalho e seguimos em processo de construção para além dele, atuando no setor artístico e nas dinâmicas sociais, para auxiliar sujeitos dos diferentes estratos sociais. Pudemos, também, acessar nosso repertório de vivências e validá-lo sob outra perspectiva, que não descarta a escrita criativa, mas que busca sustentação metodológica para ampará-la e apropriação de novos referenciais teóricos para expandi-la. Em alguns destes teóricos, sentimos o acolhimento do modo de ser e criar que nos é inerente,

que não quer abdicar das memórias afetivas e a presente afetividade desenvolvida entre nós e sujeitos colaboradores, integrando ao fazer (saber) científico. Freire (1996, p. 141) diz que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”. Em todas as etapas vivenciadas em campo, mantivemos a orientação no sentido de que pesquisadores e colaboradores são sujeitos do processo, o que se alinha ao pensamento de Freire (1996) e, também, de Boaventura de Sousa Santos:

Se querem realmente trabalhar nas epistemologias do Sul, comecem com esta ideia: metade do tempo para a universidade, para os estudos e metade para trabalhar os movimentos e organizações sociais. Porque de outra maneira o pensamento eurocêntrico da modernidade continua a transformar qualquer inovação teórica e/ou metodológica numa proposta única [...] Então, o critério é saber de que lado se está. Não de onde se vêm, pois as pessoas vêm de diferentes lugares, mas de que lado da luta se está. (SANTOS, 2018, p. 106)

Santos demonstra coerência entre seu pensamento e sua prática, o que nos inspira na produção desta investigação. Neste sentido, há aproximações e entrelaçamentos da Sociologia que ele propõe, como Ecologia dos Saberes, com movimentos sociais e artísticos. Desse modo, sentimo-nos representados e afetivamente identificados em vários aspectos: no conteúdo artístico e crítico, na forma (o Rap), no hibridismo de linguagens de origem tão diversa, na proximidade geográfica (Porto Alegre) e simbólica (a Casa de Cultura Mário Quintana), mas principalmente por vermos a generosidade do sociólogo Boaventura Santos aprendendo “a batida” com os *rappers*, enquanto entrega seu poema para ser musicado por eles. Trata-se da efetivação da sua proposição epistemológica, de Ecologia dos Saberes, em que existe a aproximação entre os saberes acadêmicos e os da população com a qual se interage, durante as investigações.<sup>15</sup>

Pelos estudos e práticas de Freire e Santos, sentimo-nos amparados na validação das convivências e trocas de experiências que realizamos com os colaboradores desta pesquisa,

---

<sup>15</sup> Alguns exemplos dessas aproximações de saberes, podem ser encontrados nas seguintes situações: Encontro “Território sem fronteiras”, promovido pelo Instituto Trocando Ideia e pela UPMS Cultura, e que teve lugar na Casa da Cultura Mário Quintana, Porto Alegre, a 22 de janeiro de 2016, Boaventura de Sousa Santos lê o poema de sua autoria com que encerrou Ciclo Ato Criador. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pEGabXWh18c&t=431s>. Acesso em: 01 abr. 2022; Evento cultural do Fórum Social Temático de 2012, em que o seu romance Rap Global foi musicado por um grupo de DJs e MCs sob a direção musical de Tonho Crocco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xciJlb4aVmI>. Acesso em: 01 abr. 2022; a partir do livro RAP GLOBAL, de Santos (1969). Fabiana Menini, Consultora de Projetos do Instituto Trocando Ideia, reuniu MCs da região metropolitana para transpor as rimas de Boaventura para a métrica do rap. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swVOy421dWA>. Acesso em: 01 abr. 2022.

como aproximações e ações investigativas<sup>16</sup>, parte da metodologia pela qual desenhamos caminhos para nos aproximarmos dos resultados deste estudo.

No processo aproximação com o campo da pesquisa, muitas foram as situações que possibilitaram ampliar o conhecimento sobre o universo investigado. Em trechos anteriores, durante a reflexão sobre o desenvolvimento da área de cultura, os projetos de fomento, por exemplo, algumas dessas situações foram demonstradas. Vamos listar estas aproximações e ações investigativas.

Quadro 1 - Aproximações e Ações Investigativas

<b>Ações Investigativas</b>
Pesquisa Teórico-Bibliográfica – levantamento de teorias, conceitos e informações gerais, relativas aos temas da pesquisa, envolvendo as temáticas arte, periferia e fomentos e subtemáticas como territorialidade, decolonização e democratização.
Análise documental – anterior e durante a pesquisa, análise de leis, editais e documentação sobre investimentos em cultura.
Conversa presencial com a ex-secretária da Cultura, Tadiane Tronca. Conversa ao telefone com a ex-Diretora da Cia Municipal de Dança Sigrid Nora. Conversa com ex-diretor do Departamento de Arte e Cultura Popular, Elvino Santos, pelo google meet.
Produção de documento: Edital Uno-me.
Interações com os sujeitos da pesquisa, em diversos momentos e situações, apresentados nas aproximações investigativas.
Solicitação e recebimento dos depoimentos e posterior produção de vídeos para as redes.
Entrevistas por <i>google meeting</i> , registradas em vídeo
Visita / conversa com a Diretora do Departamento Popular de Arte e Cultura - Carolina Varta.
Consulta - RIO GRANDE DO SUL, Transparência RS, 2020.
Levantamento de dados - RIO GRANDE DO SUL. RS Seguro. Secretaria da Segurança Pública.
Consulta - camaracaxias.rs.gov.br
Pesquisa de imagens - Jornal Pioneiro - Caxias do Sul
Visita a Casa Brasil - Bairro São Caetano.
Conversa com o artista Rafael Dambrós.
Conversa Artista Daniel Collin
Conversa com o artista Andriago Martins

<sup>16</sup> As expressões ‘aproximações e ações investigativas’ estão sendo utilizadas no sentido de Baptista (2014), na proposição metodológica Cartografia dos Saberes, de caráter plurimetodológico e processual, para as investigações qualitativas.

Conversas com o líder comunitário Valdir Negrão
<b>Aproximações investigativas</b>
Escola Popular de Artes Itinerante - Bairro Belo Horizonte (foto em apêndice A)
Seco e Convidados - Evento na Tem Gente Teatrando (foto em apêndice B.)
Batalha do Complexo Zona Norte - Jurada (foto em apêndice C)
Em cada Ponto um Sorriso - circulação pelos Pontos de Cultura.
Fórum Municipal do Hip Hop 2021 (foto em apêndice D)
Slam das Manas na Tem Gente Teatrando
Programa de entrevista de rádios - Café com Cultura - entrevistou e rodou as músicas da maioria dos artistas
Especialização Corpo e Cultura, Ensino e Criação
Memória do Torto, Memória do Corpo - espetáculo com depoimentos de alguns dos artistas. (foto em apêndice E)
Os Desbravadores - Fórum Social Mundial (foto em apêndice F)
Direção do espetáculo dos Favelécos (foto em apêndice G)
Tem Gente Teatrando nos Bairros de Caxias 2019 - 2022 (foto em apêndice H)
Participação no Conselho Municipal de Políticas Culturais (foto em apêndice I)
Participação na Comissão Municipal de Incentivo à Cultura (foto em apêndice J)
Especialização em Teatro e Educação - IFMG
Participação na Conferência Municipal de Cultura - palestra com Jorge Melguizo (foto em apêndice K)
Contratação de artistas colaboradores para ministrar oficinas na Escola Popular de Artes (foto em apêndice L)
Deixa fluir - entrevista por Maurício Abel na Casa Fluência Hip Hop (foto em apêndice M)
Aniversário do Slam Poetiza na Tem Gente Teatrando (foto em apêndice N)

A título de ilustração, vamos descrever resumidamente algumas destas ações:

- Direção do espetáculo “O Presente” do Grupo de Teatro de Bonecos Favelécos, composto por Daniela de Almeida Waszelewski, Patrick Duarte, Rafael Rosa da Costa e Leandro Faccenda, artistas participantes do Uno-me. Os encontros aconteciam na sede da

Tem Gente Teatrando, após as 23 horas, horário em que um dos membros do elenco saía do seu trabalho. Posteriormente, acompanhamos as várias apresentações deste espetáculo, inclusive em eventos beneficentes promovidos pelos próprios artistas, em situações que incluíam entrega de pipoca, cachorro-quente, pizza, cupcakes, brindes para as crianças levarem para suas casas, tudo gratuito e conseguido pela equipe através de parcerias. O texto trabalhado nesse espetáculo era de Daniela de Almeida Waszelewski, o mesmo que foi premiado no Uno-me.

- Escola Popular de Artes Itinerante: um projeto via Lei Municipal de Incentivo à Cultura, proposto pela Tem Gente Teatrando, que destina aulas de teatro, dança e música, de forma gratuita a alunos da Rede Pública de Caxias do Sul. Sua 5ª edição foi especial, pois foi aplicada no salão comunitário do bairro Belo Horizonte, Zona Norte de Caxias do Sul. Esta edição contou com a contratação de vários participantes do edital Uno-me. Poliana Abreu fez a monitoria do projeto nos seus primeiros meses. Fernando Bittencourt ministrou oficinas de dança, enquanto Douglas Ribas fez uma oficina de escrita para o rap, aproveitando a ocasião para mostrar uma de suas músicas para os estudantes. Rafael ministrou oficinas de preparação corporal baseado no seu trabalho social com jiu-jitsu para crianças do bairro São Caetano, Zona Sul.

- Tem Gente Teatrando nos Bairros de Caxias. A relação com o atual trabalho é estreita, pois, para cada dia de apresentação, é preciso fazer vários contatos com as lideranças, visitar os possíveis espaços para apresentar, caminhar pelo bairro para divulgar e, além da troca que acontece entre plateia e equipe, durante a apresentação, há também a proposta de uma roda de conversa após as sessões. Considerando que estamos na quarta edição, circulamos com os espetáculos Memórias de Uma Solteirona (2018), Lendas de Enganar a Morte (2019), A Sinistra Farsa do Coronel Farsa (2021 online) e Usina da Fantasia (2022) Nessa última edição, os bairros contemplados foram Reolon, Charqueadas, Pioneiro, Belo Horizonte, Campos da Serra, São Caetano, São Victor Cohab, Serrano, Diamantino, Beltrão de Queiróz, Cidade Nova, Santa Corona, Ana Rech, Forqueta, Galópolis, Fazenda Souza, Monte Carmelo, Pedancino, Mariland e Jardelino Ramos.

- Batalha do Complexo ZN. Em outubro de 2020, recebemos convite de Douglas Ribas (Lord Akin) e equipe, para cumprirmos a função de jurados da Batalha do Complexo Zona Norte, que aconteceu no Bairro Belo Horizonte. Tratou-se de um convite muito significativo, no sentido de nos sentirmos acolhidos pelas pessoas e pelo território. Uma experiência potente e emocionante, que também contribuiu para compreender mais a respeito

do universo investigado e do que é estar “em presença” neste ambiente pulsante de energia coletiva.<sup>17</sup>

- Enquanto finalizamos esta pesquisa, estamos em processo de construção de um projeto artístico, cujo nome é “Eles não conhecem o Will”, proposto por Maurício Abel. O projeto tem como proposta, um espetáculo que envolva bailarinos, músicos, cenógrafos, figurinista, todos artistas da periferia urbana de Caxias do Sul, para contar histórias da periferia, com dramaturgia coletiva.

Estes exemplos demonstram como foram se estabelecendo os vínculos de cumplicidade e confiança, através da convivência profissional e cotidiana. Assim, também fomos construindo minimamente um panorama do ambiente e das relações dos artistas com os espaços de arte e convivência, para podermos compreender melhor quais os principais fatores que influenciam nas possibilidades e as dificuldades de acesso aos mecanismos de fomento público de cultura. Complementamos o conhecimento colhido a partir das entrevistas, com a diversidade de vozes e paisagens que nos foi permitido vivenciar. E através da metodologia de pesquisa e leitura de diversos autores, pudemos também situar, com maior precisão, o nosso lugar de fala e o nosso papel na construção de um mundo mais justo, delimitando um ponto que elegemos como fundamental: o acesso aos mecanismos de fomento público à cultura por parte dos artistas moradores da periferia urbana de Caxias do Sul.

Toda esta introdução foi feita, pelo desejo de mostrar que a motivação para realizar este trabalho antecedeu e alimentou o processo das entrevistas. A descrição deste processo está apresentada nos próximos parágrafos. Para trabalharmos com a pergunta motora desta pesquisa (Quais as dificuldades e possibilidades dos agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, no sentido de acesso aos mecanismos públicos de fomento à cultura?) foi preciso conhecer um pouco mais sobre esses agentes e ouvir deles o que pensam e sentem em relação ao cerne da questão, os fomentos e suas adjacências, a arte e o território periférico. No intuito de fazer um recorte, elegemos os inscritos no edital Uno-me, como possíveis colaboradores, sujeitos desta pesquisa. O referido edital está descrito e detalhado no

---

<sup>17</sup> Alguns outros momentos de interação, nesse sentido, foram: Edital Ações nas Comunidades – Central Única das Favelas - CUFA (participação na Comissão de Seleção de Projetos). CAXIAS.RS. **Iniciativas de Caxias recebem 604mil do edital ações culturais das comunidades.** Disponível em: <<https://caxias.rs.gov.br/noticias/2021/04/iniciativas-de-caxias-recebem-604-mil-do-edital-acoes-culturais-das-comunidades>> Acesso em: 26 abr. 22; INSTAGRAM. **Oficina de artesanato na TGT no dia 18 abr. 21.** Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CN0NkL8D2ah/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CN0NkL8D2ah/?utm_source=ig_web_copy_link)> Acesso em: 26 abr. 22; FB.WATCH. **Live Seco e convidados na TGT no dia 14 ago. 21.** Disponível em: <<https://fb.watch/cDB03sWCTw/>> Acesso em: 26 abr. 22. INSTAGRAM. **Live na Fluência (Abel) no dia 27 maio 21.** Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CPWsEdGDaze/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CPWsEdGDaze/?utm_source=ig_web_copy_link)> Acesso em: 26 abr. 22; INSTAGRAM. **Fórum do Hip hop no dia 24 nov. 21.** Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CWqku8KtqJQ/>> Acesso em: 26 abr. 22.

capítulo dois, seção três, portanto retomaremos apenas de forma resumida para resgatar apenas alguns pontos fundamentais para a compreensão da sua relação com os sujeitos e as entrevistas.

No início da pandemia, movidos pela solidariedade e também pelo desejo de provocar algum movimento. por parte da equipe da Secretaria Municipal da Cultura da época, lançamos o Edital Uno-me, que consistiu na venda de um carro Fiat Uno 1995/1996, da companhia Tem Gente Teatrando, pelo valor de R\$5.000,00 e na divisão deste valor em prêmios de 250,00, destinados a artistas moradores da periferia urbana de Caxias do Sul. Para se inscrever, bastava preencher uma ficha simplificada e enviar um vídeo, texto ou áudio de um de seus produtos artísticos. Todo o processo, da criação à premiação, coube em 45 dias. Vamos destacar, abaixo, as quatro etapas do edital, fundamentais para a construção da trilha metodológica da pesquisa, pois fazem o recorte dos sujeitos, do território e instrumentalizam para a criação do roteiro de perguntas da pesquisa.

1- *Inscrição de produtos culturais de artistas que atuem também como agentes culturais na periferia urbana caxiense.* Esta etapa faz o recorte para as atividades e território dos sujeitos (artistas e agentes culturais da periferia urbana).

2- *Seleção de 20 produtos<sup>18</sup> culturais que foram contemplados com o valor de R\$250,00 cada.* Aqui pudemos identificar a área de atuação de cada um e tomar contato com características e ideias dos artistas, através de seus produtos artísticos,

3- *Entrega dos prêmios para os artistas contemplados.* O momento de entrega da premiação foi importante para percebermos as interações existentes entre eles, que já formavam pequenos grupos com relações de amizade e trabalho. Além de conversarmos, foi o momento de colher, em vídeos, os depoimentos de cada um, sobre relações de vida e arte.

4- *Divulgação dos artistas e produtos culturais selecionados, nas redes sociais da Tem Gente Teatrando.* Os vídeos citados acima foram editados pela equipe da Tem Gente Teatrando, mesclando relatos e produtos artísticos de cada um, gerando uma peça publicitária individualizada, para a divulgação do trabalho de cada um dos artistas em redes sociais e imprensa. A lista de artistas e os links dos depoimentos estão disponíveis no quadro abaixo.

---

<sup>18</sup> O valor da venda ficou abaixo do proposto (4.500,00), reduzindo para 18 o número de vagas.

Quadro 2 - Artistas contemplados no Edital Uno-me

Nome	Nome Artístico	Depoimento
Álvaro de Lazari	Álvaro de Lazari	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=1E9Hg2fOZkQ&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=16">https://www.youtube.com/watch?v=1E9Hg2fOZkQ&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=16</a>
Cherlon Cardoso da Silva	Kripper	<a href="#">Chérlon Cardoso- Edital UNO-me</a>
Daniela de Almeida Waszelewski	Daniela de Almeida Waszelewski	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=c0ymCj8FT7g&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=13">https://www.youtube.com/watch?v=c0ymCj8FT7g&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=13</a>
Dirceu Ferreira dos Santos	Mano Natu	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=THqIghwSVM8&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=7">https://www.youtube.com/watch?v=THqIghwSVM8&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=7</a>
Douglas Gonçalves da Silva Ribas	Lord Akin	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=e3CCRigS8aY&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=4">https://www.youtube.com/watch?v=e3CCRigS8aY&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=4</a>
Fernando Bittencourt	Fernando	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=hSbipSPMa28&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=11">https://www.youtube.com/watch?v=hSbipSPMa28&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=11</a>
Janquiel Francisco Claudio	Chiquinho de Vilas	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=b14S4BUbWA4&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=14">https://www.youtube.com/watch?v=b14S4BUbWA4&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=14</a>
Leandro Facenda da Silva	Le Facenda	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=LSZDqoZG1IM&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=8">https://www.youtube.com/watch?v=LSZDqoZG1IM&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=8</a>
Maurício Abel	Abel	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=oyWj_nLpf7U&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=6">https://www.youtube.com/watch?v=oyWj_nLpf7U&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=6</a>
Patrick Duarte da Silva	Seco	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=BGZpCiGdgD8&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=3">https://www.youtube.com/watch?v=BGZpCiGdgD8&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=3</a>
Polliana Abreu Camargo	Polli	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=wQxjUnquctk&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=2">https://www.youtube.com/watch?v=wQxjUnquctk&amp;list=UUfTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=2</a>

Rafael Rosa da Costa	Nego Drama	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=3wCQzUBKxic&amp;list=UUtTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=5">https://www.youtube.com/watch?v=3wCQzUBKxic&amp;list=UUtTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=5</a>
Rudimar Souza Camargo	DJ Hood	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=i3SRtYYdsBs&amp;list=UUtTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=12">https://www.youtube.com/watch?v=i3SRtYYdsBs&amp;list=UUtTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=12</a>
Vitória Jamile dos Santos	Jamile	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=q_SoUuJhS-8&amp;list=UUtTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=9">https://www.youtube.com/watch?v=q_SoUuJhS-8&amp;list=UUtTfVV3Otreh9HTf54xwxZg&amp;index=9</a>

Fonte: Tem Gente Teatrando, (2020).

Dos dezoito artistas premiados no Uno-me, acabamos por trabalhar com quatorze, pois duas das inscritas eram assistentes sociais de um projeto específico que representaram menores de idade no edital. Uma das participantes não respondeu às mensagens e, por último, um dos participantes não cumpriu a entrega do seu produto artístico e, portanto, foi desclassificado. Partimos, então, para a formação do grupo através de convites pelo *whats app*, com o seguinte texto:

*Oi, aqui é a Zica! Estou fazendo meu trabalho de mestrado sobre arte e periferia. Por isso, gostaria de trocar uma ideia com as pessoas que participaram do edital Uno-me. Você toparia me auxiliar? Seria uma conversa de uns 30 minutos sobre a sua relação com a arte. Se você não puder me encontrar presencialmente, podemos fazer de forma online também. Mas aí a gente combina. Ficarei muito feliz, se puder me ajudar! Um abraço! [17:53, 23 de julho de 2021]*

Dentro do período de uma semana, os quatorze agentes culturais deram retorno positivo, aderindo ao convite e passando a integrar o grupo de artistas colaboradores da pesquisa. Em seguida, munidos de subsídios colhidos nas conversas, vídeos e trocas de experiências, passamos para a formulação do roteiro de perguntas que seria utilizado nas entrevistas. Pautamos a formulação deste roteiro pelo objetivo inicial que move esta investigação: verificar dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais, moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, aos mecanismos públicos de fomento à cultura. Na intenção de alcançar este objetivo, entendemos que era preciso, primeiramente, levantar dados básicos que comprovassem o recorte da pesquisa, como faixa etária, endereço, atividade artística e meio de subsistência. Depois, para entendermos posicionamentos sobre a

arte, o território e os fomentos, trouxemos questões abertas, guiadas por tópicos, como composição familiar (na infância e atual) e escolaridade, promovendo, com isso, conversas e relatos sobre as histórias de vida familiar e profissional, experiências escolares, trabalhos artísticos, projetos socioculturais de que tenham participado como alunos, educadores ou proponentes e as suas formas de sustento econômico.

O resultado foi o que apresentamos a seguir:

#### ROTEIRO DE PERGUNTAS

- 1 - Nome completo:
- 2 - Nome Artístico:
- 3 - Data e local de nascimento:
- 4 - Endereço:
- 5 - Zona:
- 6 - Composição familiar na infância:
- 7 - Composição familiar atual:
- 8 - Profissão:
- 9- Grau de escolaridade:
- 10- Atividade artística:
- 11 - Tem trabalhos publicados? Quais? Onde?
- 12 - Já contou com auxílio financeiro para a realização ou publicação de seus trabalhos artísticos?
- 13 - Costuma participar de atividades de outros artistas? De quem? Quais as atividades?
- 14 - Já participou de editais de incentivo à cultura? Quais? (Ex: LIC, Financiarte)
- 15 - Atua ou já atuou como educador (a) social ou agente cultural? Em que função?
- 16 - Como a arte chegou até você e você até ela?
- 17 - Como a relação com a arte influenciou a sua trajetória?
- 18 - Já perdeu familiares ou amigos por violência?
- 19 - Já sofreu abordagem policial sem motivo?
- 20 - Pode falar sobre facilidades e dificuldades para acessar os editais?

Uma vez pronto, o roteiro de questões foi submetido à aprovação do orientador e uma vez que alinhado, foi submetido à aprovação da Comitê de Ética da Universidade de Caxias do Sul. Somente depois disso, iniciamos o agendamento para as conversas guiadas. O

agendamento das entrevistas foi um processo tranquilo, pelo fato de as conversas acontecerem através do aplicativo *Google Meet* e, portanto, conseguirmos flexibilizar os horários dos encontros. As chamadas foram realizadas entre 27 de julho e 11 de agosto de 2021, em horários variados, conforme a disponibilidade dos entrevistados, em algumas manhãs, fins de tarde, depois das 22h, dias úteis e fins de semana. Foram sempre conversas agradáveis, todos os entrevistados se mostraram solícitos e muitos se mostraram representados pelo desejo de falar sobre o assunto dos fomentos públicos. As entrevistas foram gravadas na íntegra com a autorização dos artistas e duraram, em média, 50 minutos cada, somando 11 horas de entrevistas de todo o grupo. Os 30 minutos previstos foram ultrapassados, pois todos foram espontaneamente prolixos em seus relatos, o que demonstra que se sentiram à vontade e tinham desejo de falar. Tivemos muita receptividade e contamos com a generosidade de cada um, ao contarem partes das suas histórias de vida, no intuito de contribuir com o trabalho. Uma vez compiladas as gravações das entrevistas, foi dado início às transcrições de cada uma delas, respeitando autenticidade da linguagem falada, para que não houvesse uma “tradução” para o Português formal, arriscando perder a ideia conforme nos foi entregue. Esta etapa resultou em um total de 170 páginas de relatos. Enquanto isso acontecia, também foi feita a coleta das autorizações para divulgar os dados.

Depois das transcrições feitas, dedicamo-nos a sistematizar os conteúdos, destacando, visualmente, blocos dos depoimentos, separando-os por temáticas, até onde possível. Exemplo: um bloco sobre o território, outro sobre a relação com a arte, outro sobre a relação com os fomentos. Também a partir das entrevistas, decupamos algumas informações, gerando quadros demonstrativos, utilizadas nos próximos subcapítulos, no intuito de organizar as informações dos participantes e suas histórias. O primeiro quadro ilustra um panorama geral do perfil dos artistas e consta na segunda seção deste capítulo, para contribuir com a compilação de dados e análise dos aspectos objetivos e de ordem subjetiva, no que diz respeito ao perfil do grupo de artistas. Já o segundo quadro traz informações sobre a participação dos artistas em editais de fomento à cultura e consta na última seção deste capítulo, servindo para dar uma ideia geral da incidência de acesso dos artistas aos principais editais, relacionando com o nível de escolaridade dos mesmos. Estas são as questões que consideramos mais importantes, na busca de respostas para a questão de pesquisa deste trabalho e para a verificação das dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais, moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, aos mecanismos públicos de fomento à cultura, seu objetivo principal.

Por fim, destacamos que nos orientamos pela estratégia metodológica das Matrizes Rizomáticas para organizarmos e ordenarmos as ideias e o material colhido nas entrevistas, trajetões, conversas e vivências. Trata-se de estratégia proposta por Baptista (2017, 2020)<sup>19</sup>, especialmente para sistematização de pesquisas, em todos os níveis acadêmicos, e verificação da coerência interna, alinhamentos e direcionamentos. Em atualização em 2022, a autora propõe quatro matrizes rizomáticas: 1) Trama e rizomas\_ verificação da coerência da pesquisa, envolvendo verificação entre título, foco do estudo, objetivo geral, questão de pesquisa, objetivos específicos e capítulos; 2) Detalhamento do rizoma \_relação objetivos, capítulos e subcapítulos; 3) Composição da\_trama teórico-bibliográfica da pesquisa; e 4) Coerência da operacionalização dinâmica da pesquisa e os capítulos, com maior detalhamento do alinhamento entre lócus, fontes, procedimentos (em aproximações e ações investigativas), recursos de apresentação, descrição e análise, e os capítulos da pesquisa.

Pautamos toda a trajetória pela crença na pesquisa a serviço da transformação do conhecimento e da realidade material também.

#### 4.2 PERFIL DOS ARTISTAS

Ao longo da pesquisa, fomos nos dando conta que, por muito que tenhamos circulado pela periferia de Caxias do Sul, com a produção artística da Companhia Tem Gente Teatrando, ao longo dos últimos 30 anos, nosso olhar sempre foi o *de fora*, pois, como visitantes, vamos embora quando a cortina fecha, quando o espetáculo acaba, literalmente. Desde janeiro de 2020, início da pandemia e deste trabalho, quanto mais aprofundamos as relações, aproximação, parcerias, convivência e afeto com os espaços e artistas periféricos, mais compreendemos a complexidade em torno dos aspectos que incidem sobre ambos, como, por exemplo, a precariedade de recursos, o preconceito a falta investimento nas iniciativas socioculturais e artísticas propostas pelos agentes. Por outro lado, conhecemos a riqueza cultural e artística, a solidariedade e as redes de apoio geradas dentro das favelas. Circular, conversar, experienciar eventos e espaços se mostrou um método eficiente de ampliar os conhecimentos necessários a esta pesquisa. Isto também nos ensinou a ouvir e a observar

---

<sup>19</sup> A proposição foi formalmente apresentada em 2017, em trabalho intitulado Matrizes Rizomáticas: Proposição de Sinalizadores para a Pesquisa em Turismo, no XIV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo - ANPTUR, posteriormente publicado em inglês, em livro na Índia, em 2020, estando presente também em vários estudos acadêmicos realizados na Universidade de Caxias do Sul, em nível de graduação e pós-graduação. Em 2022, está sendo atualizada. Texto foi compartilhado diretamente pela autora, ainda em prévia.

mais. E neste exercício da escuta, foi possível que os próprios artistas fizessem a sua apresentação e a apresentação dos produtos artísticos que inscreveram no edital Uno-me.

Neste subcapítulo também vamos traçar o perfil dos artistas colaboradores, a partir dos dados fornecidos por eles próprios, através das entrevistas aplicadas no período entre 27 de julho e 11 de agosto de 2021. É importante considerar que dados como endereço, atividade profissional e outros podem ter sofrido alterações, desde a data da entrevista, mas usaremos os originais para os perfis. A seguir, em ordem alfabética estão os nomes dos artistas e agentes culturais que se propuseram a contribuir com a investigação, todos selecionados pelo edital Uno-me, nascidos e/ou moradores da periferia urbana de Caxias do Sul. São eles: Álvaro de Lazari, Daniela de Almeida Waszelewski, Chérilon Cardoso da Silva (Kripper) Dirceu Ferreira dos Santos (Mano Natu), Douglas Gonçalves da Silva Ribas (Lord Akin), Fernando Bittencourt, Jankiel Francisco Claudio (Chiquinho Divilas), Leandro Faccenda da Silva (Le Face), Maurício da Silva Abel, Patrick Duarte da Silva (Seco), Pollianna Abreu Camargo, Rafael Costa (Nego Drama), Rudimar Souza Camargo (Dj Hood) e Vitória Jamile dos santos.

Agora daremos início às apresentações dos sujeitos, da seguinte forma: em ordem alfabética, primeiro o nome completo seguido de algumas linhas contendo comentários tecidos pela pesquisadora. Depois, a apresentação de cada um e do produto artístico inscrito no Uno-me, e algumas considerações sobre arte e/ou território, em suas próprias palavras:

Álvaro de Lazari:

Álvaro é um moço alto, com longos dreads, passa a impressão de ser uma pessoa muito tranquila. Percebemos que todos o conheciam. Depois descobrimos que ele acolhe todos os trabalhos de gravação, em seu estúdio, a preços especiais, para os artistas da periferia.

*Apresentação - Produtor musical no Home Studio Cultural Revolução, localizado nos fundos do Campos da Serra. O Home Studio por vezes acaba se tornando um ponto cultural independente, atendendo um público oriundo das periferias, sempre visando à fomentação da música como instrumento de ressocialização, acreditamos que a arte tem a capacidade de mudar histórias de vidas. Cultural Revolução nasceu nessa perspectiva de potencializar o artista que se encontra na subjetividade das pessoas que estão às margens, que na maioria das vezes não tem acesso e nem condições financeiras de desenvolver produções musicais. Desde 2004, oportunizamos esse acesso a diversos artistas da periferia, a fim de materializar*

*seus sonhos, artistas esses que hoje em dia possuem trabalhos sólidos e profissionais, com diversas produções audiovisuais movimentando a cena cultural local.*

*Produto artístico - Apresentação audiovisual no formato acústico, dois violões e voz, música autoral minha e da minha companheira. A letra musical fala sobre resistir, ser resiliente. A música incentiva um viver saudável em tempos difíceis!*

*Arte - É aquele negócio de tu tirar o que tá dentro de ti e botar pra fora né? é aquele: como é que tu vai expressar né? O teu... Tem a pessoa que pinta quadro, e a pessoa que nem você que faz a arte cênica que chama né? Tem eu que faço a dos ouvidos, que é só música né? Então eu acho que é o que cada um tem dentro, como é que tu vai expressar né? Isso até explica alguns desses crápulas que a gente tem aí né? Que não têm nada pra expressar só expressa... ...arte hoje ela é marginal né, somos perseguidos, tacam fogo nas bibliotecas, deixam pegar fogo nos museus e nas.... Onde guardam os filmes né, então a arte é muito mais do que tudo hoje em dia, do que as pessoas dizem que é arte. É aquele pensamento ruim que tu tem dentro de ti, não nós, né, mas que eles tem o pensamento ruim dentro deles e eles.... A arte deles é aquele negócio.... Não é ruim, não é falar ruim, é fica meio que um negócio, sei lá o gosto deles. Então ele acha que aquela coisa é ruim, mas não é isso, tu captou né, o que eu quis dizer né. É aquele lance, cara , não é verdadeiro, genuíno sabe, que a gente sabe, uma que coisa vai fazer o bem e quando uma coisa tá fazendo mal, por mais ah, sei lá... Vamos pensar: deu tudo errado na minha vida e eu virei uma pessoas “ruim”, eu vou tá sabendo que vou tá fazendo o mal né, **então a arte é isso, é marginal, é expressão, é veículo de mudança, de transformação pra quem realmente quer ser transformado, né?***

Daniela de Almeida Waszelewski:

Daniela é uma jovem mulher, com cabelos lisos e pretos. Dani passa a impressão de ser tímida, mas essa timidez não impede que ela sorria com os olhos. E é através deste ar sereno que ela observa o mundo a sua volta e o materializa através das palavras escritas nos seus textos.

*Apresentação - Desde pequena sempre gostei muito de desenhar, pintar, criar coisas novas, aprender, saber mais... Tive algumas experiências com o Teatro na igreja que costumava ir, trabalhei alguns meses em um teatro de terror, e depois daí me encontrei na arte de verdade!*

*Produto artístico - Eu gostaria de escrever uma história infantil composta por mim, esse ano. Até não fazem muitos dias que concluí ela. A história fala sobre preconceito de uma forma mais lúdica, leve e engraçada, mas que não deixa de passar uma mensagem importante que todos somos especiais da nossa maneira, e que todos podemos melhorar a cada dia! Aqui tenho só a história escrita, pensei em fazer a mão, mas como quero distribuir para as crianças gostaria de logo poder fazer no computador e imprimir como um livrinho infantil mesmo.*

*Arte: A Arte é tudo que a gente consegue manifestar sabe, com a nossas mãos, com a nossa boca sabe, a gente consegue expressar para as outras pessoas, fazer elas se sentirem bem, fazer elas felizes com a gente, tá mostrando sabe, dar o nosso melhor é bom, nem que eu não vendo nada, mas receber um elogio: ficou muito bom, ficou muito bonito, nem que for para mim dar de presente para alguém assim, a arte é isso.*

*Território: e a violência é desde tu tirar o direito de uma criança de estudar. Ou sabe, violentar o direito dela de qualquer jeito. Tu fazer a criança fazer coisas. Não só crianças, adolescentes. Enfim, ver coisas que eles não precisavam tá vendo, a violência nas ruas, nem drogas, prostituição, essas coisas, sabe, e aqui isso tudo aconteceu, porque o direito da criança e do adolescente foi violado sabe, se ele tá passando por isso ou passou agora.*

Chérton Cardoso da Silva (Kripper):

O Chérton é um moço muito gentil. Fala com respeito e solidariedade sobre as pessoas e o lugar onde mora. Depois de conhecê-lo, através do Uno-me, descobrimos que era o irmão de uma de nossas alunas e que já circulava pela Tem Gente Teatrando para assistir espetáculos.

*Apresentação - Acredito que desde a infância o artista sente uma intensidade de expressão ou até mesmo um "chamado" interior. Na época de escola, tive sorte em uma professora de português perceber essa facilidade com produção de textos e no ano de 2015 disse para me inscrever em um concurso das escolas da cidade, onde acabei ficando em 3º lugar no quesito Poemas no tema "Cotidianos", foi um passo importante pois teve prêmio pela Academia de letras de Caxias do Sul e a partir daí fui trabalhando com música (mesmo sendo amante de todas artes e estudando um pouco de cada). É uma longa jornada até aqui. Recentemente*

*também no ano de 2019 fui contemplado com o 2º lugar na categoria Videoclipe pelo Festival Cine Serra com o trabalho "High" dirigido por Rafael Willms.*

*Produto artístico - Gostaria de inscrever o videoclipe "High", (música) escrita no ano de 2018 e lançado em 2019, foi um trabalho muito importante pois foi o primeiro produzido profissionalmente e lançado em todas plataformas digitais. Por ter uma visibilidade tão grande e por ser um trabalho lindo, acredito que seja meu "melhor" até agora.*

*Arte: a arte, eu vejo como uma salvação, assim, vejo como se fosse... sem a arte, não faz sentido, não tem um porquê, assim, né. Acho que é um norte e acho que a arte é uma das coisas mais necessárias que a gente tem na vida.*

*Território: E a periferia eu acho que é um lugar lindo, só que não tem... Como que eu posso dizer, não tem uma visibilidade que deveria ter, né. Porque por exemplo, os me... não os melhores, mas artistas que desempenham melhor trabalho, pessoas que vêm da periferia sempre, não digo que vão ser melhores, mas elas sempre vão tentar dar o melhor de si, porque elas sabem que elas precisam, elas sabem que elas têm que sair dali, elas sabem que elas precisam ter o que comer, elas sabem que elas precisam realmente fazer algo, sabe. Eu vejo assim, que é um lugar lindo, só não, não é visto com os olhos que eu vejo, né, com os olhos que a gente que mora, vê. De fora, as pessoas vê que é feio, que é "ah, tem uma casa feia, não sei o que", mas eu acho que é bonito, mesmo sendo 'feio', né.*

*Ó, no meu bairro aqui, ele é bastante comandado pelo tráfico, aqui, né, tráfico de drogas, bastante. E eu vejo que, por exemplo, meus vizinhos assim, muitos meus vizinhos, eles não têm uma noção, por eles ser jovens também, né, tem uma noção de que isso pra vida deles vai, vai mudar muito, né. Por exemplo, se eles se envolverem assim, eles vão ser vistos com outros olhos, tanto pelo bairro quanto fora, ou pela polícia. Mas só que pra muitos deles às vezes é realmente a opção deles, né. O amigo deles vende droga, a mãe deles vende droga. Eu conheço muita mãe, família que vende droga. Então tipo assim, se a mãe da pessoa vende droga, se o pai da pessoa vende droga, tu não vai dizer que é por opção, né? É porque ele só tem aquilo, é o que ele conhece, né. O que ele conhece é arma, é o tráfico, é a pobreza, então não tem como ele... não digo que não tem como sair né, claro, mas vai ser um esforço muito maior do que ele tá ali, já, vivendo ali o que ele vive, né. É a vida dele, então tipo pra ele sair da vida dele, vai ser difícil não continuar. Então é complicado, mas a gente tenta, né, com esses projetos, a gente tenta auxiliar, também, com o próprio rap, né, a gente tenta falar. Eu, eu no dia a dia sou uma pessoa assim que eu tento falar pra eles que não é um caminho, tento*

*ajudar eles com palavras, tento incentivar, né, meus amigos a sair dos que tão nisso, né, pra realmente fazer eles ter uma mudança de vida maior, né, que isso não leva a lugar nenhum.*

Dirceu Ferreira dos Santos (Mano Natu):

O Natu é um homem grande, não apenas em estatura, mas em atitude, pois vendeu sua música na rua até alcançar autonomia. O tamanho e o vozeirão contrastam com a doçura deste mano que canta nas esquinas, prisões, templos, metrô.

*Apresentação - Sou cantor e compositor de rap nacional militante do movimento hip hop desde 2001, na cidade de Caxias. Há 5 anos vivo do meu trabalho musical, com a venda do meu próprio material, como boné, adesivo, CDS, DVD, shows, palestra, etc. Tenho um projeto de artista de rua chamado (Rap Nas Ruas) que visa levá show ao vivo nas ruas e praças de Caxias e do Brasil inteiro. Hoje, na atualidade da cidade Caxias com (CD) físico mais vendido de forma autônoma, com 10.000 cópias.*

*Produto Artístico - Meu último CD com o título Impossível é Possível, composto de 12 faixas, gravado e produzido totalmente de forma independente, produção 100% caxiense desde da arte gráfica, produção musical. Chegou a ser vendido mais de 10 mil cópias do CD físico de mão em mão, nas ruas, periferias e praças da cidade de Caxias, Curitiba e São Paulo.*

Douglas Gonçalves da Silva Ribas (Lord Akin):

Douglas é um moço negro, alto, com olhos de águia e ginga na fala. É o Lord das batalhas de rima. Com dois microfones e uma batida, Lord Akin possibilita que jovens apresentem, através de rimas, o que passa pelas suas cabeças e pelo seu dia a dia.

*Apresentação - Faço parte da cultura Hip Hop desde meus 11 anos, em projetos que acontecem dentro da minha comunidade.*

*Produto Artístico - Gostaria de escrever minha música Vida Dura, que fiz em parceria com o Mc Duple.*

*Arte - “ah, porque o moleque queria ser jogador de futebol, queria ser policial, queria ser advogado”, e tals. Então a arte foi, bah meu, eu quero ser Mc, eu decidi que eu quero ser Mc, tipo foi essa parada que me impactou, ela se tornou mais uma opção, né. Ela chegou e tipo me mostrou outros horizontes, outras possibilidades e né, e onde que eu vi tipo, vi um*

*possível crescimento. Claro, é um mercado muito competitivo, né, em questão dessa parada da música e de Mc, mas hoje eu vejo como, como eu posso te dizer, tipo felicidade, pra mim é uma felicidade eu botar minha música na TV e minha filha dançar, saca? Hoje pra mim é uma felicidade eu tá escrevendo uma música e eu começar a cantar essa música e minha filha começar a dançar na minha frente, então tipo a arte é o que movimenta o ser humano, é o que alegra o ser humano. Isso pra mim é arte.*

Fernando Bittencourt:

Fernando dança dá aula, é segurança, é pai de duas moças lindas, estuda história e tem uma conversa bem articulada e agradável. É um moço grande, mas desliza pelo espaço com seus movimentos precisos e leves.

*Apresentação - Nasci em Caxias do Sul - RS, no dia 20/06/1983 (data de aniversário da cidade), e sempre morei aqui. Residi inicialmente sete anos no bairro Pio-X (em uma pequena casa alugada pela minha vó, meu vô e minha mãe), depois ganhamos um terreno no bairro São Victor Cohab, onde morei por 13 anos (de 1990 à 2003), e por último compramos uma casa no bairro Jardelino Ramos (buraco quente), onde morei até 2018, e só saí de lá por questão de forças maiores. Iniciei minha vivência (amadora e não formal) na Dança, em 1999, aos dezesseis (16) anos de idade, nas festas de casas noturnas em Caxias do Sul (e região) - RS. Assim, me tornei autodidata, sempre buscando aperfeiçoar tudo o que aprendia, relacionado a Dança. De 2003 em diante, comecei a me especializar formalmente, através de aulas de longa extensão, viagens, competições, workshops, batalhas de dança. Em seguida, me tornei intérprete, instrutor, palestrante e coreógrafo de Street Dance, pesquisador e atuante na Cultura Hip-Hop, oficinairo e arte-educador, adquirindo conhecimentos diversos e experiência profissional, até os dias de hoje. Minha especialidade base concentra-se nas Danças Urbanas Norte Americanas (Street Dance), no entanto, tive uma passagem de dois (2) anos na modalidade Dança de Salão, e quatro (4) anos na modalidade Jazz. Participei de alguns grupos e criei dois (2) deles em momentos diferentes; o grupo Expressão Ativa em 2007, e o grupo Gauchóques em 2016, em ambos atuei como coreógrafo e intérprete. O auge desta vivência foi a co-fundação do grupo artístico e cultural Essência Crew, em junho de 2009, na cidade de Caxias do Sul – RS. Grupo este que é referência estadual nas Danças Urbanas e principalmente na Cultura Hip-Hop do estado.*

*Produto artístico - Desejo apresentar e compartilhar para mais pessoas, um breve resumo das minhas aulas de Funkstyles (estilos de Street Dance oriundos da Califórnia, com base em Funk Music), que levo para os alunos da Fluência Casa Hip Hop, e também pretendo esclarecer um pouco de minha metodologia de ensino, através do que podemos chamar de "descrição técnica de fácil entendimento". Deixarei no arquivo em anexo, uma prévia de como será este material de vídeo informativo, que também será uma grande aula sobre os estilos; Robot, Waving, Boogaloo, e Popping, com duração máxima de 4 minutos.*

*Arte - A arte é aquilo que a gente pode fazer de mais bonito assim, eu vou te dizer de maneira simples, é aquilo que tu faz de mais bonito e é reconhecido por outras pessoas, que é arte de fato. Você ali sozinho não deixa de ser arte, mas quando tem este alcance de outras pessoas olharem o que você faz e se identificarem com aquilo também, criarem um julgamento positivo ou não, acho que isso já é arte, entende(?), eu diria. Eu gosto dessa coisa simples, é uma coisa bonita que você faz. Eu trago essa fala da minha experiência como educador social, é uma coisa bonita que você faz, do que também é tua arte, tu dança bem é tua arte, tu canta bem é tua arte entendeu, ah eu vou sei lá, tirar o pó, vou caprichar vou tirar o pó que quando as pessoas olharem vai tá muito brilhante, é tua arte.*

Jankiel Francisco Claudio (Chiquinho Divilas):

Chiquinho é o cara. Com seu boné inseparável, é um desbravador nas vielas e becos do bairro onde mora. E o que ele encontra de mais precioso nestes caminhos, explorados a pé, por ele, são crianças e jovens sedentos por arte. É incansável na defesa das crianças, com projetos reconhecidos e consistentes.

*Apresentação: Sou Chiquinho Divilas, rapper, educador social, pesquisador e poeta. Doutorando e Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Feevale-RS. Também sou formado em Relações Públicas e Pós-graduado (MBA) em Gestão Estratégica de Pessoas (UCS-RS). Iniciei minha carreira artística em 1997, como músico, no grupo de rap caxiense, Poetas Divilas. Nasci, fui criado e ainda resido na comunidade da Zona Oeste de Caxias do Sul. Nas atividades, abordo a cultura hip hop, sua linguagem e seus elementos, em escolas públicas, privadas, periferias, universidades, penitenciárias, empresas... Pelo Sesc, já realizei palestras com o tema “O estudo é a Cura” e “RAPensando a Educação” e nas Feiras de Livros, em diversas cidades do RS. Em 2018, participei do ARTE DA PALAVRA, projeto do Sesc Nacional em quatro estados, em 11 cidades: Porto Seguro/Aracaju/Rio de Janeiro/Paraty/Santa Catarina. Em 2019 fui contemplado pelo projeto Sesc Mais Leitura e circulei o RS com palestras em escolas e teatros. Há três anos consecutivos, sou proponente e diretor do projeto Cultura Hip-Hop nas Escolas, onde levamos, além da palestra, oficinas de rima, genealogia do hip-hop, grafite, dança e um estúdio móvel para gravação das músicas criadas e produzidas pelos estudantes, através de uma LIC, apoiada na íntegra pela empresa Marcopolo de Caxias do Sul. Este projeto é base da minha pesquisa de Mestrado. Em 2019 fomos premiados com o PRÊMIO RS EDUCACAO e o PRÊMIO BRASIL CRIATIVO-SP. Ministrei oficinas de MC no Instituto Zeca Pagodinho (Xerém-RJ) em parceria com a*

*Marcopolo Rio e a Fundação Marcopolo. São inúmeros projetos sociais paralelos ao trabalho artístico. Fui Conselheiro de Cultura da cidade de Caxias do Sul (2016-2020), representando Manifestações Populares. No segmento música, o RAPajador, projeto que mistura a pajada e o rap. Um acordeonista, um dj e um MC (Chiquinho). Circulamos em 2019 com o projeto REDE DE TEATROS SESC. (Florianópolis, Lages, Laguna, Itajaí, Joiville, Jaraguá do Sul, Concórdia e Chapecó).*

*Produto artístico - Chiquinho Divilas, Feat Pablo MC - "Passando o bastão" Uma música que estamos produzindo, a ideia é gravar um clipe. Dando voz para a nova geração. A importância dos acessos para que eles possam seguir, ocupando espaços como um plano de paz. Pablo tem 11 anos e através de um projeto social ficou conhecido como MC Pablo depois de cantar um rap na oficina de hip-hop, no bairro Campos da Serra. Já participou de atividades culturais juntamente com Chiquinho Divilas. Um importante conteúdo para (quem sabe) inspirar mais manos e manas do hip-hop. "São os filhos que o Brasil não assumiu" - E que a cultura na periferia vem fazendo há tempos. Dar voz e oportunidade. Uno-me à ideia de que a cultura é extremamente necessário para o combate à violência e oportunidade para muitos jovens das quebradas, com sede para expressarem suas ideias e sentimentos. Assim teremos muito mais poesias, sensibilidade e diversidade para alcançarmos a inclusão social.*

*Arte - Eu acho que é essa resistência, e a possibilidade de eu ser quem eu sou. E conseguir, quem sabe, espalhar essa forma de pensar, de agir, e de mostrar que nós não estamos sozinhos. Nesses últimos anos eu consigo entender que arte, ela deu uma amortecida nessa nossa hipermasculinidade. Que a quebrada faz muito disso, né: "É nós memo, é nós é machão, nós derruba, se ratiá nós pega a arma e nós mata". Eu vi vários irmãos não voltando pra casa. Às vezes por uma treta por causa de uma mina, às vezes por um boné. Então eu acho que a arte, nesse momento ela sensibiliza. E com tudo que a gente tá vendo, com a diversidade hoje, com **essas vozes que estavam com um volume muito baixo**, eu acho pra mim, a cada dia que passa, eu consigo me sensibilizar mais sabe, eu consigo me colocar no lugar do outro sem ser o outro.*

Leandro Faccenda da Silva (Le Face):

Leandro não fala muito, parece ser um homem tímido, mas atento aos mínimos detalhes do dia a dia. Inteligente e prático nas soluções cênicas. Por trás dos óculos, ele observa e cria suas obras com tanta dedicação e delicadeza.

*Apresentação - Eu nasci em Alvorada, estou morando a 18 anos em Caxias. Minha cidade natal era muito precária em cultura (penso que ainda seja), e não tive como me especializar, coloquei meu desejo de atuar com a cara e coragem em 1996, num grupo teatral de espetáculo de terror e fui me aperfeiçoando na atuação, criação cenográfica e demais adversidades que um artista comum enfrenta. No início deste ano, junto com colegas do meio artístico, começamos um projeto para apresentação teatral com fantoches, onde será abordado principalmente temas sociais.*

*Produto artístico - Eu vou inscrever um vídeo onde os fantoches Gafanhas e Faustos se deparam com o descarte de lixo feito de forma irregular. Os dois contracenam entre eles e com a câmera, falando vez ou outra de forma cômica, porém abordando o assunto de forma séria e também dando pinceladas sobre esse tempo de Pandemia. O nome da história será: O teu lixo é teu.*

*Arte - é uma forma de expressão que tá aí, de diversos modos de expressão né, que ela tá ali pra instigar o pensamento da pessoa né, sobre o que é a mensagem, aquela mensagem que tá passando, daquela expressão, ou não às vezes pode não ter mensagem, ou pode ser qualquer outra coisa, não necessariamente no meu ver né, digamos, **uma forma diferente de apresentar a vida** né, seja lá de um teatro de uma música, de uma pintura, de um trabalho artesanal né, de uma forma da pessoa ver a vida numa maneira diferente. Claro, eu tô falando que a arte, a gente trabalha com a arte do bem né, porque a arte pode ter coisas do mal, também, né, porque tem gente que é do mal e faz arte, digamos... Pode expressar algo como uma ideologia dela, uma ideologia política, uma ideologia religiosa, coisas desse tipo sabe. Acho que arte pra mim é isso sabe, uma coisa que... então a arte pra mim é uma coisa assim, que faz, digamos, instigar a pessoa a refletir, a pensar ou pra relaxar. Que seja algo... Tem a música do Beethoven digamos, pra mim pode não passar nada, mas pra outra pessoa lá, ela via escutar e vai dar um relaxamento né, coisa assim né, mas pra pessoa não tá passando mensagem nenhuma, tá passando relaxamento, digamos, pode alguma outra coisa pra outra pessoa, de repente né? Vai saber, por que cada ser é diferente, tem uma forma de receber a informação né, acho que é isso sobre a arte.*

Maurício da Silva Abel:

Para alguns, Maurício; para outros Abel, mas para todos, um protetor de crianças e jovens em vulnerabilidade social. Maurício Abel, homem, branco, pai, é reconhecido pelo

movimento como por “juntar gente”, agregar pessoas por uma mesma causa, a de libertar da opressão as pessoas que vivem na periferia da nossa cidade.

*Apresentação - Me inseri no mundo transformador das artes através do Rap, reproduzindo algumas músicas de Rappers de São Paulo, como Racionais Mc's, Dexter, Mv Bill, Realidade Cruel, Detentos do Rap, Face da Morte entre outros... No oitavo ano do ensino fundamental eu e minha prima irmã, recitamos em forma de poesia, um Rap na escola. Desde então, nunca mais parei de compor. Na época não tínhamos recursos e muito menos eventos para nos apresentarmos, assim sendo começamos a fazer nossos próprios eventos nas comunidades e assim apresentar nossa arte, fomentando a cidadania e despertando no povo a luta pelos direitos. As igrejas eram uma espécie de pontos culturais de ensaios, era o lugar onde conseguíamos ter acesso a microfone e os demais instrumentos musicais. Ao passar dos anos, os eventos foram tomando proporções além da arte, passamos a prestar um serviço assistencial desde alimentação, até internações para dependentes químicos e etc.... Enfim começamos a desenvolver diversos trabalhos dentro das comunidades, fazendo pontes de ressocialização, trabalho esse, que realizamos a praticamente 18 anos, de forma independente, por falta de conhecimento da política pública cultural. No cerne desses anos todos de fomentação de arte e cultura, desenvolvemos vários trabalhos além do hip hop, ou seja, desenvolvemos peças teatrais, encontro de bandas de diversos gêneros musicais dentro das comunidades...*

*Produto artístico - Um livro lançado no ano de 2018, no qual o título é "Mais Quadros Músicas e Livros, Menos Algemas Trancas e Grades" O título já fala tudo, a arte no enfrentamento da expressões da questão social, a arte como ponte de transformação, superação e ressocialização! **Acredito muito que a arte faz brotar flores no lixão, a arte produz vida e por vezes é a única coisa que faz as pessoas sorrir nos porões da miséria. O mundo não evolui sem cultura!***

*Arte: ...é vida né? Arte para minha vida é o que me faz respirar, é o que me dá motivação de trabalhar num trabalho tão complexo que nem o meu (conselheiro turelar). Se eu não tenho a arte, eu não sei se eu daria conta disso. A arte para mim é vida, é o que me faz respirar, é como a água, assim né, a arte, se comparar com a água, eu sinto sede de arte quando eu tomo a arte eu me sacio, eu consigo... Meu sonho ainda é trabalhar com arte, onde que tá meu coração minha vida, assim.*

Patrick Duarte da Silva (Seco):

Patrick tem na cabeça uma metralhadora de ideias e é com ela que mira os que ouvem a sua música ou trocam ideias em uma conversa. Homem alto e magro, daí o apelido, Seco. Parece querer abraçar o mundo com os seus braços infinitos de amor e arte.

*Apresentação - Desde que me conheço por gente, tenho a música, a arte como arma para denunciar a maldade e dar voz ao meu povo da periferia, que é esquecido e tratado como se não existisse. Mostrando a realidade nua e crua, mesmo que por muitas vezes o sistema cruel e implacável, que não aceita e não quer que as demais classes saibam o que acontece por aqui. Distorcendo os fatos, transformando nosso Rap em apologia ao crime. **Mas nosso povo, meus irmãos sabem que arte na nossa mão é arma de salvação.***

*Produto artístico - O Rap. Nesta música "ENTRE PÓLVORAS E FLORES" escrita por mim, trago a tona a realidade triste e cruel, mas que existe, assombra e atormenta famílias, e se impregna na favela como um câncer que destrói minha classe. Tento ser a voz de quem não tem voz, mostrando que aqui ainda resistimos, por amor aos nossos, e que continuaremos até o fim, e que só calarão nossa voz quando o ar for tirado de nossos pulmões.*

*Arte - Eu vejo a violência como fogo e a arte como a água! O cara fica meio perseguido, ninguém tá dizendo que... a polícia tá lá fazendo o papel dela, fazendo o que ela sempre fez, tá ligado, fazendo o quê ela sempre fez, que nem o Mano Brown fala né, que a polícia não veio de agora né, a polícia são os capitão do mato de antigamente. Ela foi feita para pegar preto fujão né, ela foi feita para perseguir nós da periferia, que queremos vestir com boné, agora não posso me vestir de boné, que eu vou ser marginal?*

*Território - Eu sou lá do Diamantino, da Zona Leste. Quem é de lá sabe bem como as coisas funcionam lá, é um povo que na verdade poucos devem conhecer, por que foi bem por isso que eu comecei a cantar rap, para dar voz aos que não tem voz, explicar as neuroses e contar as história de lá, porque as histórias de lá não sai de lá, não sai no jornal, não passa na TV. Eu posso dizer que é um dos lugares mais violentos de Caxias do Sul, quem é de lá sabe o que acontece, sabe o que aconteceu. (Sobre amigos que foram assassinados) ...incontável, te dou os nomes: Nelson, Wesley, Josimar, Raquel, Carol, Dennys, Samuel, fora os que estão preso, fora os que andam andarilhando na rua como os mortos vivos.*

*...eu chamo de favela né. Já ouvi dizer que não tem favela em Caxias, pelo amor de Deus né, tem que começar a visitar o Carmelo, o Fátima, o Cânion, o Planalto, o Diamantino, porque periferia é mesmo né, no dicionário né tem o centro e a periferia, mas no centro também tem favela né, o Primeiro de Maio, o Burgo, a Zona do Cemitério são os bairros que mais precisam de intervenção né, a gente teve lá esses dias na zona do cemitério... Eu nunca fiquei envergonhado de dizer que eu era do gueto, isso aí eu posso dizer, eu sempre tive orgulho. As pessoas ao meu redor sempre tiveram orgulho, nós somos daí, velho, isso daí não faz nós menos que ninguém e já era.*

Pollianna Abreu Camargo:

Poliana é uma mulher jovem, mãe solo que usa as palavras, através da poesia para reivindicar condições melhores de vida para quem mais precisa. Mas ela vai além, com sua desenvoltura: Poli vai para a prática, promovendo ações junto aos movimentos sociais da cidade.

*Apresentação - Meu início com a arte aconteceu através da Cultura Popular dos Movimentos Sociais, sendo linha de frente no setor "Agitação e Propaganda", onde eram desenvolvidas apresentações e intervenções envolvendo períodos importantes para a classe trabalhadora. Atuei nacionalmente no fomento à cultura em acampamentos e ocupações. Comecei a escrever poesias em 2017, sob forte influência das Batalhas de Rap, auxiliei na organização de algumas batalhas em 2018 e em 2019 construí o Slam das Manas ocupando espaços públicos, protagonizado por poetas periféricos, despertando o interesse de muitos jovens pela literatura e sua própria história.*

*Produto artístico - O projeto envolve o lançamento de uma poesia autoral em formato de vídeo. O texto trata de vivências e impressões enquanto mulher mestiça e moradora da periferia de Caxias do Sul, escrito em 2018. É intitulado "Personas Inatas". As imagens serão captadas em ambiente doméstico. O poema apresenta linguagem informal e crítica e será declamado por mim, a fim de constituir a trilha sonora dos vídeos. Edição e legendagem ficarão por conta da artista Elis Bittencourt.*

*Arte: eu comecei a perceber que escrever doía muito para mim, então isso começou a me fazer... eu acho que a arte questiona a nossa existência e também, de alguma forma tem a arte da realidade e para mim essa arte que me dói muito, muito, muito. Assim, tem que falar*

*sobre as coisas, de algumas formas e tal. Mas eu acho extremamente necessário. Como um bom (...) com sol em Sagitário, tem sempre aquela perna ferida, né? Aquela dor e aquele prazer que tem um... Então eu preciso, por mais que doa. Assim, só que começou a doer muito e aí eu acho que a arte, que não é a arte da realidade, que é a arte que me afaga, que eu falei quando eu pinto e eu amo pintar, eu adoro cores... eu amo assistir desenho animado. Nossa, sou louca por um lado cores, movimentos, formas, então tem a arte da realidade, tem arte do sonho e hoje tem vários outros tipos de artes que dão outros sentidos, né, tesão, amor, raiva, tudo. Eu acho que é isso sim, a arte é a nossa existência, significado existencial. Questiona o significado, tira algumas coisas nela de forma que às vezes, a nossa visão nos tira. Ela representa a realidade e nos tira da realidade, ela dói e ela afaga...*

Rafael Costa (Nego Drama):

Rafael é um homem negro pai de dois filhos. Como ele mesmo diz é um sobrevivente das ruas. Agregador, é considerado pelos seus como um dos melhores na rima. O Drama dá aula de jiu jitsu de graça pra criançada.

*Apresentação - Vim das ruas desde os 8 anos de vida... e nela aprendi a ser educador social. Dou aulas de jiu-jitsu e hip hop.*

*Arte - Arte para mim é tudo, a minha identidade é essa. Quando me chamam de Rafael eu nem sei quem é Rafael, porque desde muito pequeno trabalho com a arte, eu trabalho com a cultura, eu não sei viver sem, eu preciso fazer algo para alguém, eu não consigo, é tudo isso que eu tenho de conhecimento e guardar para mim sabe, eu de alguma forma independente, eu acredito muito nas crianças, mas independente se for criança, adolescente ou até um idoso. A arte para mim é tudo, é aonde eu vou até o final da minha vida o que tiver envolvido com arte com cultura e com artes marciais, eu vou tá no meio. ...mas o brilho das crianças, a empolgação deles, a esperança deles terem um sonho, um futuro, já paga tudo, entendeu? Eu não me importo que tá acontecendo, não. Eu não vou parar, não vou desistir, eu só sei fazer isso, é assim que eu vivo, arte é tudo para mim.*

Rudimar Souza Camargo (Dj Hood):

O Hood é dono de um sorriso muito puro. É uma presença muito agradável, pois passa a impressão de estar feliz. Ele está atuando em projetos remunerados e se diz realizado por conciliar trabalho e arte em sua vida.

*Apresentação - Natural de Caxias do Sul, iniciou as atividades como dj em 1991, utilizando para tocar, toca-discos domésticos, caixas de som de aparelho 3 em 1 e fita cassete. No ano de 2000, com outros amigos criou o projeto Família Hip Hop. Em 2006 passou a atuar no grupo de criação e pesquisa da cultura popular, na função de DJ e produtor artístico, resultando em importantes espetáculos como: Mixtu, Cor e Sotaque e Sambo Samba. A partir de 2007 começou a ministrar oficinas através de projetos vinculados ao poder público e a iniciativa privada. Atuou como DJ em 2006, 2008, 2010, 2012, 2014 e 2016 na Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul. Foi homenageado como Mestre da Cultura Popular em 2011, pela Secretaria da Cultura de Caxias do Sul - RS. Atuou no projeto MCs pela Paz, sistema prisional de Caxias do Sul. Radialista no programa Majestade 54 a 4 anos, na Rádio Aliança 87,5 FM. Um dos articuladores da Semana Hip Hop, do município de Caxias do Sul. Idealizador do projeto Semente Conquista, onde atualmente esta na função de diretor.*

*Produto artístico - Eu gostaria de escrever essa performance de Dj, na arte dos toca discos, numa breve apresentação na conversa da nossa música gaúcha, com beat e scratches.*

*Arte - Bah a arte assim, o criador foi generoso com nós, ele deixou algo muito louco, a arte ela é milenar né, então ela veio dos lugares históricos. Tem cultura, tem coisas lindas através da arte né, e **eu vejo que ela é um agente de transformação**, por que pra mim ela funcionou. Mesmo antes da opção espiritual, eu já fazia arte né, então eu sempre vi a arte por aí, seja no segmento que for, e ela me atraiu. Então ela forma pessoas, a arte forma cidadãos, a arte ela estrutura família né, aqui em casa eu sou DJ, a minha filha participa do projeto, tá saindo um livro agora, que ela fez poesia. Domingo passado nós tava grafitando na Zona Norte lá, o Andriago(Martins) tava lá pintando com nós. A minha filha né, então ela já tem a dança, ela dança na EPD, a felicidade dela é tá lá, agora tá voltando né a EPD, ela tá feliz, e dança lá no Ge, na Fluência Casa Hip-hop né, porque meu projeto tá parado, nosso espaço é muito pequeno. Então não posso fazer nada lá, por causa do distanciamento social e tal, e o meu filho dançava e agora ele escreve. Então olha só a arte, a arte dentro de casa né, e a minha esposa tipo, ela não é da arte, mas tá na família da arte né, então nós somos uma família arteira digamos assim né?*

Vitória Jamile dos Santos:

A Jamille é uma jovem mulher, que carrega nos cabelos as tranças herdadas por sua cultura ancestral. A “braba”, como os amigos a chamam, potencializa a sua luta através da sua poesia, cheia de palavras que, de tão certeiras, parecem ser teleguias até o alvo. Voz de trovão.

*Apresentação - Iniciei dançando em projeto social aos 11 anos em três modalidades: Hip Hop, dança contemporânea e ballet clássico, aos 14 anos fui estagiária da Cia de dança contemporânea Matheus Brusa. Aos 15 fui bailarina da Cia PSM (projeto social mudança) em Veranópolis-RS, na escola de dança MDA, um projeto que atende mais de 900 crianças e famílias de periferia da região sul. Comecei a competir em Slam aos 16 anos, no mesmo ano de início fui a vice representante do estado na competição nacional de poesia falada (SLAM BR), em SP, em 2019, também representante, mas dessa vez como campeã estadual, **primeira poeta do Sul a chegar na grande final nacional de poesia falada**. Além de algumas competições, já ministrei oficinas e intervenções poéticas pela cidade, tanto nas escolas, universidades e eventos como também nas ruas e alguns bares.*

*Produto artístico - Quero inscrever uma poesia autoral criada em 2019, onde eu falo sobre a diferença social e história entre mulheres brancas e mulheres pretas, mais precisamente uma "crítica" ao feminismo e sua falsa sensação de liberdade e o quanto mulheres brancas precisam repensar sobre seus privilégios.*

*Arte - A arte, na minha vida é como se fosse uma conexão com a minha ancestralidade que tentou, que tentaram tirar de mim, tentaram cortar, mas não tem como, não conseguiram abafar e a arte me dá acesso a esta ancestralidade com muita facilidade, e é uma passagem, uma conexão.*

Para facilitar a visualização das informações gerais, levantadas a partir das entrevistas, elaboramos o quadro abaixo:

Quadro 3 - Entrevistas

Nome	Nome Artístico	Nascimento		Moradia		Família		Profissão		Escolaridade
		Data	Cidade	Bairro	Zona	Infância	Atual	Artista	Outra	
Álvaro de Lazari	Álvaro de Lazari	20/10/1990 32 anos	Rodeio Bonito RS	São Luís da Sexta Léguas	-	Pai, mãe e irmã	Esposa	Músico	(estúdio)	Ensino fundamental completo
Cherlon Cardoso da Silva	Kripper	24/02/1998 24 anos	São Sebastião do Caí.	Aldo Casagrande, Presidente Vargas	Leste	Mãe	Irmã e Mãe	Músico (estúdio)	Recepcionista	Ensino médio completo
Daniela de Almeida Waszelewski	Daniela de Almeida Waszelewski	18/05/1996 26 anos	Caxias do Sul	São Caetano	Sul	Pai, mãe, 2 irmãos e 1 irmã	Companheiro	Artesanato	Serigrafista	Ensino médio completo
Dirceu Ferreira dos Santos	Mano Natu	07/08/1985 37 anos	Caxias do Sul	Bairro Vila Ipê	Norte	Mãe, irmã e irmão	Filho	MC, Rapper, compositor sou artista de rua, ator		Ensino fundamental completo
Douglas Gonçalves da Silva Ribas	Lord Akin	24/03/1996 26 anos	Caxias do Sul, Vila Oliva	Santa Fé	Norte	Mãe, irmã e irmão	Esposa, filha e filho	Músico, Mc	Carga e descarga	Ensino médio incompleto
Fernando Bittencourt	Fernando	20/06/1983 39 anos	Caxias do Sul	Pio X	Norte	Mãe, tia, vô, vô e irmão	Esposa e 2 filhas	Dançarino	Segurança Educador Social	Graduando

Janquiel Francisco Claudio	Chiquinho Divilas	05/06/1980 42 anos	Caxias do Sul	Marechal Floriano	Oeste	Avó e avô	Avó	Rapper	Educador Social	Doutorando
Leandro Facenda da Silva	Leandro Facenda da Silva	1971 50 anos	Alvorada	São Caetano do Sul 2	Sul	Pai, mãe e 4 irmãos	Sozinho	Produtor Cultural		Graduado
Maurício Abel	Abel	14/09/1986 36 anos	Caxias do Sul			Tio (morou na rua)	Eu, esposa e minha filha	Compositor MC Rapper	Conselheiro Tutelar	Ensino médio completo
Patrick Duarte da Silva	Seco	16/01/1992 30 anos	Caxias do Sul	São Caetano	Sul	Mãe	Companheira e filho.	MC, Ator	Auxiliar de carga e descarga	Fundamental completo
Polliana Abreu Camargo	Polli	1994 27 anos	Caxias do Sul	Cidade de Ibiaçá		Pai e mãe	Filha e companheiro	Poeta	Faz sexagem de pintinhos Educadora social	Fundamental incompleto
Rafael Rosa da Costa	Nego Drama	13/11/1985 37 anos	Caxias do Sul	Panazzolo	Região central	Mãe, pai e 7 irmãos (morou na rua)	Esposa e 2 filhos	Dançarino, MC	Chapeiro (em casa de lanches)	
Rudimar Souza Camargo	DJ Hood	1976 46 anos	Caxias do Sul	Santos Dumont	Sul	Pai, mãe, (morou na rua)	Esposa, filho e filha	DJ		Ensino médio incompleto
Vitória Jamile dos Santos	Jamile	31/01/2002 20 anos	Caxias do Sul	Planalto	Leste	Mãe, 5 irmãos, sobrinhos, tios e primos	Mãe	Modelo, bailarina, poeta e cantora	Manicure	Ensino médio completo

Primeiramente, vamos fazer uma análise referente aos entrevistados: a faixa etária deste grupo compreende idades entre 20 e 50 anos, sendo a idade média de 34 anos.

Este grupo que se formou tem aspectos em comum, mas trata-se de um grupo heterogêneo em vários sentidos. Para citar os principais: faixa etária, gênero, escolaridade

Em relação à composição familiar na infância, dos quatorze, oito não contaram com a presença do pai e, destes oito, dois não contaram também com a presença da mãe, tendo um deles morado com um tio e outro, com os avós. Atualmente dos quatorze, nove estabeleceram família com companheiros/companheiras e filhos, dois moram com a mãe, um com a avó e um sozinho.

No grupo de colaboradores, temos representantes de todas as Zonas de Caxias do Sul (Leste, Oeste, Norte e Sul e Centro - representada pelo bairro Panazzolo). Quanto à naturalidade dos quatorze, onze nasceram em Caxias do Sul, os outros três vieram das cidades gaúchas de Alvorada, São Sebastião do Caí e Rodeio Bonito.

No que diz respeito às profissões, dez são músicos e, destes, dois têm seus estúdios de gravação, sendo que um vive exclusivamente do estúdio e o outro complementa com serviços de recepcionista. Dentre os outros oito, seis são MC's; destes, temos dois que vivem exclusivamente da sua arte e, dos outros, temos um que ocupa o cargo de conselheiro tutelar, e outros que complementam suas atividades artísticas com serviços de auxiliar de carga e descarga, chapeiro (lanches), serigrafista e educador social. Duas poetisas, uma, atualmente e por causa da pandemia, trabalha em um aviário e faz sexagem de pintinhos, em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul e a outra complementa as atividades de modelo, bailarina, poeta e cantora com a atividade de manicure.

Sobre o grau de escolaridade dos artistas, um tem Ensino Fundamental incompleto e está buscando finalizar e seguir com os estudos. Três finalizaram o Ensino Fundamental e dois têm Ensino Médio incompleto, quatro estão com o Ensino Médio completo, um está cursando Graduação, um é graduado e um está em processo de Doutorado e um não declarou.

Ao longo das conversas fomos identificando a reincidência de algumas experiências como: ver na arte uma alternativa de vida (referência), o desejo de contribuir para a melhoria das suas comunidades, através da arte, conviver com a precariedade de recursos (internet, transporte...), a experiência de conviver com a violência, tendo perdido pessoas próximas para “o crime” (drogas, prisão ou assassinato), a presença da crítica social nos seus trabalhos artísticos, viver constantes situações de preconceito e exclusão e o sentimento de não

pertencimento às políticas públicas culturais. Estes tópicos serão retomados no próximo subcapítulo, relacionado aos fomentos.

Desta forma finalizamos a seleção de relatos dos artistas, sendo a edição das entrevistas a nossa única interferência, para não impregnarmos as descrições com as nossas impressões e afetos, como pesquisadores e artistas que conviveram com estas pessoas ao longo deste período. A edição foi necessária pois, como já dissemos, as entrevistas e conversas ficaram extensas, tendo atingido a média de quinze páginas de transcrição cada. A seleção dos trechos seguiu o critério de proximidade com o objeto da pesquisa: o acesso dos artistas e agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul aos mecanismos públicos de fomento à cultura.

#### 4.3 OS ARTISTAS E O FOMENTO À CULTURA

Atendendo ao objetivo principal da pesquisa, verificar dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, aos mecanismos públicos de fomento à cultura, dedicamos esta seção à análise dessas possibilidades e dificuldades, com base em entrevistas aos agentes culturais moradores da periferia urbana. Para tanto, fizemos uma compilação de trechos dos relatos dos artistas, referentes a fomentos públicos em cultura e destacamos fragmentos que dispusemos em um quadro ilustrativo, no intuito de trazer respostas à questão que move esta pesquisa: quais as dificuldades e possibilidades dos agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, no sentido de acesso aos mecanismos públicos de fomento à cultura? Mas antes, vamos trazer outro quadro para que se tenha um panorama do acesso a editais por parte dos artistas, conforme suas próprias declarações. Para melhor compreensão vamos deixar o significado das siglas utilizadas: Lei Municipal de Incentivo à Cultura (LIC), Lei Aldir Blanc (LAB), categorias Auxílio, Inédito e Prêmio, conforme descrição constante no primeiro capítulo, segundo subcapítulo.

Quadro 4 - Editais

NOME	EDITAIS						EDUCADOR SOCIAL	
	LIC	FINACIARTE	LAB. AUXÍLIO	LAB INÉDITO	LAB PRÊMIO	OUTROS	ALUNO	PROFESSOR
Álvaro			X			Uno-me		
Kripper						Uno-me		X
Daniela				X		Uno-me e CUFA		
Mano Natu				X		Uno-me e CUFA		X
Lord Akin						Uno-me	x	X
Fernando			X		X	Uno-me	x	X
Chiquinho	x	x	2		X	Uno-me		X
Leandro				x		Uno-me		X
Abel						Uno-me		X
Seco				x		Uno-me		X
Polliana			X			Uno-me	X	X
N. Drama		x	1		X	Uno-me	X	X
DJ Hood					X	Uno-me		X
Jamille						Uno-me	X	X
<b>TOTAL</b>	1	2	3	4	4	Todos	5	12

Partindo do quadro acima, podemos constatar alguns fatos relevantes: dos quatorze artistas, apenas um acessou a LIC Municipal e coincide com o único que está em processo de doutoramento. Esta mesma pessoa é a que participou de mais editais entre os constantes na lista. A maior incidência de participação coincide com os editais simplificados da Lei Aldir Blanc e Uno-me. Então a escolaridade e adequação dos editais às necessidades dos artistas, são apontamentos presentes na tabela. Outro fato importante de ser observado é a participação de doze, em quatorze dos artistas como educadores sociais. São aspectos que podemos trazer mais adiante para analisar melhor. Por ora, o panorama do quadro acima nos deixa um pouco mais instrumentalizados para compreender os recortes de relatos e contextualizações que vem a seguir.

Os recortes dos relatos ocorreram em torno dos trechos que foram desencadeados pelas perguntas abaixo, constantes no roteiro de questões apresentado na seção anterior:

12 - Já contou com auxílio financeiro para a realização ou publicação de seus trabalhos artísticos?

13 - Costuma participar de atividades de outros artistas? De quem? Quais as atividades?

14 - Já participou de editais de incentivo à cultura? Quais? (Ex: LIC, Financiarte)

15 - Atua ou já atuou como educador (a) social ou agente cultural? Em que função?

Uma vez separados, organizamos os relatos da seguinte forma: listados e ordem alfabética pelo nome artístico, eventualmente intercalados por comentários nossos e/ou citações de autores. Quando isto acontecer, vamos anteceder nossa fala com a palavra “Comentário” para facilitar a identificação de onde termina o relato e onde inicia uma intervenção nossa.

*Alvaro - É eu até gostaria de participar mais ter mais abertura de poder trabalhar junto e tal, fazer as coisas só que cara talvez pra isso não sei se ia ajudar alguma coisa terminar o colégio pode ser que sim pode ser que não, talvez também falta, como é e que eles chamam quando tu tá numa rede de pessoas..., talvez falta isso pra mim eu tar conectado com pessoas que façam editais, pessoas que né.... os que eu conheço que fazem são muitos poucos e claro eu entendo que o produtor cultural ele tem o trabalho de correr atrás de burocracia de né tudo aquele negócio ele vai escrever o edital, mas é estranho quando tu vai atrás de um produtor cultural para fazer um projeto e tu tá sem dinheiro e tu precisa de dinheiro e o cara de cobra R\$1500 reais pra fazer o projeto se passar ou não passar, e daí eu fico tipo cara mas eu não tenho o dinheiro eu tô fazendo o projeto pra conseguir o dinheiro, como é que eu vou tirar R\$1500 , R\$1200 reais, maravilha nossa vai ser muito bom mas se não passar, tipo aquele pouquinho que eu tinha pra me manter foi né. Teve um projeto que me chamaram pra participar. Acho que era o Chiquinho que ia fazer e aí ele pegou e indicou um conhecido ou eles chegaram no meu nome. Vai ser um projeto do CAPS ZN que ele tá, antes da pandemia ia rolar esse projeto, até o final do ano já tem que tá rolando talvez até terminado, que daí agente vai pegar o Hood, o Hood tu conhece o DJ Hood? É ele vai fazer a oficina de música então eu vou gravar né, só que a galera de....Que tem, como é que diz, a semiaberto, os menores do semiaberto então eu vou chegar lá daí vai, como foi uma LIC do estado né, tem toda uma estrutura e daí eu só vou chegar lá a gente vai começar a montar um instrumental, acredito que o Hood já vai ter trabalhado um música com eles né, depois eu chegar lá mostrando como seria o passo a passo pra montar o instrumental e a gente gravar eles né, mixar fazer todo o lace , vai ser bem legal, eu tinha até esquecido.*

Comentário: Álvaro aponta a importância de uma rede de apoio para acessar os editais, bem como a dificuldade financeira para contratar um produtor para montar um projeto.

*Chiquinho - o Hip Hop pô tem umas paradas que é assim, bem delicado sabe Zica, essa questão assim de contrariar o sistema, de bater de frente com o sistema. Por exemplo, tem gente que acha que Rap tem que ser feito só na quebrada. Se tu atravessar a rua e for pro outro lado tu tá se corrompendo. Sabe, tem gente que acredita que poxa, fazer inscrição numa LIC, fazer parceria com uma empresa, também é se corromper, né. É lógico que a gente precisa hoje acompanhar que empresa é essa, né. Se é uma empresa que defende o racismo, se é uma empresa que defende o nazismo, poxa, eu concordo também. Mas a gente sabe que muitas vezes pra gente poder seguir, tu tem que ter esse combustível. E não dá pra gente viver na ilusão de que todo mundo vai ser Racionais, que todo mundo vai ser Two Pack, que a gente vai chegar no final de semana e vai ter uma festa com casa lotada na sexta, sábado e no domingo. E ali vai sair nosso ganha pão, do bilhete, vai sair o nosso ganha pão de uma empresa. Ou as questões assim, que poxa, é sempre ele. Mas de repente fomos nós que fizemos as inscrições nos negócios, né. Se tu se inscrever, tu tem chance de ganhar, se tu não te inscrever, tu não tem chance de ganhar. Claro que eu acho que o poder público poderia dialogar mais, acho que fazendo, tipo o projeto Uno-me foi isso. Ó gente, foi isso, dá pra fazer, é assim. Qual é o primeiro passo, tem que se inscrever, né. Então, democratizar isso, facilitar esses campos, né. Tem um edital de São Paulo que até eu baixei ele agora, que era exclusivo para as periferias. E quando tu faz exclusivos para as periferias, tu tem que facilitar os acessos também. Sabe, diminuir essa quantidade de campo para preencher, né. As artesãs aqui da vila cara, que elas não sabiam que elas eram artistas. E agora elas estavam até na reunião do Financiarte sabe, tipo elas querem, mas ao mesmo tempo se não ganha, frustração tá no DNA delas né. Então elas sabem, eu orientei isso, olha gente, esse edital é diferente, é menor. Então, isso é diálogo. Se tu fizer aberto, pensando somente no pessoal mais intelectualizado, que as vezes são essas pessoas que vão lá e criticam os editais. Mas eles também não vem aqui pra trocar. Pô vocês estão criticando, mas vocês perguntaram pros artistas aqui pros artistas das margens o que eles querem? Querer ou não querer é uma opção. Mas eu acho que é necessário a gente mostrar, ó, pra buscar tem que fazer assim, fazer esse caminho aqui, vocês podem sugerir e tá aqui a fatia do bolo, vamo dividir, né. E aí a opção, quer ou não quer. Precisa democratizar mais, facilitar e eu acho que ai vai tornando esse pessoal mais confiante, porque as vezes a gente não tem essa confiança né. consolidar essa ponte não é de um dia pro outro. É conversando, é fazendo um mapeamento. E as pessoas confiando em quem estão passando essas informações, então acho que é isso.*

Comentário: Chiquinho diz sofrer preconceito por parte de alguns de seus pares por estabelecer relações de apoio e patrocínio com editais e empresas privadas. Aponta para a simplificação dos editais à partir de maior diálogo do poder público com a favela.

*Daniela - A minha maior dificuldade é a linguagem usada no edital. Para mim é difícil entender a maior parte dos projetos por serem muito complexos e cheios de palavras difíceis. Se não tiver alguém que entenda ajudando eu não consigo me inscrever sozinha. Solução pra mim seria os autores do projeto fazer algum tipo de vídeo explicativo de forma simples sobre o edital. Ou mesmo fazer o edital de forma mais simples e objetiva, por se tratar de uma classe que muitas vezes não tem formação, ou mesmo não terminou seus estudos básicos e que usa a arte para seu ganha pão.*

Comentário: Daniela, assim como Álvaro, fala da importância de uma rede de apoio e da simplificação dos editais. Aponta a linguagem difícil e a baixa escolaridade como fatores dificultadores.

*DJ Hood - de alguns anos pra cá eu tenho conseguido trabalhar com arte né, eu tenho alguns parceiros aí, uma rapaziada que começou me chamar pra edital e tal né, algo que a gente desconhecia há muito tempo né, eu vi agora que a lei Aldir Blanc saiu, aquilo ali foi assim, nossa, tirou a cortina dos olhos de toda a galera, foi muito importante porque, que nem eu no passado, a gente não sabia dessas informações, então, mas teve uma galera que foi massa sabe, nós permitiu a também trabalhar com eles, pra gente também ter esse entendimento né, então de alguns anos pra cá eu tenho conseguindo viver dessa forma né, com projetos, com agendas né, e tal, mas há muito tempo não, o cara tinha que e virar, várias vezes quando tinha o aluguel sabe, bah não sabia o que fazer e por infelizmente o cara ter um passado meio negativo sempre vinha aqueles fleches, bah eu vou procurar o fulano, eu vou fazer aquele corre, porque é ruim quando falta a comida na mesa, daí o cara como homem né, como pai, como marido, se sente impotente muitas vezes sabe, daí o que tu vai fazer? e muitas vezes a parte mais fácil é fazer o erro né, então na nossa área cultural é difícil na nossa região, a região é indústria, metal mecânico né, então até a nossa própria profissão ela é meia marginalizada, eu lembro do meu falecido sogro que ele, a gente teve alguns problemas eu e ele né, mas até eu não sair no jornal, depois que eu saí no jornal, ele mostrava o jornal pro amigos, porque o modelo tradicional diz o que, que nós temos que sair as 6:30 pra trabalhar e voltar as 19:00 horas, numa firma, bater o cartão, da hora que consegue né, parabéns, a*

*nossa cidade hoje ela tem uma potência por cauda dessas pessoas, mas eu não quis ser desse modelo né, como várias pessoas, como vários colegas não quiseram ser desse padrão né, então foi difícil no começo sabe, e daí tem uma pessoa ele nos deu uma oportunidade de começar a trabalhar nos projetos com ele e tal, ali foi onde abriu uma grande porta na cultura, daí o cara começou a conseguir não com muito valor, mas o que dava pra complementar né, e aí foi indo cada vez abrindo mais porta de trabalho, o cara foi se profissionalizando, foi entendeu também porque era novo né naquela época né, e hoje sim, hoje eu vivo disso sabe, claro as vezes falta algumas coisas e tal mas eu vivo disso hoje né, e sou muito grato né, pode ser um profissional nessa área e consegui tipo contribuir pra minha família né, nesse formato.*

Comentário – Hood diz que a oportunidade de participar de projetos culturais de outros proponentes, fez muita diferença na sua vida, no sentido de sustentabilidade. Em parte da entrevista ele conta que agora pode retomar os estudos. Fala que a Aldir Blanc serviu para descortinar a visão de muitos artistas, mas que a informação sobre editais não chega na periferia.

*Drama - É bem difícil isso né a única vez mesmo que a gente conseguiu FinanciarTE foi muito difícil assim que é bem complicado bem complexo é bem difícil de passar até hoje né a gente tenta fazer novos projetos aí esse vinil a gente fez educativo para trabalhar nas escolas né e tem outros projetos também pra trabalhar no FinanciarTE, mas nunca passa né é bem difícil assim eu fui contemplado no Uno-me e agora por último no Aldir Blanc né que a gente conseguiu fazer um trabalho ali que a gente tinha um trabalho sobre Cultura nas ruas eu fui contemplado foi as únicas três vezes que eu fui contemplado. A elaboração do projeto em si né a documentação que eles pedem nem todo mundo tem acesso a esses documentos a informação de como tá produzindo projeto então muitas vezes o projeto não é aprovado por falta de documento por alguns detalhes que a gente não tem conhecimento né então muitas vezes a gente vai ficando para trás enquanto que tinha pessoas que tinham habilidades está construindo o projeto está dividido verba e por que ideias nós temos né muitas ideias boas né mas a gente não consegue executar elas porque a gente não consegue não sabe executar elas né que a gente não tem conhecimento hoje em dia tá um pouco mais fácil mas ainda é muito complicado para muita gente que não tem acesso que não consegue aprovar seus projetos é porque não tem uma ajuda na questão de elaboração né e é bem complexo né tem coisa que a gente não entende não sabe o que é.*

Comentário: Drama expõe a complexidade de compreender e providenciar a documentação necessária para um edital, como o Financiarte, por exemplo. Ele chama de habilidade o acesso facilitado por parte de alguns que conseguem “passar na frente” e acessar as verbas.

*Fernando - Assim ó, o meu primeiro contato com o Financiarte, foi como aluno, na Dora Balé, aluno de dança foi realmente esse primeiro contato eu nem sabia se dava aula disso, pra mim era uma coisa que as pessoas faziam naturalmente só, eu tinha esse conceito comigo,*

*Agora estou fazendo um, bom até te enchi o saco né Zica com esses negócios de orçamento e não sei com quem falar e tem que falar com fulano, ciclano... eu não sei como funcionava essa questão, e as parcerias com os logo tipos, nunca dei bola pra isso, até esse momento, não sabia da existência dos projetos, eu fui começar a ter consciência disso quando entrei na secretaria da cultura como ‘oficineiro’, na época dos projetos do Elvino, no Bairro Faz, o pessoal falava muito na questão de edital, eu comecei a prestar atenção nesse momento, nessas coisas, eu tinha alguns contatos conhecidos meus que eu sabia que eles viviam desses editais escrevendo projetos, e eu nem fazia ideia de como funcionava, eu sei que era uma coisa que as vezes dava certo e as vezes não. Depois disso, muito tempo depois, eu tive um contato acho que o primeiro de todos ali, foi esse entendimento básico ali, que o Uno-me proporcionou, de tu escrever, fazer um documentário, concorrer, opa foi premiado agora tu vai ter um acesso a um recurso devido a este teu trabalho, daí eu comecei a me ligar mais, com o aumento do envolvimento da galera toda, eu digo a Essência Crew e mais as meninas a Priscila, a Cami e a Fran, o Giovani assim consegui fazer com que toda a Essência Crew começasse a prestar atenção nisso né, de fato tu começa a pensar nisso como um recurso para pessoas que trabalham com cultura, galera que saia do Cruzeiro com caixa de som nas costas pra ir dançar nos Macaquinhos e não ganhava um real, as vezes ia dançar no centro na Praça, jogavam umas moedinhas ali que dava 10 pila, dava um refri pra cada um e deu, tinha outras maneiras ali então de você ter recursos da cultura fazendo aquilo que tu gosta, aquilo que tu pratica, que tu estuda, que tu treina, tu se qualifica, se auto qualifica né. Depois disso daí vieram os Aldir Blanc, nós fizemos uma oficina com a Viganó, ela treinou o pessoal que já tinha mais vivência com isso, achei interessante comecei a ver com outros olhos, bah dá pra se dedicar, como tem a minha formação ali, indo pra minha formação, eu estudei bastante começou a facilitar começamos a trocar figurinhas com a galera e foi dando certo*

*sabe, e hoje em dia eu vejo que uma coisa que nós temos que estar inseridos, é um porta que, não desmerecendo né, que outras pessoas já usavam há muito tempo mas por algum motivo não chegavam nas pessoas das comunidades que também faziam essa cultura né, tu vê cara é uma galera, bom Zica tu tá tendo contato agora, é uma galera e só os que tu conhece, e daí como que essa galera nunca ouviu falar desses negócios, o que aconteceu, entende, tipo, enfim pra mim tá sendo bem bacana, um pouco torturante por que eu tô virando umas madrugadas lendo, escrevendo mas estou aprendendo também. Tava falando pro cara ali que eu tava trocando uma ideia com ele esses dias, o que toca saxofone aqui na esquina da Coronel Flores com a Júlio, ele nem sabia que tá rolando o Aldir Blanc, ele já tinha ouvido falar de Financiarte mas diz que não sabia nem aonde ir entende, ele teria chance, cara eu acho que teria que ser mais distribuído, hoje em dia temos as redes sociais que facilitam. Mas poderia ser pensado em ser mais claro, a Secretaria da Cultura em ir mais nos bairros, por que não?*

Comentário: Fernando conheceu o Financiarte como aluno. Fato importante na sua formação. Não sabia da existência dos fomentos, conheceu quando entrou entrei deu oficina para a Secretaria da Cultura. Desde então procura e estuda num processo “um pouco torturante” pois vira madrugadas lendo, como ele diz. Fernando também fala que a informação não chega nos artistas da margem.

*Jamile - Não, eu fui fazer, eu fiz toda função para aquele da Marcopolo, escrevi, tava tudo certo, tudo ótimo, mas quando a gente foi escrever já não dava mais tempo. Uns 10 minutos antes de fechar sabe, e aí ficou rodando, rodando e não foi. Mas era pra saí um com o meu nome aí, mas não rolou. É entender os termos, é entender o que está sendo pedido. Quando eu estava escrevendo esse meu aí, era o processo, eu não entendia o significado das palavras, o que estava me pedindo, os questionários, o que pode ter o que não pode ter. Daí eu tinha que em cinco em cinco minutos ficar mandando áudio pro meu irmão, perguntando o que significava aquilo. Eu acho que é uma das coisas que mais dificulta, é a gente não entende a linguagem e toda aquela burocracia. E a gente não ter acesso a isso com facilidade, aí só via de cara depois de grande e aí é mais difícil para entender. É mais a linguagem e saber que esses projetos estão circulando, a gente acaba sabendo na última semana. E aí é aquele corre que aconteceu comigo e não dar tempo de se escrever.*

Comentário: Jamille diz que perdeu a inscrição porque demorou a saber que existia a Aldir Blanc e que a internet não funcionou como deveria na hora de enviar a inscrição, perdendo todo o trabalho de fazer o projeto. Fala da burocracia, da linguagem difícil e da divulgação que não chegou até ela.

*Kripper - Olha, geralmente de patrocínio é bem difícil assim, sabe. Mas projeto é mais projeto de prefeitura, ou ali o Uno-me. Mais projeto social de algum, algum, algum outro lugar ligado à arte, né, então é só isso mesmo. Patrocínio é bem difícil de conseguir assim, a não ser que tu for fazer claro algum evento, ou algo assim, daí se for atrás até consegue, mas patrocínio assim não tem. Então, eu até queria participar, eu vi que..., mas eu não, eu não tenho muita compreensão ainda sabe, que que seria necessário pra fazer esse projeto, sabe. Eu não tenho muito conhecimento sobre isso, sabe. Eu até conheço, sei que existe, mas não, realmente não tenho muito conhecimento. É, por exemplo, eu olhei no site da prefeitura, eu tentei procurar assim, sabe, mas não dá detalhe, sabe, não tem nada detalhado, “ah, como eu faço isso”. Tipo, eu não sei fazer, sabe, não tem ninguém ali ajudando, a gente não tem um suporte. É só largado, então tipo, como é que eu vou fazer isso. Mas geralmente o que eu atuo é mais casa de adoção e projeto social nas comunidades, que seria o Euzébio Beltrão de Queiróz, ou aqui no Diamantino que tem o projeto das feiras, né. A gente sempre tenta tá ajudando de alguma forma.*

Comentário: Kripper fala que tentou procurar no site da Prefeitura mas não localizou o que precisava. Apontamos esta dificuldade no subcapítulo 3.3, mas ele entende que a falta de compreensão é dele. Também apontou a importância de uma rede de apoio para dar este suporte.

*Le Face - É esse da Aldir Blanck que nós participamos, até ganhamos aqui eu o Patrick a Dani se eu não me engano também, tipo nós achamos... Não é que achamos fácil né é que tivemos o apoio né tipo, tanto digamos técnico como psicológico que ajuda bastante também né, mas mesmo assim ele, pra nós é meio complicado esses editais né, porque tipo, pra mim no meu ver no meu entendimento, tipo um doutos hoje em dia que ainda continua passando ali os negócios na letra deles, né aquela letra que tu não entende sabe, então pó acho que são outros tempos né, e faz tempo que são outros tempos, e deveria, não deveria ter uma burocracia assim no escrever, no acesso né, pras pessoas terem acesso é. Eu mesmo encontrei 2 pessoas né ao decorrer quando tava rolando o Aldir Blanck, artistas de rua que*

*encontrei em ocasiões diferentes e conversei com o pessoal e eles nem sabiam né, e mesmo sabendo, eles, não sei né esses negócios aí é complicado né, esses bagulho aí e tudo mais, pó eu vou concordar né, porque é complicado mesmo, e acho complicado, até hoje eu acho complicado, tanto na parte burocrática, dos papéis, da forma que é escrito sabe, da forma de tudo assim, por exemplo no link lá, eles colocaram um link dentro do site lá que pra ti abrir aquele link tu tinha que ter tal aplicativo, só pra botar um link, eles poderiam ter botado direto ali em baixo, mas eles pegam um arquivo pra ti abrir, daí esse arquivo tinha que ter o APP. Eles deveria investir, principalmente na parte dos editais, botar numa forma que pra uma pessoa leiga né saber interpretar o que eles colocam. o linguajar pra mim tá errado, porque eu assim, meio que fico travado né, quando eu começo a ler ali, fora que na época que eu tava com a casa dos horrores né, uma vez eu fui lá na secretária de cultura pra perguntar como é que eu faço, mas pó, não vou citar o nome de quem tava na época, atendendo né, daí já foi dificultado o acesso na forma que a pessoa te... não que tratou mal sabe mas na forma burocrática que a pessoa te atendendo sabe, na forma que a pessoa fala sabe, na forma que ela te... meio que ela já ta ali pra te bloquear E daí naquela vez eu me frustréi, a informação que eu já tinha é que tipo não valia a pena, que é tudo restrito lá, tudo figurinha marcada já os que ganham né, e aí, mas mesmo assim eu fui sabe, fui só que daí já peguei, me decepcionei sabe, daí não quis mais saber da secretaria de cultura.*

Comentário: O Le fala que teve apoio técnico e psicológico então conseguiu aprovar em um dos editais da Aldir Blanc. Diz que são novos tempos e que por isso a burocracia deveria diminuir. Também apontou a falta de acesso a informação dos editais, por artistas de rua, por exemplo.

*Lord Akin – Tinha um projeto que deu pra me levar até o Rio de Janeiro, então a minha arte pode me dar um retorno”. E outro projeto que foi tipo, muito, como eu posso te dizer, satisfatório assim que eu participei e que me deu um resultado bom foi o projeto do Uno-me, até esse som que eu pretendo lançar tipo até o final do ano eu consegui pagar graças ao financiamento do Uno-me, né. Tipo daquela verba do Uno-me aonde eu peguei e consegui pagar a gravação, e coloquei mais um pouco de dinheiro em cima pra pagar o clipe, né, e tipo foi algo que eu vi, tipo, que eu consegui ver novamente “ó cara, com um som que nem o Vida Dura, que foi um som que eu gravei dentro do meu banheiro, eu gravei dentro do meu banheiro o Vida Dura, tipo gravei num telefone, pra depois jogar pra um computador me trouxe um resultado desses, pra mim conseguir pagar uma gravação num estúdio, pra mim*

*conseguir pagar um clipe. Tipo a “arte ainda pode me levar”. Tipo que nem eu te disse antes, hoje eu só me sinto um pouco limitado, né, eu tenho que saber meus limite, tipo hoje eu não posso investir 100% no meu som, 100% tipo na minha arte, sendo que eu tenho que investir na família 100%, a minha família me cobra 100%. Então hoje eu só me sinto um pouco limitado, mas as coisas vão acontecendo, saca, Zica. Que nem esses tempo eu tava tri desanimadão com várias parada em questão da minha arte e tal, e me liga o Gê: “ba ó Pato, não sei o que, não quer colar aí e fazer um freestyle junto com o Henrique, a gente vai tá gravando um documentário e pá, não sei o que” e eu “ba G, pode crer”. Tipo, eu estava tri desanimado com as paradas como andavam acontecendo na minha área artística, e aí do nada um mano se lembra de mim, daí do nada eu te chamo, do nada tu me manda “o, não sei o que, vamos trocar uma ideia amanhã”. E eu “ba, olha só cara, mesmo eu não tando tão presente, eu não tando tanto na atividade, os cara ainda, as mana ainda se lembram de mim” saca, Zica, e isso é muito gratificante. Então esse foi o primeiro incentivo assim que eu vi que tipo “ó a minha arte, essa parada, ela pode me dar um retorno. Ela me tirou da minha casa, ela me tirou tipo de um barraco de madeiritcha aqui da zona norte pra me levar até o Rio de Janeiro, então a minha arte pode me dar um retorno”. Na verdade, não, Zica. Tipo, eu nunca cheguei me inscrever, nunca cheguei a buscar. Até teve ano passado aquele incentivo da Aldir Blanc, daí eu não pude participar por conta de falta de documentação. Eu tenho que me regulamentar agora novamente com o nosso “Sistema”, né, aonde eu tenho que fazer minha identidade nova, tenho que correr atrás de umas coisas aí que tipo tão bem atrasadas, né. Mas vai tá, tipo eu creio que até o final do ano eu consigo me regularizar em questão dos meus documentos, até porque a gente da Batalha do Complexo a gente quer fazer um MEI, pra conseguir jogar a batalha do complexo dentro desses projetos, desses incentivos financeiros que tem, pra gente conseguir cada vez mais melhorar a Batalha do Complexo aqui pro nosso bairro, né.*

Comentário: Lord Akin narra como o Uno-me contribuiu para o trabalho artístico dele: com aquela verba conseguiu pagar a gravação, e colocou mais um pouco de dinheiro para pagar o clipe. Estamos falando de duzentos e cinquenta reais. Este artista que trabalha em dois empregos, sendo um deles noturno (carga e descarga de caminhão), gravou sua música e produziu seu videoclipe, que pode ter sua qualidade conferida nas redes sociais homônimas, com pouco mais de duzentos e cinquenta reais. Se isso não nos faz pensar sobre equidade de investimentos públicos em cultura, não sei o que mais o fará.

*Mano Natu - O projeto Uno-me que foi bem bacana, ajudou bem na pandemia, bem no auge de agenda cancelada porque viver assim ó, a maioria dos músicos e artistas, que a gente tem, amigos nossos, eles não conseguem viver só da música, né. Eles tem um trabalho. Ou tá trabalhando no mercado, na firma, trabalha com venda, alguma coisa assim. Não consegue viver da sua própria arte, assim faz a arte mas é um segundo plano, não é uma prioridade por que a prioridade mesmo que a gente tem, que manter a casa da gente, a família, essas coisas. Assim eu particularmente esses anos que eu te eu vivo da arte mesmo de uma forma muito independente, assim literalmente eu vivo da arte eu me visto a roupa que eu compro, é o dinheiro da música, as contas que eu pago é da música comida na mesa da música então principalmente em Caxias do Sul é tipo cara um milagre um milagre e nunca participei de uma LIC eu nunca participei de um financiarte ou de um projeto estadual federal. Eu acho que a dificuldade que eu tenho é burocrática né para a gente não ter muito estudo né então a parte burocrática é mais complicada e a questão de execução também, por exemplo a gente tem um período de um recurso que eles te destino durante um período de um ano para você fazer isso se tu for colocar em balança mesmo por exemplo tu vai ganhar r\$ 1500 para ficar executando um projeto aí você gasta esses r\$ 1000 por mês aí você tá fazendo um projeto que você poderia com esses r\$ 1000 investido dos seu próprios bolsos você poderia tá fazendo 10 vezes mais coisas do que talvez esse projeto. Eu acredito que toda forma de recurso tem que vir tem que pegar é um direito de artista, quem faz eu não vou dizer isso né eu acho que tem mérito de lá e quem é mais inteligente vai lá e vai catar essa grana né a gente sofre um pouco e principalmente porque a falta de informação eu fiquei sabendo de projeto mesmo esse ano eu nunca soube de projetos culturais fiquei sabendo nesse ano da pandemia acho que quem começou essa movimentação foi a galera da Fluência hip hop, eles começaram a falar cara tem uns projetos assim, vocês têm direito vão lá é uma grana que vai entrar que vai ajudar e vai ajudar muito mesmo ajudou a gerar grana a poder a poder gravar mais clipe até poder esse meu disco aí tá vindo esse projeto dos boné foi com grana que entrou assim então é muito importante assim quem faz tem que continuar fazendo e seria muito mais bom quem faz essa parada chamar a gente que pouco sabe mas eu nunca participei eu sou menininho ainda.*

Comentário: O Mano Natu nunca participou de editais. Acredita que a maior dificuldade seja a burocracia relacionada a baixa escolaridade. Sabe que é um direito do artista, mas diz que “quem é mais inteligente” consegue, enquanto outros sofrem por falta de informação. Ele nunca tinha tomado contato com a existência de projetos culturais, antes da pandemia.

*Maurício Abel - Na verdade como eu falei a nossa relação é muito distante com qualquer poder público e tal e privado também os nossos contatos sempre foi da quebrada né então a gente mais a gente mais fortaleceu os outros do que foi fortalecido mas como eu falei naquela fita do uno o primeiro e único edital o primeiro não o único porque depois teve a Aldir Blanc que eu não fui contemplado mas veio dos outros né que eu fiz uns projetos para outros e daí eles me apoiaram também fazer o projeto mas assim que eu fui contemplado mesmo foi a fita do uno toda essa caminhada aí 19 anos na função injetando dinheiro e fomentado a parada o primeiro edital que eu fui contemplado foi esse do uno até tentei uma vez no Financiarte um camarada de Caxias ele acreditou no meu potencial e escreveu um livro e ele tentou fazer pelo edital Financiarte mas só que daí faltou um orçamento de uma designer que ele não botou e acabaram que não foi passado não foi aprovado mas aí eu fiz meu livro igual né na raça pelo Financiarte ele ia sair bem mais outra estrutura né tive que reduzir ele né para poder fazer as cópias então enfim saiu meio orgânico né do jeito que deu para sair. A produção cultural, o produtor cultural que assim o artista às vezes ele não quer ser produtor cultural ele quer ser artista ele quer fazer a arte dele então assim para tu acessar agora sabe que é um ponto positivo da pandemia foi esse que parece que a galera olhou mais esse outro lado da arte da arte mais marginal assim e mas antes da pandemia até contatei alguns produtores mas aí a galera para fazer um projeto do Financiarte cobrava de r\$ 1200 para escrever o projeto e sem 50% de chance de ser aprovado como que a gente vai sim bolsar mil reais dentro da realidade de pagar aluguel pagar conta pagar não tem como então mesmo assim teve pessoas do movimento hip hop mesmo assim tem pessoas que disponibilizaram a sua grana e seu projeto não foi aprovado barra pesada né então isso deixava nós mais assustado ainda o cara pagou não foi barato e não foi aprovado aí sim a gente descreditou dessa questão linguagem técnica de um produtor cultural é o que faltou para nós né erramos nesse meio tempo, fizemos muito projeto, muita coisa boa sabe, coisa que a gente fazia na força do nosso braço, nosso jeito, não sei como a gente fazia as coisas. Não sei como o cara movimentava o bairro inteiro assim ó, sem dinheiro, sem nada. Não sei como, mas a gente movimentava muito projeto que, se tivesse incentivo, a gente tinha feito muita coisa mais. Falta essa linguagem, a teoria falta para nós.*

Comentário: Abel sempre se empenhou pelo fortalecimento da periferia de forma independente. O Uno-me foi o primeiro e único edital que o contemplou. Aponta a burocracia e a inviabilidade econômica de contratar um produtor como dificultadores do acesso, Constata

que se tivessem algum apoio financeiro, multiplicariam as ações afirmativas que já realizam nos bairros.

*Polliana - é um trabalho muito de base que tem que acontecer né, é a compreensão da importância do que é um edital, do que é uma prestação de serviço para o edital. Então as pessoas têm muito uma noção ainda generalizada que é uma grana pública que está sendo dada para cultura, não tem como seu. Em Caxias as próprias pessoas que podem estar fazendo, isso elas não se dedicam fazer a buscar pesquisar por que elas também sentem que vão estar fazendo uma coisa que é errada sabe bem nesse rolê assim aí tem o segundo aspecto que é sentir-se apto até digno de promover uma atividade dessas porque a gente sempre vê muitas promoções culturais feitas pela elite né e eu acho que a percepção de que essa ferramenta tá aí para todos é uma coisa que ainda não acontece sabe também se tem a impressão de que quando se escreve um projeto ele vai passar a ser um produto da prefeitura um produto do governo assim né é uma ideia minha as pessoas ainda não conseguem compreender tipo meu a ideia foi tu que fez tu que tá viabilizando ela esse é o método de viabilizar. Não se tem como tipo opa botando aí selo da prefeitura no meu projeto é que tão querendo roubar meu bagulho entendeu É bem um campo da ignorância assim realmente falando né aí depois já consegui passar um pouco desse percalços, limitações que a gente bota assim tem a questão de conseguir e aí de novo vem do processo de base saber o que são esses elementos que eles pedem saber como botar existe uma escrita formal né esses dias eu auxiliei um amigo num projeto independente e eu fiquei apavorada de com o formato é diferente porque quando a gente escreve para o edital a gente tem que estar tudo formatadinho e quando a pessoa simplesmente escreve no projeto ela faz do jeito dela né como ela consegue se comunicar obvio da melhor forma possível mas eu senti muita diferença na colocação da própria identidade assim sabe nesse formato edital público e no formato independente é muito ele poda também sabe ele poda muito ele é muito restrito né são poucos os processos de editais que estão diversos né que facilitam tipo assim me inscrevi para o FAC Filme RS ali e aí tipo a gente tem que tornar nossa ideia quadrada talvez isso para alguns artistas também seja muito complicado de porque é doloroso assim realmente ter que cortar esse processo então é um processo que ele acaba cortando em muitos momentos o próprio desenvolvimento criativo daqueles sujeitos é uma quebra da sua própria identidade assim e outro rolê aí que eu escrevi esse projeto e tem a questão da documentação assim né tem alguns documentos que eles alteram muito rápido é mensal a gente tem que tá em dia com o MEI então eu acho que uma das possibilidades de eu não passar nesse projeto se ele já*

*tá sendo né analisado é de que eu não tô com o meu tributo Municipal em dia eu estou com um MEI atrasado né Eu tava com documento que vence mensalmente eu não sei porque aquele de regularização do FGTS é muito sabe tipo porra mensal e eu não consigo fazer um PDF no meu computador assim agora eles sugeriram de botar para imprimir ver se rola de tirar um PDF vou tentar fazer isso mas eu tive que várias vezes lá na caixa explanei várias vezes essa situação e agora que surgiu também uma pessoa que entende um pouco mais disso que deu esse salve assim e aí é isso assim sabe esses processos burocráticos essa documentação é bem limitador assim né talvez a gente poder ter prazos maiores assim para ter esses documentos sabe com a gente Eu ainda acho bem prático sabe porque estou entrando na página do Produtor cultural e tu e tu faz tudo pela internet consegue realizar parada e tal tudo tranquilo mas para muita gente ainda falta essa compreensão do que é ser produtor cultural se reconhecer enquanto produtor de Cultura pelo menos né enquanto artista assim que pode ser validado pelos meios mas sim o que mais tem pesado talvez digo para o meio artístico mais imaturo assim porque assim tem alguns amigos que rechaçavam muito antes agora compreendem a importância desse processo Mas uma coisa que atrapalha é o corte do processo criativo assim esse enquadramento dentro das normas porque a gente a gente tem que se alinhar dentro das compreensões que vão fazer óbvio que a gente tem que ser claro e objetivo mas é escrito muito para sabe para alguém distante assim às vezes afasta né de ficar pensando de pa pessoa que vai ler isso tem esse formato de compreensão de construção né então o diálogo que eu vou conseguir aqui o formato que vou construir tem que ser totalmente quadrado não posso ter a minha identidade no meu projeto porque provavelmente ele não vai passar sabe se eu sei que é possível fazer mas bem árduo assim para quem tá começando é muito muito complicado precisa de vários braços para conseguir entendendo assim esse campo.*

Comentário: A Polliana consegue visualizar um pouco além da dificuldade com o vocabulário, pois está estudando e tentando aprovar em algum edital. Fala da questão da inadequação dos editais à diversidade de linguagens, burocracia e vocabulário como fatores limitantes.

*Seco - Esse negócio de edital é só um reflexo da cidade. Não é pros artistas da Periferia. É pra playboyzada tá acostumado a escrever edital. Nós trabalhamos o dia inteiro no pesado né, chegamo em casa não queremos escrever um projeto, se for para chegar em casa nós queremos fazer um rap, se for para fazer arte, entendeu? Eu já ganhei porque teve gente que*

*me ajudou Eu conheço o Maurício que me apresentou vocês, por exemplo. E o neguinho lá do Diamantino, que tão na arte o mesmo tempo que eu e não conhece, não tem os mesmos contato, ele nem sabe o que é edital, ele nem sabe que existe edital. Porque o mano tá lá no beco, no meio do crime, tentando ficar de pé, tentando ficar longe do crime. Entende o que é isso daí? No meio do crime. fica longe do crime. Sabe que ele nem vai procurar um edital, só que a Secretaria da Cultura deve isso ele, deve facilitar as coisas para que ele participe do edital, para que eu participar do edital, porque além de tudo a gente leva cultura, a gente leva arte, a gente cuida da criançada. A gente nunca teve preocupado com dinheiro. Era levar essa arte para dentro da periferia para onde que a gente mora o que é um dever deles fazer. Ganhar dinheiro não é intuito maior que a gente tem. Mas se tá rolando o dinheiro não custa pegar e facilitar as coisas para que os artistas de dentro da periferia possa participar e ganhar esses edital. Por exemplo Financiarte, a gente nem participa. Sem chance. Eu não conheço ninguém do meu meio que faça a parte. Do Meio artístico que tenha ganhado o edital, dentro da quebrada mas é sem chance eu já vejo perdido sabe eu vejo perdido Aldir Blank, Eu estou indignado com essa cidade eu já fiz o que eu podia fazer por ela. Não foi por ela, foi pela periferia dela que eu fiz, mas eu tô cansado. Nunca fiz nada de mal para Cidade, eu sempre tentei ajudar, eu tô cansado de ter sido olhado de olho torto, de ser seguido nos mercados. De ser tachado sempre como bandido, sempre como drogado, eu tô cansado, cansei, cansei. Eu e a Dani estamos levantando acampamento dessa cidade. Sempre trabalhando de graça, sempre correndo pelo próprio dinheiro de vez. Faz 10 anos que eu faço isso aqui em Caxias. A gente é artista da periferia. Na certa que nós ia errar algumas coisa na Aldir Blank, daí a gente foi lá na Secretaria e mostramos algumas coisas erradas, a gente ia ter que pedir mais prazo. Não me lembro como que é o nome da palavra lá que eles fala... é uma revogada... não sei o que houve, uma mina eu não vou dizer o nome, deu uma orelhada em nós, veio dizer que nós temos que se preparar mais, que nós não devia nem tá participando. Na minha visão, a gente não devia mesmo! Eles que deviam vir e dizer: vocês ganharam, só pelo tempo que tão atendendo as criança de graça! Eles tem obrigação de saber o que nós fizemos, mas ele não sabe, sabe?*

Comentário: Seco trouxe a questão do preconceito no atendimento, por conta da estética pessoal e variação linguística. Reforço ao sentimento de não pertencimento aos espaços públicos de cultura. Ele também entende como direito seu participar do rateio das verbas públicas em cultura, pois atua junto a comunidade, de forma gratuita há mais de dez anos.

Ao longo dos relatos, podemos perceber que alguns dos motivos apontados como dificultadores de acesso aos fomentos públicos em cultura, são recorrentes, com maior ou menor incidência. Também observamos que alguns estão explicitados nas falas e outros são de ordem subjetiva, exigindo observação e convivência para identificá-los. Para os que aparecem nas falas, organizamos este quadro, para podermos quantificá-los. Sobre os demais, discorreremos depois.

Quadro 5: Artistas e o Fomento

NOME	NOME ARTÍSTICO	FALAS
Álvaro de Lazari	Álvaro de Lazari	<p>- Como é e que eles chamam quando tu tá numa rede de pessoas que né um network, talvez falta isso pra mim. <b>Contatos</b></p> <p>- Quando tu vai atrás de um produtor cultural para fazer um projeto e tu tá sem dinheiro e tu precisa de dinheiro e o cara de cobra R\$1500 reais pra fazer o projeto se passar ou não passar. <b>Contratar produtor</b></p> <p>- Os menores do semiaberto então eu vou chegar lá daí vai, como foi uma LIC do estado né, tem toda uma estrutura e daí eu só vou chegar lá a gente vai começar a montar um instrumental, acredito que o Hood já vai ter trabalhado um música com eles né, depois eu chegar lá mostrando como seria o passo a passo pra montar o instrumental e a gente gravar eles né, mixar fazer todo o lace.</p> <p>- Tem gente que acredita que poxa, fazer inscrição numa LIC, fazer parceria com uma empresa, também é se corromper. <b>corromper-se</b></p> <p>- Se é uma empresa que defende o racismo, se é uma empresa que defende o nazismo, poxa, eu concordo também.</p> <p>- É sempre ele.</p> <p>- O poder público poderia dialogar mais, acho que fazendo, tipo o projeto Uno-me. <b>Falta de diálogo.</b></p> <p>- Democratizar isso, facilitar esses campos. <b>Facilitar acesso</b> - Edital de São Paulo, exclusivo para as periferias.</p> <p>- Diminuir essa quantidade de campo para preencher, fizer aberto, pensando somente no pessoal mais intelectualizado, que as vezes são essas pessoas que vão lá e criticam os editais. Mas eles também não vem aqui pra trocar. <b>Facilitar acesso.</b></p> <p>- Perguntaram pros artistas aqui pros artistas das margens o que eles querem? <b>Falta de diálogo.</b></p> <p>- Consolidar essa ponte não é de um dia pro outro. É conversando, é fazendo um mapeamento. E as pessoas confiando em quem estão</p>

		<p>passando essas informações. <b>Falta de diálogo.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Minha maior dificuldade é a linguagem usada no edital. <b>Linguagem do edital</b></li> <li>- Complexos e cheios de palavras difíceis. <b>Linguagem do edital</b></li> <li>- Alguém que entenda ajudando.</li> <li>- Os autores do projeto fazer algum tipo de vídeo explicativo de forma simples sobre o edital.</li> <li>- Fazer o edital de forma mais simples e objetiva, por se tratar de uma classe que muitas vezes não tem formação, ou mesmo não terminou seus estudos básicos e que usa a arte para seu ganha pão. <b>Facilitar acesso e Linguagem do edital</b></li> </ul>
Cherlon Cardoso da Silva	Kripper	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Patrocínio é bem difícil de conseguir assim, a não ser que tu for fazer claro algum evento, ou algo assim, daí se for atrás até consegue, mas patrocínio assim não tem.</li> <li>- Então, eu até queria participar, eu vi que..., mas eu não, eu não tenho muita compreensão ainda sabe, que que seria necessário pra fazer esse projeto, sabe. <b>Linguagem do edital</b></li> <li>- Eu até conheço, sei que existe, mas não, realmente não tenho muito conhecimento. <b>Linguagem do edital</b></li> <li>- Eu olhei no site da prefeitura, eu tentei procurar assim, sabe, mas não dá detalhe, sabe, não tem nada detalhado. <b>Falta de informação.</b></li> <li>- Trabalhar com arte.</li> </ul>
Daniela de Almeida Waszelewski	Dani Waszelewski	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Minha maior dificuldade é a linguagem usada no edital. <b>Linguagem do edital</b></li> <li>- Alguém que entenda ajudando.</li> <li>- Os autores do projeto fazer algum tipo de vídeo explicativo de forma simples sobre o edital.</li> <li>- Fazer o edital de forma mais simples e objetiva, por se tratar de uma classe que muitas vezes não tem formação, ou mesmo não terminou seus estudos básicos e que usa a arte para seu ganha pão. <b>Facilitar acesso e Linguagem do edital</b></li> </ul>
Dirceu Ferreira dos Santos	Mano Natu	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Nunca participei de uma lic eu nunca participei de um Financiarte ou de um projeto estadual federal.</li> <li>- A dificuldade que eu tenho é burocrática né para a gente não ter muito estudo né então a parte burocrática é mais complicada. <b>Burocracia</b></li> <li>- É um direito de artista.</li> <li>- Tem mérito de lá e quem é mais inteligente.</li> </ul>

		<p><b>Mérito</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de informação eu fiquei sabendo de projeto mesmo esse ano eu nunca soube de projetos culturais. <b>Falta de informação.</b></li> <li>- Quem faz essa parada chamar a gente que pouco sabe mas eu nunca participei. <b>Falta de diálogo.</b></li> </ul>
Douglas Gonçalves da Silva Ribas	Lord Akin	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Então a minha arte pode me dar um retorno.</li> <li>- Satisfatório assim que eu participei e que me deu um resultado bom foi o projeto do Uno-me.</li> <li>- Daquela verba do Uno-me aonde eu peguei e consegui pagar a gravação, e coloquei mais um pouco de dinheiro em cima pra pagar o clipe.</li> <li>- Eu nunca cheguei me inscrever. <b>buocracia</b></li> <li>- Da Aldir Blanc, daí eu não pude participar por conta de falta de documentação. <b>Falta de documentação</b></li> <li>- Tenho que fazer minha identidade nova.</li> <li>- Foi o primeiro incentivo assim que eu vi que tipo “ó a minha arte, essa parada, ela pode me dar um retorno.</li> </ul>
Fernando Bittencourt	Fernando	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esses negócios de orçamento e não sei com quem falar. <b>Falta de informação.</b></li> <li>- Não sabia da existência dos projetos, eu fui começar a ter consciência disso quando entrei na secretaria da cultura como ‘oficineiro’. <b>Falta de informação.</b></li> <li>- Tempo depois, eu tive um contato acho que o primeiro de todos ali, foi esse entendimento básico ali, que o Uno-me proporcionou;</li> <li>- Depois disso daí vieram os Aldir Blanc;</li> <li>- Não chegavam nas pessoas das comunidades que também faziam essa cultura né;</li> </ul>
Janquiel Francisco Claudio	Chiquinho de Vilas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tem gente que acredita que poxa, fazer inscrição numa LIC, fazer parceria com uma empresa, também é se corromper. <b>corromper-se</b></li> <li>- O poder público poderia dialogar mais, acho que fazendo, tipo o projeto Uno-me.</li> <li>- Democratizar isso, facilitar esses campos.</li> <li>- Edital de São Paulo, exclusivo para as periferias.</li> <li>- Perguntaram pros artistas aqui pros artistas das margens se eles querem ou não querem?</li> <li>- Consolidar essa ponte não é de um dia pro outro. É conversando, é</li> </ul>

		<p>fazendo um mapeamento. E as pessoas confiando em quem estão passando essas informações.</p>
Leandro Facenda da Silva	Leandro Facenda da Silva	<p>- É esse da Aldir Blanck que nós participamos, até ganhamos.</p> <p>- Não é que achamos fácil né é que tivemos o apoio né tipo , tanto digamos técnico como psicológico.</p> <p>- Faz tempo que são outros tempos, e deveria, não deveria ter uma burocracia assim no escrever. <b>Burocracia</b></p> <p>- Porque é complicado mesmo, e acho complicado, até hoje eu acho complicado, tanto na parte burocrática, dos papéis, da forma que é escrito sabe. <b>Facilitar acesso</b></p> <p>-Tava rolando o Aldir Blanck, artistas de rua que encontrei em ocasiões diferentes e conversei com o pessoal e eles nem sabiam. <b>Facilitar acesso</b></p> <p>- Eles colocaram um link dentro do site lá que pra ti abrir aquele link tu tinha que ter tal aplicativo, poderiam ter botado direto ali em baixo. <b>Facilitar acesso</b></p> <p>- O linguajar pra mim tá errado, porque eu assim, meio que fico travado né, quando eu começo a ler ali. <b>Linguagem do edital</b></p> <p>- Uma vez eu fui lá na secretária de cultura pra perguntar como é que eu faço, mas pó, não vou citar o nome de quem tava na época, atendendo né, daí já foi dificultado o acesso na forma que a pessoa te... não que tratou mal sabe mas na forma burocrática que a pessoa te atendendo sabe, na forma que a pessoa fala sabe, na forma que ela te... meio que ela já ta ali pra te bloquear. <b>Burocracia</b></p>
Maurício Abel	Abel	<p>- Nossa relação é muito distante com qualquer poder público e tal e privado também os nossos contatos sempre foi da quebrada né então a gente mais a gente mais fortaleceu os outros do que foi fortalecido. <b>contatos</b></p> <p>- Do uno o primeiro e único edital o primeiro não o único porque depois teve a Aldir Blanc que eu não fui contemplado mas veio dos outros né que eu fiz uns projetos para outros e daí eles me apoiaram.</p> <p>- Daí faltou um orçamento de uma designer que ele não botou e acabaram que não foi passado não foi aprovado mas aí eu fiz meu livro igual né na raça.</p> <p>- Tive que reduzir ele né para poder fazer as cópias então enfim saiu meio orgânico né do jeito que deu para sair.</p> <p>- Contatei alguns produtores mas aí a galera para fazer um projeto do Financiarte cobrava de R\$ 1200 para escrever o projeto e sem 50% de chance de ser aprovado como que a gente vai sim bolsar mil reais dentro da realidade de pagar aluguel pagar conta. <b>Contratar produtor</b></p> <p>- O cara pagou não foi barato e não foi aprovado aí sim a gente desacreditou dessa questão linguagem técnica de um produtor cultural</p> <p>- Fizemos muito projeto, muita coisa boa sabe, coisa que a gente</p>

		<p>fazia na força do nosso braço, nosso jeito, não sei como a gente fazia as coisas. Não sei como o cara movimentava o bairro inteiro assim ó, sem dinheiro, sem nada. Não sei como mas a gente movimentava muito projeto que, se tivesse incentivo, a gente tinha feito muita coisa mais. Falta essa linguagem, a teoria falta para nós.</p> <p><b>Linguagem do edital e falta de informação</b></p>
Patrick Duarte da Silva	Seco	<p>- Porque o mano tá lá no beco, no meio do crime, tentando ficar de pé, tentando ficar longe do crime. Entende o que é isso daí? No meio do crime. fica longe do crime. Sabe que ele nem vai procurar um edital, só que a Secretaria da Cultura deve isso ele, deve facilitar as coisas para que ele participe do edital, para que eu participar do edital, porque além de tudo a gente leva cultura, a gente leva arte, a gente cuida da criançada. <b>Facilitar acesso</b></p>
Polliana Abreu Camargo	Polli	<p>- porque as pessoas têm muito uma noção ainda generalizada que é uma grana pública que está sendo dada para cultura não tem como seu sabe aqui em Caxias assim eu sinto isso então as próprias pessoas que podem estar fazendo isso elas não se dedicam fazer a buscar pesquisar por que elas também sentem que vão estar fazendo uma coisa que é errada sabe bem nesse role.</p> <p><b>Corromper-se</b> a gente tem que tornar nossa ideia quadrada talvez isso para alguns artistas também seja muito complicado de porque é doloroso assim realmente ter que cortar esse processo então é um processo que ele acaba cortando em muitos momentos o próprio desenvolvimento criativo daqueles sujeitos é uma quebra da sua própria identidade</p> <p><b>enquadrar a ideia</b> documentação assim né Tem alguns documentos que eles alteram muito rápido é mensal a gente tem que tá em dia com o ME</p> <p><b>documentação</b> esses processos burocráticos essa documentação é bem limitador assim né talvez a gente poder ter ter prazos maiores assim para ter esses documentos sabe com a gente</p> <p><b>burocracia</b> é escrito muito para sabe para alguém distante assim às vezes afasta né de ficar pensando de pa pessoa que vai ler isso tem esse formato de compreensão de construção né então o diálogo que eu vou conseguir aqui o formato que vou construir tem que ser totalmente quadrado não posso ter a minha identidade no meu projeto porque provavelmente ele não vai passar sabe se eu sei que é possível fazer mas bem árduo assim para quem tá começando é muito muito complicado precisa de vários braços para conseguir entendendo assim esse campo.</p> <p><b>Linguagem do edital</b></p>
Rafael Rosa da Costa	Nego Drama	<p>- É bem difícil isso.</p> <p>- Que a gente conseguiu Financiararte foi muito difícil assim que é bem complicado bem complexo é bem difícil de passar até hoje né a gente tenta fazer novos projetos. <b>Facilitar o acesso</b></p> <p>- Fui contemplado no Uno-me e agora por último no Aldir Blanc.</p> <p>- Nem todo mundo tem acesso a esses documentos a informação de como tá produzindo projeto.</p> <p><b>documentos</b></p> <p>- Vezes a gente vai ficando para trás enquanto que tinha pessoas que</p>

		<p><i>tenham habilidades está construindo o projeto está dividido verba;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não tem uma ajuda na questão de elaboração;</li> </ul> <p><b>Diálogo e falta de informação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O meu primeiro contato com o Financiarte, foi como aluno;</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Negócios de orçamento e não sei com quem falar</li> </ul> <p><b>Falta de informação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não sabia da existência dos projetos, eu fui começar a ter consciência disso quando entrei na secretaria da cultura como ‘oficineiro’.</li> </ul> <p><b>Falta de informação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tempo depois, eu tive um contato acho que o primeiro de todos ali, foi esse entendimento básico ali, que o Uno-me proporcionou.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Daí eu comecei a me ligar mais.</li> <li>- Depois disso daí vieram os Aldir Blanc.</li> <li>- Nós temos que estar inseridos.</li> <li>- Mas por algum motivo não chegavam nas pessoas das comunidades que também faziam essa cultura né.</li> <li>- Um pouco torturante por que eu tô virando umas madrugadas lendo.</li> <li>- O que toca saxofone aqui na esquina da Coronel Flores com a Júlio, ele nem sabia que tá rolando o Aldir Blanc, ele já tinha ouvido falar de Financiarte mas diz que não sabia nem aonde ir entende, ele teria chance, cara eu acho que teria que ser mais distribuído, hoje em dia temos as redes sociais que facilitam. Mas poderia ser pensado em ser mais claro, a Secretaria da Cultura em ir mais nos bairros, por que não? <b>Falta de informação</b></li> </ul>
<p>Rudimar Souza Camargo</p>	<p>DJ Hood</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu tenho conseguido trabalhar com arte né, eu tenho alguns parceiros aí.</li> </ul> <p><b>contatos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A lei Aldir Blac saiu, aquilo ali foi assim, nossa, tirou a cortina dos olhos de toda a galera.</li> <li>- A gente não sabia dessas informações.</li> </ul> <p><b>Falta de informação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando tinha o aluguel sabe, bah não sabia o que fazer e por infelizmente o cara ter um passado meio negativo sempre vinha aqueles fleches.</li> <li>- Porque é ruim quando falta a comida na mesa, daí o cara como homem né, como pai, como marido, se sente impotente muitas vezes sabe.</li> <li>- Muitas vezes a parte mais fácil é fazer o erro né.</li> <li>- Na nossa área cultural é difícil na nossa região, a região é indústria, tal mecânico né, então até a nossa própria profissão ela é</li> </ul>

		<p><i>meia marginalizada.</i></p> <p><i>- Até eu não sair no jornal, depois que eu saí no jornal, ele mostrava o jornal pros amigos.</i></p> <p><i>- Uma oportunidade de começar a trabalhar nos projetos com ele e tal, ali foi onde abriu uma grande porta na cultura.</i></p> <p><i>- O cara foi se profissionalizando.</i></p> <p><i>- Hoje eu vivo disso sabe, claro as vezes falta algumas coisas e tal mas eu vivo disso hoje né, e sou muito grato né, pode ser um profissional nessa área e consegui tipo contribuir pra minha família né, nesse formato.</i></p>
Vitória Jamile dos Santos	Jamile	<p><i>- Fiz toda função para aquele da Marcopolo, quando a gente foi escrever já não dava mais tempo.</i></p> <p><i>- Ficou rodando, rodando e não foi.</i></p> <p><i>- É entender os termos, é entender o que está sendo pedido.</i></p> <p><b>Linguagem do edital</b></p> <p><i>- A gente não entende a linguagem e toda aquela burocracia</i></p> <p><b>Burocracia</b></p> <p><i>- Saber que esses projetos estão circulando.</i></p> <p><b>Falta de informação</b></p>

Iniciando uma análise dos dados do quadro, podemos constatar que os quatorze entrevistados, manifestaram a sua opinião sobre as dificuldades de acesso aos fomentos, da seguinte forma:

Falta de informação (divulgação insuficiente) – 11 artistas.

Terminologia do edital (linguagem inacessível) – 11 artistas.

Dificuldade de acesso (informações presenciais e no site da SMC) – 9 artistas.

Burocracia (documentação exigida) – 9 artistas.

Falta de diálogo (falta de diálogo do poder público com a periferia) – 5 artistas.

Contatos (falta de rede de apoio) – 3 artistas.

Se corromper (preconceito com fomentos públicos, por desconhecimento) – 3 artistas.

Contratar produtor (inviabilidade financeira de contratar um produtor) – 2 artistas.

Falta de mérito (sentimento de não pertencimento e de incapacidade) – 6 artistas.

Verificamos na tabela que a falta de informação no sentido de divulgação e a linguagem complexa dos editais são as principais razões pela falta de acesso dos entrevistados

aos fomentos públicos da cidade. A dificuldade de acessar os editais no site da Secretaria Municipal da Cultura, a burocracia da documentação exigida e o preenchimento dos formulários dos editais também foram apontados como causas importantes. A falta de diálogo entre poder público e periferia, para levantar melhores formas de distribuição destas verbas, também foi apontado como fator relevante neste distanciamento. Outros fatores trazidos por mais de um entrevistado foram: a falta de uma rede de apoio e de contatos para facilitar o entendimento, a quantidade de documentação exigida, conforme descrito no capítulo três, bem como a ideia de corromper-se, buscando uma verba que, no seu imaginário, não lhes pertence e que lhes ponha subjugado a algum político ou mesmo ao poder público. Foi trazido mais de uma vez a questão da inviabilidade econômica de contratar um produtor cultural para cuidar da parte burocrática dos projetos. Ainda surgiram questões como o mérito de suas propostas e a necessidade de enquadrar sua ideia em determinado edital.

Desta forma, temos um levantamento do que pensam os artistas em questão, sobre as principais dificuldades que encontram. Porém, como já foi dito antes do quadro, para além do que os artistas apontam como dificuldade em seus relatos, também nós compilamos apontamentos ao longo da convivência com os colaboradores, principalmente em situações relacionadas a contribuir para que se inscrevessem nos editais da Lei Aldir Blanc. Estas outras informações que surgiram da convivência, conversas e observação, serão trazidas agora para somarem às anteriores:

De acordo com o trajeto de protocolo e captação de um projeto na Lei Municipal de Incentivo à Cultura que descrevemos no subcapítulo anterior, podemos enumerar algumas dificuldades de acesso aos atuais editais de fomento à cultura. Para protocolar, aprovar e captar a verba para a execução do suposto projeto é necessário ter acesso a computador, internet, impressora ou um pen drive e uma média de oitenta reais para *xerox*, cópia da carteira de identidade, cópia do CPF, cópia do comprovante de residência, certidão negativa municipal, certidão negativa estadual, certidão negativa federal, currículo do proponente e currículo de todos os participantes relacionados à produção cultural, às funções artísticas e a equipe principal do projeto, além de habilidades de escrita e conhecimento dos termos técnicos, mais transporte e tempo livre em horário comercial para providenciar a documentação, as cópias e o protocolo. Não é pouca coisa para a maioria dos artistas, quanto mais para quem está na margem deste sistema cultural e social.

Quando Patrick Duarte (o Seco) diz: *isso aí não foi feito para nós da periferia*, ele tem razão, pois foi feito para todos sem distinção, mas acabamos de levantar um rol de distinções que precisam ser consideradas, se não a igualdade torna-se antidemocrática, pois ignora a

diferença. Usamos uma frase icônica do Boaventura de Souza Santos no subcapítulo anterior, mas precisamos evocá-la novamente, pois faz uma síntese perfeita deste pensamento, quando nos provoca a pensar que temos tanto o direito de igualdade, quanto o direito de sermos respeitados na diferença *diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e iguais quando a diferença nos inferioriza*. (2018, p. 116).

Não somos iguais, ou melhor, não estamos iguais, por isso que pensamos na questão da escuta das comunidades como solução para criar novos fomentos adequados a cada realidade, onde os editais de adaptem aos sujeitos e aos territórios e não o contrário.

Pela importância do investimento em ações afirmativas na periferia e transversalidade do tema cultura aos setores da segurança, saúde e ensino, o poder público poderia prever, já na LOA, valores maiores para a cultura periférica com decisão popular de prioridades de aplicação, a exemplo do caso de Medellín, que discutimos amplamente no capítulo três. Com a participação popular nas decisões de prioridades e nas formas de aplicação destas verbas, encurta-se o caminho para a promoção da equidade social, desenleando o emaranhado de causas e consequências de situações que precarizam o território periférico, como a baixa escolaridade e o ciclo de pobreza (a pobreza mantém a baixa escolaridade e a baixa escolaridade faz a manutenção da pobreza), além da violência gerada pelas facções criminosas que se instalam no território periférico e aliciam menores para o tráfico em contraponto com a falta de outras alternativas e referências atrativas para esses jovens, como aulas, encontros e festivais de arte e cultura, tudo isso estreitamente relacionado ao racismo estrutural que parte da população do país insiste em negar a existência.

Fomos verificar qual o valor destinado pelo poder público municipal à cultura na Lei Orçamentária Anual (LOA) de 24/11/2020, para o exercício do ano de 2021 e encontramos os seguintes dados: a previsão do orçamento total é de 1.555.234.896,40 e destina à Secretaria Municipal da Cultura o valor de 10.199.147,55. Destes, apenas 112.179,58/ano são destinados para a Manutenção e Promoção da Cultura na Comunidade (LEIS ORÇAMENÁRIAS, 2021).

É preciso que haja interesse no rompimento destes ciclos através da aplicação de ações afirmativas, que dependem da dissolução do pensamento meritocrático que tem sua manutenção no temor que os neoliberais sentem, de que as desigualdades sociais e raciais desapareçam e que, com isso, falem pessoas para trabalhar nas fábricas, construir e limpar suas casas. Ligamos esta fala a de dois dos artistas que narraram ter sido maltratados por uma funcionária pública em um dos setores da SMC, quando foram pedir informações sobre os editais da Aldir Blanc, coisa que nunca aconteceu com nenhuma pessoa de nossa equipe (não periférica) ao longo das últimas décadas. Silvio Almeida (2018) aprofunda a questão do papel

do racismo, em suas várias formas, na manutenção da hierarquia hegemônica. Nas palavras dele: *“é o racismo institucional que mantém os negros presos em favelas dilapidadas, sujeitas às pressões diárias de exploradores, comerciantes, agiotas e agentes imobiliários discriminatórios”* (ALMEIDA, 2018, p. 32).

Se por um lado há uma força social interessada em manter as favelas empobrecidas e subalternas como diz Almeida, por outro encontramos uma força interna voltada para ações sociais, aparece em todos os depoimentos dos artistas. Voltando aos dados do primeiro quadro deste subcapítulo, doze dos quatorze participantes foram ou são educadores sociais, e os doze utilizaram a sua arte para esta função, o que demonstra este desejo comum de contribuir com a educação pelo viés sociocultural. No relato que segue, podemos constatar mais um exemplo desta disposição para a transformação social pela arte:

*... quero tá aprendendo pra tá ensinando também. Meu sonho é ter uma escola grande e eu tá abrigando crianças, assim, tá ajudando, porque aos olhos de muita gente isso não resolve, mas eu vejo a evolução que tem. Não me vanglorio, eu salvei muitas vidas, mas eu conquistei muito, muito coração e tirei muita gente da rua, tirei muita gente da droga, gente que estava ao ponto de se matar, gente que tinha desistido, é o limite do limite. Consegui salvar muita gente e perdi muita gente também, porque a gente tenta e às vezes não consegue. Esse projeto que a gente tem lá do jiu-jitsu ele é bem complicado porque tem que tirar do bolso. Não tem luz no prédio (Casa Brasil abandonada, referida na seção 2.1) eu abro a janela... (NEGO DRAMA informação oral em 27 de julho de 2022).*

Quanto custa este sonho? Quanto custa ao Estado manter espaços de convivência nos bairros, minimamente equipados para atividades artísticas e esportivas? Quanta renda isso poderia gerar? Quantos jovens ficariam afastados da criminalidade? Quanto o estado economizaria em saúde, segurança e sistema carcerário? Quando Sílvia Almeida usa o termo *favelas dilapidadas*, preferimos o sinônimo desperdiçadas, pois é isso que acontece quando não há investimento em ações e pessoas como as que estamos descrevendo: o desperdício da força, do talento e do desejo de transformar o seu entorno, através da arte.

Então, supondo que o poder público abra canais de escuta para a sociedade civil expressar as suas possibilidades e dificuldades de participação no acesso às verbas destinadas à cultura e juntos criassem caminhos em direção ao seu acesso equitativo, pessoas como o Seco, a Dani, o Drama, o Fernando, a Poli, o Natu, a Jamile, o Abel, o Leandro, o Chiquinho, o Lord Akin, o Hood, o Cherlon e o Álvaro, poderiam dedicar mais horas do seu tempo para

projetos socioculturais nas comunidades, complementando sua renda e podendo investir em seu próprio desenvolvimento artístico e ainda, quem sabe retornar ao estudo formal, enquanto contribuem para ocupar com atividade criativa, as crianças que estão em situação de vulnerabilidade. Seria uma bela forma de contribuir com o rompimento do ciclo de pobreza e violência de que falamos acima. É provável que para isso a prefeitura tenha que aumentar o valor destinado a esta pasta, a exemplo do caso de Medellín, detalhado no capítulo anterior, onde os investimentos em educação aumentaram para 40% e os recursos para a cultura passaram de 0,3% para 5% do PIB municipal. O projeto de recuperação dos territórios envolveu a população nas decisões e execução das ações, deixando para trás o título de cidade mais violenta do mundo, tornando-se modelo de transformação social pelo viés da educação e da cultura.

A periferia tem um potencial criativo e uma produção artística intensos, mas muita carência de recursos financeiros para qualificar tecnicamente e fazer circular sua produção além de ter que lidar com a estigmatização estética, étnica e cultural, portanto nós, pesquisadores, artistas e cidadãos comprometidos com a defesa dos direitos humanos devemos estar atentos às maneiras de contribuir com esta causa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando esta pesquisa começou, não poderíamos sequer imaginar que estaríamos imersos em uma pandemia durante todo o seu percurso. Na primeira metade do percurso, ficamos perplexos e assustados pela iminência de perdermos nossa sede e o trabalho de três décadas que ela abriga. Durante a segunda metade, dedicamo-nos a migrar nossos projetos artísticos para o meio virtual (um paradoxo, pois o teatro é a arte da presença!). Na reta final, tivemos uma demanda considerável de trabalhos presenciais significativos e abraçamos todos, pois esta seria a oportunidade de resistirmos financeiramente e voltarmos a existir como artistas. Este foi o contexto em que este trabalho foi concebido. Se, por um lado, foi desafiador, por outro foi salutar, pois deu sentido ao período de reclusão, sobretudo pelo fato de que nos colocou em comunicação com os colaboradores, com pessoas do mundo, sujeitos que têm na arte a possibilidade de existir.

Agora o tempo de gestar chegou ao fim. Então, fazemos um fechamento desta etapa, cientes de que muito mais há para ser averiguado, muito mais há para ser lido e produzido e que não nos faltará motivação para novas investidas, no intuito de aprender e aprofundar este e outros estudos.

Começamos esta trajetória perguntando quais seriam as dificuldades e possibilidades dos agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, no sentido de acesso aos mecanismos públicos de fomento à cultura. Para responder à pergunta, propusemo-nos a verificar estas dificuldades, através da construção de um histórico de investimentos em mecanismos de fomento à cultura, desde a criação da Secretaria Municipal da Cultura, em 1996 até 2020, da discussão dos termos arte, periferia urbana e fomentos, e da análise das possibilidades e dificuldades de acesso aos fomentos públicos em cultura, com base em entrevistas aos agentes culturais moradores da periferia urbana. Para atingir esses objetivos, elaboramos capítulos que organizaram a caminhada. Faremos uma correspondência entre eles e os objetivos que foram alcançados.

No segundo capítulo, atingimos o primeiro objetivo, construindo o histórico dos incentivos à cultura em Caxias do Sul, desde a criação da Secretaria Municipal da Cultura até o ano de 2020. Com ele, conseguimos constatar que os primeiros anos da Secretaria Municipal da Cultura foram de grandes mudanças e de promoção de grande efervescência cultural. Foi quando iniciaram as propostas de fomentos públicos à cultura. Caxias nunca havia visto um período com tantas frentes, movimentos, debates e participação popular nas decisões da área cultural. Era o que prometia ser o início de um grande desenvolvimento, mas

infelizmente vivemos para ver muitos destes movimentos minguarem e se extinguirem. Serviu para verificarmos que houve um declínio no investimento geral, mas sobretudo nas ações voltadas à periferia. Estas constatações foram de grande valia para a construção dos demais capítulos e conclusões.

Ainda no capítulo dois, investigamos sobre a Lei Aldir Blanc, constatando a sua importância como passo decisivo em direção à democratização e à descentralização da cultura. A publicação dessa lei despertou o desejo de participação e acesso à informação, por uma parte da população que antes desconhecia estas possibilidades. Provavelmente depois dessa lei, essas pessoas passem a integrar o rol de participantes de outros mecanismos de fomento público, por consequência dos processos de aprendizado e solidariedade desencadeados. Na sequência, estudamos o edital Uno-me como experiência de simplificação do acesso a editais e também explicamos como ele serviu para selecionar os sujeitos da pesquisa.

Desenvolvemos o terceiro capítulo, no intuito de atingir o objetivo que propunha discutir os termos arte, periferia urbana e fomentos. Para tanto, tecemos entrelaçamentos entre arte, identidade e decolonização; periferia urbana, território e identidade; papel dos mecanismos de fomento. Ao discutir arte, periferia e fomento, sob o viés da identidade decolonização e democratização, pudemos levantar questões sobre a transformação da realidade social, através do investimento em cultura. O objetivo também foi cumprido, pelo fato de ampliar nosso referencial teórico, dando suporte para desenvolvermos o capítulo seguinte.

No quarto capítulo, apresentamos a trilha metodológica que percorremos para construir a pesquisa, apresentamos os nossos artistas colaboradores a partir de suas próprias palavras e, com elas, construímos um perfil individual e do grupo, apresentando aspectos relevantes ao estudo. Dedicamos a última seção deste capítulo para analisar as possibilidades e dificuldades de acesso aos fomentos públicos em cultura, com base em entrevistas aos agentes culturais moradores da periferia urbana. Desta forma, cumprimos com o proposto no último objetivo.

Uma vez feita esta verificação, constatamos que o nosso objetivo maior foi cumprido, pois conseguimos verificar dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, aos mecanismos públicos de fomento à cultura, através das entrevistas, aproximações e ações investigativas, mesmo sabendo que ficamos longe de mostrar toda a riqueza de informações, experiências e convivências que nos foram proporcionadas por estas pessoas, os sujeitos da pesquisa.

Pensando na quantidade e qualidade do material que foi colhido e não utilizado no presente trabalho e no conhecimento adquirido ao longo da caminhada, conseguimos vislumbrar caminhos de continuidade para a pesquisa acadêmica e para a produção artística coletiva envolvendo os sujeitos, mas principalmente para a atuação sociopolítica, referente à construção de ações afirmativas em cultura, junto ao poder público e iniciativa privada. Quem sabe este trabalho possa vir a contribuir com caminhos para a aproximação destas pessoas aos mecanismos de fomento ou, ainda, o contrário, adequar os mecanismos de fomento à realidade e às demandas dos artistas e dos territórios.

Deixamos aqui, nesse sentido, algumas considerações que foram se confirmando, com a soma das experiências, informações e análises desta pesquisa:

- Quando questionados sobre a relação deste trabalho com a literatura, entendemos que ele está direcionado a um tipo específico de literatura: aquela que não é publicada por todos os motivos elencados nesta pesquisa e por tanto não é lida. Ele fala exatamente das questões que precedem o fruir da literatura das ruas. Um exemplo disto é o livro *Mais Quadros, Musicas e Livros, Menos Algemas Trancas e Grades*, de autoria de Maurício Abel, um de nossos colaboradores. Este livro foi inscrito no Financiarte de 2018, o projeto não foi aprovado e acabou como produção independente, com uma tiragem de 100 exemplares, em gráfica expressa. Naquele mesmo ano o edital não contemplou nenhum projeto no segmento da Literatura.

- Ampliar a verba pública em cultura, sobretudo destinada à periferia urbana, não corresponde a aumento de gastos, mas a investimento que reflete na saúde, segurança e educação públicas.

- Todas as dificuldades de acesso apontadas pelos artistas desembocam em uma única: editais elaborados sem considerar a inequidade social. É preciso que haja participação popular na construção de novas formas de distribuição de verba para a cultura.

- Modelos como a Lei Aldir Blanc servem como referência de democratização e solidariedade. É preciso aprender com este modelo e ir além, desde a forma como foi pensado até a rede de apoio que se estabeleceu, como, por exemplo, postos de atendimento voluntários, para contribuir com o preenchimento e impressão dos formulários até auxílio com a providência da documentação pelo poder público e pela sociedade civil. Portanto, há caminhos para democratizar o acesso a verbas públicas em cultura, se trabalharmos coletivamente, poder público e sociedade civil, atentos às armadilhas do pensamento hegemônico, que insiste em eleger a arte “boa e bela” pelos seus parâmetros, desconsiderando o valor da pluralidade de saberes e fazeres de cada cultura. Assim, precisamos estar atentos

também a esse mesmo pensamento, que prefere esquecer que todos têm o mesmo direito à cidade e que cada favela é um centro e tem direito ao mesmo tratamento dado ao centro geográfico da cidade, pelo poder público.

- Manifestações populares como o carnaval, por exemplo, são de grande importância como espaço de convivência, resgate identitário, valorização das estéticas de cada comunidade, exercício da autonomia financeira e outras construções coletivas. Por isso devem ser apoiadas e incentivadas pelo poder público e iniciativa privada.

- Espaços de uso comum como Centros Comunitários, acompanhados de assessoria de gestão e manutenção, promovem a saúde social das comunidades, pois acolhem iniciativas socioculturais, geradas dentro do próprio território.

- Parcerias do Município com as esferas estadual e federal, a exemplo dos Pontos de Cultura, já comprovaram a sua eficácia e foram abandonadas, assim como tantas outras ações que tinham o objetivo de valorizar e estimular a criação e fomentar a circulação da diversidade artística local.

Nenhuma das ações acima surtirá efeito, se for projeto de um governo ou de um partido político. É preciso que seja um plano de longo prazo e que atravesse várias administrações, para que se obtenha transformações sociais profundas.

Quando usamos a pergunta “muros ou pontes?” no título deste trabalho, estávamos alinhados com a seguinte ideia de Santos: “Não temos que isolar-nos, pelo contrário, temos que estar com os movimentos e organização, com os protestos e nas lutas. Temos que estar na transformação social. Temos de estar nas lutas, que é onde, realmente, o conhecimento novo vai surgir” (SANTOS, 2018, p. 107).

Boaventura de Souza Santos em sua fala, nos remete à metáfora do título: que se construam pontes, que se transponham muros! Todo este estudo foi alimentado pela esperança de que um dia estes muros se transformem em pontes. E que não sejam de papel, porque a burocracia fará com que desmoronem em seguida. Que sejam pontes sólidas, sejam transitáveis e sirvam de caminho para o acesso democrático aos recursos públicos de fomento à cultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEL, M. **Mais Quadros, Musicas e Livros, Menos Algemas Trancas e Grades** – Produção Independente. 2018.

AGENCIABRASIL **Risco de negro ser assassinado e 26 vezes superior**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-08/risco-de-negro-ser-assassinado-e-26-vezes-superior>. Acesso em: 22 de abr. de 2022

ANDRADE, Andrei. Após vender carro, Tem Gente Teatrando lança edital UNO-me para investir em artistas da periferia de Caxias. **Pioneiro**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2020/09/apos-vender-carro-tem-gente-teatrando-lanca-edital-uno-me-para-investir-em-artistas-da-periferia-de-caxias-13045284.html>. Acesso em: 07 de out. de 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BALLESTRIN, Luciana. Para uma decolonização do conceito de sociedade civil. 5.,2012, ENCONTRO DA ABCP. Gramado, 2012.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Matrizes Rizomáticas: Proposição de Sinalizadores para a Pesquisa em Turismo. SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO - ANPTUR, 14, Balneário de Camburiú. 13 a 15 de setembro de 2017, na Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, campus Balneário Camboriú, SC.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Rhizomatic Matrices: Proposition of Signals for Transdisciplinary Research in Tourism. In: SINGH, Vijay; AGNIHOTRI, Aastha. (Org.). **New Radical Approach in Interdisciplinary Research**. Delhi - India: Akshita Publishers and Distributors, 2020, v. 1, p. 107-115.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, v. 6, p. 342-355, 2014.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Constituição Federal. **Artigo 215 da Constituição Federal de 1988**. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao\\_Federal\\_art\\_215.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_215.pdf). Acesso em: 01 mai. de 2022.

BRASIL. **Decreto Nº 10.464**, de 17 de agosto de 2020. Brasília. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.464-de-17-de-agosto-de-2020-272747985>. Acesso em: 15 de set. de 2020.

BRASIL. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Cidades e estados: População estimada. 2020 (Caxias do Sul - RS). Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 17 de nov. de 2020.

BRASIL. **Lei Aldir Blanc**. Lei 14.017, de 29 de junho de 2020. Brasília. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>. Acesso em: 17 de nov. de 2020.

BUTLER, Judith. **The force of nonviolence: An Ethico-Political Bind**. Londres: Verso, 2020.  
CÂMARA DE CAXIAS (2021)  
[http://camaracaxias.rs.gov.br/noticias/index/21447#:~:text=O%20passe%20livre%20no%20transporte,maioria%20do%20plen%C3%A1rio%20\(18x4\)](http://camaracaxias.rs.gov.br/noticias/index/21447#:~:text=O%20passe%20livre%20no%20transporte,maioria%20do%20plen%C3%A1rio%20(18x4)). Acesso: 08 de jun. de 2021

CAMPOS Marcio D'Olne. **Paulo Freire adere ao SULEar** (mimeo – extratos de FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*, 1992). Rio de Janeiro, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. reorganizada pelo autor. São Paulo: Ed. Duas Cidades. Rio de Janeiro: Ed. ouro sobre azul, 2004.

CARREIRA, Denise. O lugar do sujeito branco na luta antirracista. **Sur – Revista Internacional de Direitos Humano**, v. 15, n. 28, p. 127-137, 2018.

CAXIAS DO SUL. Departamento de Arte e Cultura Popular promove o encontro anual de Arte e Cultura Popular. **Prefeitura de Caxias do Sul**. 2012. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2012/11/departamento-de-arte-e-cultura-popular-promove-o-encontro-anual-de-arte-e-cultura-popular>. Acesso em: 12 de mai. de 2020.

CAXIAS.RS. **Iniciativas de Caxias recebem 604mil do edital ações culturais das comunidades**. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2021/04/iniciativas-de-caxias-recebem-604-mil-do-edital-acoes-culturais-das-comunidades> > Acesso em: 26 abr. 22

CAXIAS DO SUL. Lançada Rede de 10 Pontos de Cultura de Caxias do Sul. **Prefeitura de Caxias do Sul**. 2011. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2011/06/lancada-rede-de-10-pontos-de-cultura-de-caxias-do-sul>. Acesso em: 12 de nov. de 2020.

CAXIAS DO SUL. Projetos Culturais 1998. **Prefeitura de Caxias do Sul**. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/servicos/cultura/lei-de-incentivo-a-cultura/projetos-culturais/1998>. Acesso em: 12 de nov. de 2020.

COLLINGWOOD'S, R. G. **Principles of Art as Justification for Art-based Expressive Therapies**. Oxford: Clarendon Press, 2008.

DAMBROS, Rafael. Documentação da Pesquisa. **Conversas no Meet**. Realizadas em: 04 de set. de 2021 e 22 de abr. de 2022.

D'ANDRÉA, Tiarajú Pablo. **40 ideias de periferia: história, conjuntura e periferia**. São Paulo: Ed. Dandara. 2021.

DIAZ, Gustavo. **Por que a arte é inútil e deve permanecer assim?** Disponível em: <https://gustavotdiaz.com/2020/09/22/por-que-a-arte-e-inutil-e-deve-permanecer->



colombiano-jorge-melguizo-cksvpczsd000a013bds7uiw12.html. Acesso em: 05 de set. de 2021.

GAZETA DO POVO. Copyright © 2022, Gazeta do Povo. Todos os direitos reservados. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-brasileiro-quero-mais-medico-nao-quero-mais-sociologo-antropologo-diz-weintraub/>. Acesso em: 01 de abr. de 2022.

GEERTZ, Clifford. **1926- A interpretação das culturas**. IS. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMPERTZ, Will. **Isso é arte?** 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica: Bruno Moreschi. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

IBGE. **Biblioteca IBGE**. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em: 13 de nov. de 2019.

IBGE. **Biblioteca IBGE**. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em 03 de jul. de 2020

INSTAGRAM. **Oficina de artesanato na TGT no dia 18 abr. 21**. Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/CN0NkL8D2ah/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CN0NkL8D2ah/?utm_source=ig_web_copy_link) > Acesso em: 26 abr. 22.

INSTAGRAM. **Live na Fluência (Abel) no dia 27 maio 21**. Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/CPWsEdGDaze/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CPWsEdGDaze/?utm_source=ig_web_copy_link) > Acesso em: 26 abr. 22.

INSTAGRAM. **Fórum do Hip hop no dia 24 nov. 21**. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CWqku8KtqJQ/> > Acesso em: 26 abr. 22.

IPEA. **Atlas da Violência**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/213/atlas-da-violencia-2021-principais-resultados>. Acesso em: 05 de jan de 2022.

JUSTEN FILHO, Marçal. **Curso de Direito Administrativo**. 10. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014.

KILOMBA, Grada. **Branco não é uma-cor**. Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2015/11/traducao-branco-nao-e-uma-cor.html> disponível em 14/11/2015. Acesso em: 03 de mar. de 2021.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-237.

LEI do Passe Livre: **Sob nº 5025, de 23 de dezembro de 1998**. Disponível em: [camaracaxias.rs.gov.br](http://camaracaxias.rs.gov.br). Acesso em: 08 de jun. de 2021.

LOA. Lei Orçamentária Anual. **Lei n.º 8.581, de 16 de dezembro de 2020**. Estima a Receita e fixa a Despesa do Município de Caxias do Sul para o exercício de 2021. Prefeitura de Caxias do Sul. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/gestao/secretarias/gestao-e-financas/leis-orcamentarias/2021>. Acesso em: 15 de fev. de 2021. 12/04/2022

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes Ltda, 2000. p. 1-192. Disponível em: <[encurtador.com.br/eEMZ9](http://encurtador.com.br/eEMZ9)>. Acesso em: 17 de ago. de 2020.

MARICATO, Ermínia. **O direito à cidade depende de reforma urbana que democratize o uso e a ocupação do solo**. Entrevista: Rede Mobilizadores COEP, 16 de dez. de 2013. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/o-direito-a-cidade-depende-de-reforma-urbana-que-democratize-o-uso-e-a-ocupacao-do-solo/>. Acesso em: 25 de abr. de 2020.

MELGUIZZO, Jorge. **Projetos sociais e culturais foram chave para transformação de Medellín**. Disponível em: <http://www.ma.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/MA/projetos-sociais-e-culturais-foram-chave-para-transformacao-de-medellin,ecdba132a7fe7410VgnVCM200>. Acesso em: 01 abr. de 2021.

NORA, Sigrid. **“Húmus”. Re-vista da Cultura**. Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2004.

PESAVENTO, S. J. **Uma outra cidade: O mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PORCIÚNCULA, André. **Texto do Tweet**. Cidade, 11 de abr. de 2022. Twitter: @andreporci. Disponível em: <https://twitter.com/andreporci>. Acesso em: 20 de abr. de 2022.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Pedagogia a história da arte brasileira**. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/a-historia-da-arte-brasileira/49966> 2022. Acesso em: 01 de mai. de 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RIO GRANDE DO SUL. **Transparência RS, 2020**. Disponível em: [www.transparencia.rs.gov.br](http://www.transparencia.rs.gov.br). Acesso em: 09 de set. de 2020.

RIO GRANDE DO SUL. RS Seguro. **Secretaria da Segurança Pública**. Disponível em: <https://ssp.rs.gov.br/rs-seguro>. Acesso em: 09 de set. de 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Cultura. **Pró-cultura RS: lei de incentivo e fundo**. [2020]. Disponível em <http://www.procultura.rs.gov.br/index.php?menu=dccinf>. Acesso em: 8 mai. de 2021.

RODRIGUES, Fernando Berti. Orquestra Municipal. **Re-vista da Cultura**. Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2004.

SANTOS, Elvino. **Conversa no Meet. Entrevista.** Realizada em: 12 de nov. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. É possível descolonizar o conhecimento? In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011-2016.** São Paulo: Cortez, 2018. p. 99-146.

SANTOS, Milton. **O retorno do território.** In: OSAL: Observatorio Social de América Latina. a. 6, n. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005. ISSN 1515-3282. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf> Red de Bibliotecas Virtuales de Ciencias Sociales de América Latina y el Carib. OSAL255, a. 6, n. 16, ene./abr., 2005. Acesso em: 01 de mai. de 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SÃO PAULO. Conjunto do setor de Economia Criativa: efeitos da crise da Covid-19. **Governo do Estado de São Paulo.** Disponível em: <https://www.cultura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa-FGV-Impacto-pandemia.pdf>. 2020. Acesso em: 07 de fev. de 2021.

SARETTA, Beatriz. Fomento. **Re-vista da Cultura.** Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2004.

SEBRAE. Como o Sebrae atua no segmento da Economia Criativa. **Economia Criativa: como o sebrae atua no segmento de economia criativa.** 2020. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/segmentos/economia\\_criativa/como-o-sebrae-atua-no-segmento-de-economia-criativa,47e0523726a3c510VgnVCM1000004c00210aRCRD](https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/segmentos/economia_criativa/como-o-sebrae-atua-no-segmento-de-economia-criativa,47e0523726a3c510VgnVCM1000004c00210aRCRD). Acesso em: 27 de dez de 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: perspectivas dos Estudos Culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SISMMAC.ORG. **Além dos muros da escola.** A cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil. Disponível em: <https://sismmac.org.br/noticias/10/alem-dos-muros-da-escola/8938/a-cada-23-minutos-morre-um-jovem-negro-no-brasil>. Acesso em: 10 de mar. de 2022.

SOUZA, Maria Adélia de. **O retorno do território.** Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgdttsa/files/2014/10/Texto-Santos-M.-O-retorno-do-territorio.pdf>. OSAL253, a. 6, n. 16, ene./abr., 2005. Acesso em: 19 de nov. de 2021.

SPOSATI, Adailza. Território e gestão de políticas sociais. **Serviço Social em Revista**, v. 16, n. 1, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-4842.2013v16n1p05>. Acesso em: 20 de nov. de 2021.

TYLOR, Edward Burnett. **Encyclopedia Britannica.** n. 27 11. ed. New York: Encyclopædia Britannica, 1832.

TRONCA, Tadiane. Plano Cultural. **Re-vista da Cultura**. Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2004.

VARGAS, Pepe. O Poder Executivo. **Re-vista da Cultura**. Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2004.

VIEIRA, Siliane. Demora nos pagamentos da lei Aldir Blanc motiva nova manifestação em Caxias. **Pioneiro**. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/siliane-vieira/noticia/2020/12/demora-nos-pagamentos-da-lei-aldir-blanc-motiva-nova-manifestacao-em-caxias-ckj38nz3j005u019wzouhu16c.html>. Acesso em: 12 de fev. de 2021.

WEITZ, Morris. O papel da teoria na estética. In: D'OREY, Carmo. **O que é a arte? A perspectiva analítica**. Tradução: Vítor Silva. Lisboa: Dinalivro, 2007. p. 71.

YOUTUBE. **Boaventura de Sousa Santos lê o poema de sua autoria com que encerrou Ciclo Ato Criador**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pEGabXWh18c&t=431s>. Acesso em: 01 abr. 2022.

YOUTUBE. **Evento cultural do Fórum Social Temático de 2012**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xciJlb4aVmI>. Acesso em: 01 abr. 2022.

YOUTUBE. **Fabiana Menini. Consultora de Projetos do Instituto Trocando Ideia, reuniu MCs da região metropolitana para transpor as rimas de Boaventura para a métrica do rap**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swVOy421dWA>. Acesso em: 01 abr. 2022.

**APÊNDICES**  
**MATRIZES RIZOMÁTICAS**

**APÊNDICE A - MATRIZ 1 – ALINHAMENTO E COERÊNCIA DA NARRATIVA DA PESQUISA**

<b>TÍTULO</b>	<b>OBJETO DE ESTUDO</b>	<b>OBJETIVO GERAL</b>	<b>QUESTÃO DE PESQUISA</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>CAPÍTULOS</b>
<p><b>MUROS OU PONTES?</b></p> <p>POLÍTICAS PÚBLICAS ARTE NA PERIFERIA</p>	<p>Acesso dos artistas e agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul aos mecanismos públicos de fomento à cultura.</p>	<p>Verificar dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, aos mecanismos públicos de fomento à cultura.</p>	<p>Quais as dificuldades e possibilidades dos agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, no sentido de acesso aos mecanismos públicos de fomento à cultura?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir um histórico de investimentos em mecanismos de fomento à cultura, por parte do poder público de Caxias do Sul, desde a criação da Secretaria Municipal da Cultura, em 199, até 2020; <b>[CAPÍTULO 2]</b></li> <li>• Discutir os termos arte, periferia urbana e fomentos; <b>[CAPÍTULO 3]</b></li> </ul> <p>Analisar as possibilidades e as dificuldades de acesso aos mecanismos de fomento público</p>	<p><b>1 INTRODUÇÃO</b></p> <p><b>2. INCENTIVO À CULTURA EM CAXIAS DO SUL</b></p> <p><b>3. ENTRELAÇAMENTOS DA ARTE, PERIFERIA E FOMENTOS.</b></p> <p><b>4. VOZES DA PESQUISA E</b></p>

				<p>de cultura em Caxias do Sul, com base em entrevistas aos agentes culturais moradores da periferia urbana do município [ITEM 4,3]</p>	<p><b>APRENDIZADOS COM A PERIFERIA</b></p> <p>4.1. ASPECTOS METODOLÓGICOS [COMO A PESQUISA FOI FEITA NAS SUAS APROXIMAÇÕES E AÇÕES INVESTIGATIVAS]</p> <p>4.2. PERFIL DOS AGENTES</p> <p>4.3. OS AGENTES E O FOMENTO À CULTURA</p>
--	--	--	--	---	--

## APÊNDICE B - MATRIZ 2 - COERÊNCIA E DETALHAMENTO RELAÇÃO OBJETIVOS E CAPÍTULOS

OBJETIVO GERAL:	OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	CAPÍTULOS
<p>Verificar dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais moradores da periferia urbana de Caxias do Sul, aos mecanismos públicos de fomento à cultura.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir um histórico de investimentos em mecanismos de fomento à cultura, por parte do poder público de Caxias do Sul, desde a criação da Secretaria Municipal da Cultura, em 1996, até 2020; [CAPÍTULO 2]</li>   <li>• Discutir os termos arte, cultura, periferia urbana e fomentos; [CAPÍTULO 3]</li>   <li>Analisar as possibilidades e as dificuldades de acesso aos mecanismos de</li> </ul>	<p><b>1 INTRODUÇÃO</b></p> <p><b>2. INCENTIVO À CULTURA EM CAXIAS DO SUL</b> (principais acontecimentos - Entre a criação da SMC e a execução da LAB.</p> <p>2.1. CONHECENDO A HISTÓRIA DE INVESTIMENTOS PÚBLICOS EM CULTURA DESDE 1997 2.2. LEI ALDIR BLANC: UM PASSO DECISIVO EM DIREÇÃO DEMOCRATIZAÇÃO E DESCENTRAÇÃO DA CULTURA. 2.3. CONHECENDO O EDITAL QUE SELECIONOU OS ARTISTAS, COLABORADORES (SUJEITOS) DESTA PESQUISA.</p> <p><b>3. ENTRELAÇAMENTOS DA ARTE, PERIFERIA E FOMENTOS</b></p> <p>3.1. ARTE, IDENTIDADE E DECOLONIZAÇÃO 3.2. PERIFERIA URBANA – TERRITÓRIO E IDENTIDADE 3.3. PAPEL DOS MECANISMOS DE FOMENTO</p> <p><b>4. VOZES DA PESQUISA E APRENDIZADOS COM A PERIFERIA</b></p>

	<p>fomento público de cultura em Caxias do Sul, com base em entrevistas aos agentes culturais moradores da periferia urbana do município [ITEM 4,3].</p>	<p>4.1. TRILHAS METODOLÓGICAS</p> <p>4.2. PERFIL DOS ARTISTAS</p> <p>4.3. OS ARTISTAS E O FOMENTO À CULTURA</p>
--	--	---

**APÊNDICE C - MATRIZ 3 - COMPOSIÇÃO TEÓRICO-BIBLIOGRÁFICA DA PESQUISA**

OBJETIVO GERAL:	OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	TRILHAS TEÓRICAS	AUTORES	CAPÍTULOS
<p>Verificar dificuldades e possibilidades de acesso dos artistas e agentes culturais moradores da periferia de Caxias do Sul aos mecanismos públicos de fomento à cultura.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir um histórico de investimentos em mecanismos de fomento à cultura, por parte do poder público de Caxias do Sul, desde a criação da Secretaria Municipal da Cultura, em 1997, até 2020;</li> <li>• Discutir os termos fomento, arte, cultura e periferia urbana;</li> </ul>	<p>-----</p>	<p>Denise Carreira, Augusto Boal, Paulo Freire, Ermínia Maricato.</p> <p>2.1 Pepe Vargas, Tadiane Tronca, Beatriz Saretta, Sigrid Nora, Fernando Rodrigues, Elvino Santos, Vania Espeiorin.</p> <p>Antônio Cândido, Boaventura de Sousa Santos,</p> <p>Ermínia Maricato</p>	<p>1 INTRODUÇÃO</p> <p><b>2 INCENTIVO À CULTURA EM CAXIAS DO SUL</b></p> <p>2.1 CONHECENDO A HISTÓRIA DE INVESTIMENTOS PÚBLICOS EM CULTURA DESDE 1997</p> <p>2.2. CONHECENDO A LEI ALDIR BLANC: UM PASSO DECISIVO EM DIREÇÃO DEMOCRATIZAÇÃO E DESCENTRAÇÃO DA CULTURA.</p> <p>2.3. CONHECENDO O EDITAL QUE SELECIONOU OS ARTISTAS, COLABORADORES (SUJEITOS) DESTA PESQUISA.</p> <p><b>3. ENTRELAÇAMENTOS DA ARTE, PERIFERIA E FOMENTOS</b></p> <p>3.1. ARTE, IDENTIDADE E</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar as possibilidades e as dificuldades de acesso aos mecanismos de fomento público de cultura em Caxias do Sul, com base em entrevistas aos agentes culturais moradores da periferia urbana do</li> </ul>		<p>3. Boaventura de Sousa Santos, Pesavento, Freire</p> <p>3.1 Collingwood / Weitz / Laura Aldair /Boal/Grada Kilomba / Tomaz Tadeu da Silva / Luciana Balestrim, Boaventura Santos, Laura Aidar, equipe de curadoria de conteúdo Portal Educação, Diaz, <i>Grupo Latinoamericano de Estudios Subalternos</i></p> <p>Tomaz Tadeu da Silva, Tiaraju Pablo D'Andrea, Milton Santos, Aldaíza Sposati. Maria Adélia Aparecida de Souza, Silvio Almeida</p> <p>oaventura de Sousa Santos, Ermínia Maricato, Tiaraju Pablo D'Andréa e Jorge</p>	<p>DECOLONIZAÇÃO</p> <p>3.2. PERIFERIA URBANA – TERRITÓRIO E IDENTIDADE</p> <p>3.3. PAPEL DOS MECANISMOS DE FOMENTO</p> <p><b>4. DE QUEM É ESTA VOZ E SOBRE O QUE FALA</b></p> <p>4.1. 4.1. ASPECTOS METODOLÓGICOS</p> <p>4.2. PERFIL DOS AGENTES E DO LUGAR</p> <p>4.3. OS AGENTES E O FOMENTO À</p>
--	--	--	---	---

	município;		Melguizo	CULTURA 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS
--	------------	--	----------	-----------------------------------

**APÊNDICE D - MATRIZ 4 – COERÊNCIA OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA E CAPÍTULOS**

<p><b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</b></p>	<p><b>FONTES DE PESQUISA</b> [LUGARES, SUJEITOS, MATERIAIS, DOCUMENTOS, BIBLIOGRAFIA]</p>	<p><b>APROXIMAÇÕES E AÇÕES INVESTIGATIVAS:</b> [PROCEDIMENTOS DE PESQUISA]</p>	<p><b>RECURSOS DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE</b> [PROCEDIMENTOS DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE]</p>	<p><b>CAPÍTULOS</b></p>
<p>• Construir um histórico de investimentos em mecanismos de fomento à cultura, por parte do poder público de Caxias</p>	<p>- arquivo físico de projetos da LIC Municipal.</p> <p>-Departamento de arte e cultura popular SMC</p> <p>Sites:</p> <p>-RIO GRANDE DO SUL, Portal Transparência RS, 2020.</p> <p>-RIO GRANDE DO SUL. RS Seguro. <b>Secretaria da Segurança Pública.</b></p> <p>-Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami</p>	<p>-Visita</p> <p>- Visita – conversa com a coordenadora do setor, Carolina Varta.</p> <p>-Consulta RIO GRANDE DO SUL, Transparência RS, 2020.</p> <p>- Levantamento de dados RIO GRANDE DO SUL. RS Seguro. <b>Secretaria da Segurança Pública.</b></p> <p>Pesquisa</p>	<p>- Anotações/fotografias</p> <p>-Anotações/fotografias</p> <p>-Gráficos</p> <p>-Gráficos</p>	<p>1 INTRODUÇÃO</p> <p><b>2. INCENTIVO À CULTURA EM CAXIAS</b></p>

<p>do Sul, desde a criação da Secretaria Municipal da Cultura, em 1997, até 2020;</p> <p>• Discutir os termos fomento, arte, cultura e periferia urbana;</p>	<p>2.1 Pessoas: - Tadiane Tronca, Sigrid Nora, Elvino Santos</p> <p>-Site camaracaxias.rs.gov.br</p> <p>- Re-vista da Cultura 1997-2004</p> <p>- Acervo da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul.</p> <p>- Jornal Pioneiro</p> <p>- Casa Brasil.São Caetano</p> <p>2.2 – Site</p> <p>-RIO GRANDE DO SUL.</p>	<p>-----</p> <p>2.1 Conversa presencial com Tadiane Tronca. - Conversa ao telefone com Sigrid Nora. - Conversa com Elvino Santos pelo <i>google meet</i></p> <p>Pesquisa</p> <p>Pesquisa</p> <p>Pesquisa</p> <p>Pesquisa</p> <p>Visita/caminhada/conversas</p>	<p>- Anotações</p> <p>-Anotações</p> <p>-Anotações/Folheto de Ações</p> <p>Revista física</p> <p>Documentos Físicos</p> <p>Jornal Físico e virtual</p> <p>Fotografias</p>	<p><b>DO SUL</b></p> <p>(principais acontecimentos - Entre a criação da SMC e a execução da LAB.</p> <p>2.1. CONHECENDO A HISTÓRIA DE INVESTIMENTOS PÚBLICOS EM CULTURA DESDE 1997</p> <p>2.2. LEI ALDIR BLANC: UM PASSO DECISIVO EM DIREÇÃO DEMOCRATIZAÇÃO E DESCENTRAÇÃO DA CULTURA.</p>
--	---	--	---	--

<p>• Analisar as possibilidades e as dificuldades de acesso aos mecanismos de fomento público de cultura em Caxias do Sul, com base em entrevistas aos agentes culturais moradores da periferia</p>	<p>Secretaria da Cultura. <b>Pró-cultura RS</b>: lei de incentivo e fundo. - Conselho Municipal de Política Cultural</p> <p>2.3 Edital Uno-me Clipagem Jornal Pioneiro</p> <p>3.1 Pessoas: Rafael Dambrós Daniel Colin</p> <p>Site: Portal educação.com.br</p> <p>3.2 - Pessoa - Andriago Martins</p>	<p>Levantamento de dados</p> <p>- Reuniões do CMPC</p> <p>2.3 Pesquisa</p> <p>3.1 – Conversa (Arte/Decolonização)</p> <p>Pesquisa</p>	<p>2.3 Jornal Físico e Digital</p>	<p>2.3. CONHECENDO O EDITAL QUE SELECIONOU OS ARTISTAS, COLABORADORES (SUJEITOS) DESTA PESQUISA.</p> <p><b>3. ENTRELAÇAMENTOS DA ARTE, PERIFERIA E FOMENTOS</b></p> <p>3.1. ARTE, IDENTIDADE E DECOLONIZAÇÃO</p> <p>3.2. PERIFERIA URBANA – TERRITÓRIO E IDENTIDADE</p>
---	---	---	------------------------------------	---

<p>urbana do município;</p>	<p>- Artistas do Uno-me</p> <p>- Jorge Melguizo</p> <p>4.1</p> <p>Uno-me. Entrevistas</p> <p>Escola Popular de Artes</p>	<p>- Conversas presenciais e virtuais</p> <p>Vídeos dos depoimentos</p> <p>- Palestra síncrona via zoom</p> <p>4.1</p> <p>Uno-me:</p> <p>- Coleta de depoimentos deles;</p> <p>- Definir as questões da Entrevista;</p> <p>- Aprovação da entrevista pelo comitê de ética;</p>	<p>-Transcrições/anotações</p> <p>Captação/edição/postagens</p> <p>Anotações/transcrição parcial</p> <p>Vídeos</p> <p>Google Meet / Vídeo</p> <p>Transcrição</p>	<p>3.3. PAPEL DOS MECANISMOS DE FOMENTO</p> <p><b>4. DE QUEM É ESTA VOZ E SOBRE O QUE FALA</b></p> <p>4.1. 4.1. ASPECTOS METODOLÓGICOS</p> <p>4.2. PERFIL DOS AGENTES</p> <p>4.3. OS AGENTES E O FOMENTO À CULTURA</p> <p>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</p>
-----------------------------	--	--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"><li>-Aplicação da entrevista;</li><li>- Transcrição das entrevistas;</li><li>- Grifar blocos dos depoimentos separando por assuntos;</li><li>-Gerar tabelas;</li></ul>	Tabelas	
--	--	--	---------	--



## **APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Prezado (a) Senhor (a)

A pesquisa “**Arte e Periferia**” está sendo desenvolvida por **Idalzi Stockmans**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura- Mestrado da Universidade de Caxias do Sul, sob a orientação do Prof. Douglas Ceccagno.

O objetivo do estudo é investigar a compreensão da relação entre arte e violência por agentes culturais de Caxias do Sul, tendo como finalidade a contribuição para a construção de novos projetos sociais e artístico-culturais. A pesquisa, portanto, pode beneficiar o poder público, a iniciativa privada, professores, educadores sociais, agentes culturais, comunidades e escolas da periferia urbana, artistas e, indiretamente, a cidade como um todo.

Você foi convidado para esta pesquisa por ter mais de 18 anos e por ter sido um dos contemplados pelo edital UNO-me. Dessa forma, responderá questões acerca de suas experiências enquanto agente cultural e artista da periferia urbana de Caxias do Sul.

A pesquisa será feita da seguinte maneira: você participará de um encontro via plataforma zoom com a pesquisadora. Neste encontro, será feita uma entrevista contendo 22 questões. O tempo despendido será de, no máximo, 40 minutos. O encontro será gravado e ficará armazenado no computador da responsável pela pesquisa. Dessa forma, os riscos envolvidos na pesquisa, são os seguintes: vazamento de dados; falhas de conexão durante as chamadas via plataforma Zoom e desconforto por parte do entrevistado perante algumas questões. Para prevenir os riscos, todo o material ficará armazenado em local seguro e apenas a pesquisadora principal terá acesso às gravações; em caso de instabilidade na chamada, poderemos remarcar o encontro ou fazê-lo de uma forma que fique mais confortável para o entrevistado e, em caso de desconforto com a entrevista, o participante poderá se negar a responder qualquer questão, bem como desistir de participar da pesquisa.



Dessa forma, garanto que serão oferecidos esclarecimentos antes, durante ou após a realização da pesquisa; garanto a manutenção do sigilo e da privacidade do participante durante todas as fases da pesquisa e garanto indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Segundo o artigo 9º da Resolução CNS 510/16: “São direitos dos participantes: V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública. Assim, deve haver a manifestação explícita do participante, caso deseje que sua identidade seja divulgada.”

Esta pesquisa está gerando, paralelamente ao trabalho acadêmico, um projeto sociocultural. Dessa forma, a aproximação com os entrevistados também visa futuras parcerias e a visibilidade do trabalho dos artistas.

As entrevistas ficarão armazenadas por pelo menos cinco (5) anos no computador da pesquisadora e também no Google Drive. Porém, após esse período, os participantes podem pedir a exclusão do material de todas as plataformas.

Você não receberá pagamentos nem reembolso de dinheiro, pois não terá nenhum tipo de gasto participando da pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Segundo orientação de 05/06/2020 do CONEP, é de extrema importância que o participante guarde em seus arquivos uma cópia deste documento. E, sempre que solicitado, o participante terá acesso ao registro do consentimento.



Conforme artigo 17, inciso VI, da Resolução 510/16, garanto aos participantes o acesso aos resultados da pesquisa.

Este termo passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UCS. “O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UCS (CEP/UCS) é um colegiado criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.” Dados do CEP/UCS: Rua Francisco Getúlio Vargas, n° 926, Bloco M, Sala 306, Campus-sede da UCS, Caxias do Sul, RS. Telefone: 3218-2829. Horário: das 8h às 11h30 e das 13h30 às 18h. E-mail: [cep-ucs@ucs.br](mailto:cep-ucs@ucs.br)

Este termo foi emitido em duas vias assinadas e rubricadas pelo pesquisador e pelo participante, que ficará com uma das vias. Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor consultar a pesquisadora Idalzi Stockmans- (54)99169-7901/[istockmans@ucs.br](mailto:istockmans@ucs.br)



## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu \_\_\_\_\_, declaro que fui informada(o) sobre os objetivos, a justificativa, os procedimentos, os riscos e os benefícios da pesquisa, que esclareci minhas dúvidas e que aceito participar da pesquisa “Arte e Periferia”.

Caxias do Sul, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura pesquisadora- Idalzi Stockmans

## **ANEXOS**

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE DE CAXIAS  
DO SUL - RS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Arte e periferia

**Pesquisador:** IDALZI STOCKMANS

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 45078421.8.0000.5341

**Instituição Proponente:** Fundação Universidade de Caxias do Sul - FUCS/RS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.812.279

#### Apresentação do Projeto:

Texto extraído do arquivo "Informações Básicas do Projeto".

#### "Resumo:

Investigar a relação entre o acesso a atividades culturais por crianças e adolescentes residentes na periferia urbana de Caxias do Sul e sua relevância na redução da violência através da análise de produtos artísticos e relatos biográficos de agentes culturais nascidos e residentes na periferia urbana de Caxias do Sul. A pesquisa será realizada a partir do resultado do Edital Uno-me. A compilação e análise das obras dos dezoito artistas premiados no Edital e a transcrição e análise dos depoimentos colhidos na ocasião da premiação, serviram de subsídio para a formulação de perguntas para entrevistas semiestruturadas que serão aplicadas ainda em 2021, aos dezoito artistas, que também são agentes culturais da periferia urbana de Caxias do Sul. Com a análise das obras, dos depoimentos e do resultado das entrevistas, pretende-se investigar a forma como os sujeitos compreendem arte, violência e espaço periférico e como relacionam estes conceitos com o seu protagonismo artístico e social. Uma vez que todos participam de projetos educativos em suas comunidades, será possível investigar como relacionam o acesso a atividades culturais por crianças e adolescentes residentes na periferia urbana de Caxias do Sul e sua relevância na redução da violência. Outro aspecto que interessa a este trabalho é como os sujeitos fazem a manutenção financeira de seus projetos e qual a sua relação com os mecanismos públicos de

**Endereço:** FRANCISCO GETULIO VARGAS

**Bairro:** PETROPOLIS

**CEP:** 95.070-560

**UF:** RS

**Município:** CAXIAS DO SUL

**Telefone:** (54)3218-2829

**E-mail:** cep-ucs@ucs.br

UNIVERSIDADE DE CAXIAS  
DO SUL - RS



Continuação do Parecer: 4.812.279

fomento a cultura."

**Objetivo da Pesquisa:**

Texto extraído do arquivo "Informações Básicas do Projeto".

**Objetivo Primário:**

Investigar a relação entre o acesso a atividades culturais por crianças e adolescentes residentes na periferia urbana de Caxias do Sul e sua relevância na redução da violência através da análise de produtos artísticos, relatos biográficos e entrevistas com agentes culturais nascidos e residentes na periferia urbana de Caxias do Sul.

**Objetivo Secundário:**

- a) Conceituar os termos atividades culturais, violência e periferia urbana as quais este trabalho se refere.
- b) Investigar a compreensão da relação entre arte e violência por agentes culturais de Caxias do Sul."

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Texto extraído do arquivo "Informações Básicas do Projeto".

**Riscos:**

- vazamento de dados;
- falhas de conexão durante as chamadas via plataforma Zoom;
- desconforto por parte do entrevistado perante algumas questões.

Para prevenir os riscos, todo o material ficara armazenado em local seguro e apenas a pesquisadora principal terá acesso as gravações; em caso de instabilidade na chamada, poderemos remarcar o encontro ou faze-lo de uma forma que fique mais confortável para o entrevistado e, em caso de desconforto com a entrevista, o participante poderá se negar a responder qualquer questão, bem como desistir de participar da pesquisa.

**Benefícios:**

Esta pesquisa deve contribuir de forma relevante para a construção assertiva de novos projetos sociais e artístico-culturais e pode vir a beneficiar diretamente o poder publico, a iniciativa privada, professores, educadores sociais, comunidades e escolas da periferia urbana, artistas e,

**Endereço:** FRANCISCO GETULIO VARGAS  
**Bairro:** PETROPOLIS **CEP:** 95.070-560  
**UF:** RS **Município:** CAXIAS DO SUL  
**Telefone:** (54)3218-2829 **E-mail:** cep-ucs@ucs.br

UNIVERSIDADE DE CAXIAS  
DO SUL - RS



Continuação do Parecer: 4.812.279

indiretamente, a cidade como um todo. Pode ainda servir de referencia para estudos mais aprofundados da realidade de Caxias do Sul e de outras cidades do pais, pois traz a teoria entrelaçada a pratica ao longo de toda a sua construção, moldando-se organicamente a cada nova descoberta, sem perder o foco. O seu desenvolvimento se alicerça no exercício da escuta, observação e interação constante com os sujeitos (agentes culturais periféricos) e suas experiências pessoais e artísticas relacionadas a educação, a violência e a não violência ativa. Outro aspecto relevante deste estudo e a analise do histórico de investimentos públicos em cultura (de1996 a 2019) e o acesso a eles por parte dos sujeitos em questão, incluindo o acesso aos espaços e bens culturais públicos e sua relação com o protagonismo, sustentabilidade e profissionalização de artistas considerados periféricos. O resultado deste trabalho contribuirá também para a o debate sobre o papel do poder publico, da iniciativa privada e dos trabalhadores da arte nos processos de transformação social, resistência, fomento da autonomia e autogestão de projetos culturais das, e nas comunidades periféricas. Este debate devera acontecer junto a espaços de construção de pensamento, como o Conselho Municipal de Política Cultural, a Comissão Municipal de Incentivo a Cultura(COMIC), União das Associações de Bairros de Caxias do Sul (UAB), coletivos artísticos, perpassando as fronteiras geográficas e simbólicas."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa que objetiva abordar uma temática significativa no âmbito social. O estudo é nacional, de caráter acadêmico para obtenção do título de mestre em Letras e Cultura.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos estão apresentados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As pendências foram atendidas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Caxias do Sul aprova o projeto.

De acordo com a Resolução CNS 466/2012, inciso XI.2., e com a Resolução CNS 510/2016, artigo 28, incisos III, IV e V, cabe ao pesquisador:

- Elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- Apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;

**Endereço:** FRANCISCO GETULIO VARGAS

**Bairro:** PETROPOLIS

**CEP:** 95.070-560

**UF:** RS

**Município:** CAXIAS DO SUL

**Telefone:** (54)3218-2829

**E-mail:** cep-ucs@ucs.br

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS  
DO SUL - RS**



Continuação do Parecer: 4.812.279

- Apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- Justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1722040.pdf	28/06/2021 11:08:20		Aceito
Cronograma	cronograma_atualizado_junho_2.pdf	28/06/2021 11:08:00	IDALZI STOCKMANS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado_atualizado_junho.pdf	25/06/2021 14:25:53	IDALZI STOCKMANS	Aceito
Cronograma	cronograma_atualizado_junho.pdf	24/06/2021 14:24:04	IDALZI STOCKMANS	Aceito
Outros	carta_resposta.pdf	20/05/2021 17:53:48	IDALZI STOCKMANS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_atualizado.pdf	20/05/2021 17:52:30	IDALZI STOCKMANS	Aceito
Cronograma	cronograma_atualizado.pdf	20/05/2021 17:31:14	IDALZI STOCKMANS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado_atualizado.pdf	20/05/2021 17:25:01	IDALZI STOCKMANS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TSC.pdf	25/03/2021 13:56:43	IDALZI STOCKMANS	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	25/03/2021 13:55:13	IDALZI STOCKMANS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	24/03/2021 17:49:45	IDALZI STOCKMANS	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	24/03/2021 14:59:25	IDALZI STOCKMANS	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	22/03/2021	IDALZI	Aceito

**Endereço:** FRANCISCO GETULIO VARGAS

**Bairro:** PETROPOLIS

**CEP:** 95.070-560

**UF:** RS

**Município:** CAXIAS DO SUL

**Telefone:** (54)3218-2829

**E-mail:** cep-ucs@ucs.br

UNIVERSIDADE DE CAXIAS  
DO SUL - RS



Continuação do Parecer: 4.812.279

Cronograma	cronograma.pdf	14:59:27	IDALZI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	22/03/2021 14:50:25	IDALZI STOCKMANS	Aceito
Outros	questionario.pdf	22/03/2021 14:48:12	IDALZI STOCKMANS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAXIAS DO SUL, 28 de Junho de 2021

---

**Assinado por:**  
**Magda Bellini**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** FRANCISCO GETULIO VARGAS  
**Bairro:** PETROPOLIS **CEP:** 95.070-560  
**UF:** RS **Município:** CAXIAS DO SUL  
**Telefone:** (54)3218-2829 **E-mail:** cep-ucs@ucs.br

**ANEXO B – ESCOLA POPULAR DE ARTES ITINERANTE - BAIRRO BELO HORIZONTE**



**ANEXO C – SECO E CONVIDADOS - EVENTO NA TEM GENTE TEATRANDO**



## ANEXO D – BATALHA DO COMPLEXO ZONA NORTE – JURADA



Movimento  
**HIPHOP**  
FICA LIGADO(A) FORUM MUNICIPAL

*Reunião Pública*

Data: **22/11**  
**19:00** Horas.

**IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO HIPHOP  
NO MUNICÍPIO**

---

Local: Câmara de vereadores, sala Geni Peteffi.

**ANEXO F – MEMÓRIA DO TORTO MEMÓRIA DO CORPO**



## ANEXO G – OS DESBRAVADORES - FÓRUM SOCIAL MUNDIAL



10 ■ TERÇA-FEIRA, 19 DE DEZEMBRO DE 2000 ■ PIONEIRO

## CAXIAS

### ■ INFRA-ESTRUTURA

# Teatro vira mecanismo para discutir habitação

*O Projeto de Regularização Fundiária, da Secretaria Municipal da Habitação, atinge parte das 2,9 mil famílias moradoras de 10 núcleos*

ANAHÍ FROS

**B**atida de tambores e muita agitação. O clima é de festa em parte dos bairros São Victor/Cohab e Planalto, onde cerca de 3 mil moradores têm vivido uma experiência especial nas últimas semanas. Nessas dias "diferentes" a gurizada não tem dúvida e desce o morro em polvorosa, atrás de figuras divertidas que aparecem do nada. O grupo faz a convocação, informando que, logo, terá início uma peça teatral. Aos poucos, o grupo tira de casa boa parte dos habitantes, que deixam

*Sem demora, os moradores que assistem ao show começam a perceber as coincidências da peça com a vida*



RICARDO VOLFFER/TELAPIONEIRO

**Você completamente atendido.**

**Resgate Médico** 

*Sua ligação com a vida*

Ligue: **223.9190**

Urgências médicas • Emergências médicas • Atendimento domiciliar • Área e casa protegidas

**QUANTO QUENTE**

**A LOJA DOS PRESENTES**

KIT CHURRASQUEIRAS  
LAVADO E LUBRIFICADO  
**RS 125,00**  
SABÃO E 04 ESPETOS



## ANEXO H – DIREÇÃO DO ESPETÁCULO DOS FAVELÉCOS



**ANEXO I – TEM GENTE TEATRANDO NOS BAIROS DE CAXIAS 2019 – 2022**







**ANEXO J – PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICAS CULTURAIS**

**AGUARDAMOS  
RESPOSTA SOBRE A  
LEI ALDIR BLANC**

**CAXIAS DO SUL - RS**

**SEGUNDA-FEIRA FOI O PRAZO FINAL**

**AGUARDAREMOS ATÉ ÀS 10H DO DIA 03 DE DEZEMBRO.  
ÀS 11H COMEÇARÁ A NOSSA OCUPAÇÃO NA SECRETARIA  
DA CULTURA E SÓ SAIREMOS DEPOIS DAS RESPOSTAS E  
COM O PRAZO PARA O NOVO PLANO DE AÇÃO**





## ANEXO K – PARTICIPAÇÃO NA COMISSÃO MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA



## ANEXO L – PARTICIPAÇÃO NA CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE CULTURA - PALESTRA COM JORGE MELGUIZO



Ex-secretário da Cultura Cidadã e de Desenvolvimento Social de Medellín, o jornalista e professor colombiano Jorge Melguizo tem sido uma das figuras mais requisitadas para falar de cultura e políticas públicas na América Latina e no mundo. Isso porque o trabalho que desenvolveu na metrópole colombiana entre 2005 e 2010 fez aquela que figurava entre as cidades mais violentas do mundo transformar-se num exemplo de transformação pela inclusão.

O número de homicídios que era de 382 casos para 100 mil habitantes, nos anos 1990, baixou para 39 casos no último ano de sua gestão. Não foi coincidência o fato de que a prefeitura, no mesmo período, incrementou o investimento em cultura de 0,68% para 5% do orçamento municipal, e fez as verbas para educação subirem de 12% para 40%. Um exemplo de que, como diz o próprio Melguizo na entrevista a seguir, a cultura pode ajudar a encontrar respostas para todo tipo de crise.

Neste sábado, o colombiano é o convidado da 5ª Conferência Municipal de Cultura de Caxias do Sul, que ocorre em formato virtual, das 8h às 18h. Interessados em assistir podem acompanhar ao vivo pelo canal do Conselho de Cultura de Caxias do Sul no YouTube. A apresentação de abertura será feita pela flautista Nathalia Boeira. Durante o encontro, também será lida e aprovada a revisão do plano de cultura da cidade para os próximos

10 anos. As proposições foram construídas durante os cinco grupos de trabalho – Artes Cênicas, Música, Artes Visuais e Audiovisual, Livro, Leitura e Literatura, Manifestações Populares e Folclores e Memória e Patrimônio –, em encontros virtuais, durante o período das pré-conferências.

A seguir, confira a entrevista que Jorge Melguizo concedeu por áudio ao Almanaque, com a tradução de Daniel Vargas.

**Almanaque: Estamos ainda em meio a uma pandemia, porém já vislumbrando uma retomada econômica do país. Sabemos que, historicamente, a cultura é vista como um gasto “supérfluo” por muitos governos. Gostaria que o senhor falasse sobre a importância do investimento em cultura num momento em que se busca sair de uma crise.**

**Jorge Melguizo:** Há uns 10 anos, quando houve a queda do mercado de Nova York e a crise econômica europeia, o governo espanhol cancelou o Ministério da Cultura, convertendo-o numa Secretaria de Cultura dentro do Ministério da Educação. Um dia desses me convidaram para uma palestra na Espanha, no próprio Ministério da Educação, e achei um momento muito especial, pois pensei: como eles vão sair da crise, se a própria crise também é uma crise cultural? Josep Ramoneda, filósofo catalão, diz em seu livro *Contra a Indiferença* que a crise europeia atual não é só econômica, mas tam-

bém política, ética e cultural. Política pela debilidade das democracias; ética por ser uma crise de inclusão; e de indiferença, que seria o aspecto cultural. Por isso precisamos da cultura, nos tempos de crise, por ser um antídoto à indiferença e por ser uma possibilidade de encarar a crise com novos elementos de transformação da sociedade.

Isso é o que, nesse momento, nossos países (*Brasil e Colômbia*) precisam: enfrentar a crise econômica, social e pós-pandêmica com novas formas de nos relacionar, passando da construção individual para a coletiva, sendo outro tipo de sociedade. Precisamos construir outras formas de democracia, e isso é cultura política. Precisamos construir outras formas de compreensão entre a sociedade, e construir uma nova sociedade é um processo político. Além de tudo, há cinco temas que a crise tem evidenciado e que têm muito a ver com o aspecto cultural: 1 – equidade, 2 – democracia, 3 – crise climática, 4 – educação, 5 – saúde. Pensemos na saúde mental, por exemplo: quantos esforços a gente pode fazer pela saúde mental a partir da cultura? Como converter a educação num grande projeto cultural? A educação é o grande projeto cultural de uma sociedade, assim como a cultura também é o maior desafio do capital de uma sociedade. Ter presente essas cinco dimensões é muito importante, pois a cultura tem respostas para todas elas.

“É preciso enfrentar a crise econômica, social e pós-pandêmica com novas formas de nos relacionar, passando da construção individual para a coletiva.”

**ANEXO M – CONTRATAÇÃO DE ARTISTAS COLABORADORES PARA  
MINISTRAR OFICINAS NA ESCOLA POPULAR DE ARTES**



## ANEXO N – DEIXA FLUIR - ENTREVISTA POR MAURÍCIO ABEL NA CASA FLUÊNCIA HIP HOP



**ANEXO O - ANIVERSÁRIO DO SLAM POETIZA NA TEM GENTE TEATRANDO**

